

A romantic couple in a close embrace, about to kiss. The man is wearing a dark suit jacket over a white shirt, and the woman is wearing a black dress. They are positioned in the upper half of the frame, with the man on the left and the woman on the right. The background is dark and out of focus, suggesting an evening setting.

*MAIS DE 1 MILHÃO
DE LEITURAS ON-LINE*

A MENINA
DO CEO

DELICIOSAMENTE PROIBIDO

AUTORA BEST SELLER DA AMAZON
JÉSSICA LARISSA



A M E N I N A

DO CEO

A menina do CEO

Copyright © 2019 Jéssica Larissa

Essa é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos aqui são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.



Capa: Mellody Ryu

Revisão: Victoria Gomes

Diagramação: Victoria Gomes

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem a autorização da autora. Ressalva para trechos curtos usados como citações em divulgações e resenhas, com autoria devidamente identificada. A violação dos direitos autorais é crime estabelecidos pela lei no. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

ÍNDICE

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Sobre a autora](#)

SINOPSE

(+18) Contém cenas de sexo explícito.

Ele jurou nunca mais amar alguém.

Carlos Eduardo é frio e calculista, mas deliciosamente sedutor. CEO de uma das maiores empresas do Brasil, também é o alvo de um amor proibido. Beatriz, a filha do seu melhor amigo, nutre por ele um amor secreto e um desejo ardente.

Ele carrega lembranças amargas que o fizeram criar uma aversão a relacionamentos sérios. Ela o anseia e fará tudo para tê-lo, mesmo que tenha que jogar um jogo arriscado, testando o juízo e o bom senso do homem.

Nesse jogo de sentimentos e desejos opostos, de prazeres e consciência, haverá apenas um resultado. Você consegue adivinhar qual é?



PRÓLOGO

ANOS ANTES

CARLOS EDUARDO

Era fim de tarde naquele dia. O relógio na parede branca do meu escritório marcava quatro e trinta e três da tarde, jogando na minha cara que mais um dia exaustivo estava próximo do fim. Desliguei meu computador, após checar todo o trabalho do dia, e me espreguiceei para trás na cadeira de couro, colocando as mãos atrás da minha cabeça.

Trabalhava como diretor-executivo de uma empresa de marketing, localizada no centro de Curitiba. Era meu orgulho. Tudo que construí foi por meus próprios méritos, e não havia mais nada no mundo que me desse tanta satisfação quanto saber que não cresci na sombra do meu pai, CEO e dono majoritário de uma das maiores empresas de construção civil do país, com escritório principal localizado no Rio de Janeiro.

Não nos falávamos há muitos anos. Mais precisamente, desde que me recusei a seguir seus passos dentro da Ferraz Engenharia. Provei a mim mesmo que eu não era apenas mais um riquinho mimado herdeiro de um império. Eu poderia caminhar com os meus próprios pés, e foi o que fiz.

Vivia e respirava trabalho, mas também tinha a minha válvula de escape. Só em pensar nela toda nua para mim, meu pau já ficava ativo. Vivian era minha noiva, confidente e melhor amiga. Começamos a sair no último ano da faculdade de administração e, desde então, não nos desgradamos mais.

Pensar na bela loira esperando-me em casa me deixava aceso e revigorado. Eu estava pronto para uma dura e suada noite de sexo bruto.

Respirei fundo e afrouxei o nó da gravata preta em volta do meu pescoço. Liguei para minha secretária para confirmar a agenda do dia seguinte, em seguida, dispensei-a. Peguei minha pasta preta sobre a mesa e saí da minha sala em direção ao elevador.

Naquela noite, faria uma bela surpresa para a minha mulher. Eu iria compensá-la um pouco pela minha ausência por causa do trabalho, que me consumia todos os dias. Foi pensando nisso que não liguei para avisá-la que estava saindo da empresa como eu fazia todos os dias. Queria surpreendê-la.

Durante o percurso, parei o sedã em frente a uma loja de vinhos exclusivos, comprei uma garrafa de Chianti Clássico, uma das bebidas que ela mais apreciava. Mais à frente, completei o presente com um elegante buquê de rosas vermelhas.

Cheguei ao apartamento que dividia com ela uma hora e meia mais cedo que o meu costume. Saí do carro, deixando a minha pasta no interior do veículo, e corri em direção ao elevador, segurando os presentes em minhas mãos. Ao chegar na sala, coloquei o vinho sobre a mesa e o buquê de rosas em cima do sofá, para então começar a tirar o terno quente que estava me sufocando.

Arregacei as mangas da camisa branca e abri alguns botões, enquanto andava. Meus nervos relaxaram instantaneamente e um sorriso lascivo surgiu em meus lábios assim que ouvi a música baixinha que vinha do nosso quarto, misturando-se ao som do chuveiro ligado.

Abri a porta devagar e entrei, tomando cuidado para não fazer barulho, maravilhando-me ao som de *Secrets*, do OneRepublic, uma das minhas músicas favoritas. Retirei o relógio do pulso e o coloquei sobre o criado-mudo. Logo depois, dei o mesmo tratamento ao meu cinto.

Abri mais alguns botões da camisa e andei em direção ao banheiro, na intenção de surpreendê-la, já imaginando tudo o que faria daquele momento em diante. Minhas mãos já tremiam em ânsia de tocar o corpo macio. No entanto, um som abafado, lamuriante e tão conhecido por mim, me fez parar no meio do caminho. Congelei. Era um gemido deslambido.

Senti o sangue sumir do meu corpo, dando lugar a uma mistura de confusão e raiva imensurável. Não... Não poderia ser o que eu estava pensando. Eu perderia o meu senso, seria capaz de fazer uma besteira. A passos firmes, segui até o banheiro e empurrei a porta usando toda a força que tinha, fazendo o objeto se chocar contra a parede, causando um barulho retumbante. Então, eu os vi. Minha noiva e o seu *personal trainer*, traindo-me descaradamente dentro da

minha própria casa. No quarto em que eu dormia.

Vi o homem se encolher covardemente atrás da vagabunda. Nem ao menos teve a decência de me enfrentar. Um verdadeiro covarde, miserável.

Vivian me encarou alarmada, o peito subindo e descendo nervosamente, enquanto tentava tapar a sua vergonha com as mãos.

Fora de mim, segurei-a pelo braço bruscamente e a arrastei para fora do banheiro.

— Saia, agora! — ordenei com ódio. — Saia!

— Cadu. Meu amor... Me deixe explicar.

— Cala a boca, porra! Sua puta descarada. Eu te dei tudo, e olha como me agradece. Exijo que você saia agora mesmo, você e esse escroto covarde.

— Eduardo, não pode fazer isso — o imbecil falou, vindo logo atrás.

Virei-me e cravei minha atenção em sua fisionomia, com sangue nos olhos. Parecia que o demônio havia me possuído, era a definição mais próxima de mim naquele momento.

Avancei em sua direção e o atingi com rajadas de socos no rosto. Logo depois, empurrei-o para cima da vadia. Seu queixo sangrava. Meu desejo era fazer isso a ela, mas seria covardia. Não bateria em mulher.

— Cadu, amor, me ouça. Eu...

— Saia! — eu disse, possesso. Voltando a segurá-la pelo braço, puxei-a na direção da sala.

— Por favor, espere, eu me preciso me vestir.

— Tá com vergonha agora, sua puta? Pois quero que o prédio inteiro saiba a vadia que você é!

Sem cerimônia e um pinga de remorso, abri a porta que dava acesso ao corredor e enxotei os dois para fora, da forma na qual vieram ao mundo. Eu queria humilhá-los, da mesma maneira que haviam feito comigo.

Naquele momento, prometi a mim mesmo que aquela fora a primeira e última vez que eu havia sido feito de idiota. Naquele momento, prometi a mim mesmo que nenhuma mulher teria lugar na minha vida, a não ser em cima da minha cama.



DIAS ATUAIS

Deixo o copo de uísque em cima do suporte prateado, próximo à banheira, e começo a abrir os botões da camisa social. Minha boca ainda lateja, ardendo devido ao soco que recebi daquele desgraçado. No entanto, sorrio. Adorei provocar a filha de Andrew no dia do seu casamento. De certa forma, aquilo me deixou eriçado. Sou mesmo um cretino, confesso. Gostei de ser desafiado.

Contudo, agora, estou muito mais interessado em descarregar as energias que acumulei durante o período de estadia aqui em Nova Iorque. O trabalho é, e sempre será, a minha maior prioridade.

Enquanto fito a ruiva de lábios carnudos deliciosos, completamente nua dentro da banheira, permito que um gemido escape da minha garganta. Com o olhar fixo nos meus, ela torce uma mecha de cabelo acobreado entre os dedos e fica de joelhos dentro da banheira, deixando os seios túrgidos ao meu deleite.

Descaso os botões da minha calça e a desço junto com a cueca, fazendo meu pau saltar para fora, grande, grosso e majestoso, completamente melado com o pré-gozo.

— Gosta de chupar, querida? — provoco quando a vejo passar a língua pelos lábios e mordiscá-los, ansiosa.

— Adoro, Edward! — responde com ousadia, chamando-me com o sotaque carregado.

— Boa garota. Mostre-me o que sabe fazer. — Acaricio a pele do seu rosto, branca como porcelana, e deslizo as minhas mãos até os fios dos seus cabelos, puxando-os, direcionando a sua boca até o meu pau.

Fecho os meus olhos e trinco os dentes quando sinto a língua quente me experimentar. Logo, sou abocanhado por inteiro.

Os lábios experientes me sugam com vontade, dando beijos e lambidas estaladas deliciosas. A ruivinha sabe o que está fazendo e nada mais poderia me agradar tanto no momento. Quem diria que uma noite tão desafiadora acabaria assim, comigo em uma suíte de um hotel cinco

estrelas, comendo uma mulher linda e experiente que acabei de conhecer. Do jeito que gosto.

Quando minhas bolas se tencionam e sinto a força do gozo aproximando-se, seguro seu cabelo com mais força e enfio meu caralho com vontade até a sua garganta, deixando-a entalada. Pisco descaradamente na sua direção, vendo o rosto pálido tornar-se vermelho, e então descarrego toda a minha porra dentro da sua garganta, fazendo a moça engolir cada gota.

— Isso, querida, toma tudo. Putinha, safada! — digo, satisfeito com a gula com que ela me toma.

Quando termino, deixo os meus ombros caírem, relaxados, e suspiro. Esta noite, irei me esbaldar em cada buraco que ela tem no corpo, mas, amanhã, quando o dia raiar, nem sequer lembrarei o seu nome, e então ela será só mais um número na lista de conquistas de uma noite que coleciono. Para falar a verdade, é apenas disso que preciso.



CAPÍTULO I

CARLOS EDUARDO

O som do toque do meu celular soa fraco sobre o criado-mudo, ao lado da cabeceira da cama onde estou deitado, relaxado. Pego o telefone, sem prestar atenção no visor. Olho para o lado e vejo que a ruiva ainda dorme enrolada no lençol branco.

Antes de atender à chamada, retiro rapidamente o pano que cobre a sua bunda e deslizo minha mão pela pele macia e muito clara. Passo meus dedos pelas curvas do seu traseiro e acerto um tapa, deixando o local avermelhado.

— Alô. — Levanto-me da cama, pelado, atendo à chamada, e sigo até as vidraças.

— *Bom dia, Carlos!* — cumprimenta Andrew com a voz seca — *Que merda foi aquela ontem na minha casa?* — questiona, indo direto ao ponto.

Franzo a testa e suspiro. Para falar a verdade, nem eu mesmo sei por que me meti justamente com a noiva e, pior, filha de um antigo amigo da minha família. Contudo, ser desafiado me instiga, principalmente porque nunca tive quaisquer problemas para ficar com alguma mulher. Aquela gracinha de olhos verdes tentadores fez justamente o contrário: me ignorou. O problema é que não imaginei que o pitbull do marido fosse me flagrar.

— Peço desculpas pela indiscrição, Andrew. Acabei confundindo a sua filha com... —

Pauso por alguns segundos, pensando em alguma desculpa qualquer. — Com outra mulher que conheci esses dias. Elas têm o mesmo perfil — minto.

— *Não tente me fazer de bobo, Carlos. Te conheço há anos. Conheço a sua fama também* — diz, austero.

Gargalho, sem conseguir me conter. Realmente, conheço Andrew há muitos anos, fomos apresentados pelo meu pai em uma das nossas muitas viagens a Nova Iorque. Apesar de ser um federal rigoroso e respeitado, ele é também frequentador de grandes eventos importantes entre as pessoas mais requisitadas do país.

— Vamos esquecer o passado e focar no presente, parceiro — sugiro. — Que tal um *drink* mais tarde? Pegarei o voo daqui a algumas horas e não tenho muito o que fazer durante este tempo.

Paro de observar o circular de pessoas no Central Park pelos vidros da suíte, e me viro na direção da cama. A ruivinha, que acabou de acordar, me olha sonolenta e sorri. Algumas mechas avermelhadas de cabelo deslizam pela sua testa, emoldurando o rosto bem desenhado, salpicado de minúsculas sardas.

— *Hoje não posso, estou morto depois da noite de ontem, mas podemos marcar algo daqui a uma semana no Brasil. Pegarei alguns dias de férias e pretendo fazer um passeio em família. Aproveito para fazer uma visita ao seu pai.* — diz, um pouco mais calmo.

— Sem problemas — respondo, analisando o corpo nu da mulher na cama. — Tenha um bom dia, Andrew — digo e caminho na direção dela.

Deixo o celular sobre o criado-mudo e me aproximo mais. Apesar de a noite ter sido suada e deliciosa, está chegando a parte menos interessante do dia. A parte em que dispenso a mulher sem deixar tão evidente que eu só queria comê-la e nada mais. Essa tática serve para evitar possíveis ataques logo pela manhã, coisa que não tenho muita paciência para aturar.

Fico de frente para ela e pisco descaradamente, como somente eu sei fazer. A moça praticamente se derrete, enquanto me analisa dos pés até o último fio de cabelo, focando no meu pau que ainda exhibe a ereção matinal. Ela deve estar pensando em quanta sorte teve noite passada, mas não posso tirar sua razão. Não é qualquer homem que tem pique para dar a uma mulher dois orgasmos seguidos, e isso porque ela nem imagina a extensão da minha conta bancária.

— Dormiu bem, querida? — pergunto assim que ela sai da cama e me agarra pelo pescoço, colando o seu corpo ao meu.

— Maravilhosamente bem — responde, animada, com um sorriso estampado no rosto.

— Ótimo. Então apronte-se, está na hora de ir embora.

Seu sorriso morre instantaneamente, dando lugar a uma expressão de incredulidade.

— Como assim? Pensei que... Não sei... Que fôssemos nos divertir um pouco mais.

Encaro a mulher com seriedade e seguro seu pulso com certa firmeza, sem comprimir demasiadamente, apenas o suficiente para que ela entenda que não estou lhe dando liberdade para me tocar desta maneira. Em seguida, retiro suas mãos do meu pescoço e afasto-a.

— É uma pena. Mas tenho muito o que fazer, então você precisa ir.

— Mas hoje é sábado. Podemos fazer tantas coisas — diz, desapontada.

Toco o seu queixo de leve e faço com que ela me encare. Sorrio com cinismo, já impaciente.

— Tão linda, mas tão ingênua — digo e me viro. Cato as minhas roupas espalhadas pelo chão e começo a me vestir. — O que foi? — questiono ao ver que a moça segura o lençol com força contra o seu corpo esguio. Ela me encara com frieza no olhar, a testa franzida de raiva.

— Eu já conheci homens imbecis, mas você certamente ganhou o título de honra — diz sarcástica.

— Fico feliz que você tenha compreendido o recado... — Termino de vestir a camisa e paro, pensativo, tentando relembrar o nome dela. Contudo, é em vão. Não me lembro nem se ela tinha me dito. — Como se chama mesmo? — pergunto na cara de pau.

A mulher arregala os olhos e abre a boca, incrédula, mas eu apenas dou de ombros, até porque aqui não tem nenhuma criança. Somos dois adultos que estavam com tesão, só isso.

— Vou embora e espero nunca mais precisar olhar para essa sua cara, ridículo! — rebate.

— Obrigado! — Sorrio e respondo calmamente. Ela está me poupando de uma enorme dor de cabeça.

Já vestido, encosto-me na parede e, sem que ela se dê conta, observo-a se vestir, irritada. Apesar da indiferença, me delicio com a visão do corpo nu, no qual fiz um banquete a noite inteira.

Quando ela termina, pega a bolsa e passa por mim, soltando fogo pelas ventas, fazendo questão de empinar o nariz.

— Adeus, querida. Foi um prazer comer você! — provoco ainda mais.

A mulher parece transformar-se em um felino raivoso, pois dá meia volta e marcha na minha direção.

— Querida é sua vó, seu imbecil. — Levanta o braço e faz menção a me acertar com um tapa no rosto, mas, para seu azar, sou mais rápido. Seguro sua mão com força e a impeço.

— Não ouse levantar a mão para mim. Agora, saia! — ordeno, cerrando os dentes.

— Seu maldito... — vocifera com o olhar cheio de ódio. — Algum dia você vai se arrepender por tratar uma mulher desta maneira, seu grosso.

Balanço a cabeça e sorrio ainda mais, quase que gargalhando. Ah... Se ela soubesse que esse dia nunca irá chegar, com certeza não estaria me fazendo perder tempo. Já gastei a minha cota de trouxa para nunca mais repetir. Para falar a verdade, tenho pena da criatura que tentar entrar no meu caminho com terceiras intenções que não sejam apenas me dar a boceta. Não tenho pena de pisar nos cacos dos pobres corações feridos, afinal, não tenho culpa delas serem tão vulgares e descaradas. Além disso, não sou responsável por suas ilusões infantis, nunca ofereço mais do que sexo.

Lembrar de vulgaridade faz meus pensamentos voarem para anos atrás, e isso faz uma ira insana despertar em mim. Fecho os meus punhos, ainda mais irritado.

Assim que a mulher sai da suíte, batendo a porta com ira, sigo até o bar e sirvo-me de uma dose de uísque. Ainda que esteja cedo e o sol mal tenha acabado de raiar, sinto a necessidade de relaxar um pouco antes de embarcar de volta para o Brasil. Lá, deixarei a pose de conquistador irresistível e voltarei à velha e boa rotina como o CEO respeitado que sou, dentro do meu império na Ferraz Engenharia.

Tomo o líquido amargo e coloco o copo sobre a bancada. Vou ao banheiro e faço uma breve higiene pessoal. Pego minha carteira, o celular e me preparo para sair. Contudo, assim que sigo até a porta, lembro de olhar o meu WhatsApp para conferir se há algum recado importante.

Respondo a algumas mensagens da minha secretária particular e outras de Felipe, meu advogado e melhor amigo. Quando estou prestes a bloquear o visor, vejo que há uma mensagem de alguém que não está nos meus contatos.

Saudades de você, meu amor. Quando retorna?

Analiso o número de telefone, confirmando que é do Brasil e que se trata da mesma pessoa que vem me atormentando durante toda a semana com mensagens descabidas e bobas como essas. Franço a testa, impaciente com esse joguinho adolescente, e simplesmente ignoro, como das outras vezes. Se houver mais alguma mensagem dessas, precisarei bloquear o número.



CAPÍTULO 2

BEATRIZ

Pela milésima vez no dia, olho o visor do celular na esperança de que haja alguma resposta da mensagem que enviei para ele. Mas não. Como das outras vezes, Cadu simplesmente ignorou a mensagem que enviei sem nem se dar ao trabalho de perguntar de quem se trata.

Irritada, deixo o celular de lado e releio mais algumas das inúmeras besteiras que escrevi no meu diário nas últimas semanas. Em cada linha, falo algo bobo sobre ele, inclusive sobre a última vez que o vi, um dia antes de embarcar para Nova Iorque. Cadu estava resolvendo alguns assuntos com meu pai no escritório aqui em casa. Seria impossível esquecer as sensações que tive quando nos trombamos na porta. Aquele toque grosseiro, o olhar de mar revolto, o cheiro almiscarado que aflorou todos os meus sentidos.

Suspiro fundo, sem conseguir controlar o *mix* de emoções que aquele homem vem despertando em mim, ano após ano. Agora, tudo está mais intenso, cada dia mais difícil de ser ignorado.

Impaciente, deixo o diário de lado e levanto-me da cama. Meu coração bate forte no peito com uma mistura gritante de medo e ansiedade. Caminho até a janela do quarto, que dá acesso à área da piscina, e coloco algumas mechas do meu cabelo atrás da orelha. Enquanto observo,

imagino se algum dia conseguirei fazer com que ele me olhe como uma mulher, e não como uma garota mimada, a filha do seu amigo advogado, e nada mais.

Meus pensamentos voam até a semana anterior, quando papai fez um churrasco e convidou alguns amigos. Como sempre, Cadu estava entre os convidados, já que ele e meu pai são amigos antigos e geralmente estão presentes em todos os eventos das duas famílias. Vê-lo dentro daquela sunga preta, que moldava perfeitamente o volume entre as pernas musculosas, levou-me à loucura, definitivamente. Minha vontade era de agarrá-lo na piscina e escalar aquele abdômen trincado. Contudo, eu nem sequer pude ter um segundo da sua atenção, já que ele estava ocupado demais na companhia de uma loira aguada que o estava acompanhando.

Tenho vontade de gritar de raiva só de me lembrar daquela mulher irritante. Bom, talvez para os outros ela não seja tão irritante assim, mas para mim, é. Só de estar perto dele com aquele decote saliente, os seios quase saltando para fora do biquíni.

Desencosto da janela e sigo até em frente ao espelho. Observo meus cabelos castanhos e desgrehados que ainda não viram pente hoje e bufo, esmorecida. Dou alguns passos para trás, ajeito o pijama das meninas superpoderosas no meu corpo e empino a bunda, esperançosa de já ter aumentado alguns centímetros após a sessão de agachamento que fiz ontem com Gracy e Pedro, meus melhores amigos e colegas da faculdade.

Mordisco o lábio, desanimada quando me lembro das mulheres experientes e de corpos esculturais com quem o Cadu costuma sair. Definitivamente, minhas chances de conquistá-lo são iguais ou menores que zero. Talvez elas aumentem daqui a alguns anos. Quem sabe quando eu não for mais uma menina, e sim uma mulher forte e decidida? Porém, até lá, já terei morrido de raiva, ciúmes e vontade de tê-lo.

Estou perdida nos meus pensamentos quando ouço a voz eletrizante da Ariana Grande invadindo o quarto. É o toque do meu celular. Pego o aparelho com toda pressa do mundo e olho o visor, imaginando ser ele o autor da ligação, porém, nunca estive tão enganada.

Deito-me largada na cama, de costas, e atendo à chamada.

— Oi, Gracy.

— *Bia, já está pronta? O Pedro vai passar aí em dez minutos* — diz ela.

Recordo-me que havíamos combinado de pegar uma praia agora pela manhã, e eu nem sequer me lembrei de arrumar minhas coisas. Que droga!

— Não sei se irei, Gracy, não estou tão animada assim — respondo, completamente sem

ânimo.

— *Caramba, Beatriz, o que deu em você?* — questiona, aparentemente irritada. — *Já havíamos combinado há semanas.*

— Eu sei. — Gemo frustrada e mordisco o lábio. Pondero se falo o motivo que me deixou entristecida. Após alguns segundos, pensativa, decido que devo me abrir com alguém. — *Ele não me respondeu, Gracy. Mais uma vez, ignorou a mensagem que enviei.*

Ouçoo o suspiro impaciente dela do outro lado da linha e me preparo para ouvir outro sermão. Minha amiga colocou na cabeça que devo me declarar para ele de uma vez por todas ou esquecer essa história, porque essas mensagens anônimas não irão dar em nada.

— *Bia... Já conversamos sobre isso. Ou você vai à luta, ou esquece esse homem. Ele não vai simplesmente acordar no dia seguinte e pôr na cabeça que quer pegar a filha do amigo. Muito pelo contrário.*

— Eu sei, mas o que você quer que eu faça? Que eu chegue nele e fale que o amo desde os meus quinze anos? Esquece!

Bom, talvez seja melhor do que ficar mandando mensagens anônimas. Ele vai continuar ignorando como fez das outras vezes.

Com o coração martelando o meu peito, viro-me na cama, fico de bruços e respondo:

— Eu não sei o que fazer. Todas as vezes que estou perto dele, fico trêmula. Meu cérebro parece se transformar em geleia, porque não sei nada que preste.

Gracy gargalha do outro lado da linha.

— *Ai, amiga ... Então se você quer mesmo aquele homem, vai ter que descer do salto e pôr a mão na massa. Você sabe o que quero dizer, não é? O Cadu não é um garoto, é um homem feito e tem necessidades. Você está pronta para satisfazê-lo em todos os sentidos?*

— Pelo amor, Gracy, você fala como se fosse a dona de um bordel. — Reviro os olhos e sorrio.

Gracy, apesar de ser um pouco mais velha do que eu, nunca se importou em esperar o cara certo para perder a virgindade. Já eu? Além de ter um pai ciumento que nem sequer deixa os meninos se aproximarem, ainda passei parte da minha adolescência apaixonada por um homem que não me nota. Definitivamente, não sou a número um em quesitos de sorte.

— *Você sabe que tenho razão. Já saí com alguns homens mais velhos e posso dizer que*

tenho experiência o suficiente para te ajudar a conquistar um homem como ele. Com certeza passear de mãos dadas no parque não é a atividade favorita deles.

— Certo. Vamos supor que você tenha razão sobre o sexo. Antes de tudo, preciso fazer com que ele me note. Enquanto eu for invisível, não terá nem passeios de mãos dadas no parque, imagina outra coisa.

Volto a me virar na cama e coloco o celular no outro ouvido.

— *Vou pensar em algo para te ajudar. Mas só se você for à praia com a gente. Promete?*

— Tudo bem. Prometo.

Desligo a chamada e coloco um sorriso forçado no rosto. A verdade é que eu queria passar todo o dia na cama, mas é provável que logo minha mãe bata na porta ou Gracy e Pedro apareçam aqui para me obrigar a ir com eles. Sem escolhas, sigo até o banheiro, tomo um rápido banho e, após escovar os dentes, me troco.

Quando Pedro chega, já estou vestida com uma bela saída de praia preta e tenho todas as coisas que irei precisar dentro da bolsa. Desço as escadas e o vejo conversando sobre futebol com meu pai na sala. Apesar de ser um homem, ele é o único com quem papai não implica quando se aproxima de mim, talvez porque sejamos amigos desde crianças e definitivamente não haja a mínima possibilidade de rolar algo entre nós. Digamos que Pedro não faz o meu tipo, já que tenho atração por homens mais velhos.

— Bom dia — cumprimento-os.

— Bom dia, filha — responde papai e, logo depois, Pedro.

— Bom dia, preguiçosa — provoca e sorri.

Balanço a cabeça e também sorrio com sua provocação barata. O sorriso se expande em seu rosto claro, quase chegando à orelha. Os olhos castanhos brilham ao me fitar, deixam-me um pouco desconcertada e, por um segundo, tenho a impressão de ter visto algo parecido com fascínio em seu olhar. Ignoro essa besteira e pigarreio.

— E então, vamos? Gracy já deve estar louca à nossa espera.

Pedro desvia o olhar do meu rosto, passa as mãos nos cabelos pretos um pouco compridos e fita o chão por breves segundos.

— Vamos, sim — responde. Dá meia volta, acena para papai e segue na direção da porta.

Meu pai, que estava distraído olhando o celular, caminha na minha direção com o aparelho na mão e coloca-o no ouvido.

— Tchau, querida. Comporte-se. — Ele deposita um beijo na minha testa e se afasta. Ouço-o atender ao celular e lhe dou as costas.

Contudo, viro-me na sua direção no momento em que o escuto falar o nome Eduardo. Meu coração dispara. Antes que Pedro retorne até onde estou e me puxe para a porta de saída, ainda ouço papai perguntar se o Cadu irá passar aqui amanhã após o desembarque.

Engulo em seco só em imaginar que poderei vê-lo, mesmo que de longe. Ou talvez não tão longe assim. Respiro fundo quando coloco os meus pés para fora de casa, fecho os meus olhos e aprecio a brisa refrescante que balança os meus cabelos.

Não posso mais conviver com isso. Com este sentimento sufocante. Talvez eu deva jogar um jogo arriscado, testando os seus limites e os meus.

Olho para a frente, decidida. Enquanto aperto a bolsa no meu tronco, digo a mim mesma que irei conquistá-lo, custe o que custar.



CAPÍTULO 3

BEATRIZ

Após passarmos na casa de Gracy, Pedro para o carro ao lado de um quiosque no calçadão de Copacabana. O dia está ensolarado e os turistas trafegam de um lado a outro, como é normal no Rio. Apesar da minha falta de ânimo mais cedo, o barulho das ondas e a brisa do mar recarregam as minhas energias. Eu e Gracy descemos, segurando nossas bolsas, nos sentamos nos banquinhos e pedimos, cada uma, um suco natural de laranja, enquanto Pedro estaciona o veículo.

— E então, Bia. O que está pensando em fazer com relação ao Cadu? — questiona Gracy, olhando-me com os seus olhos escuros cheios de expectativa.

Desvio meu olhar, coloco o canudinho na boca e sorvo um pequeno gole da bebida gelada. Passo a língua em meus lábios e, sem encará-la, respondo:

— Para falar a verdade, ainda não sei. Pensarei em algo.

Minha amiga sorri abertamente e continua tomando o suco. Quando termina, levanta-se e chama o atendente para pedir outro. Sua alegria e autoestima são contagiantes. É impossível não se sentir bem quando ela está por perto. Dona de lábios carnudos magníficos, cabelos cacheados bem definidos e pele morena, ela deixa um rastro de luz por onde passa e pouco se importa se está um pouco acima do peso.

— Olha, estive pensando... — Ela começa a falar e me fita. — Já que você inventou de enviar mensagens anônimas para ele, que tal mudarmos este jogo? Se não surtiu qualquer efeito, tem que mudar de estratégia.

— Como assim? — Arqueio uma sobrancelha e questiono, esperando que ela apresente sua ideia.

— Vou te explicar. — Após pegar o suco das mãos do atendente e voltar a se sentar, Gracy continua. — É o seguinte. E se, ao invés de continuar mandando essas mensagens bobas, você começasse a falar coisas mais inteligentes e menos melosas?

— Tipo? — questiono e coloco o dedo no meu queixo, tentando imaginar onde ela pretende chegar.

— Você precisa deixar claro que se conhecem, Bia, mesmo que ele não saiba de quem se trata. Instigue-o a querer te conhecer mais a fundo, até marcarem um encontro.

Mordo o canudinho, já começando a ficar nervosa.

— Acho que para isso terei que trocar meu número. Porque provavelmente já queimei meu filme com ele — digo ao lembrar que enviei uma mensagem chamando-o de meu amor. Que vergonha! Ele deve estar querendo correr para quilômetros de distância de mim.

Gracy estreita os olhos e me encara com uma expressão de incredulidade e divertimento.

— Olha, se foi tão grave assim, melhor providenciarmos outro número para você, urgentemente.

Solto um risinho um pouco sem graça e balanço a cabeça em concordância.

— Está certo. Farei isso o mais breve possível. E o que tem em mente? — pergunto. Contudo, sou interrompida pela voz de Pedro que se aproxima do quiosque e também pede um suco de laranja.

— E então, meninas. Qual a novidade da vez? — Ele se senta em um banquinho do meu lado.

Gracy gargalha e começa a contar para o Pedro o plano mirabolante para que eu conquiste o Cadu. Meu amigo me observa com olhar neutro, sem demonstrar muitas emoções. Passa a mão nos cabelos escuros e volta a sua atenção para o mar, aparentemente incomodado.

— Não sei por que esse seu interesse naquele homem, Bia. Já parou para pensar que ele tem idade para ser o seu pai? — diz com deboche.

— Mas não é, e não tenho qualquer preconceito com idade — respondo e finjo que seu tom não me incomodou. Pedro anda estranho ultimamente.

— Ah, Pedrinho, deixa de ser careta. Além disso, o Cadu é um gostoso — comenta minha amiga.

— Está vendo? Gracy também concorda comigo. — Sorrio.

Pedro toma um gole do suco, balança a cabeça de um lado a outro e volta-se para mim.

— E quando você acha que um homem como ele, que pode ter a mulher que quiser aos seus pés, vai olhar para você, Bia?

Quando ouço suas palavras amargas, sinto meu coração dar um salto com uma mistura torturante de confusão e mágoa. Definitivamente, este não é o mesmo Pedro que conheço desde criança. Ou então ele está num dia muito ruim. O que será que aconteceu?

— Pedro, não estou entendendo... Por acaso acha que não sou boa o suficiente?

— Gente, o clima está ficando estranho aqui. Será que podemos mudar de assunto? — interrompe Gracy. — Acho melhor irmos para a areia. Preciso tomar um banho de sol.

— Vocês que mandam. — Pedro dá de ombros, levanta-se e retira a camisa azul, ficando apenas com a bermuda estampada com as cores do oceano. Ele é bonito. Tem um sorriso lindo e um físico bem definido. Faz muito sucesso com as meninas, pena que anda irritadiço ultimamente.

Também me levanto, pego as minhas coisas e seguimos os três na direção da areia. Após Gracy retirar a saída de praia e se acomodar em uma toalha ao lado de Pedro, também retiro a minha e fico apenas com um biquíni azul-turquesa que combina perfeitamente com o tom claro e levemente bronzeado da minha pele.

Passo um pouco de protetor solar no corpo, deixo os dois e começo a andar pela praia. A textura da areia debaixo dos meus pés é como massagem relaxante. Logo mais à frente, encontro um vendedor ambulante vendendo chips para celular. Um puta golpe de sorte, já que não precisarei me deslocar para fazer o que preciso.

Após pagar o moço, volto para o quiosque e me sento à sombra. Sem esperar mais, coloco as ideias de Gracy em ação. Troco o número do WhatsApp e mando uma mensagem para a minha amiga.

O que mando para ele? Me dê uma dica. Ass: Bia

Passam-se alguns segundos e, de onde estou, eu a vejo enfiar a mão dentro da bolsa, pegando o aparelho.

Vem curtir o sol, esquece esse homem só um minuto.

Por favor, Gracy. Quebra esse galho para mim.

Sorrio quando imagino Gracy torcendo o nariz, inconformada. Após alguns minutos, ela responde:

Diga que o conheceu em alguma conferência e que ficou contente em saber que logo poderão se ver de novo. Invente alguma coisa, você deve saber os lugares que ele frequenta. E só mais uma coisa: coloque uma foto decente no perfil, de modo que não pareça que você está se mantendo no anonimato, mas também cuide para que ele não reconheça você. Boa sorte ;)

Começo a vasculhar na minha galeria, alguma imagem que eu ainda não tenha postado em nenhuma rede social e em que meu rosto não fique muito visível. Estou quase desistindo, quando me recordo de algumas fotos que Pedro tirou de mim no apartamento dos pais de uma de nossas colegas da faculdade.

Era noite e eu usava um vestido preto de renda, aberto na lateral, enquanto olhava o movimento da rua pela varanda. Havia terminado os parabéns para a aniversariante e, no momento em que começou a festa, segui para a varanda na intenção de tomar ar fresco. Pedro me acompanhou.

Com pressa, entro no meu e-mail e procuro pelo contato dele. Como imaginei, lá estão as imagens que ele havia me enviado e eu esqueci de salvar. Escolho uma mais sóbria, mas ainda assim sexy. Nela, parte do meu corpo aparece de lado no perfil e o meu rosto fica pouco definido, iluminado apenas pela luz dos faróis dos carros na avenida abaixo. Aplico um filtro azulado para camuflar a cor do meu cabelo que cai como ondas em minhas costas e coloco a imagem no perfil

do aplicativo.

Depois de tudo pronto, respiro fundo e decido mandar a bendita mensagem para ele.

Bom dia, Carlos, como vai? Nos conhecemos há alguns meses, mas acho que você não se recorda de mim, foi um breve momento. No entanto, fico contente em saber que em alguns dias poderei revê-lo no evento ambiental que será patrocinado pela Ferraz Engenharia. Será interessante. ;) Um beijo. Ass: B

Meu coração bate desesperadamente em meu peito quando termino de escrever e clico em enviar. Guardo o celular, trêmula, e retorno para a areia.



O dia passa com toda a sua pressa, jogando na minha cara o quanto um segundo pode significar tudo ou nada. Cada minuto de espera me tortura, mas ainda não há nenhum sinal dele. A parte boa é que ele ainda não visualizou a mensagem, então há esperança.

Após sairmos da praia, deixamos Gracy em sua casa e seguimos para a minha. Pedro se mantém em silêncio, e eu também não procuro puxar assunto, até porque estou exausta e a única coisa que quero agora é tomar um banho, jantar e dormir.

Assim que estaciona na minha rua, despeço-me e faço menção de sair do carro, mas ele segura o meu braço.

— Bia, espera.

Volto minha atenção para o seu rosto e aguardo que continue.

— Sim?

— O que vai fazer mais tarde? — pergunta com o olhar cheio de expectativas.

Engulo em seco.

— Irei descansar, Pedro. Só isso — respondo e volto a puxar o trinco da porta.

— Não gostaria de sair comigo? Podemos jantar fora — sugere.

Arregalo os olhos, surpresa. Nunca saímos somente nós dois, saímos sempre em trio.

— Pedro, desculpa, mas realmente estou cansada.

— Me dê uma chance, Bia. Posso fazer você feliz. — Seu toque em meu pulso se estreita ainda mais, quase me machucando, mas a sua revelação, confusa e incoerente me causa choque.

— O que está dizendo? Somos amigos, Pedro — questiono, assustada, e puxo o meu braço. Mas ele segura com ainda mais força.

— Estou dizendo que gosto de você, não como amigo. Desejo você, Bia. Como um homem deseja uma mulher.

— Você não está... raciocinando direito — gaguejo ao ver que ele me encara com firmeza e inspeciona algumas partes específicas do meu corpo. Fico constrangida.

— Me dê uma chance. Esquece aquele cara.

— Pedro, me solta. Você está me machucando. Me solta!

Vejo-o soltar um suspiro pesaroso. Em seguida, afrouxa o aperto no meu braço. Respiro aliviada, mas ainda assim confusa com as revelações dele. No entanto, estou tão cansada que prefiro acreditar que ele esteja delirando, assim evito a fadiga de discutir sobre o assunto.

— Perdão. Não quis te machucar — diz e se afasta.

— Melhor você ir descansar também. Raciocinará direito amanhã. — Levo a minha mão à porta, abro-a e saio depressa, sem esperar que ele responda.

Entro em casa, subo para o meu quarto e sigo direto para o banho. Quando termino, desço para jantar com meus pais. Aproveitamos para conversar sobre o dia.

Mais tarde, após virar de um lado para o outro na cama, estou prestes a me levantar e ir até a cozinha comer algo quando ouço o toque de mensagem do meu celular, que está do meu lado na cama. Viro-me e pego o aparelho para conferir de quem se trata.

É uma mensagem de Pedro, pedindo desculpas pela forma que falou comigo. Penso em responder, mas decido deixar para o dia seguinte. No entanto, sinto meu coração falhar algumas batidas quando vejo outra mensagem chegar. Olho o nome dele na tela, quase sem acreditar que ele tenha mesmo respondido. Tenho a sensação de ter milhares de borboletas no estômago quando vejo o nome Carlos Eduardo.



CAPÍTULO 4

CARLOS EDUARDO

Quando o avião aterrissa em solo carioca, já é quase meia-noite. A cidade está movimentada por ser sábado, e a noite está escaldante, clima típico dos meses de verão, o que me agrada. É a época mais bela e prazerosa do ano, onde posso me esbaldar nos corpos femininos bronzeados. Meu motorista me aguarda pacientemente no desembarque. Também pudera, não tem do que reclamar com o salário gordo que pago a ele.

Pego minha mala e sigo na sua direção. Estou satisfeito por estar de volta ao Brasil, contudo, a longa viagem me deixou quebrado. Preciso urgentemente comer algo e tomar o belo de um banho.

— Boa noite, senhor. Bem-vindo de volta — cumprimenta e pega a minha mala.

— Boa noite, Antônio — respondo e o sigo até o Cadillac chumbo, estacionado próximo à saída do aeroporto.

Enfio as mãos por dentro do tecido do meu terno preto e ajeito a peça no meu corpo. Entro no banco traseiro do carro e, após me acomodar, ergo a manga do terno para verificar as horas no relógio de pulso pela milésima vez.

— Direto para o seu apartamento, senhor Ferraz? — pergunta Antônio, olhando-me pelo retrovisor.

— Sim, por favor — confirmo.

O homem, já de meia-idade e olhos cansados, assente e segue viagem, permanecendo em silêncio. Desvio minha atenção das ruas do Rio e pego meu celular.

Há mais alguns recados da secretária e de Felipe. Leio por alto e respondo algumas coisas rapidamente. Continuo passando as mensagens, vendo se há mais alguma relevante, e é quando algo me chama atenção. Há uma mensagem de um número que não está em meus contatos, mas não é o mesmo que me enviou besteiras anônimas durante a semana.

Leio o texto onde a pessoa diz que me conhece e que estará presente em um dos eventos da Ferraz Engenharia nas próximas semanas.

Olho a foto do perfil e o que vejo me agrada. Agrada-me muito, na verdade. É uma foto sexy, não muito reveladora, mas me dá a ideia de ser uma mulher deliciosa. Seu corpo é pequeno e franzino, mas ainda assim, atraente. Ela possui a cintura fina e um traseiro empinadinho, posso ver perfeitamente pela forma justa e sensual com que o vestido longo a emoldura.

Passo meus olhos pelos cabelos escuros e longos. Involuntariamente, sorrio quando me imagino segurando as madeixas com força, enquanto ela rebola essa bunda no meu pau, de quatro.

Para conferir sua afirmação de que já nos encontramos, analiso o seu rosto. Realmente, tenho a nítida impressão de que a conheço, mas não me recordo de onde, nem quando a vi. Mas isso não tem importância agora.

Em outra ocasião, eu ignoraria, como sempre faço. Mas como agora estou dentro do carro, sem mais nada importante para fazer, decido respondê-la e fazê-la se sentir importante em algum momento da vida.

Oi, linda. Que bela surpresa. Como se chama?

Aguardo alguns minutos, mas a resposta não vem. Guardo o celular no bolso do terno e, assim que o motorista estaciona o veículo no estacionamento do meu prédio no Leblon, desço. Pego a mala e sigo para o elevador a passos rápidos; entro e aciono o botão que dá acesso à minha cobertura. Minha digital libera o movimento do elevador, que inicia sua subida.

Quando as portas se abrem, respiro aliviado e entro no meu apartamento. Levo a mala para a suíte que ocupo e a deposito no piso de tábua corrida. Em seguida, começo a tirar as minhas roupas.

Uma por uma, vejo as peças caírem no chão. Quando fico completamente pelado, pego as roupas e as levo até o cesto para depois entrar debaixo do chuveiro. Tomo um banho rápido, enrolo-me num roupão branco e desço as escadas. Caminho na direção da cozinha e vou direto à geladeira.

Pego um dos pratos que Sônia preparou e deixou no congelador, retiro o plástico protetor e coloco o recipiente no micro-ondas. Sônia é como se fosse minha segunda mãe, trabalha para a minha família há anos e é a responsável por cuidar do meu apartamento e das coisas pessoais.

Depois de me alimentar, vou até a adega e passo meus dedos pelos rótulos das várias garrafas de vinho e uísque que comprei em leilões ao redor do mundo. Alguns me custaram uma verdadeira fortuna.

Penso em optar pelo uísque, mas, quando olho para o balcão ao lado da adega, vejo uma garrafa de *Bourgogne 1974* dentro do balde com gelo. Balanço a cabeça e sorrio. Sônia realmente me conhece.

Pego o balde, meu celular e subo as escadas. Caminho direto para o terraço. Sento-me em uma das espreguiçadeiras e me sirvo de uma taça da bebida encorpada.

A luz da lua se reflete na água da piscina e traz um ar de calma ao ambiente. Deixa tudo mais harmonizado. Tomo um gole da bebida e degusto o sabor levemente ácido que me faz relaxar. Desato o nó do roupão e permito que as bandas da peça caiam de cada lado do meu corpo, deixando os músculos do peito e o meu pau em evidência. O ar refrescante faz com que eu me distraía e feche os olhos. Suspiro, satisfeito com todo o luxo e poder que possuo sob o meu controle. Uma vida de rei.

De repente, ouço o toque de mensagens do meu celular. Pego o aparelho e confiro as horas; já passa de uma da manhã. Abro o aplicativo de mensagens, passo a mão na minha barba que começa a despontar e leio a resposta da mulher.

Me chamo Bianca. ;)

Então você me conhece, Bianca?

Interessante.

Gostaria de revê-la em uma ocasião mais discreta.

Envio a mensagem e aguardo a moça misteriosa me responder. Pouco me importo se fui tão direto, elas nunca dizem não.

Creio que terá uma bela surpresa quando me vir.

Gargalho e tomo outro gole da minha bebida. Tadinha, ela nem imagina que nada mais neste mundo me surpreende.

Qual a sua idade, lindinha?

22, e a sua?

Um bebê. Tenho 38, criança. ;)

Coloco a taça vazia no suporte ao lado do balde e passo a mão no meu pau, que está levemente ereto, atizado por este joguinho barato e misterioso. Volto a olhar o celular.

Gosto de homens experientes :)

Sorrio novamente, envolvido com a ousadia dela. Não me lembro de ter ficado com nenhuma mulher tão jovem nos últimos anos. Sempre preferi as mais experientes e decididas, mas talvez eu possa abrir uma exceção se ela for uma boa menina.

Aciono a câmera do meu celular, coloco a mão cobrindo o meu pau e tiro uma *selfie*, de modo que fique em evidência que estou pelado, revelando apenas uma parte do rosto, do nariz

para baixo. Não sou irresponsável de enviar nudes para uma desconhecida... Nem mesmo para uma conhecida. Tenho visto as diversas consequências disto entre pessoas ricas, famosas e poderosas.

Envio a imagem quase irreconhecível e provoco com uma mensagem:

Gosta disso, Bianca? Você dá conta?

Aguardo uma resposta, mas nada vem, e acabo deixando para lá. Retorno para o quarto e me deito. Logo, pego no sono.

No dia seguinte, gemo baixinho assim que acordo, sentindo meu pau duro roçando no colchão. Estou com a bela de uma ereção matinal, louco de vontade de meter em uma boceta.

A luz dos raios solares invade o quarto, deixando claro que já está bem tarde. Levanto-me e caminho na direção do banheiro, esvazio a bexiga e lavo o rosto para despertar do sono. Retorno ao quarto e volto a me deitar. Pego o celular que deixei em cima do criado-mudo, deslizo a tela e olho as mensagens. Relembro a curta conversa que tive com a mulher ontem à noite. O fato dela não ter me respondido me deixa ainda mais erigido. O mistério instiga os meus sentidos.

Quando vejo que tem uma resposta dela, abro a mensagem e sinto o meu pau pulsar, cheio de tesão.

Creio que sim. Eu dou conta. E você?

Junto com a mensagem, há uma foto dela de frente para o espelho. A mulher está de joelhos na cama, usando apenas um shortinho e uma blusa decotada colada ao corpo pequeno e delicado. A foto revela apenas as formas do corpo, sem mostrar o rosto.

Puta que pariu. Que delícia!



CAPÍTULO 5

CARLOS EDUARDO

Que corpo lindo, Bianca. Me deixou excitado, criança.

Respondo à mulher e volto a largar o celular. Espreguiço-me na cama, ainda com o corpo quebrado devido à viagem, mas me forço a levantar e tomar um banho. Hoje é dia de visitar os meus pais e talvez eu fique para o almoço.

Após o banho, visto-me informalmente com um jeans amarronzado e camisa social azul-escuro. Faço uma pequena inspeção pelo cômodo, pego as minhas chaves e sigo para o elevador.

Desço até o térreo, onde fica a garagem do meu edifício. Caminho por entre os carros até chegar próximo ao Lamborghini Aventador prateado que comprei recentemente. Embora eu ainda esteja quebrado e deseje apenas ficar de molho em casa, penso em dirigir o esportivo, sentir o vento chicoteando o meu rosto enquanto piso no acelerador. Contudo, decido optar pela discrição, já que passarei o dia com os meus pais.

Caminho até o Mercedes McLaren branco e, após entrar e dar a partida, sigo para o meu destino.

A distância do Leblon para Ipanema é curta. Em quinze minutos, já estou entrando no condomínio onde meus pais moram. É também o bairro que Felipe, meu advogado e amigo, mora. Aproveitarei para pegar alguns papéis na casa dele mais tarde.

Estaciono o carro na rua, em frente à mansão, e desço. Antes de me aproximar do portão, vejo minha mãe, que vem ao meu encontro, sorridente. A mulher elegante, de cabelos loiros, presos em um penteado bem-arrumado, se aproxima e me abraça com força.

— Finalmente veio visitar sua mãe, Cadu. Eu já estava depressiva com seu abandono — a mulher dramatiza e me encara, passando a mão por todos os compartimentos do meu rosto. — Meu coração é fraco, filho.

Gargalho e acaricio seu rosto.

— Não seja dramática, dona Rebeca Ferraz. Eu estive longe por apenas uma semana. — Estendo meu braço para que ela o segure. — Vamos entrar ou iremos passar o restante do dia aqui fora?

— Menino levado. — Ela segura no meu braço, e seguimos na direção da porta de entrada. — Espero que tenha me arranjado uma nora nesse tempo que passou fora. Quero netos, Eduardo.

Balanço a cabeça sorridente, acompanhando-a. Minha mãe é realmente o drama em pessoa, mas é uma mulher admirável. Mesmo depois da doença do meu pai, ela não se deixou abater e mantém um sorriso no rosto, sempre.

— Sinto em dizer que isso não será possível.

— Por que não? — questiona, assim que passamos pela porta principal da mansão. Minha mãe para de andar, vira-se na minha direção e me encara. — Você já tem quase quarenta anos. Precisa se casar, ter filhos. — Abre os braços e começa a apontar para todos os lados. — Não permita que tudo isso morra com você simplesmente porque uma mulher qualquer te destruiu no passado.

— Mãe, por favor. — Volto a segurar o seu braço e a guio na direção da cozinha. — Esquece essa história e vamos procurar algo para saciar a minha fome. Estou faminto.

Ouçoo seu suspiro frustrado, mas finjo que isso não me abala. Na verdade, não me abala. Minha decisão está tomada quando se trata de mulheres. Se algum dia eu optar em ter um filho, ele com certeza não será gerado pela minha esposa, e sim por uma barriga de aluguel. Casamento não entra nos meus planos.

— Como está o meu pai? — pergunto, mudando de assunto, e pego uma maçã vermelha na

fruteira. Sento-me próximo ao balcão.

— Como sempre. — Ela se senta do meu lado e responde, sem muita emoção na voz. — Ranzinza, abatido. Já não quer mais sair da cama.

Sorvo uma lufada de ar para os meus pulmões, enquanto a ouço. Apesar de nunca ter me dado muito bem com meu pai, saber que o homem que ergueu um império e me criou deteriora-se cada dia mais, deixa-me entristecido.

O remorso me atinge quando me recordo dos anos anteriores, quando me neguei a seguir seus passos dentro da Ferraz Engenharia. Naquela época, eu simplesmente fui embora sem olhar para trás. Passamos anos sem nos falar e só voltei a vê-lo quando recebi a notícia de que ele estava dentro de uma sala de cirurgia, após a ocorrência de um AVC hemorrágico.

Mordo a maçã, escorado no balcão da cozinha. Minha mãe não para de falar um só momento. Termino de me alimentar e conversamos por mais alguns minutos, em seguida, ela volta sua atenção para a cozinheira e passa-lhe algumas instruções sobre o almoço.

Deixo as duas envolvidas na discussão do prato do dia e caminho na direção do quarto do meu pai. Enquanto ando, ouço o toque do meu celular. Olho o visor e atendo.

— Oi, Felipe.

— *Oi, cara, como vai?*

— Um pouco quebrado da viagem, mas estou bem — respondo e me encosto na parede.

— *Imagino. Apesar disso, você não quer vir almoçar aqui em casa? Convidei alguns amigos e suas esposas, e agora a mulherada está aprontando um verdadeiro banquete.*

— Com direito a lasanha? — pergunto, sorrindo.

Felipe gargalha e volta a falar.

— *Sim. Com direito a lasanha.*

— Estou aqui nos meus pais. Passo aí mais tarde, guarde um pedaço para mim.

Dentro dos negócios, sou conhecido como um carrasco. Todos me conhecem e me respeitam. Mas de folga, na companhia dos meus amigos, sou comprado facilmente por um pedaço de lasanha.

Felipe continua falando, mas é interrompido. De imediato, reconheço a voz da sua filha, Beatriz. É uma linda menina, na faixa dos dezoito ou dezenove anos. É o xodó do meu amigo, o

cara morre de ciúmes da garota e tenho até pena do marmanjo que ousar se aproximar da garota com segundas intenções.



BEATRIZ

Ao acordar pela manhã, a primeira coisa que faço é pegar o celular e reler a conversa que tive com ele durante a noite. Mal pude acreditar quando vi que ele havia respondido. Fiquei tão eufórica que liguei para Gracy à uma da manhã para contar a novidade, e agora não vejo a hora de levarmos essa conversa para um nível mais avançado.

Suspiro, olhando a foto que ele enviou para mim. Apesar de não ter nada revelador, percebo que ele está completamente pelado. Fecho os meus olhos, sonhadora, e relembro da vez em que o flagrei masturbando-se no banheiro do quarto de visitas há alguns meses. Aqueles gemidos não saem da minha mente, embora eu não tenha conseguido ver o que tanto queria.

Ah, Cadu! Como eu amo você.

Mordisco o lábio e apenas torço para que ele não fique muito bravo quando descobrir quem é a Bianca, e que não tenho vinte e dois anos, e sim dezoito. Foi só uma mentirinha de nada.

Perdida nos meus sonhos de menina, levanto-me e rodopio pelo quarto, feliz. Meu sorriso está de orelha a orelha.

Após alguns minutos, apronto-me e desço as escadas para tomar o café da manhã com a minha família. Papai, que não para de atender ligações a cada cinco minutos, informa que teremos companhia para o almoço, e eu logo me empolgo ao imaginar que talvez o Cadu venha passar o dia conosco, e não chegue somente ao anoitecer como havia dito ontem na ligação que fez para o meu pai.

Após terminarmos, ajudo mamãe a retirar a mesa e vou para o meu quarto revisar alguns assuntos da faculdade, antes que Gracy e Pedro cheguem.

Passo os dedos pelas folhas do caderno, mas meus pensamentos me traem, sempre relembrando nossa conversa. Estou distraída quando meu celular apita. Pego o aparelho e olho o visor. É uma resposta dele, falando que ficou excitado com a foto que enviei. Minhas bochechas enrubescem.

Quem diria que o importante empresário Carlos Eduardo Ferraz é um safado.

Penso em responder de imediato, mas me contenho. Gracy havia me dito para não deixar tão óbvio que estou a fim dele. Segundo minha amiga, essas coisas assustam os homens, que eles gostam mais de serem desafiados.

Na minha mente, isso não passa de besteira, mas se ela, que é experiente, diz que não, quem sou eu para contestar?

Quando meus amigos chegam, deixo os estudos de lado e os acompanho até a piscina. Gracy está animada, como sempre, mas Pedro está calado, cabisbaixo, nem mesmo olha no meu rosto. Só agora me recordo que não respondi ao seu pedido de desculpas ontem à noite.

— Está tudo bem? — pergunto e me sento em uma das espreguiçadeiras.

Gracy, que está distraída passando protetor solar no corpo, nem se dá conta da nossa conversa.

— Bia, sobre ontem. Eu...

— Pedro... — interrompo-o. — Esquece isso, por favor.

Ele se senta do meu lado e volta a falar:

— Não quero que fique chateada comigo. Não quis magoar você. — Ele me encara com o semblante triste, e o meu peito se aperta.

— Não estou magoada. Você só me assustou. Mas vamos esquecer isso, tá bem?

Ele sorri e estende o dedo mindinho.

— Sempre amigos?

Cruzo o seu dedo com o meu e também sorrio.

— Sempre amigos.

Gracy, que no momento é a única usando trajes de banho, senta-se do nosso lado, relaxada, e entra na conversa que acabamos de engatar. No fim das contas, combinamos de jogar algumas partidas de voleibol no fim da tarde.

Logo, a casa está lotada com os amigos que papai convidou para o almoço. Deixo Gracy e Pedro na piscina e vou à procura do meu pai para que ele possa instalar a rede de voleibol, próximo à área da piscina. As mulheres estão na cozinha, ajudando minha mãe a preparar o almoço, e os homens na sala, conversando alegremente sobre futebol.

Encontro meu pai perto da janela, falando no telefone. Eu me aproximo e o interrompo por poucos segundos. Assim que ele confirma que irá instalar a rede, retiro-me e volto para onde os meus amigos estão.

O dia passa rapidamente entre risadas e muitas conversas. A maior parte das visitas já foi embora, e o vestido soltinho que eu usava foi substituído por um short térmico preto, colado ao corpo. Na parte de cima, coloquei apenas um biquíni azul- marinho.

O voleibol começa de forma improvisada. Como não há o número necessário de jogadores, colocamos quatro pessoas de cada lado. Eu, Gracy, Pedro e minha mãe de um lado e dois casais, amigos dos meus pais, do outro. Papai ficou responsável pela arbitragem.

Estamos jogando há quase meia hora. O jogo está difícil, trincado, mas me recuso a perder.

Observo papai sair e seguir na direção do portão, mas não lhe dou atenção. Em posição de saque, seguro a bola e saco, visando marcar um ponto, mas para o meu azar, a bola bate na barreira e volta. Desdobro-me em duas para evitar que a equipe adversária consiga pontuar, contudo, ao tentar impedir que a bola caia na minha quadra, falho vergonhosamente.

Irritada, viro-me depressa e corro o mais rápido que posso para pegar a bola e voltar a atacar. Contudo, com o movimento rápido, não percebo a presença de um homem que caminha distraidamente próximo ao local onde estou, e o nosso choque é inevitável. Caímos os dois com tudo no chão.

Por sorte, caio por cima dele e não me machuco, mas sinto meu coração falhar uma batida

quando vejo que o tal homem é o Cadu. Pela sua expressão, ele não teve tanta sorte quanto eu.

— Porra! — ele xinga e praticamente me empurra, fazendo com que eu saia de cima do seu colo. Vejo o homem colocar a mão em cima do pênis e se contorcer, sem ar. — Minhas bolas.

— Cadu? — Desesperada, nem ao menos percebo a hora que retiro suas mãos do local machucado e começo a massageá-lo. — Gente, ajuda aqui, ele está machucado — grito.

Massageio seus testículos de leve, nervosa e suando frio. A culpa está me consumindo. Ele tenta conter meus movimentos, segurando os meus pulsos. É neste momento que ouço sua voz sofrida e falha:

— Bia... Você está segurando o meu pau. — O ar parece faltar em meus pulmões.



CAPÍTULO 6

CARLOS EDUARDO

Após passar o dia com meus pais, despeço-me e sigo para a casa de Felipe. Assim que chego, sou atendido por ele no portão. O homem me cumprimenta e me dá espaço para entrar, logo depois, segue na direção da área da piscina, onde vejo algumas pessoas jogando voleibol.

Sigo-o devagar, inspecionando as mulheres que correm e pulam loucamente atrás da bola para evitar que o grupo adversário marque pontos. Aproximo-me da quadra e paro quando ouço o toque do meu celular. Olho o visor e atendo ao ver que é uma das minhas “amigas” de cama.

— Oi, querida.

— *Oi, mi amor. Que saudades eu estava de você.*

Repuxo os lábios em um sorriso sarcástico quando ouço a revelação nada verdadeira.

— Não seja falsa, Raquel. Nós dois sabemos do que você está com saudades, e não é de mim — brinco, mas com um fundo de verdade. Refiro-me a ela estar com saudades do meu pau e da minha conta bancária. É disso que elas gostam, de rola e dinheiro.

— *Tem razão, mi amor, estou com saudades do seu pau* — diz com a voz manhosa.

— Sinceridade é tudo — debocho.

Raquel gargalha do outro lado da linha e eu continuo andando distraidamente, enquanto a ouço. A voz sedutora, porém dengosa, traz até mim uma mistura de indiferença e tédio. De todo modo, Raquel ganhou alguns pontos comigo por não ser uma mulher pegajosa. Ela sabe que quero apenas transar e nada mais, e aceitou as minhas condições sem maiores questionamentos. É por esse motivo que ela é uma das únicas com quem repito a dose quando estou sem saco para ir à caça.

— *Tem um tempinho para mim, hoje à noite?* — pergunta com voz suave.

Repuxo os lábios em um sorriso cínico e abro a boca para respondê-la, contudo, sou surpreendido por algo que faz todo o ar sair dos meus pulmões. Como um carro desgovernado, sou atropelado por alguém que corre na minha direção e se choca com tudo contra o meu corpo. Como estava distraído, e devido à pancada brusca, caímos os dois no chão. Meu celular voa para longe.

— Porra! — O pior é que a pessoa cai no meu colo com tudo. Sinto a pressão do peso dela nas minhas bolas e seu frio. Tudo acontece tão depressa que só consigo identificar que é uma mulher e a tiro de cima de mim o mais rápido que posso. Contorço-me no chão por causa da dor e cubro os meus testículos com as mãos, antes que a louca resolva terminar o serviço e acabar de esmagar os meus futuros filhos. — Minhas bolas.

A dor é latente, mas, por sorte, a pancada não pegou em cheio. Do contrário, eu sairia daqui direto para um hospital.

— Cadu? — Ouço a voz assustada da mulher e, ainda grogue, abro os olhos para identificá-la.

Vejo uma Beatriz assustada e nervosa, que nem ao menos percebe quando retira minhas mãos de cima do meu pau e começa a massagear-me em todos os lugares, desajeitadamente.

É uma situação no mínimo estranha. Puta merda.

Ela começa a gritar, nervosa, pedindo socorro e, inocentemente, agarra o meu pau. O mais estranho é que a dor brutal que eu sentia começa a dar espaço a outras sensações mais peculiares. Engulo em seco.

Seguro os seus pulsos para impedi-la de continuar tocando-me dessa forma extravagante, mas quando ela se volta para mim, com aqueles olhos tão intensos quanto um quartzo verde polido, sinto o traidor do meu pau enrijecendo, contrariando todas as vontades da minha mente.

— Bia... Você está segurando o meu pau — digo com a voz falha, ainda sem conseguir definir se é de dor ou de tesão.

Ela estremece, arregalando os olhos, e afasta-se, petrificada.

Desço meu olhar rapidamente pelo seu busto e franzo o cenho quando me dou conta que essa região me parece familiar. Bia percebe o meu olhar confuso, analisando-a, e levanta-se rapidamente.

Neste instante, todos que estavam na quadra chegam até mim, fazendo um enorme alvoroço, tentando entender o que aconteceu. Volto a colocar a mão em cima da minha virilha para disfarçar o volume que começou a se formar e explico o ocorrido.

Inesperadamente, Bia desaparece da vista de todos, deixando-me surpreso e ainda mais confuso com o comportamento assustado dela quando a analisei. Apesar de ser uma menina linda e atraente, é filha de Felipe, pessoa que respeito e trato como irmão. Automaticamente, entrou para a lista de mulheres que jamais levarei para a cama. Sem contar o fato de que tenho o dobro da sua idade. Contudo, a sensação que senti quando ela me tocou deixou-me intrigado.



BEATRIZ

Quando vejo que Cadu analisa o meu busto e franze o cenho, pareço acordar do choque que me atingiu quando ele alertou que eu estava segurando o seu pênis. Levanto-me depressa e saio da vista de todos. Entro em casa e vou direto para o meu quarto. Tranco a porta e recosto-me na madeira, sem ar, aflita.

Será que ele reconheceu algo em mim, da foto que mandei? Seria possível?

Trêmula, caminho até a cama e me deito.

Aquele olhar intenso, tão azul como o oceano, tão marcante como safiras. Senti-lo tão próximo a mim, foi como ir ao céu e ao inferno ao mesmo tempo, porque, por mais que eu desejasse tanto tocá-lo, a situação constrangedora em que me meti não ajudou em nada. Na verdade, temo que ele queira se manter a mil quilômetros de distância de mim depois daquele ocorrido.

Suspiro fundo, derrotada, e penso em tomar um banho, mas ouço uma batida na porta e a voz preocupada de Gracy.

— Bia, está tudo bem? — Caminho na direção da porta e a abro.

— Oi, Gracy. — Deixo meus ombros caírem e dou um passo para o lado, para que ela entre. — Acho que eu acabei com o um por cento de chance que tinha de conquistá-lo — desabafo, sem ânimo, e sigo com ela até a cama.

Gracy senta-se e me analisa por poucos segundos, como se ponderasse o que diria a seguir.

— Realmente, acho que ele não vai querer correr o risco de receber outra pancada nos ovos tão cedo. — Minha amiga tenta manter-se séria, mas logo se desmancha em gargalhadas. — Bia, você é inacreditável. Mas talvez possa funcionar se, ao invés de ficar estática, você o ameaçar. Exija que ele te beije, se não irá receber um chute nas partes baixas também.

Reviro os olhos e jogo-me na cama, desiludida. Gracy gargalha por mais alguns minutos, fazendo algumas piadas bobas, e assim o tempo passa com toda a sua lentidão e angústia.

Logo Pedro aparece para se despedir e, pela graça de Deus, carrega Gracy consigo.

Tomo um banho rápido, coloco um vestido simples de cor vinho e tecido leve, amarro meus cabelos em um rabo de cavalo alto e retorno para a sala. Passo pelo cômodo vazio e sento-me no sofá preto. Aproveito e pego o livro *1984*, de George Orwell, que eu havia deixado em cima da mesinha. Abro-o e continuo a leitura de onde havia parado.

Leio algumas páginas distraidamente, mas, quando ergo o meu rosto e olho na direção da porta do escritório de papai, quase tenho um ataque do coração. Cadu está escorado na porta, encarando-me com seriedade. Seu olhar reflete curiosidade e divide a atenção entre o meu rosto e o livro que seguro.

Ele se aproxima, e eu engulo em seco, vendo o homem tão viril e confiante andar na minha

direção. Nem parece a mesma pessoa que se contorcia de dor há pouco.

— Não sabia que gosta de ler George Orwell — diz ele, fitando a capa do livro que deixei em meu colo.

— Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado — respondo, usando uma das frases de Tolkien. A resposta meio que sai no automático. — Eu... gosto de passar o meu tempo lendo... — completo em um murmúrio.

Cadu arqueia uma sobrancelha e encara meu rosto. Parece incrédulo. Seus olhos fitam os meus e, por um segundo, tenho a impressão de que ele analisa a minha boca.

Umedeço os lábios, nervosa.

— Pensei que garotas da sua idade gostassem de coisas fúteis, e não de ler livros que abordam assuntos tão complexos.

Sinto uma pontada de irritação quando ouço o tom sarcástico da sua fala, mas ignoro. O fato de estar conversando com ele tão de perto e, pela primeira vez, a sós, deixa-me de pernas bambas, e o meu cérebro parece não raciocinar direito.

— Acontece que não sou como todas as garotas — respondo, desafiando-o, mas arrependo-me instantaneamente. A verdade é que não sei o que dizer ou como agir perto dele.

Levanto-me quando percebo que papai se aproxima, já de banho tomado, com uma pasta na mão. Cadu permanece em silêncio, mas sinto meu coração acelerar quando ele me encara com uma expressão indecifrável no rosto. Parece pensativo, não sei ao certo. Também não consigo definir se é boa ou ruim a forma com que seu olhar me queima com tanta intensidade.



CAPÍTULO 7

BEATRIZ

De frente para o espelho, observo o vestido nude que se emoldura tão perfeitamente à minha cintura. A gola em v é discreta e valoriza as formas dos meus pequenos seios, ao mesmo tempo que o restante da roupa se cola ao meu corpo, tapando até a metade das coxas. Digamos que estou vestida à altura de um jantar elegante, porém, estou nervosa.

Só de pensar que em alguns minutos estarei em uma mesa, ao lado do senhor e senhora Ferraz, de frente para *ele*, sinto meus nervos gélidos e sinto-me paralisada. Desde aquele ocorrido na área da piscina, há uma semana, não tive coragem de enviar-lhe outra mensagem fingindo ser a tal Bianca. Também não o vi mais depois de nossa curta conversa na sala.

Solto os meus cabelos, que caem em ondas castanhas, alinhadas e sutis em minhas costas. Passo o batom vermelho como sangue em meus lábios e finalizo com um perfume suave. Fecho os olhos à procura de calma e assim permaneço até ouvir uma batida na porta.

— Filha, está pronta? — pergunta minha mãe.

— Sim, mamãe. Estou pronta — murmuro.

Continuo parada, ansiosa e sem forças para me mover. Penso em dizer que não irei, mas, ao mesmo tempo, meu subconsciente diz para que eu vá e, na primeira oportunidade, me declare para

ele. Perco-me em meus pensamentos e até me esqueço que mamãe me aguarda do lado de fora, só volto a me recordar quando ela abre a porta e entra.

— Querida, o que foi? — pergunta ao ver que estou cabisbaixa. Nem consigo disfarçar.

Levanto a minha cabeça e a encaro. Mamãe ainda é jovem; as faces são coradas e a pele firme como se ainda possuísse vinte anos, e não mais que quarenta.

— Mamãe ... A senhora já amou outro homem que não foi o papai? — pergunto, tentando sanar um pouco da minha curiosidade e entrar em um assunto delicado. Sinto que devo falar com alguém experiente.

Minha mãe ergue uma sobrancelha e caminha na minha direção. Cruza as mãos em frente ao vestido azul-marinho que usa.

— Por que essa pergunta agora, querida? — questiona.

— É que... preciso entender algumas coisas... Algo que estou sentindo.

Com o olhar confuso, mamãe assente, segura na minha mão e guia-me até a cama para nos sentarmos.

— Já tive algumas paixonites antes do seu pai, sim. Mas amar, amar mesmo, a gente só ama uma vez, e eu senti isso no dia em que o vi pela primeira vez. — Ela parece se perder no tempo, pois sua expressão suaviza-se e seus olhos amarelados se iluminam.

— E todas as vezes que o via, a senhora se sentia como se estivesse perdendo o chão? Como se seu corpo flutuasse e nada mais no mundo existisse a não ser ele?

Ela sorri e me fita. Seu olhar parece captar tudo o que estou sentindo. Confirmo isso no brilho do sorriso que se abre em seus lábios.

— Você está apaixonada, querida? — pergunta e toca o meu rosto, deslizando as costas da mão nas minhas bochechas.

— Acho que sim — digo e umedeço os meus lábios. — Mas ele não sabe — completo.

Curiosa, mamãe franze a testa e questiona:

— Quem é ele? Algum colega da faculdade?

Um pouco aflita, levanto-me da cama e fico de costas para ela, para que eu consiga camuflar a verdade que meu olhar não conseguiria esconder.

— Não. E... a senhora também não o conhece — minto, nervosa.

Ouçoo seu suspiro em minhas costas e sinto o toque de suas mãos no meu ombro em seguida.

— Filha, pode confiar em mim. Eu sou sua mãe.

Viro-me e a encaro.

— Eu sei.

Ela sorri.

— E ele? Também está apaixonado por você?

— Tenho certeza que não! — afirmo.

— Tem certeza? Você é tão linda e inteligente. Qualquer homem...

— Mamãe — interrompo-a. — Ele é inalcançável para mim.

Ainda sorridente, mamãe diz:

— Tente. Diga a ele. Só não consegue o que quer quem não se dá ao luxo de tentar. — Dito isso, ela vira as costas e segue na direção da porta. Antes de sair, completa: — Te espero lá embaixo. Se apresse.

Respiro fundo, pego meu celular e abro o aplicativo de mensagens. Vou direto no contato dele.

A imagem de Eduardo dentro do escritório da empresa preenche a foto do perfil. O rosto másculo e destemido, a expressão imbatível. Posso dizer que ele é o homem mais bonito e intimidante que já conheci em toda a minha vida.

Um pouco trêmula, digito uma resposta atrasada para o comentário que ele havia feito na semana anterior.

É um prazer saber que te deixei excitado. Precisamos dar um jeito nisso. ;)

Envio a mensagem, guardo o celular na minha bolsa de mão e desço as escadas.



Na sala, converso distraidamente com mamãe e a senhora Ferraz. A mulher elegante, com os cabelos loiros perfeitamente arrumados em um coque alto, usando um conjunto de saia e terninho cinza, é um poço de gentileza e requinte.

Enquanto fala sobre o estado depressivo do marido, que até este momento não compareceu à sala, ouço o toque da campainha e vejo o mordomo seguir até a porta. Logo, um grupo de pessoas se junta a nós e, contente, a senhora Ferraz nos apresenta uma por uma. Ela começa pelo homem bonito e educado que a cumprimenta com um aperto de mão e um beijo no rosto.

— Queridas, este é Andrew Thompson. Um velho amigo do meu marido que está passando alguns dias de férias aqui no Rio.

O homem nos cumprimenta com um sotaque arrastado, logo, presumo que não é brasileiro.

— Prazer, senhor Andrew — cumprimento e aperto a sua mão. Mamãe faz o mesmo.

— E estes são Alexander e Angelina. Estou certa? — diz a senhora Rebeca.

Só então volto-me para o casal que está atrás de Andrew, que dá um passo para o lado e apresenta os dois como sua filha e genro. O homem alto, cabeludo e de olhar intimidante mantém-se sério enquanto aperta a mão de todos na sala. Sua mão possessiva não larga a cintura da esposa por um só segundo.

Acabo viajando para longe ao analisar a mulher tão pequena e linda que se assemelha a um anjo, enquanto ele, ao mesmo tempo que é bonito e rústico, possui quase o dobro do tamanho dela. Pergunto-me como ela aguenta um homem desse tamanho. Se bem que Cadu não tem o porte menor que este Alexander e eu não sou muito maior que Angelina.

Sinto minhas bochechas enrubescerem quando me dou conta que estou pensando em safadezas enquanto a senhora Ferraz fala algo comigo. Nem presto atenção no que ela diz, apenas assinto e volto meu olhar para a porta ao ver que mais uma vez o mordomo a abre.

Desta vez, meu coração falha uma batida quando vejo quem entra na sala. Pareço flutuar.

O terno preto, o maxilar másculo, o olhar viril e confiante. Eduardo entra e para por alguns instantes, pondo as mãos nos bolsos da calça. Ao longe, vejo-o erguer uma sobrancelha e virar-se,

olhando para fora. Parece impaciente.

Continuo petrificada, admirando-o até sentir um aperto no peito quando uma mulher morena, de corpo escultural repleto de curvas, entra na sala e cruza o braço no dele. Ao olhar para onde estamos, ela sorri e ambos caminham na nossa direção.

Não consigo disfarçar a decepção que sinto ao vê-lo acompanhado de outra mulher. Não consigo nem sequer desviar meu olhar.

Aperto com força a pequena bolsa que seguro, tentando disfarçar o nervosismo que me toma. Quando os dois se aproximam, procuro disfarçar a minha irritação e dirijo minha atenção para os lados, à procura de algo no qual eu possa focar, contudo, parece ser tarde demais. Percebo isso no olhar travesso e no sorriso debochado que a mulher me dirige.



CAPÍTULO 8

CARLOS EDUARDO

Desço do carro e aguardo que Raquel me acompanhe. Assim que ela cruza o braço no meu, seguimos na direção da porta. Contudo, antes de chegarmos, ela para e pede que eu a espere por um instante, enquanto arruma o cabelo. Impaciente, sigo para o interior da mansão e aguardo. Não entendo que mania boba é essa que as mulheres têm de se preocuparem com coisas tão desnecessárias. O cabelo dela estava perfeitamente arrumado. Essas futilidades me deixam irritado e já começo a me arrepender de tê-la convidado para me acompanhar nesse jantar.

A mulher me alcança e volta a cruzar o braço no meu. Viramo-nos e seguimos até o grupo de pessoas que conversam na sala de visitas.

Vejo o tal Alexander agarrado à cintura da esposa, mas mantenho minha pose de bom samaritano como se nada tivesse acontecido. Andrew já havia me ligado para informar que sua filha e genro também iriam comparecer ao jantar. Quando o homem me vê, cerra o maxilar e fecha a expressão, deixando claro o quanto a minha presença o desagrada.

Abro um sorriso cínico e o ignoro. Aproveito para fazer uma rápida inspeção pela sala, enquanto caminho. Vejo minha mãe conversando alegremente com Andrew e a esposa de Felipe. Do seu lado esquerdo, está Beatriz. Eu mentiria se dissesse que não voltei o olhar para ela mais

uma ou duas vezes disfarçadamente. A garota está um espetáculo de linda dentro do vestido justo. Contudo, observo que ela olha na minha direção e muda a pose; parece ter ficado desconcertada. Imagino que ainda se sinta envergonhada depois de ter agarrado o meu pau na piscina. Se Felipe souber de uma desgraça dessas, arranca minhas bolas fora, mas o toque daquelas mãozinhas em mim fez o meu pau corresponder de uma maneira descontrolada, como nenhuma outra mulher conseguiu fazer tão facilmente.

— Boa noite — cumprimento e aperto a mão de todos presentes. Exceto a de Alexander, que me deixa com a mão estendida no ar, causando um desconforto no ambiente. Imbecil.

O clima tenso é quebrado quando Raquel passa a mão pela minha barriga e resolve abrir a boca. Já começa falando merda.

— Não vai me apresentar aos seus amigos, *mi amor*?

Minha mãe arregala os olhos e abre um sorriso iluminado quando escuta a menção do apelido idiota dirigido a mim. Fecho os meus punhos, nervoso, e retiro as mãos de Raquel da minha cintura. Ela sabe que este apelido ridículo é estritamente proibido de ser dito em público.

Apresento-a a todos como uma amiga de longa data, o que não deixa de ser verdade, e me afasto um pouco.

— Onde estão Felipe e o meu pai? — pergunto, desviando o foco da conversa.

— Estão no quarto, querido. Logo vão aparecer por aqui — diz minha mãe.

— Irei até eles, com licença. — Viro-me e dou um passo para sair. Deixo Raquel na companhia do restante dos convidados. Preciso me afastar antes que eu perca os últimos frangalhos de paciência e a mande embora. Não aturarei outra indiscrição da parte dela.

Passo por Beatriz e, involuntariamente, meu corpo roça em seu braço de leve. A sensação de tocá-la me causa arrepios. Acabo virando o meu rosto e a fito. Percebo que ela me encara também, mas desvia o olhar rapidamente.

Ergo uma sobrancelha, curioso, ao ver que ela respira descompassadamente. Parece um gatinho assustado, e não a mesma menina que me desafiou na sala de sua casa, há uma semana, embora o nariz empinado e a tentativa falha de indiferença continuem estampada em seu rosto. A garota simplesmente finge que não me vê parado, encarando-a.

Por que merda ela está agindo dessa maneira?

Desvio minha atenção dela e sigo para o quarto do meu pai. Ao entrar, vejo-o de pé,

segurando uma bengala, enquanto Felipe o ajuda.

O homem está magro, definhando dia após dia. O rosto enrugado está sem vida, o olhar já não brilha mais. A doença praticamente levou a vida do meu pai embora, e vê-lo assim não me agrada, por mais que tenhamos nossas diferenças. No entanto, continuo impassível. Não quero que ele confunda a minha aflição com pena.

— Precisa de ajuda? — pergunto.

— Não é necessário — diz meu pai, ríspido. Tudo que ele mais odeia na vida é depender dos outros. Lá no fundo, compreendo-o, porque sou da mesma forma.

Dou de ombros e me afasto para que eles passem pela porta. Felipe me encara pesaroso, mas nada diz. Acompanho-os até a sala de jantar, e logo o restante dos convidados se junta a nós, sentando-se em seus lugares.

Raquel faz questão de sentar-se do meu lado. Enquanto a comida é servida, minha mãe engata uma conversa com Andrew, Felipe e sua esposa.

Hora ou outra, vejo o olhar cintilante de Beatriz passar por mim e por Raquel. Ela mal toca na comida e mantém-se calada todo o tempo.

— Que garota mais estranha, não acha, querido? — Raquel sussurra em meu ouvido e indica na direção de Beatriz, sutilmente.

— Por que estranha? Ela é apenas uma menina tímida — respondo, sem muito interesse na conversa.

— Tímida ou bobinha apaixonada?

Confuso, viro-me para fitá-la.

— O que quer dizer?

— Ah, Eduardo, faça-me o favor. Não diga que não percebeu? — Raquel ergue uma sobrancelha e crava os olhos no meu rosto, como se perguntasse em que mundo vivo.

— E o que eu deveria perceber, Raquel? Seja clara.

— É simples: a menina está apaixonada por você. Percebi isso assim que chegamos, pela forma com que ela nos encarou decepcionada. — A mulher sorri com sarcasmo e volta a falar. — Imagine só, uma coisinha dessas achando que tem chances com você. Era só o que me faltava.

Desacreditado, passo meus olhos pela garota, que leva um mínimo pedaço de frutos-do-mar

à boca, e viro-me na direção de Raquel.

— Não diga besteiras. Como disse, ela é só uma menina.

— Uma menina que também sente tesão. E pelo visto é gulosa. — A mulher sorri. — Coitadinha.

— Já chega. Você está ultrapassando todos os limites — repreendo-a em um sussurro, nervoso. — Não irei mais tolerar suas indiscrições. Beatriz é filha de Felipe, ele é praticamente meu irmão, e eu os respeito.

Digo a última palavra mais alto do que deveria, e, ao voltar minha atenção para os convidados, vejo que todos me encararam confusos, inclusive Beatriz.

— Tá tudo bem? — pergunta minha mãe.

— Está sim, senhora Ferraz — responde Raquel, fingida. Pergunto-me onde eu estava com a cabeça quando resolvi trazer uma foda para jantar na casa dos meus pais. — Só estou discutindo um assunto importante com seu filho.

Respiro fundo e volto a comer. Ao terminar o jantar e a sobremesa, todos se retiram da mesa e vão para a sala de visitas, inclusive meu pai.

Vejo que Beatriz não se junta aos outros. Parece deslocada. Ela pega uma taça de vinho e se acomoda em um canto afastado, enquanto beberica a bebida.

— Querido, onde fica o toalete? — pergunta Raquel.

Digo a ela a localização do banheiro e, enquanto se afasta, junto-me aos outros. Minutos depois, pego meu celular para verificar as mensagens e vejo que há uma resposta bem ousada da tal Bianca.

É um prazer saber que te deixei excitado. Precisamos dar um jeito nisso. ;)

Sorrio e digito uma resposta.

Vai acabar se queimando, criança.

Volto a guardar o aparelho e, quando levanto os olhos e fito na direção de Beatriz, percebo que ela olha algo no seu aparelho e também sorri. Confesso que essa coincidência deixa meus sentidos aguçados. Seria possível? Será que... Não!

Tiro da minha cabeça qualquer possibilidade de que seja ela a autora das mensagens, mas a curiosidade me instiga a aguardar uma resposta. Fico prestando atenção em cada movimento que ela faz, contudo, sua atenção é desviada quando Raquel se aproxima e segura em seu braço.

As duas trocam algumas palavras, mas a essa distância não consigo identificar o assunto. FRANZO a testa, desconfiado do teor dessa conversa, e dou um passo na direção das duas. Porém, paro no meio do caminho, incrédulo quando vejo Beatriz virar a taça de vinho no decote de Raquel, enquanto a encara desafiadoramente. A essa altura, conhecendo minha acompanhante como conheço, sei que ela falou o que não devia e recebeu exatamente o que mereceu.

Admito que essa atitude de Beatriz me surpreende. Vê-la fitando Raquel corajosamente, tão menina, mas também tão mulher. A mesma que me desafiou dias atrás.

Isso, garota!

Quando percebo, estou sorrindo, orgulhoso da mulher linda e confiante que ela está se tornando.



CAPÍTULO 9

BEATRIZ

O jantar transcorre lento e agonizante. A cada segundo que se arrasta, preciso me segurar para não vomitar de tanta repulsa que sinto dessa Raquel. Seu olhar de indiferença na minha direção, enquanto conversa com o Cadu, deixa claro que ela não passa de uma víbora asquerosa e, quando o vejo conversando com essa mulher, tenho ímpetos de jogar a comida na cara dele.

Como o Cadu pode se envolver com uma mulher tão baixa?

Quando o jantar termina, todos se retiram da mesa. Pego uma taça de vinho para tentar disfarçar a minha irritação e me afasto das demais pessoas. Sinto-me perdida, arrependida de ter vindo.

Encaminho-me para a sala e me acomodo em um canto afastado, enquanto tomo um pequeno gole da bebida suave. A tristeza me toma e um aperto tão grande em meu peito faz com que meus olhos se encham de água. Sinto-me humilhada.

Vejo a mulher sair na direção do toalete, mas finjo que suas ações não me incomodam. Tentarei ignorá-los o máximo que posso até finalmente poder ir embora.

Estou presa em meus pensamentos, quando ouço o toque de mensagens do meu celular. Pego o aparelho e olho o visor para me certificar que não estou perdendo nada importante. Meu coração

dispara quando vejo que é uma mensagem dele em resposta à que enviei mais cedo.

Vai acabar se queimando, criança.

No mesmo instante, até me esqueço de toda a raiva que estou sentindo. Sorrio e, dessa vez, tenho certeza que o sorriso alcança os meus olhos. Ele nem imagina o quanto estou disposta a me queimar.

Cogito responder-lhe, movida pelo calor da ansiedade, e começo a digitar algo bobo.

De repente, ficou quente aqui.

Espero alguns segundos, ainda decidindo se envio ou não. Contudo, sou surpreendida por alguém que segura o meu braço com força, obrigando-me a ignorar o conteúdo da mensagem e a levantar o olhar. Meu sangue ferve e meu corpo treme assim que me dou conta de quem se trata. Raquel, em carne e osso, na minha frente, a dita cobra.

— O que pensa que está fazendo, ratinha? — A mulher analisa-me dos pés à cabeça, desdenhosa. Seu olhar escuro está enfurecido, destilando cólera.

Fecho a minha expressão, irritada. Ela pode até estar com o Cadu, mas não me permitirei ser pisada.

— Primeiramente, solte o meu braço. Segundo, para você é Beatriz. Tenha mais respeito ao falar com as pessoas.

Ela sorri e aperta ainda mais o meu pulso.

— Coitadinha. — Aproxima-se e fala quase sussurrando. — Fique longe dele, querida. Acha que não vi seu olhar apaixonado? Tire os olhos do meu homem. Ele não é compatível com uma ratinha magricela e inexperiente como você.

Sinto meus nervos inflamarem com as palavras dela. Meus olhos lacrimejam, minhas pernas tremem. Mas não darei esse gostinho a ela. Posso estar ferida e magoada, mas não irei baixar a cabeça para essa mulher.

Fito os seus olhos, decidida, e, quando ela aperta ainda mais meu braço, levanto a mão livre que segura a taça de vinho e despejo todo o conteúdo dentro do seu decote.

A mulher arregala os olhos, surpresa, e se afasta.

— Tire as mãos de mim, sua louca — digo, ríspida. Encaro-a, destemida. Seja o que Deus quiser.

— Olha o que você fez, garota! Meu vestido de grife. — Ela passa a mão pelo vestido vermelho, lamentando a mancha que se forma no busto. Engulo em seco quando imagino o que ela irá fazer comigo assim que os olhos chamuscados se voltam para mim.

Dou um passo para trás.

— Sua ratinha asquerosa...

— O que está acontecendo? — Ouço a voz de Eduardo e olho em sua direção. O homem encara-nos, impassível, mas percebo um traço de divertimento nos olhos azulados. Ele aproxima-se ainda mais. Olha para mim e em seguida para a Raquel. — Digam, estou esperando.

— *Mi amor*, por favor, leve-me para casa. Olha o que essa guria fez com o meu vestido — diz ela, apontando para o decote molhado. Os seios quase saltam para fora.

Reviro os olhos e bufo, mal podendo acreditar no quão cínica ela pode ser.

— Não poderei ir agora, Raquel, irei chamar um táxi para você — diz ele e acena para o mordomo que está servindo algumas taças de vinho para os convidados.

Raquel fecha a expressão e me encara uma última vez, destilando veneno pelos olhos. Em seguida, vira-se na direção dele.

— Pensei que fosse passar a noite comigo, Edu. Foi o que combinamos.

Aperto a taça que seguro com mais força quando ouço as palavras dela. Sinto que ela diz isso apenas para me provocar, e meu peito se aperta.

— Me chamou, senhor Carlos Eduardo? — pergunta o mordomo ao se aproximar.

— Chame um táxi para a senhorita Raquel — ele ordena e vira-se na direção da mulher. — Sinto muito, querida. Mudança de planos.

Chocada, vejo-o passar os dedos pelo queixo dela e piscar o olho, descartando a mulher como um nada. Engulo em seco e sorrio internamente. Mal posso acreditar que ele realmente vai mandá-la embora.

Ao me dar conta que os encaro sorridente, disfarço e decido sair de vista. Caminho na direção da porta de saída e dou a volta pelo jardim.

Tudo em mim parece se renovar.

A noite está agradável, um vento suave sopra e balança os meus cabelos enquanto caminho. Quando vejo que Cadu e Raquel também saem, resolvo me camuflar pelas sombras na lateral da casa para passar despercebida por eles. Acabo caminhando mais do que deveria e, quando me dou conta que estou quase nos fundos, ouço alguns sussurros vindos da área de serviço.

Curiosa, dou alguns passos devagar na direção dos sussurros e fico atrás de algumas plantas, escondida. Abaixo-me e retiro alguns galhos da minha frente, contudo, a essa distância, não consigo identificar do que se trata.

Eu deveria ignorar os sussurros e retornar para dentro, fingir que nada chamou a minha atenção. Mas a gata que vive dentro de mim fala mais alto e tudo que faço é sair de trás das plantas e andar agachada até me aproximar o suficiente para descobrir do que se trata.

Atrás de alguns vasos grandes de barro, vejo o casal Alexander e Angelina aos beijos. Percebo que a mulher tenta se esquivar dos braços do marido, mas o homem a instiga a continuar.

Preciso tapar a boca para não deixar escapar um murmúrio de surpresa quando vejo o homem virá-la de costas e traçar beijos pelo seu pescoço, enquanto ergue o vestido. Assim que ela se firma na parede, ele a penetra forte, por trás, ao mesmo tempo que coloca a mão na boca da mulher para abafar seus gemidos.

Admito que os ver dessa maneira, tão intensos e apaixonados, faz o meu corpo ficar quente e tudo o que penso é em ter um momento assim com o Cadu. Aos poucos, sinto um líquido quente e denso umedecendo a minha calcinha. Ofego e, instintivamente, firmo as minhas mãos em um dos vasos.

Quando eles terminam, forço meu corpo a erguer-se para que eu possa sair daqui o mais rápido possível. Contudo, minhas pernas trêmulas falham e preciso segurar-me com força em um dos jarros. O problema é que, devido à distração, não percebo que este é o único vazio e, com o peso do meu corpo, ele cai no chão com tudo, e vou junto, com os joelhos no piso.

Arde um pouco, mas o que mais me apavora erguer o olhar e ver que o casal me observa com os olhos arregalados. A mulher principalmente. Envergonhada, levanto-me depressa e corro na direção do jardim, ofegante, com o coração quase saindo pela boca.

Ao me aproximar da porta de entrada, paro e coloco a mão no meu peito. Preciso me

acalmar um pouco antes de entrar e ter que responder às milhares de perguntas que mamãe irá fazer por eu ter sumido.

Estou com a cabeça baixa, distraída, quando ouço a voz de Eduardo nas minhas costas, chamando-me.

Viro o meu corpo e o encaro. Os olhos oceânicos me fitam, pacíficos, intensos. Deixam-me ainda mais tensa. Desço meu olhar pelo seu corpo e quase deixo escapar um gemido quando observo tronco másculo e viril, moldado pelo terno elegante. Os braços fortes, os ombros largos, as coxas grossas e bem torneadas. Não sei se corro dele ou para cima dele.



CAPÍTULO IO

CARLOS EDUARDO

— Estou triste com você, *mi amor* — Raquel aproxima-se, fica na ponta dos pés e enlaça o meu pescoço. — Combinamos de passar a noite juntos, fazendo loucuras entre quatro paredes. — Pisca.

Seguro os seus pulsos e os retiro do meu pescoço. O riso sarcástico que deixo escapar da minha boca faz com que ela feche a cara, irritada.

— Sinto muito destruir os seus sonhos, querida, mas já deixei claro que este é um jantar de família. O único motivo pelo qual eu a convidei foi porque pensei que você poderia ser uma boa companhia, mas, ao invés de se comportar como se deve, na primeira oportunidade fez um escândalo. Acrescente a isso a forma intimista com que age e me chama por esse apelido ridículo em público. Que merda deu em você, Raquel?

— Eu fiz um escândalo? Aquela rat...

— Olha como fala — interrompo-a, nervoso. — Já falei para se referir à Beatriz com respeito.

— Qual é agora, Cadu? Vai ficar defendendo aquela pirralha? Olhe o que ela fez com o meu vestido. — Ela aponta para o decote do vestido, manchado com o vinho, e continua — Por acaso

está interessado nela?

— Porra! Beatriz é só uma menina. Pare de falar merda e entre logo no táxi. — Aponto para o carro que está parado próximo à calçada a alguns metros de distância.

— Não é o que parece. Acha que não vi você olhando para ela quando fui ao banheiro?

Impaciente, franzo a testa e passo a mão na barba que começa a despontar. Raquel está ultrapassando todos os limites da minha paciência. Nunca lhe dei liberdade para se meter nos meus assuntos. Nem ela, nem nenhuma outra mulher.

— E se eu estiver interessado? O que isso mudaria? Você nunca se importou em me dividir com mais dezenas de mulheres — digo com rispidez apenas para provocá-la e fazê-la entender que não lhe devo satisfações. — E esse é o único motivo pelo qual ainda te fodo. Só te trouxe porque pensei que você se portaria como uma dama e não como uma puta.

— Não percebe, Cadu? Ela está te seduzindo e você nem se dá conta!

— Não diga asneiras, Raquel. Entra logo na merda desse táxi, antes que eu te jogue aí dentro.

— Por que está agindo assim? Não vê que ela não é mulher para você? Aposto que ainda é virgem, sem experiência nenhuma.

Puxo o ar para os meus pulmões e conto até três para não perder as estribeiras com essa mulher.

— Terminou? — pergunto, cerrando o maxilar. — Já pode ir, está dispensada. Não irei te comer hoje.

Raquel arregala os olhos, chocada, e logo depois fecha a expressão. Contudo, pouco me importo com seu fingimento barato. Nunca menti ou a enganei, sempre deixei claro que para mim só importava a sua boceta.

Assim que ela entra no táxi, dou meia volta e sigo na direção do jardim.

Ainda do portão, vejo Beatriz passar correndo e parar próximo à porta de entrada, ofegante. Apresso o passo na sua direção, mantendo meu olhar compenetrado em cada movimento que ela faz, e, ao me aproximar o suficiente, a chamo:

— Beatriz? — Ela se vira com o olhar assustado e me analisa dos pés à cabeça. — Aconteceu alguma coisa?

A garota abre e fecha a boca algumas vezes, sem conseguir formular uma frase. De onde estou, posso sentir as tremuras do seu corpo.

— É que... Eu... — gagueja e gruda o corpo na parede, como se se sentisse incapaz de permanecer em pé sem se firmar em algo sólido.

“A menina está apaixonada por você.” Lembro das palavras de Raquel e estreito os olhos, pensativo, enquanto a observo. Ela estará assim devido a minha aproximação? Estará nervosa? Essa possibilidade nunca havia se passado pela minha cabeça, da mesma forma como jamais a olhei como uma mulher, mas, agora, vendo-a tão perto, observo os lábios vermelhos tão sensuais e os desejo, mesmo que minha consciência diga para que eu mantenha distância.

Desço os meus olhos pelo corpo esguio e atraente. Pergunto-me onde ela havia se enfiado todo esse tempo? Como demorei tanto para notar o quanto ela cresceu e se transformou em uma mulher tão bonita?

— O senhor... quer dizer, você quer alguma coisa? Está me olhando de uma forma estranha — diz ela, em um murmúrio tímido.

Só então percebo que demorei mais do que deveria em seu corpo. Levanto meu olhar e fito os seus. Beatriz encara-me confusa.

— Sou tão velho assim? — pergunto, ao recordar que ela se referiu a mim como senhor.

— Na verdade, não. É costume. Papai sempre me incentivou a chamá-lo assim.

A menção de Felipe no meio da conversa deixa-me irritado comigo mesmo. Lembrar que ela é filha dele faz todos os meus nervos entrarem em combustão, e eu me amaldiçoo internamente.

Balanço a cabeça em negativa e sorrio contrariado. Porra! É a Bia, Cadu. Você não pode desejá-la. Praticamente a viu crescer.

— Diga-me, Beatriz. Qual a sua idade? — questiono e volto a fitá-la.

Continuo passivo, admirando-a, enquanto aguardo a sua resposta. A pele é levemente bronzeada e o olhar vívido e encantador como um quartzo esverdeado.

— Dezoito, Eduardo — responde, arfante. — Por quê?

Putá que pariu. Dezoito aninhos e já com esse corpo tão sedutor?

— Curiosidade apenas — desconverso e tento disfarçar o efeito eletrizante que ela me causa. Porém, o clima tenso e o teor magnético que parece surgir entre nós deixa bem claro que o

meu corpo a quer, mesmo que eu lute para negar.

Coloco as mãos nos bolsos da minha calça quando sinto que meu pau começa a enrijecer apenas por ela passar a língua nos lábios grossos e suculentos. Admito que este movimento tão inocente me faz imaginar loucuras.

Vejo Beatriz abrir a boca para falar algo, contudo, parece mudar de ideia quando percebe um movimento incomum em minhas costas. Também olho para trás. O que vejo me faz entender por que Beatriz está tão nervosa. Não tem nada a ver com a minha aproximação.

Alexander segura a mão da esposa, enquanto caminha na direção da porta, mantendo um sorriso sacana na cara. Um sorriso satisfeito de quem fodeu e gozou gostoso para caramba, enquanto Angelina está com os cabelos desgrehados e o rosto vermelho, envergonhada.

Volto a minha atenção para Beatriz e vejo que ela tenta não olhar para os dois.

Quando a ficha cai, começo a gargalhar descaradamente, sem me importar com seu olhar matador na minha direção.

— Porra. Não acredito que você flagrou os dois — digo, ainda sorrindo.

— Foi sem querer, Cadu — responde, o rosto corado de constrangimento.

— Não precisa ficar envergonhada, Beatriz. Todo mundo faz isso — comento, tentando quebrar o clima tenso e constrangedor que a cerca. Contudo, ao observá-la, vejo que a menina continua séria, encarando-me com os olhos arregalados como um gatinho assustado. — Espera. Não me diga que... você nunca fez? — pergunto, desacreditado.

Por que alguém se manteria intocada até os dezoito anos? Imaginei que, em pleno século vinte e um, virgindade fosse artigo de luxo. Agora, estou frente a frente com uma virgem.

O problema é que essa descoberta, deixa-me ainda mais excitado e o meu instinto predador começa a gritar na minha cabeça.

— Prefiro não falar sobre isso — responde e olha para os lados.

— Nunca teve um namoradinho, menina? — Aproximo-me e pergunto, sério.

— Sim, eu já tive...

— E ele nunca tentou nada?

— É claro que tentou. Não sou mais virgem, nem nada disso que está pensando — responde com a voz falha, o peito subindo e descendo com a respiração descompassada.

— Você mente muito mal, pequena.

Ela abre a boca para revidar, mas sua voz falha quando percebe que fito a sua boca. Admito que a atração que começa a ser desperta em meu corpo faz com que eu anseie sentir a textura dos seus lábios. Esqueço momentaneamente que ela é proibida para mim.

Devagar, permito que meus dedos toquem o seu rosto. Deslizo-os até o seu queixo, fazendo com que ela me encare.

— O que vai fazer, Cadu? — pergunta, rouca. A voz tão aveludada faz ondas de desejo surgirem por todo o meu corpo.

— Uma loucura... — respondo e me aproximo mais. Porém, passos rápidos e precisos, vindos na direção da porta, me fazem recuar. Pareço acordar de um transe enlouquecedor.

— Filha? Onde estava? — Sua mãe aproxima-se e questiona. — Já vamos para casa, vá se despedir dos outros, querida.

Como se nada tivesse acontecido, afasto-me e sigo para o interior da mansão, mas a cada passo que dou, sinto os olhos dela queimarem as minhas costas.



CAPÍTULO II

BEATRIZ

Meu coração parece falhar uma batida quando ele toca o meu queixo e faz com que eu o encare. Prendo a respiração, trêmula, em expectativa. É como se eu estivesse pisando em nuvens, perdida dentro de um sonho que, por tantas noites, sonhei. O homem que amo, pela primeira vez na vida, está me olhando como uma mulher, não apenas a menina que viu crescer.

Quando ele se aproxima, fazendo menção de encostar os lábios sobre os meus, vejo dúvidas, mas também um fogo flamejante exalando do fundo do seu olhar. Cadu parece estar desnorteadado. Sua expressão transmite hesitação, mas logo dá lugar à certeza.

Meu corpo treme.

Meu Deus! Ele quer... Ele me quer.

Conto os segundos para senti-lo e me perder no sabor do seu beijo. Mas, como diz um velho ditado, tudo que é bom dura muito pouco. O barulho de passos próximos à porta faz com que ele dê um passo para trás e tire a mão do meu queixo, como se acordasse de um transe.

Quero gritar e chorar, pedir para que me beije, mas mudo de ideia quando ouço a voz da mamãe. Meu sonho de princesa se desfaz no ar como fumaça.

— Filha? Onde estava? Já vamos para casa, vá se despedir dos outros, querida. — Sem conseguir fitá-la, vejo Cadu virar-me as costas e sair, como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse quase me beijado há poucos segundos. — Beatriz?

Minha mãe me chama, e eu a encaro, sem rumo. Vejo seu olhar estreitar-se quando me encara. Ela olha para trás, no momento que o Cadu passa pela porta, e depois volta sua atenção para mim. Seus olhos se arregalam.

— Mamãe, oi... — respondo. Contudo, mesmo tentando disfarçar o choque momentâneo de tê-lo quase beijado, não consigo impedir que uma lágrima solitária e frustrada escape dos meus olhos. Ela percebe.

— Oh! Meu Deus. — Minha mãe coloca as mãos sobre a boca, assustada. — É ele... Como que não percebi antes... Por que não me disse, filha? — questiona.

Desvio o olhar e me recomponho. Amaldiçoo-me por ter permitido que ela percebesse o segredo que guardo há tantos anos.

— Desculpa, mãe. Do que a senhora está falando? — desconverso.

Ela abre a boca para falar, mas é interrompida pela voz de papai, que chega nos chamando.

— Em casa a gente conversa, querida.

Assinto e sigo até o interior da mansão. Despeço-me de todos e em poucos minutos chegamos em casa. Ao entrar, corro direto para o meu quarto. Procuro evitar essa conversa com mamãe, ao menos por hoje.

Após tomar banho e me trocar, deito-me na cama com o celular em mãos e vou direto no contato dele. Releio sua mensagem.

Vai acabar se queimando, criança.

Não sou criança coisa nenhuma, querido.

Envio a mensagem e aguardo. Em alguns minutos, vem a resposta.

Prove-me. O que sabe fazer, menina?

Meu coração dá um salto quando leio sua mensagem. Quanta ousadia.

Sorrio internamente e mordo os meus lábios, imaginando o que farei a seguir. Penso que se de alguma forma eu fizer com ele tenha interesse em mim virtualmente, Cadu não ficará tão bravo quando descobrir quem é a pessoa que se esconde atrás das telinhas.

Levanto-me e ando pelo quarto, pensativa. Decido ousar também.

Faço o que você desejar.

A resposta dele vem de imediato em uma chamada de vídeo. Quase deixo o celular cair no chão tamanho é meu susto. Corro de um lado a outro, pensando no que farei, mas, verdade seja dita, não posso atendê-lo. Do contrário, ele saberá de quem se trata.

Meu Deus, estou tão ferrada.

Espero a chamada de vídeo ser encerrada e, após alguns minutos, ele envia um áudio.

— *Ficou com medo, menina?* — A voz rouca e libertina explode no ar. Faz meus nervos inflamarem de uma forma terrivelmente deliciosa. — *Não irei morder você. Não tanto.*

Ainda é cedo para te atender. Talvez outro dia;

Respondo, trêmula, quase deixando o celular cair no chão.

Eu sou um homem feito, criança, e não tenho muito saco para ficar trocando mensagens. Mas se quiser ir para um motel agora, é só dizer que te pego em alguns minutos. Do contrário, irei dormir ;)

Pasma, leio e releio sua resposta mais algumas vezes para logo depois deixar o aparelho

sobre a cama. Ao mesmo tempo que sorrio, tenho vontade de esganá-lo por ser tão cachorro. Como pode? Há pouco tempo quase me beijou, e agora está chamando outra mulher para um motel. Cretino descarado...

Bufo irritada e volto a pegar o celular quando ouço o toque de mensagens. Quase infarto quando abro a mensagem e vejo a foto sensual e terrivelmente erótica que ele acabou de enviar.

A camisa social está com todos os botões abertos, revelando o peito forte, salpicado de poucos pelos escuros. A barriga definida e levemente bronzeada deixa-me sem ar, pareço perder os sentidos. Admito que minha boca saliva e uma sensação quente invade o meu íntimo. Preciso esfregar minhas pernas uma na outra para tentar controlar todas as sensações libidinosas que meu corpo expressa descaradamente.

Quando desço o olhar, preciso puxar o ar para os meus pulmões e contar até três. O zíper da sua calça também está aberto e revela a *boxer* branca que molda perfeitamente o volume e as formas da sua excitação de uma maneira tão voluptuosa que sinto a secura em minha garganta.

Engulo a minha saliva com dificuldade, sem conseguir desgrudar os meus olhos da tela do celular. Estou quase babando.

A curiosidade me instiga, me excita e faz minha cabeça imaginar coisas. Quase posso ver as veias vigorosas e a cabeça rosada, suculenta. Estou em êxtase. Porém, recordo-me do quanto ele é um safado e, ainda irritada, decido ignorá-lo um pouco, mesmo que por dentro meu corpo implore para que eu aceite o seu convite, mesmo sendo tão arriscado.

Sinto muito. Hoje já tenho compromisso.

Com o coração martelando o meu peito, clico em enviar, mas, em meu íntimo, acolho uma combinação perigosa de audácia e inconsequência que se misturam ao desejo que sinto por ele. Uma vontade incontrolável de ir até o fim, mesmo que no final eu saia magoada.



CARLOS EDUARDO

Sinto muito. Hoje já tenho compromisso.

Cerro o maxilar ao ver a recusa dela em sair comigo. Deixa-me irritado. Que merda essa garota quer de mim?

Olho a foto do perfil e, mais uma vez, confirmo as minhas suspeitas. É ela, só pode ser... O corpo pequeno, os longos cabelos... A recusa em atender a minha ligação. Só pode ser ela. A não ser que Raquel tenha se precipitado quando falou aquele monte de besteiras.

Deixo o celular de lado e relembro a forma como Beatriz me olhou tão assustada quando tentei beijá-la. Não há como negar que ela estava nervosa, e eu não deveria ter feito aquilo. O problema é que, a cada segundo que se passa, a vontade de sentir o sabor daqueles lábios triplica.

Levanto-me da cama e caminho pelo meu quarto, irritado. Termino de tirar as minhas roupas, impaciente, e as deixo em qualquer lugar. Minha irritação só aumenta quando coloco os meus punhos na parede e olho para baixo. Meu pau está duro feito uma rocha e tudo o que penso é em foder aquela boquinha deliciosa. Amaldiçoo-me por ter permitido que as coisas chegassem a esse ponto. Não posso desejá-la, caralho.



No dia seguinte, acordo cedo, visto-me e sigo direto para a sede da empresa. Quando chego, cumprimento alguns funcionários que estão entrando no elevador, mas mantenho a minha pose de chefe, dono da porra toda, como faço todos os dias. Olhar firme, expressão severa, peito estufado.

Assim que o elevador para no andar da presidência, sigo na direção da minha sala, caminhando a passos firmes. Ajeito o paletó no meu corpo e passo a mão no cabelo, certificando-me que esteja tudo em ordem.

— Bom dia, senhor Ferraz — cumprimenta a minha secretária, Sandra, levantando-se. — Em alguns minutos, deixarei os relatórios que me pediu na sexta na sua mesa — informa, toda prestativa.

Vejo a mulher arrumar a blusa branca, fazendo questão de deixar o decote em evidência, enquanto segura uma mexa do cabelo loiro.

Apesar de ser uma bela mulher e fazer questão de demonstrar o seu interesse em mim, tenho uma regra estritamente rigorosa dentro da empresa e que cumpro à risca: jamais misturar meu lado pessoal com o profissional. Isso inclui não levar as funcionárias da empresa para a cama. Para elas, sou o chefe, um ser inalcançável e nada mais.

— Bom dia, Sandra — também a cumprimento. — Antes de me levar os relatórios, peça um café para mim. Obrigado — peço educadamente, mas sem muitas cordialidades. Apenas o suficiente para que ela entenda qual é o seu devido lugar aqui dentro.

— Sim, senhor — responde com um sorriso amarelo e volta a se sentar.

Dou-lhe as costas e caminho na direção da minha sala, mas, antes de entrar, recordo-me de algo e me viro para ela.

— Sandra — chamo. Ela volta a me encarar e sorri com o olhar iluminado.

— Sim?

— Assim que o Felipe chegar, peça a ele que se dirija direto para a minha sala e... também atualize a minha agenda do dia.

A mulher assente, visivelmente frustrada, e volta a se sentar.

Entro na minha sala, coloco minha pasta sobre a mesa e sigo direto até as vidraças. Afrouxo o nó da gravata e suspiro, imaginando o quanto o dia será estressante e cansativo. Para começar, em uma hora tenho reunião com dois empresários importantes do ramo de hotéis de luxo. Estou prestes a fechar um grande negócio e faltam apenas alguns detalhes para fecharmos contrato e darmos início à construção do maior *resort* da América Latina.

Coloco as mãos no vidro, enquanto olho o movimento de carros e pessoas pelas ruas do centro do Rio de Janeiro. Após alguns minutos, retorno até a mesa e me sento no meu trono.

Com o computador ligado, reviso alguns projetos de infraestrutura. Estou concentrado nos meus afazeres quando ouço o toque de mensagens do meu celular. Pego o aparelho distraído e penso que devo colocá-lo no silencioso antes da reunião.

Deslizo a tela de bloqueio e me deparo com uma mensagem da Bianca, falando dos sonhos obscenos que teve comigo esta noite. Franzo a testa, já ficando incomodado com todo este mistério, mas decido que tirarei essa história a limpo o quanto antes. Se essa Bianca for mesmo a Beatriz, descobrirei no evento beneficente da Ferraz Engenharia que irá acontecer em poucas semanas. Insistirei que Felipe compareça com esposa e filha e, como a Bianca disse que iria, em algum momento conseguirei descobrir a verdade por trás dessa história.

Agora te imagino sentada em cima do meu pau, menina.

Digito a mensagem provocativa e envio. Quero ver até que ponto ela consegue levar essa farsa e o que pretende com isso. Claro que em nenhum momento cogito a possibilidade de levá-la para a cama, mesmo que já esteja ficando excitado só de imaginar a voz rouca gemendo o meu nome. Ela tem uma carinha de anjo com um belo corpo de mulher.

Estou apenas entrando no seu jogo para saber suas verdadeiras intenções. Não sou louco de me meter com a filha de Felipe, principalmente pelo fato de ela ser tão jovem. Imagino que seja inexperiente e mimada, e a última coisa que quero é uma pirralha no meu encalço. Além disso, ele com certeza arrancaria as minhas bolas. Mas, enquanto finjo que não sei de quem se trata, provoco. Inclusive, penso em propor um encontro casual em um dos quartos do hotel onde acontecerá o evento. Veremos se ela terá coragem de continuar me provocando quando estiver frente a frente comigo.

Sorrio e volto a me concentrar na tela do computador. Está na hora de deixar as besteiras de lado e focar em coisas realmente importantes, por exemplo, o andamento da empresa que carrego nas costas e que, nos últimos anos, desde que assumi o cargo de CEO, teve seus lucros multiplicados.

Orgulhoso, continuo analisando os projetos até ser interrompido por uma batida na porta.

— Bom dia, Eduardo. — Felipe abre a porta e entra. Volta a fechá-la e caminha na minha direção, segurando sua costureira pasta nas mãos.

— Bom dia, Felipe. — Confiro as horas no meu relógio de pulso e confirmo que ele está com vinte minutos de atraso. Fecho minha expressão e o encaro. — Está atrasado — recrimino. Ele sabe que não tolero atrasos ou faltas dentro da empresa. Mesmo se tratando do meu melhor amigo. A regra é clara. Amigos, amigos, negócios à parte.

— Eu sei. Peço desculpas, mas precisei deixar minha esposa no aeroporto antes de vir para a empresa. Ela precisou viajar com urgência.

Deixo o computador de lado e coloco as mãos sobre a mesa.

— Tudo bem, Felipe, mas certifique-se que isso não aconteça de novo e, se acontecer, me ligue para avisar. As merdas dos celulares servem pra isso, e em poucos minutos teremos uma reunião importante.

O homem puxa a cadeira e se senta de frente para mim. Coloca a pasta sobre a mesa.

— Qual é, Eduardo? Suas ficantes dormiram com calça jeans essa noite? Quanto estresse, porra — rebate visivelmente irritado. — Já disse que precisei levar minha esposa ao aeroporto com urgência — diz e começa a abrir a pasta.

Fuzilo-o com um olhar mortal uma última vez, mas Felipe finge que não vê. A parte ruim de trabalhar com seu melhor amigo é que em alguns momentos as discussões são inevitáveis e nem sempre posso lhe enviar uma carta de demissão. Inferno.

— Aqui estão os documentos para serem assinados na reunião. Já analisei todas as cláusulas, mas peço que também dê uma lida.

Confirmo com um aceno de cabeça, pego os papéis de suas mãos e começo a ler. Porém, antes que eu termine, meu celular vibra sobre a mesa e, como ainda tenho alguns minutos livre, decido ver do que se trata.

Meu ar falta quando abro a mensagem e vejo uma foto da menina de costas, como se

estivesse de joelhos em cima da cama. Seu corpo está completamente nu, mas, devido à posição, não consigo ver os seios. Quando meus olhos analisam cada centímetro das costas e da cintura bem delineada, e descem até o traseiro redondinho, sinto meu pau crescer dentro da calça, como um vulcão que estava adormecido e de repente explode, deixando-me em uma situação para lá de constrangedora. Porra, que vontade de matar essa garota atrevida. Ela sabe que não posso, por isso está me provocando.

Adoraria estar sentada no seu pau.

Minha boca saliva e minhas mãos tremem assim que leio o conteúdo da mensagem embaixo da foto, tamanha é a vontade que sinto de fazê-la pagar com juros por esse atrevimento.

Disfarçadamente, levo minha mão até o meu pau e dou uma coçadinha de leve, tentando acalmar a fera, enquanto mantenho meu olhar vidrado na tela do celular.

— Aconteceu alguma coisa? — questiona Felipe, com seriedade. — Você parece estar atordoadado.

Encaro-o sem graça, bloqueio a tela do aparelho e levo minha mão até o colarinho da camisa para afrouxá-lo um pouco.

— Não é nada — minto. — Pode pegar alguns relatórios com a secretária e me trazer aqui, por favor?

Felipe assente e se levanta para ir buscar o que pedi. Assim que ele sai, corro até o banheiro do meu escritório e abro o zíper da calça para libertar o meu pênis que está sufocado. Bato a mão na parede, nervoso, e trinco os dentes, negando-me a aceitar que meu corpo reaja tão descontroladamente apenas com a porra de uma foto.

Quando a situação melhora, ajeito minhas roupas e retorno até a minha sala. Ao chegar, vejo Felipe nervoso, quase que esganando a pobre secretária, enquanto segura o terno nas mãos e aponta para algo na camisa branca.

— Sinto muito, senhor Tenório. Não foi minha intenção derramar café na sua roupa — diz ela, cabisbaixa.

— Tenho uma reunião importantíssima em poucos minutos, Sandra. Como irei aparecer assim? — questiona ele, irritado.

Sandra volta a pedir desculpas, pega a bandeja e os cacos de louça no chão e retorna para a sua sala.

— O que aconteceu? — O homem vira-se na minha direção e então vejo o porquê de ele estar tão irado. A camisa está com uma mancha de café horrível. O paletó, de cor cinza, também deve estar manchado.

— Sua secretária desastrada derramou café em mim. Agora preciso voltar em casa às pressas para me trocar. Já não basta a dor que estou sentindo por causa da queimadura — responde, bravo.

— Sandra é desastrada, mas é muito eficiente — defendo a mulher, mas preciso me segurar para não explodir em uma gargalhada ao olhar a cara de poucos amigos de Felipe. Contudo, meu sorriso morre em meu rosto quando confiro o relógio e vejo que já está em cima da hora.

— Sinto muito, mas você vai ter que comparecer à reunião assim — digo e aponto para o relógio no meu pulso.

Felipe balança a cabeça em negativa e começa a andar de um lado para o outro na sala, pensativo, até que o vejo pegar o celular e ligar para alguém.

— Filha, está em casa? — Ao perceber que ele está falando com ela, sinto que meus nervos se tencionam. — Preciso que pegue uma das minhas camisas de trabalho e traga para mim aqui na empresa o mais rápido que você conseguir. Estou na sala da presidência.

Ele desliga o aparelho e volta-se para mim.

— Beatriz vai trazer outra camisa para mim — diz e senta-se na cadeira, relaxado.

Fecho os meus punhos e volto a caminhar na direção dos vidros. Não entendo por que de repente fiquei tão enfurecido, mas a vontade que tenho é de dar uma boa lição nessa menina assim que ela entrar por aquela porta. Ela precisa entender que não se provoca um homem como eu.



CAPÍTULO 12

BEATRIZ

Durmo com o celular em mãos, aguardando-o responder algo após a minha recusa em sair, mas nada poderia ser mais frustrante do que acordar e ver que ele não enviou mais nada. Imagino que nem tenha dado atenção ao que eu disse e que, provavelmente, tenha ido atrás de outra mulher para passar a noite.

Pensar nisso me entristece, pois, a cada passo que dou em frente, acabo retrocedendo três. Meu coração se aperta de uma forma tão dolorosa que perco o ar.

Saio da cama, cabisbaixa, e caminho devagar, seguindo até o espelho. Olho a minha imagem desgredada no reflexo, sem o mínimo ânimo de me arrumar e sair do quarto para ir à faculdade. Só queria passar o dia na minha cama, quietinha, como se não tivesse mil coisas para fazer.

Usando um pente, começo a desembaraçar os meus cabelos, mas desisto quando o objeto fica grudado em uma das mechas. Dou meia volta e sigo para o banheiro, escovo os dentes e entro debaixo do chuveiro na intenção de tomar um banho e dar uma rápida hidratada nos cabelos. E assim faço. Após passar o hidratante, massajeio, tiro o excesso com água e finalmente desembaraço os fios. Retorno-me para o quarto e, ao me aproximar do guarda-roupas enrolada em um roupão branco, ouço uma batida na porta. É a minha mãe.

Meu coração dá um salto quando imagino o porquê de ela estar aqui. Será que veio conversar sobre o que aconteceu ontem no jantar na casa da família Ferraz? Mamãe com certeza percebeu que é ele o homem ao qual me referi quando disse que estava apaixonada. Oh, Deus! Eu definitivamente estou ferrada.

— Estou indo, mamãe — respondo receosa, mas decido que é melhor conversar com ela e lhe falar a verdade. Não tenho outra saída.

Aperto o roupão em meu corpo como se, de alguma forma, o tecido grosso fosse me proteger das inúmeras perguntas desconcertantes que ela me fará. Contudo, ao abrir a porta, vejo mamãe segurando uma pequena mala, já toda arrumada para sair. Vejo aflição em seu semblante e logo seus olhos fascinantes se enchem de lágrimas. Então, ela me abraça.

— Querida, seu avô não está bem de saúde. Eu irei vê-lo — diz ela, enquanto passa as mãos no meu cabelo.

Ao ouvir suas palavras, sinto como se tivesse recebido uma ferroadada no peito. Apesar de não ser muito próxima dos meus avós maternos, por morarem longe, eu os estimo e os quero bem.

— Mamãe, o que aconteceu? — questiono e afasto-me para encará-la.

Ela leva a mão nos olhos para secar uma lágrima e suspira.

— Seu avô passou mal nesta madrugada e está hospitalizado. Sua avó me ligou aflita hoje pela manhã para avisar, e decidi que irei passar um tempo com eles, até ele melhorar. — Mamãe pega o celular para conferir as horas e volta sua atenção para mim. — Estou em cima da hora, Bia. Se cuida, tá bem? E me ligue todos os dias. Quando eu voltar, a gente conversa sobre aquele assunto — diz e dá um beijo na minha testa. — Fique bem, minha filha.

— Vá com Deus, mãe, e não se preocupe. Vou ficar bem. — Volto a abraçá-la. — Dê muitos abraços neles por mim. Eu irei orar pela saúde do vovô.

Ao se afastar, mamãe assente e vira-se para sair. Sigo-a até as escadas e vejo papai pegar a sua bolsa, seguindo-a na direção da porta.

Retorno para o meu quarto com o coração apertado, preocupada, e me deito na cama, decidida a realmente não ir para a faculdade. Volto a pegar o celular para falar com Gracy, digito uma mensagem e conto por alto tudo o que aconteceu ontem à noite, desde o jantar até a nossa curta troca de mensagens. aguardo um pouco, ansiosa, mas logo ela me retorna com um texto enorme que mais parece um jornal, falando para que eu tome atitude e ouse mais.

Reviro os olhos com o tamanho da bronca e mordisco o lábio. Pensando bem, acho que

Gracy pode ter razão. Preciso ousar mais, fazer as coisas subirem de nível. Após refletir por alguns segundos, mando uma mensagem de bom dia para o Cadu. Na mensagem, descrevo alguns sonhos eróticos que tive com ele.

A resposta vem quase de imediato. O que leio faz todo o meu corpo entrar em combustão. Meus pelos se eriçam e um frio intenso apossa-se da minha espinha.

Agora te imagino sentada em cima do meu pau, menina

Que cachorro safado!

Tenho vontade de gritar quando leio suas safadezas tão obscenas. Ainda não me decidi se sinto raiva por ele dizer isso a outra mulher ou se fico contente por saber que podemos marcar um encontro a qualquer momento. Só em pensar nisso, minhas pernas tremem e meu sexo fica úmido.

Reflito por mais alguns minutos e chego à conclusão que preciso surpreendê-lo. A ideia de enviar uma foto mais sensual vem à minha mente.

Levanto-me animada e decidida. É isso, enviarei uma foto ousada. Não tem como não chamar a atenção dele, até porque o Cadu já deu o primeiro passo ontem quando me mandou aquela foto com o pau duro dentro da cueca.

E, Senhor, que pau. Eu, definitivamente, babei por cima e por baixo e também me tremi de medo. Como poderei ficar com ele, tendo que acomodar toda aquela estrutura dentro de mim? Admito que isso é algo que vem arrancando o meu sono, noite após noite.

Sempre o observei discretamente durante os nossos poucos encontros aqui em casa ou em qualquer outro lugar, e aquele volume nas calças dele não é de Deus. Faz jus ao tamanho do seu corpo, que me deixa amedrontada, e, ao mesmo tempo, excitada só de pensar em ficar por baixo.

Balanço a cabeça e me recrimino por ficar sofrendo antes da hora. Sei que vai doer, Gracy e algumas outras colegas disseram que dói para caramba perder a virgindade, mas, com ele, eu quero e estou disposta a tudo.

Tiro o meu roupão, ficando completamente nua, e, com a ajuda de um suporte para *selfie*, consigo tirar uma fotografia minha, de costas, com os joelhos apoiados no colchão e o bumbum levemente empinado. É uma imagem bastante ousada, mas não revela tanto, a não ser a minha bunda e as coxas.

Digito uma mensagem provocante e envio junto com a foto. Confesso que fico um pouco nervosa e até penso em apagar, mas, antes que eu consiga raciocinar coerentemente e tomar uma atitude, ele visualiza a mensagem.

Respiro fundo e aguardo uma resposta, mas nada acontece. Deixo o celular sobre a cama e corro até os meus pertences para pegar uma roupa. Porém, sinto meu coração disparar quando ouço o toque do meu celular. Imagino ser Cadu o autor da ligação.

Corro até a cama e pego o aparelho. Respiro aliviada quando vejo que se trata do meu pai e atendo. Ele pede para que eu leve uma camisa de trabalho no seu serviço com urgência e que eu a entregue em suas mãos, na sala da presidência.

Meu coração acelera ao imaginar que verei o Cadu, e ainda penso em inventar uma desculpa, mas papai diz para que eu seja breve, pois tem uma reunião importante em poucos minutos. Sua fala soa quase que desesperada. Concluo que ele esteja em maus lençóis e me apresso.

Nervosa e trêmula, volto ao meu armário às pressas à procura de uma roupa apresentável, mas não tenho muito tempo para me arrumar, então visto um macaquinho curto, verde-militar, que cai bem no meu corpo e valoriza as minhas pernas.

Após passar um batom rosado, pego a camisa de papai e chamo um Uber. Por sorte, a empresa não é muito longe de onde moro e, em pouco mais de quinze minutos, já estou dentro do elevador.

Ao chegar no andar da presidência, cumprimento a secretária de Eduardo. Eu a conheci em uma das poucas vezes que vim aqui com o meu pai. Não sei por que, mas não simpatizo com ela. Ela diz que papai me aguarda e indica na direção da sala do Cadu.

A cada passada que dou, pareço estar pisando em areia movediça, pois não sinto a firmeza que deveria em minhas pernas, mesmo estando com sandálias rasteiras. É como se eu estivesse prestes a perder o equilíbrio.

Dou uma batida na porta e entro, devagar.

— Com licença.

— Beatriz, graças a Deus que você chegou. — Papai, que está sentado em frente à mesa, levanta-se e praticamente corre na minha direção. Estendo-lhe a camisa que pediu e começo a vasculhar a sala, à procura do Cadu. — Obrigado, querida. — Ele deposita um beijo em minha testa e segue na direção do que imagino ser o toalete.

Vejo o Cadu próximo às vidraças, com o braço esquerdo escorado na parede acima da sua cabeça e a mão direita enfiada no bolso da calça. Toda a magnitude e sofisticação desse lugar combinam perfeitamente com todo o poder que exala dele.

Sinto, de longe, toda a sua confiança quando ele se vira na minha direção.

Puxo o ar com dificuldade e, tirando coragem do fundo da minha alma, decido caminhar até ele e cumprimentá-lo. Os olhos dele me analisam de cima a baixo de uma forma terrivelmente estranha, que me deixa amedrontada. É como se ele quisesse enxergar todos os segredos que guardo na minha mente, ao mesmo tempo que parece admirar cada movimento que faço.

Ignoro esse seu gesto e, por instinto, desço os meus olhos pelo seu corpo, almejando vislumbrar o volume entre as suas pernas. Mordisco o meu lábio ao ver que ele passa a mão no pau disfarçadamente. Caminho, balançando os meus quadris em um quase rebolado, e volto a fitá-lo.

Vejo em seu olhar uma mistura de satisfação e fúria que me deixa completamente confusa. Ergo uma sobrancelha, sem conseguir entender por que ele me encara desta maneira. No entanto, sei que não tenho o que temer. Deve ser só impressão minha.

— Oi... — Sorrio confiante e o cumprimento assim que me aproximo.

Eduardo olha para a minha mão estendida no ar, depois para mim. Vejo seus lábios se curvarem em um sorriso debochado e a oferta da minha mão é ignorada com sucesso.

Confesso que essa atitude inesperada faz o meu sorriso morrer e meu subconsciente grita para que eu recue. Quando menos espero, sinto o toque brusco das suas mãos em minha cintura, deixando-me embaraçada. Meu corpo inteiro estremece.

— Oi — Eduardo diz, fitando-me como um touro raivoso, os olhos oceânicos flamejando de ira. Em seguida, olha na direção da porta, por onde o meu pai saiu para arrumar a camisa.

Acontece tão rápido que meu cérebro não consegue acompanhar, mas tudo à minha volta parece parar quando ele segura o meu rosto e toma os meus lábios com ferocidade, enfiando a língua quente e possessiva dentro da minha boca.



CAPÍTULO 13

CARLOS EDUARDO

Quando ela entra na sala e conversa com o pai, preciso usar todo o meu autocontrole para não me virar em sua direção e encará-la. Meu sangue ferve de tesão e, ao mesmo tempo, ira por permitir que uma menina me desestabilize desta maneira, apenas por ter me enviado uma foto. Com as mulheres e com os negócios, sou eu quem mantém o controle. Sou eu quem dita as ordens e dá a cartada final.

Quando seu pai sai para se trocar, ouço os passos dela na minha direção e, então, me viro. Fecho o meu punho e até sinto algumas gotas de suor brotarem em minha testa, tamanho é o calor que me toma quando a vejo dentro de uma roupa minúscula, deixando suas pernas à mostra. A peça molda os quadris bem delineados de uma forma tão sedutora que minha garganta fica seca. Caralho! E pensar que, há poucos minutos, eu a vi completamente nua em uma foto.

Agora, meu cérebro relembra cada detalhe da cor da pele e as formas das curvas por baixo desse pedaço de pano. Sinto meu pau enrijecer sem nenhum controle, obrigando-me a passar a mão para acalmá-lo um pouco. Quase posso sentir, em minhas mãos, as formas macias e deliciosas do seu traseiro.

Estreito os olhos ao vê-la abrir um sorriso encantador e balançar os quadris em um gesto

sensual, mas ao mesmo tempo virginal. Ela é naturalmente sexy, sem ser vulgar, mas possui uma aura inocente no olhar de menina que me instiga.

Trinco os meus dentes, lutando para esconder a minha ira quando ela inspeciona o meu corpo por breves segundos, disfarçadamente. Contudo, por mais que ela tente manter-se confiante, percebo que seu olhar vacila quando fita os meus, encarando-a duramente. Em poucos segundos, ela passa de tigresa imbatível para gatinha assustada. Merda!

A cada segundo que a observo, tenho vontade de lhe dar umas boas e velhas palmadas, ao mesmo tempo que excomungo o meu pau por estar quase rasgando a minha calça. Essa falta de controle não faz o meu feitio. Isso me irrita além do imaginável.

Fico surpreso ao ver que, mesmo sob meu olhar severo, ela decide continuar e se aproxima. O primeiro pensamento que se passa em minha cabeça, é colocá-la contra a parede e confessar que sei que Beatriz e Bianca são a mesma pessoa. Quero saber, olhando em seus olhos, por que merda ela está fazendo esses joguinhos.

Estará mesmo apaixonada por mim? Pobre criança. Tão linda, mas tão ingênua. Não percebe que nós dois somos incompatíveis? Ela é apenas uma garota, tem metade da minha idade. Acha mesmo que pode me satisfazer?

— Oi... — Ela para em minha frente e me cumprimenta, ainda sorridente, estendendo a mão.

O cheiro do perfume suave invade as minhas narinas e afloram os meus sentidos. Meu instinto predador ruge. O olhar brilhante, que me fita esperançoso, faz o meu corpo reagir de uma forma totalmente contrária ao que imaginei durante todo esse tempo.

Ah, Bia. Se você soubesse... Já sei de tudo, pequena sedutora.

Sorrio sarcástico quando percebo que fingir que não a quero é em vão. No momento, tudo o que necessito é sentir o sabor dessa boca voluptuosa que me fez salivar na noite anterior. Seguro na sua cintura, bruscamente, sentindo o seu corpo estremecer, surpreso pelo meu toque. Olho na direção da porta em que Felipe foi se trocar e calculo que devo ter menos de um minuto para ter o quero antes que ele retorne.

Então foda-se.

— Oi — respondo, áspero, excitado, louco.

Se ela quer jogar, irei jogar. Se ela acha que pode me provocar e ficar por isso mesmo, sinto dizer que está muito enganada.

Deslizo minhas mãos até o seu rosto e seguro com firmeza. Sem esperar mais nenhum segundo, tomo os seus lábios em um beijo roubado, cheio de anseio e tensão sexual.

Quando minha língua penetra na sua boca, ofego ao imaginar o meu pau penetrando na sua boceta, tomando toda a sua pureza para mim. Todo o meu autocontrole é destruído.

Sinto suas mãos trêmulas deslizarem até o meu braço e o segurarem com força, como se ela procurasse equilíbrio para se manter de pé. Aproveito o momento para deslizar minhas mãos até seus quadris e acariciá-lo. Trago-a para mim, apertando sua barriga na minha pélvis, fazendo-a sentir o volume latejante do meu pênis excitado. Meu corpo está queimando de desejo e, a cada segundo que ela se desfaz em meus braços, tenho anseio de tomá-la, de fazê-la minha e tirar a sua virgindade.

Movo minha língua para dentro e para fora da sua boca quente e ávida, degustando o sabor dos seus lábios de uma maneira tão imoral que a sinto gemer em meus braços, com dificuldade de acompanhar o meu ritmo.

Subo minha mão pela lateral do seu corpo, esmagando a sua pele com os meus toques possessivos, com ímpetos de acariciar o seio pequeno e delicado. No entanto, tomo consciência que aqui não é hora nem lugar para isso e, juntando todos os destroços do meu autodomínio, afasto-a abruptamente e deslizo a mão pelos meus cabelos, sem ar.

Beatriz me encara, petrificada e confusa.

— Cuidado com o que deseja, Bia — advirto em um sussurro ofegante, enquanto ajeito o meu terno.

Passo a mão em meus lábios para tirar qualquer vestígio do batom suave que ela usava e volto a encará-la. Seus olhos estão expressivos e brilhantes, sua pele está corada e sua respiração ofegante.

— Cadu... Eu... O que foi isso? — Beatriz leva a mão trêmula aos lábios levemente avermelhados e questiona.

— Apenas um beijo — respondo indiferente. — Não era isso que você queria ontem à noite? — desconverso e forço um sorriso, lembrando-a que apenas continuei o que quase aconteceu no jardim da casa dos meus pais. Ainda não é o momento de ela ficar ciente que sei toda a verdade.

A garota franze a testa, fingindo descaso, aparentemente incomodada com a minha menção em dizer que ela queria isso, quando na verdade sou eu quem está louco para devorá-la.

— Isso foi ... Céus! — Sua tentativa de indiferença cai por terra quando ela curva os lábios em um sorriso brando. — Cadu... Acho que...

Sinto meus nervos se retesarem quando imagino o que vem a seguir. Já posso ouvir as declarações de amor sem fundamentos, e, antes que isso aconteça, a interrompo.

— Olha, Bia, isso foi apenas um simples e inocente beijo. E não acontecerá novamente. Lembre-se de quem você é filha e o que sou do seu pai — digo, seco, certo de que isso quebrará todas as suas ilusões.

No entanto, ela apenas morde o lábio inferior e suspira, olhando-me com firmeza.

— Será mesmo? — questiona, franzindo a sobrancelha.

— Tenho certeza! — afirmo e dou um passo para trás no instante em que ouço o barulho da porta do banheiro se abrir. Dou a volta na mesa e me sento atrás dela para que o volume na minha calça não seja percebido pelo Felipe.

Alheio à qualquer acontecimento, ele caminha na nossa direção, esfregando a mancha de café na camisa branca. Percebo que o tecido está molhado.

Beatriz caminha na direção do pai, despede-se e segue até a porta, mas, antes de sair, olha-me uma última vez e sorri com suavidade.

Merda! Solto o ar que estava preso em meus pulmões. Depois que tudo passa, percebo o quanto fui inconsequente e me deixei ser guiado pelo desejo do meu pau. Inferno!

— Essa mancha não sai nem com reza. — Ouço Felipe reclamar, nervoso, quase rasgando a camisa, e reviro os olhos.

A única coisa na qual consigo me concentrar é que, em poucos dias, a verei de novo no evento beneficente.

— Com certeza uma camisa a menos não fará falta — digo impaciente e cruzo as minhas mãos em cima da mesa. — Felipe, em poucos dias acontecerá o evento beneficente, patrocinado pela Ferraz Engenharia. Gostaria que fosse com sua esposa e filha — exijo em forma de convite, velado.

O homem caminha até a mesa, joga a camisa no encosto da cadeira e se senta.

— Desculpa, cara, mas minha esposa não poderá ir. O pai dela não está bem de saúde, por isso ela teve que viajar hoje às pressas.

— Sinto muito — digo, surpreso. Só agora me dou conta do quão frio agi mais cedo quando ele me falou o motivo do atraso. — Espero que não seja nada grave.

— Eu também espero — responde e cruza os braços, pensativo. Parece preocupado.

— Então vá com a sua filha. Ela pode levar alguma amiga, se preferir — insisto.

Felipe assente e confere as horas no celular. Logo depois, ouço uma batida na porta, e a secretária entra para informar que os empresários já nos aguardam para a reunião.

Assinto para ela e pego a minha mala. Sigo com Felipe na direção da sala de reuniões, mas, ao passar pelo gabinete da secretária e olhar na direção do elevador, sinto meu sangue ferver com uma mistura de raiva e outra coisa que não consigo decifrar.

Vejo Beatriz conversando alegremente com o novo estagiário, com uma aproximação tão íntima que me incomoda.

Mas que diabos ela ainda faz aqui?

Ela ri de algo que ele diz e seu sorriso se abre até a orelha, deixando-me irritado. Os dois estão tão concentrados na conversa que nem ao menos percebem que os observo.

Felipe dá meia volta para falar algo com a secretária, e eu continuo andando, contudo, o fato de vê-la se despedir dele com um abraço e um beijo no rosto faz com que todos os nervos do meu corpo se ericem. Tenho vontade de socá-lo até ele esquecer que por um curto período de tempo a tocou.



CAPÍTULO 14

BEATRIZ

— Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! — sussurro, encostada na porta do escritório dele, com a mão em meu peito e os olhos trancados.

Minha empolgação é tanta que beira a histeria. Mal posso me conter. Na verdade, nem consigo me desfazer do enorme sorriso que está estampado no meu rosto.

O beijo dele foi tão grosseiro e viril que arrancou todo o ar dos meus pulmões. Agora, estou ofegante e energizada. Presumo que meus lábios estejam levemente avermelhados.

Desencosto-me da porta e cubro a minha boca para não soltar um riso involuntário, tamanha é a minha euforia. Com as pernas bambas, abro os olhos e dou algumas passadas, mas paro e me recomponho quando vejo o olhar interrogativo e desdenhoso da secretária na minha direção.

Respiro fundo e volto a andar. Penso em despedir-me educadamente, no entanto, mudo de ideia quando ouço o toque do telefone e ela desvia a atenção de mim para atender o aparelho. Apenas aceno sem ter certeza se ela viu o meu gesto, pois não faz nenhum movimento na minha direção.

Também a ignoro e sigo o meu caminho na direção do elevador. Retiro uma mecha de

cabelo que cai sobre o meu rosto e a acomodo atrás da orelha. Ainda enquanto ando, vejo as portas do elevador se abrirem e surpreendendo-me ao notar uma pessoa de quem há anos eu não tenho notícias.

O homem de boa aparência, usando uma camisa social azul-bebê com um colete preto por cima, dá um passo para sair e caminha na minha direção. Ele anda distraído, parece estar pensativo, mas, quando seu olhar escuro me fita, vejo-o se espantar, como se visse um fantasma ou algo sim, para logo depois, se abrir em um sorriso tão brilhante quanto o sol.

— Beatriz? — diz ele e se aproxima, perto o suficiente para me cumprimentar com um meio abraço e um beijo na bochecha.

— Victor... Quanto tempo! — respondo sorridente e me afasto para fitá-lo melhor. Gosto muito do que vejo.

Ele sorri e também me inspeciona.

— Como você cresceu, Bia. — Seu sorriso se abre até a orelha, parecendo maravilhado. — Por quanto tempo eu dormi?

Pigarreio e solto outro risinho, vendo-o me encarar tão fascinado. Imagino que a lembrança mais recente que tenha de mim seja de quando éramos vizinhos e eu ainda não tinha peitos. Se bem me recordo, não éramos muito próximos, até porque ele apreciava mais a companhia das garotas mais velhas. Mas às vezes trocávamos algumas conversas e as nossas mães costumavam se visitar de vez em quando.

Lembro-me que Victor foi embora para outro país. Pouco tempo depois, seus pais também se mudaram e não tive mais notícias.

— Na verdade, acho que a pergunta certa é: por onde você andou todo esse tempo? Não te vejo há anos.

Ele sorri amplamente e passa a mão pelos cabelos castanhos.

— Digamos que passei uma temporada fora de casa e retornei recentemente.

— E o que faz aqui? — pergunto curiosa e olho para as suas mãos. Percebo que ele segura uma pilha de papéis.

— Ah! Sou o novo estagiário. Hoje é meu primeiro dia — informa, descontraído. — Mas e você? O que faz aqui?

— O meu pai. Se lembra dele? Ele trabalha aqui.

Victor acena com a cabeça e engata uma curta e agradável conversa. Após trocarmos os números de telefone, despeço-me e entro no elevador. Contudo, antes que a porta se feche, olho de relance na direção da sala da secretária e o que vejo faz meu coração dar um salto.

Cadu está parado, encostado nos vidros, encarando-me com uma expressão fria e tempestuosa. Quase posso sentir o calor que emana dos seus olhos. Seu maxilar quadrado está trincado, como se algo o incomodasse.

As portas se fecham, e respiro aliviada por não estar mais sendo observada por ele daquela maneira. Um sentimento confuso se instaura em meu organismo quando me recordo do beijo ardente e voluptuoso que trocamos. Naquele momento, eu havia sentido em cada pequena célula do seu corpo que ele também me queria. Mas depois de ver a forma indiferente com que me encarou, tenho dúvidas.

Ao sair do prédio, pego meu celular e disco o número de Gracy. Enquanto caminho pela rua movimentada, ela atende.

— *Oi, Bia...* — diz, em um sussurro. Imagino que esteja no meio da aula.

— Gracy, ele me beijou — digo sem rodeios.

— *O quê? Ele quem?* — questiona, confusa.

— Ele. O Cadu...

Um silêncio mortal se faz presente do outro lado da linha. Se eu me esforçar um pouco, sou capaz de ver, nitidamente, a boca aberta de Gracy agora.

— *Puta que pariu. Como assim?*

— É isso mesmo, Gracy. Um beijo rápido e delicioso — afirmo.

— *Então ele já sabe que você e a Bianca são a mesma pessoa?* — questiona com uma surpresa evidente na voz.

— Não! Claro que não! — digo convicta. Estou certa que, de alguma forma, ele percebeu que não sou mais uma menininha e sim uma mulher que desperta seus nervos e desejos.

Após encerrar a ligação, pego um táxi e sigo até a orla de Ipanema. Como é próximo da minha casa, decido passar um tempo sentindo o frescor da brisa do mar em meus cabelos enquanto caminho. O barulho suave das ondas me acalma e faz com que eu relaxe um pouco. Respiro fundo e paro para observar o mar. O cristal azulado das águas, contrastando com o esplendor do céu, lembra a cor vibrante dos olhos dele. Essa constatação faz meu coração se aquecer em um *mix* de

ternura e desejo.



— E então, como foi a reunião? — pergunto ao meu pai, enquanto me sirvo de um copo generoso de suco de maracujá durante o jantar.

— Um sucesso, querida — responde e leva uma garfada de comida à boca. — O projeto foi aprovado e em breve daremos início às obras.

— Fico feliz, papai. — Esboço um sorriso e volto a comer.

Contente, papai começa a falar sobre os detalhes do *resort* e a grandeza da obra. Assim, as horas passam até que ele se retira para dormir. Também sigo para o meu quarto, coloco um pijama confortável, pego o celular e me deito. Ao deslizar a tela do aparelho, percebo que tem uma mensagem de Victor, falando o quanto foi agradável me reencontrar e me convidando para passear na praia com ele qualquer dia.

Com um sorriso no rosto, concordo.

Enquanto conversamos, respondo algumas mensagens de Gracy e Pedro, questionando-me por que sumi durante todo o dia. Envio uma breve explicação, falando que passei parte do dia na praia e aproveitei para fazer algumas compras. Enquanto aguardo a resposta de ambos, sinto uma palpitação em meu peito quando vejo uma mensagem de áudio do Cadu.

A voz grossa, levemente rouca e autoritária, quebra o silêncio assim que aperto o *play*.

— *Boa noite, criança.*

Logo após a mensagem, ele envia uma foto que corta metade do seu rosto, deixando à mostra, apenas a barba que começa a despontar abaixo da sua boca, o peito nu e bronzeado que posso ver através do tecido da camisa desabotoada e, em suas mãos, um copo largo contendo uma bebida amarronzada e destilada que presumo ser uísque.

Meus lábios ficam secos diante da imagem. Engulo com dificuldade ao imaginar o quão másculo e viril ele possa ser entre quatro paredes. Perder-me em seus braços fortes é tudo que mais desejo agora.

Mordisco o meu lábio inferior e digito uma resposta.

Uau. Como eu queria estar aí com você!

Envio a mensagem e corro até meu armário de roupas, em busca de um lingerie sexy. Troco as peças pouco sensuais que estavam em meu corpo pelo conjunto velho e subo na cama. Fico de joelhos e me sento meio de lado de forma que consiga tirar uma foto nítida da minha boca para baixo, revelando o decote dos meus seios e a peça terrivelmente minúscula que uso na parte de baixo.

Após alguns minutos, ele responde em forma de áudio.

— *Você está me deixando maluco, sabia?* — Sua voz está ofegante e ainda mais marcante do que nunca. Todo o meu corpo se arrepia. — *Estou louco para te foder, menina. E não medirei esforços para ter o que quero.* — Trêmula, aperto o celular com força até sentir o ar faltar em meus pulmões ao ouvir as últimas palavras dele. — *No dia do evento, deixarei um cartão magnético de uma das suítes do hotel na recepção. Você sabe o que isso quer dizer, não é?*

Sinto um frio agudo em minha barriga ao imaginar as pretensões dele. Meu coração quase para de bater. No entanto, estou certa e ciente que esse será o momento perfeito para me entregar por completo a ele, revelando a minha identidade. O desejo ardente com o qual ele me beijou hoje pela manhã deixa claro que estou ganhando essa primeira batalha.



CAPÍTULO 15

BEATRIZ

Deito-me de costas na cama, enquanto meus pensamentos voam ao curto momento que tive com ele. Meus lábios formigam ao relembrar nosso primeiro beijo, meu corpo se aquece com a lembrança do calor que senti dele.

Sorridente, digito uma resposta.

Sim. Estarei à sua espera no horário e local combinados.

A resposta dele vem de imediato, poucos segundos depois.

Boa menina. Não vejo a hora de ver você chupando o meu pau.

Releio a mensagem dele mais algumas milhares de vezes até ter certeza que não estou

vendo coisas. Meus olhos até lacrimejam só de imaginar aquela protuberância toda na minha boca. Mas, ao mesmo tempo, fico receosa em fazer algo que nunca fiz antes. Céus! E se ele não gostar? E se eu fizer algo errado?

Nervosa, levanto-me e começo a andar pelo quarto, sem ter a mínima ideia do que fazer. Já via alguns vídeos pornô e já sei a teoria, mas nunca pratiquei. Seria melhor testar e ver se consigo fazer como aquelas mulheres nos vídeos. Penso em algo que se pareça com aquela anatomia específica masculina e me ocorre que posso usar uma banana. Acho que terei que apelar para uma banana-nanica como um treinamento, para ter certeza que não farei nenhuma besteira.

Apressadamente, coloco um roupão e corro até a cozinha na esperança de encontrar a fruta que preciso. Pego as bananas que mamãe comprou no dia anterior e escolho a mais vigorosa. O comprimento avantajado, meio tortinho para um lado, e a grossura encorpada até me faz lembrar um pau de verdade. Será que o dele é torto assim? Ou todo perfeito com a cabeça rosa e veias espessas como sempre imaginei? Definitivamente, isso não tem importância agora.

Seguro a fruta madura em minha mão e a analiso por poucos segundos. Após descascá-la, coloco a banana na boca até a metade, que é o máximo que consigo enfiar garganta abaixo sem ter ânsia de vômito. Começo chupando lentamente, até tirar a fruta toda da boca e voltar a engolir. A cada investida, consigo abocanhar um pouco mais e isso deixa-me orgulhosa. Já me sinto uma *expert* em chupar paus grandes gloriosos.

Distraidamente, continuo o meu treino com afinco, chupando e lambendo a banana até conseguir acomodá-la quase que por completo na minha garganta. Embora seja uma situação um pouco estranha devido às circunstâncias, continuo dando toda a minha atenção ao que estou fazendo. Contudo, o barulho de uma porta batendo e os passos pesados de alguém caminhando na minha direção faz com que eu dê um pulo para a frente devido ao susto. Esse é o meu maior erro, pois, sem querer, engulo a banana.

Para completar a catástrofe, a fruta fica entalada na minha garganta e a voz de papai nas minhas costas deixa as coisas em um nível milhares de vezes mais constrangedor.

Desespero-me ao procurar o ar e não encontrar. Aflita, viro-me na direção do meu pai com a cabeça erguida e a boca aberta com a banana entalada. É, no mínimo, a situação mais vergonhosa que já tive o desprazer de me encontrar.

— Filha! Beatriz!

Ao ver o meu estado catastrófico, papai corre na minha direção e, com um simples movimento de primeiros socorros, pressiona as mãos sobre o meu diafragma, forçando-me a tossir

e expelir a fruta da qual, a partir de hoje, quero distância.

Ainda dou algumas tossidas atordoadas enquanto respiro descompassadamente em uma busca frenética por oxigênio. Papai me ajuda a seguir até a mesa e me sento. Tomo o copo de água que ele me oferece e, após parar de tremer um pouco, encaro seus olhos escuros que me fitam confusos.

— O que foi aquilo? — questiona e põe a mão sobre a mesa. — Como você conseguiu se engasgar com uma banana?

Ah, papai. Eu só estava treinando para enfiar o pau do seu amigo na boca, penso, e até tremo de medo ao imaginar o castigo que ele me daria se descobrisse. Com certeza, ele me manteria trancafiada em casa ou me enviaria para outro país.

— Eu... Eu me assustei com a batida na porta e acabei engolindo a banana sem querer — justifico, nervosa.

— Hum. Sei! — diz, desconfiado. — Engoliu uma banana inteira sem querer.

Sinto minhas bochechas enrubescerem ao ver a expressão severa de papai. O que mais me envergonha é imaginar que ele tem lá suas desconfianças sobre o que eu estava fazendo. O que me leva a outro pensamento, um que me faz imaginar as obscenidades que ele e mamãe andaram fazendo. Só de imaginar essas coisas, sinto vontade de vomitar e tento ao máximo afastar estes pensamentos asquerosos da mente. Na minha cabeça, fui trazida por cegonhas para ser criada por eles com muito carinho e afeto. Ambos nunca fizeram sexo.

Sorrio das minhas próprias besteiras, mas volto a ficar séria ao ver a cara de poucos amigos de meu pai. Internamente, agradeço quando ele muda o foco da conversa.

— Em alguns dias, acontecerá o evento beneficente patrocinado pela Ferraz Engenharia. Como sempre, teremos a presença de inúmeros empresários e artistas importantes. A mídia que também estará presente. — Levando uma das mãos até as têmporas, papai massageia essa região e continua. — Como sua mãe não poderá nos acompanhar, você tem permissão para convidar uma das suas amigas. Certifique-se de ir às compras o mais breve possível. — Ele sorri, vendo que arregalo os olhos, surpresa e feliz por poder levar Gracy comigo. Ela me transmite confiança, com certeza será uma noite memorável.

— Fico muito feliz em poder levar Gracy comigo, papai. Esses eventos costumam ser chatos, às vezes — comento, fingindo que não estou muito interessada em comparecer, quando na verdade estou contando as horas e os minutos.

Papai balança a cabeça e sorri, descontraído.

— Acho que não, querida. Este ano terá uma atração imperdível. Você vai se divertir.

Papai continua falando do evento, empolgado. Faz questão de detalhar sobre a atração tão aguardada que será o auge da festa, mas não consigo me concentrar no nome do artista, pois meus pensamentos se perdem no único homem que tem a minha total atenção e interesse.

Ao me retirar para o meu quarto, um pouco mais calma e menos trêmula, deito-me e rolo na cama por horas a fio sem conseguir dormir. Contudo, a imagem dos lábios dele sobre os meus não sai da minha cabeça.

Pego o celular e olho seu contato. Cogito enviar uma mensagem, mas decido ousar.

O toque da minha chamada ecoando em meu ouvido faz meu coração acelerar de uma forma desesperadora, mas a necessidade de ouvir a voz dele fala tão alto que sigo em frente.

— *Oi* — atende, calmo. A voz grossa e inconfundível me arrepia da cabeça aos pés.

— *Oi* — respondo baixinho, tentando ao máximo camuflar o tom da minha voz para que ele não desconfie de nada. Estou certa que as poucas palavras que trocaremos não serão suficientes para que ele reconheça a minha voz assim tão facilmente.

— *Diga, Bianca. Não consegue dormir?*

— Não... não consigo — murmuro. Minha voz sai ofegante apenas por ouvir a respiração dele do outro lado da linha.

— *Pensando em mim?* — provoca descaradamente, e meu coração dispara. No entanto, da mesma forma que me derreto por ele, também me irrita por ser tão convencido.

Suspiro fundo e respondo em tom provocativo, quero deixá-lo louco:

— Na verdade, sim. Inclusive, acabei de fazer algumas coisas pensando em você.

Ouço-o puxar o ar e me responder com a voz rouca:

— *Que tipo de coisas? Diz pra mim, menina!*

— Quer mesmo que eu diga? — indago. — Quer que eu detalhe também?

— *Sim. Me conte tudo, todos os detalhes.*

Mordisco os meus lábios e decido inventar algumas coisas para provocá-lo. Tento fazer minha voz ficar parecida com os gemidos de atriz pornô, contudo, falho miseravelmente na missão

da voz sensual. Mesmo assim, vou em frente.

— Eu tinha acabado de sair do banho e me deitei para dormir, mas não consegui pegar no sono. Deslizei minhas mãos pelo meu corpo até alcançar o elástico da minha calcinha, e tudo que meu corpo desejou foi estar fazendo sexo com você. Como eu não tinha o que queria, retirei minha calcinha, ficando apenas com uma fina camisola, e comecei a me tocar, pensando no seu pau dentro de mim.

Ouçoo puxar o ar com dificuldade, como se acabasse de correr uma maratona, e tranco os meus olhos, envergonhada e excitada. Meu corpo inteiro se aquece por causa do desejo e do medo de tudo o que acabei de dizer ao amigo do meu pai.

— *Porra!* — diz ele, ofegante. — *Meu pau ficou todo melado, te querendo, garota.*

— Não vejo a hora de ter o seu pau, Cadu.

— *Então se toque de novo para mim? Imagine que sou eu, acariciando sua bocetinha. Goza para mim, menina...*

Com os olhos trancados, deslizo minha mão lentamente para dentro do roupão, até encontrar a fina renda da lingerie que uso. Com cuidado, escorrego o tecido pelas minhas pernas e retiro a peça para ter livre acesso. Coloco minha mão no meio das minhas pernas, bem no meu centro, e arquejo quando os meus dedos tocam o meu clitóris suavemente.

Ouçoo seus gemidos misturados à sua voz inebriante, grave e enrouquecida, enquanto ele descreve tudo o que gostaria de fazer comigo.

— Eu... ai... Cadu, eu estou me tocando... — murmuro, excitada. — Estou tão molhada ... E quente.

Ouçoo um longo suspiro escapando da sua boca e mordisco o meu lábio.

— *Porra, menina. Tudo que quero agora é sentir o cheiro da sua boceta molhada e enfiar minha língua dentro dela...* — ele diz em um sussurro arfante, e todo o meu corpo se arrepia com as palavras imorais que saem da sua boca. — *Estou segurando o meu pau, imaginando ele entrando todo na sua bocetinha escorregadia.*

Prendo a minha respiração ao imaginar ser tomada por ele assim, da forma que sempre sonhei. Grunho baixinho e continuo as carícias em meu sexo.

— *Eu quero muito... o seu pau...* — murmuro com os olhos fechados. Sinto uma quentura se formando no meu ventre, inebriando meus sentidos.

Cadu geme do outro lado e diz mais algumas obscenidades. Nessa combinação perigosa de paixão e anseio, pela primeira vez em minha vida, chego ao orgasmo, enquanto falo safadezas com alguém no telefone.



CAPÍTULO 16

CARLOS EDUARDO

Ouçó os gemidos dela do outro lado da linha, tão intensos e verdadeiros que é impossível dizer que ela está fingindo. É real, Beatriz está gozando intensamente enquanto sussurro tudo o que gostaria de fazer com ela. Ainda agora, posso ouvir sua voz doce e sensual, tão marcante como qualquer outra vez que conversamos. Mesmo que no início da ligação ela tenha tentado disfarçar o tom, agora posso distingui-la perfeitamente entre os grunhidos e os sussurros roucos.

Meu pau reage em forma de espasmos e tranco os meus olhos, ao mesmo tempo que o massageio. Aperto os meus dedos em volta da cabeça latejante e imagino os lábios dela sugando-me com vontade. Aquela boca macia como algodão, quente e úmida, chupando a minha glândula com desejo.

Deslizo minha mão com firmeza até a base e subo novamente, fazendo movimentos contínuos, masturbando o meu pau como um adolescente sem controle.

Inferno! Inferno! Isso não está certo. Mas é tão gostoso...

Ela não faz ideia do quanto é linda e do quanto me seduz sem nem ao menos perceber com essa voz doce e maliciosa. Estou a ponto de explodir. Desde que começou com esse joguinho

bobo, vem testando o meu autocontrole de forma enlouquecedora.

Uma pequena sedutora...

Trinco os meus dentes quando sinto o gozo aproximando-se e sussurro que irei gozar tudo dentro dela. A respiração descompassada de Beatriz deixa-me como um louco alucinado.

Quando o primeiro jato quente mela a minha mão, mordo o meu lábio inferior, quase arrancando sangue, e me amaldiçoo internamente por ter gostado tanto. Porra!

Os espasmos de prazer diminuem gradativamente e volto a respirar. Puxo o ar com força e falo:

— Que delícia, garota. — Ofego. — Você merece umas palmadas por fazer isso comigo.

— *Foi maravilhoso* — sussurra. — *Senti como se você estivesse realmente aqui.*

Abro os olhos e gargalho ao ouvir o comentário dela. Pobre inocente. Nem imagina que, se o meu pau tivesse entrado de verdade naquela bocetinha virgem, ela não estaria gemendo, e sim gritando.

— Não se engane, menina. Isso não foi nem o começo.

— *Eu sei... Mas é que... Foi incrível e...* — Na metade da fala, ela para. Imagino que percebeu que não está disfarçando a voz, pois logo se despede com um tom forçado, dizendo que precisa dormir, e desliga o telefone.

Ah, Beatriz. Quero ver se terá coragem de me dizer tudo isso cara a cara. Vamos ver se continuará torrando o meu juízo quando eu a colocar contra a parede.

Deixo o aparelho de lado e olho para a meleca de porra que está no edredom e na minha barriga. Que merda estou fazendo? Porra! A que ponto cheguei? Fazendo sexo pelo telefone com uma garota quando posso ter qualquer mulher experimente que eu desejar.

Dou um soco na cama, irritado, e cerro a minha mandíbula. Levanto-me e descarto o edredom sujo, em seguida, sigo para o banho.



BEATRIZ

Desligo o telefone assim que me dou conta que não disfarço mais a minha voz. Largo o aparelho na cama e levo a mão trêmula aos meus lábios. Oh, Deus! O que fiz? Será que ele percebeu alguma coisa?

Olho para o lado, onde deixei o celular, e reflito por alguns segundos. Acho que se ele tivesse percebido, teria dito algo. É isso!

Respiro um pouco mais aliviada e me levanto. Caminho lentamente até o espelho que fica acima do armário do toalete. Observo minha expressão cansada no reflexo, toco as minhas bochechas levemente coradas e deslizo meus dedos pelos meus lábios novamente. Dessa vez não é o medo que me atinge, e sim as lembranças do nosso primeiro beijo.

Com as mãos escoradas no mármore, sinto meu coração martelar meu peito ao repassar em minha mente a imagem do rosto másculo e sedutor, de uma beleza tão forte e marcante que deixa as minhas pernas bambas. O maxilar quadrado, com um furo no queixo, os olhos tão azuis quanto safiras, mas que ardem com as chamadas do desejo.

Sorrio e sigo para o chuveiro. Após tomar um banho rápido para retirar o suor do corpo, seco-me e me envolvo no roupão.



ALGUNS DIAS DEPOIS

No decorrer dos dias, dividi o meu tempo entre a faculdade, as poucas horas de serviço voluntário no aquário da cidade e algumas saídas com meus amigos. Gracy havia ficado para lá de empolgada quando a convidei para ir ao evento da Ferraz Engenharia comigo. Além de me fazer companhia, ela poderá ser uma excelente cúmplice caso eu precise inventar alguma desculpa para o papai. Já Pedro, ficou enciumado por não ter sido convidado para um evento tão importante e repleto de “beldades”, segundo ele.

Conversei algumas vezes com mamãe e respirei aliviada quando ela informou que o vovô estava melhor, mas que ela irá permanecer por lá mais alguns dias. De certo modo, tirei um enorme aperto do meu peito e agora estou mais tranquila. Exceto pelo fato que estou olhando para o vestido longo de cor marsala estendido sobre a cama, e que estarei cara a cara com ele em algumas horas.

Pego o vestido em minhas mãos e me afasto da cama para observá-lo mais detalhadamente. É uma linda peça, chamativa e sensual. Foi escolhido a dedo com a ajuda de Gracy para esta noite.

Retiro o roupão que envolve o meu corpo ainda fresco pelo banho recém-tomado e, com delicadeza, visto a peça. A saia esvoaçante cai sobre os meus pés descalços, e a fenda ousada deixa parte da minha coxa à mostra.

Caminho até o espelho para terminar de me arrumar e sorrio ao ver o profundo decote, velado apenas por uma delicada e transparente camada de tule da mesma cor do restante do vestido. Os ombros desnudos, devido às alças caídas, deixam o *look* ainda mais *sexy*.

Hoje não serei apenas uma inexperiente menina. Serei uma mulher decidida, disposta a tudo para conquistar o homem que ama.

Retiro os grampos que prendem os meus cabelos e permito que as madeixas sedosas caiam sobre as minhas costas. Após calçar as sandálias de salto e passar um perfume suave, retoco o

batom vermelho, pego a bolsa e o celular, e me retiro do quarto.

Papai me aguarda na sala, distraído, como sempre falando no telefone. Vejo-o andar de um lado ao outro, ansioso. Aproximo-me a tempo de ouvi-lo falar que já está a caminho. Ele desliga o telefone e vira-se na minha direção. Os olhos escuros se arregalam, surpresos ao me observar, e sorrio.

— Filha... Você está belíssima — diz e caminha na minha direção, estendendo a mão, também sorridente. Mas, ao observar melhor o meu decote, franze o cenho. — Este decote não está exagerado, querida?

— Ora, papai, não seja antiquado. É assim que as mulheres se vestem para esses eventos — digo, já o puxando para a saída antes que retrucasse. — Vamos? Precisamos passar na casa de Gracy.

Papai assente e segue na direção da porta. Acompanho-o e, após alguns minutos, estaciona o carro em frente ao portão da casa dos pais de Gracy. Ela caminha até nós, sorridente, usando um vestido azul-turquesa que eu a ajudei a escolher. O tecido gracioso, marcado na cintura, e os cabelos soltos, com cachos bem-definidos, a deixam ainda mais bonita.

Gracy senta-se do meu lado no banco de trás e me abraça.

— Você está um arraso, Bia — sussurra. — O Cadu vai cair durinho quando te ver.

Engulo uma gargalhada e jogo os cabelos para o lado, feliz, no entanto, nervosa. Tenho consciência do quanto estou bonita e bem arrumada. Mas será suficiente para seduzi-lo? Meu peito se aperta só em imaginar a cara dele quando descobrir quem sou de fato.

Ao chegarmos no hotel, papai entrega a chave do carro ao manobrista e entramos. Já no *hall*, posso ver a magnitude e luxo do evento que mais parece uma festa de gala, não um evento beneficente para arrecadar fundos para o projeto “zero moradores de rua”.

Vejo empresários e políticos importantes circularem pelo local, acompanhados de lindas mulheres. Alguns artistas famosos também estão presentes e interagem entre si. Sinto-me deslocada e ao mesmo tempo maravilhada por nunca ter participado de um evento desse nível.

Continuo andando ao lado de Gracy e meu pai até avistarmos um grupo de pessoas que trabalham na empresa. Entre eles, vejo Victor, todo trabalhado na elegância, conversando alegremente com outro funcionário, mas ainda nenhum sinal do Cadu.

Ao chegarmos perto das pessoas, papai nos apresenta e engata uma conversa com o grupo. Ao ver que analiso as pessoas à minha volta, ansiosa, Gracy me puxa para o lado, longe o

suficiente de ouvidos e olhos curiosos.

— Disfarça, Bia. Você está quase tendo uma crise de ansiedade.

— Não estou vendo sinal dele, Gracy — digo, nervosa.

— Não se preocupe, amiga. Com certeza, ele está em algum lugar deste hotel. Fique tranquila e respire.

Assinto e tento controlar os meus nervos. Pego um *drink* com um dos garçons que circulam pelo salão e o tomo quase todo de uma vez. Apesar do sabor adocicado, o gosto final do álcool queima a minha garganta.

No entanto, pego um atrás do outro em uma tentativa frustrada de me acalmar. Quanto mais os minutos passam, mas fico ansiosa e amedrontada pelos acontecimentos da noite.

Ao contrário de mim, Gracy parece estar encantada com toda a decoração sofisticada que nos cerca. Não consigo prestar muita atenção à minha volta, a não ser em cada rosto que observo, frustrando-me ao perceber que não é o dele.

Os minutos se arrastam e eu já me sinto mais animada devido à quantidade de *drinks* que consumi. Por um instante, até me esqueço por que estou aqui e de quem estou à espera. Logo Victor se junta a nós duas com seu charme e sorriso contagioso.

— Oi, meninas — cumprimenta assim que se aproxima.

— Oi! — Sorrio e também o cumprimento.

Victor coloca uma das mãos no bolso do paletó cinza e vira-se para Gracy. Apresento os dois e pego mais um *drink*, mas, ao contrário dos outros, começo a tomar este com calma.

— Não esperava vê-la aqui, Bia — diz ele, virando-se para mim novamente. — Que surpresa maravilhosa.

— Pois estou aqui. Fico feliz que minha presença o agrade — brinco, desinibida, e sorrio.

— Me agrada muito, na verdade. — Seu sorriso se abre de orelha a orelha e quase deixo um suspiro escapar da minha garganta. Já Gracy não faz tanta questão de disfarçar assim.

É incrível como os anos o deixaram extremamente bonito.

— Está gostando do evento? — pergunto.

— Oh, não. — Victor sorri e leva as mãos às têmporas. — Isso aqui estava um tédio até

você chegar.

Franzo a testa ao entender o sentido das palavras dele, mas não me acanho. Na verdade, levo tudo na esportiva, como se ele não tivesse acabado de me passar uma cantada, e sorrio mais uma vez antes de responder-lhe:

— Então você é um homem de sorte.

— Com certeza, sou — responde ele, olhando firmemente no meu rosto.

Um pouco desconcertada, desvio minha atenção para o lado e é quando o vejo passar, parando vez ou outra para cumprimentar alguém. Os passos firmes, confiantes e elegantes. A cabeça erguida, olhando para a frente, focado. O terno preto e impecável. Cada poro do corpo dele emana poder, controle e autoridade. Sinto minhas pernas ficarem bambas diante da figura tão máscula e viril que permeia os meus sonhos todas as noites. Contudo, algo que vejo faz minha respiração falhar e o meu coração se aperta como se estivesse sendo esmagado lentamente. Ao lado dele, vejo uma bela e elegante mulher.

Acho que a mulher mais bonita que já vi em toda a minha vida. Seus cabelos são loiros, brilhantes, batendo na altura dos ombros. A pele é tão clara e imaculada que parece porcelana, contrasta magnificamente com o vestido dourado que usa.

Sinto uma secura em minha garganta e desvio o olhar quando ela entrelaça as mãos nos braços dele. Meus olhos marejam, e a única vontade que tenho agora é de sair correndo, embora não faça muito tempo que eu tenha chegado. Deduzo que ele tenha desistido do nosso encontro, afinal, não traria uma mulher consigo se ainda fosse levar o plano adiante. Conjecturando assim, sinto-me derrotada, vazia.

— Beatriz... Beatriz... — Viro o meu rosto e fito os olhos expressivos de Victor. Seu semblante está preocupado. — Está tudo bem? Você está gelada.

Olho para baixo e só agora me dou conta que ele segura a minha mão.

— Sim... Estou bem. Não se preocupe. — Abro um sorriso forçado, tento disfarçar minha grande decepção e olho na direção de Gracy. Ela também me encara, visivelmente séria. Em seguida, olha na direção do Cadu. Ela também percebeu que ele chegou acompanhado de outra mulher.

Baixo os meus olhos, envergonhada. A sensação é de que acabo de levar um degradante e covarde pé na bunda. Ele poderia, ao menos, ter desmarcado nosso compromisso. Tento me recuperar do choque e restabelecer meu bom senso. Preciso superar esse momento e essa

humilhação. Então, decido que, já que estou aqui, tentarei me divertir um pouco, ou ao menos fingir.

— E lá vem a parte mais chata da noite — comenta Victor.

— Como assim? — Pisco como se tivesse acabado de acordar de um pesadelo e questiono confusa.

— Está na hora dos discursos e blá blá blá. E com certeza o primeiro a discursar é o todo poderoso Carlos Eduardo Ferraz. Fala sério... — Victor se aproxima do meu ouvido e sussurra. — Esse cara é um porre.

Preciso me conter para não soltar um riso cínico. Realmente, tenho que concordar com ele. Cadu é um porre, um cachorro safado e eu me odeio por gostar tanto dele.

Victor pisca e aperta a minha mão um pouco mais. Porém, quando ele se aproxima novamente para falar algo em meu ouvido, ouço o toque de chamada no meu celular e me afasto. Olho para o Cadu de relance e percebo que ele acaba de guardar o aparelho no bolso do paletó e se encaminha para subir no pequeno palco.

Pego meu aparelho dentro da bolsa, vejo a chamada perdida dele e uma mensagem. Meu coração dispara freneticamente.

Pegue o cartão da suíte na recepção e me aguarde na cama. Meu discurso vai durar apenas dez minutos.



CAPÍTULO 17

BEATRIZ

Peço licença ao Victor, deixando-o confuso e sigo na direção de Gracy. Puxo minha amiga para um canto menos movimentado e mostro a ela a mensagem.

Gracy franze a testa. Olha para o palco onde o Cadu discursa e depois para a mulher que chegou com ele. Suspiro fundo e fecho os meus punhos, magoada. Meus olhos analisam cada detalhe do rosto másculo que eu daria tudo para deixar meus cinco dedos gravados agora.

— Eu não sei o que fazer, Gracy — digo, virando-me para ela. — Não entendo por que ele veio acompanhado. Estava certo para nos encontrarmos na suíte.

Gracy suspira e volta a sua atenção para o palco, como se procurasse as palavras a serem ditas com cautela.

— Não sabemos quem é essa mulher, muito menos o que ela representa para ele, Bia. Mas se ele já te enviou mensagem, pedindo para esperar na suíte, mesmo estando acompanhado de outra, é porque com toda a certeza ela não significa nada. — Gracy segura na minha mão e se aproxima mais. — Além disso, ele não sabe que você é a Bianca. Fazer jogo duro agora só vai afastá-lo e anular qualquer chance que você tenha de conquistar aquele homem. Então sugiro que

você vá e diga a verdade, mas, por enquanto, não dê o que ele quer. Seja firme, amiga. Faça ele ver que você não é qualquer uma e muito menos se contenta com tão pouco. Estamos entendidas?

Assinto para ela e franzo a testa, preocupada. Apesar de estar um pouco mais leve devido à ingestão de álcool, sinto um enorme aperto no meu coração.

— Fique na companhia de Victor e me dê cobertura caso o papai pergunte. Eu não demoro.

Gracy balança a cabeça em afirmativa, e eu sigo na direção da recepção. Pego o cartão magnético e caminho até o elevador que dá acesso aos quartos e suítes. Após sair do elevador e encontrar a suíte que ele reservou, sinto meu coração bombardear meu peito com batidas tão frenéticas que praticamente posso ouvir os embates alucinados.

Minhas pernas fraquejam e o mundo parece rodar à minha volta. Sou obrigada a me segurar na porta para não perder o equilíbrio. Já começo a me arrepender dos *drinks* que tomei. Acho que passei do limite completamente.

Um pouco melhor, destranco a porta e abro apenas uma fresta para espionar lá dentro. E, uau...

Analiso cada detalhe dos móveis sofisticados em tons marfim e da decoração requintada. Fico momentaneamente impressionada com todo o luxo da suíte presidencial.

Ainda mais nervosa, entro e encosto a porta atrás de mim. Dou alguns passos pela sala de estar, tomando cuidado para não encostar e quebrar nada. Não posso confiar em meu próprio tato depois de cinco *drinks*.

Continuo andando até atravessar o local e chegar ao quarto.

A cama larga, com lençóis brancos e vermelhos, é como um convite velado para que eu me deite e sinta a maciez sob as minhas costas. Engulo a saliva com dificuldade ao me imaginar deitada ali, fazendo amor com ele. Sinto arrepios por todo o meu corpo.

No entanto, esses sentimentos são massacrados e pisoteados como folhas secas no chão, quando me recordo que ele teve a audácia de aparecer acompanhado de outra mulher. A raiva e a tristeza me consomem e nem ao menos percebo quando me sento na cama e coloco as duas mãos na cabeça.

Céus, o que estou pensando?

Cadu é um homem maduro, bonito e extremamente rico. Pode ter qualquer mulher, a hora que quiser. É um conquistador. Não sei se me encontrar com ele nesse estado de embriaguez é

sensato. Eu abriria as pernas para ele apenas com um sorriso do cafajeste, e hoje ele não merece isso. Aquele cretino...

Decidida, pego meu celular e começo a digitar uma mensagem para informá-lo que a Bianca teve um imprevisto e não pôde ir ao evento. Voltarei para o salão e chamarei Gracy para irmos embora. Papai que me desculpe, mas não posso ficar me torturando, vendo o Cadu com outra. Também não lhe darei o gostinho de me tocar assim, não depois do que ele fez. Ele não vai morrer se levar um toco uma vez na vida.

Termino de digitar a mensagem e saio do quarto apressadamente. Passo a mãos pelos meus cabelos, visando arrumar qualquer fio que esteja fora do lugar e, assim que fecho a porta às minhas costas, corro até o elevador.

Chamo o elevador e, enquanto o aguardo, ouço o toque do meu celular. Pego o aparelho, já imaginando de quem se trata, e minhas suspeitas se confirmam quando vejo que é ele.

Respiro fundo e atendo.

— *O que aconteceu? Por que não pôde vir?* — questiona ele, parecendo irritado.

— É que... Eu... Estou resfriada — minto e tento mudar um pouco a minha voz. — Sinto muito.

Respiro mais aliviada quando vejo o elevador parar no andar que me encontro.

Mas, quando as portas se abrem, tudo o que desejo é correr até a janela mais próxima e me jogar.

— Tem certeza, Bianca? Ou posso dizer, Beatriz! — indaga ele, parado na minha frente com o maxilar cerrado e os olhos azuis vibrantes, encarando-me com ferocidade.

Ah, meu Deus! Estou tão ferrada. Meu nervosismo e medo são tão grandes que posso sentir o álcool e o meu sangue evaporando.

— Cadu? Oi... Que surpresa — murmuro e dou alguns passos para trás.

O homem caminha na minha direção com passadas firmes e eu praticamente perco o ar. Senhor, por que ele tem que ser tão grande e intimidante?

Continuo andando para trás até me chocar contra a parede. Fecho os meus olhos quando ele se aproxima e apoia as mãos na parede, uma em cada lado dos meus ombros, impossibilitando que eu tenha qualquer chance de fuga.

A proximidade com o calor do seu corpo faz o meu tremer, descontrolado.

— No que você estava pensando, menina? — questiona. A voz tão raivosa que, por um momento, penso que vou desmaiar.

Sinto o toque bruto da sua mão no meu queixo, fazendo com que eu vire o rosto para ele. Ao sentir o hálito quente, próximo à minha boca, estremeço ainda mais.

— Olhe para mim. Quero que diga todas aquelas coisas olhando na minha cara!

Lentamente, abro os meus olhos e fito os dele. Nossos rostos estão tão próximos que posso distinguir perfeitamente o tom amarronzado que ele possui na íris do olho esquerdo. Fico impressionada. Contudo, logo mudo o foco da minha atenção quando ele volta a falar:

— Diga, Beatriz. Por que me mandou aquelas mensagens e fotos? O que pretendia com aquilo?

— Eu... amo você, Cadu — confesso, sem fôlego, hipnotizada. A voz sai em um murmúrio ofegante, mais parecido com um sussurro. — Eu sempre amei.

Ele dá um passo para trás, arregalando os olhos, como se o que acabou de ouvir fosse a confissão de um assassinato e não uma declaração de amor.

— Essa foi a única forma que encontrei de me aproximar — completo.

— O que está dizendo? — Vejo-o passar a mão pelo cabelo, desacreditado.

— A verdade! — respondo. — Foi por isso que inventei tudo isso. As mensagens, as fotos, as provocações. Eu não suportava...

— Beatriz... — diz ele, interrompendo-me, e puxa a minha mão. — Vem comigo.

— O quê? Para onde?

— Pra suíte que reservei. O corredor não é um local adequado para se ter uma conversa como esta — responde, seco.

Meu corpo congela quando o vejo pegar outro cartão magnético do bolso do paletó e abrir a porta. Engulo em seco ao imaginar que ficarei a sós com ele em uma suíte.

— Entre! — ordena e dá um passo para o lado, dando-me espaço para entrar.

Ao fitar seu semblante furioso, paraliso no mesmo lugar.

— Acho que não é uma boa ideia... — respondo com hesitação.

Cadu caminha para o interior da sala de estar e volta a me encarar.

— Entre, Beatriz. Chega de jogos. A brincadeira acabou.

Relutante, dou alguns passos para a frente e, assim que entro, apresso o meu ritmo. Sento-me no sofá da sala de estar, trêmula, procurando não o encarar. Eduardo caminha na minha direção e para na minha frente. Levanto a minha cabeça e vejo o seu olhar gelado, analisando cada compartimento do meu rosto.

— O que sabe sobre o amor? — questiona impassível. — Você é só uma menina, Beatriz. Você não sabe o que é amar alguém!

As palavras dele são como ferro em brasa, direto no meu coração. Sinto raiva, angústia e dor. Quem ele pensa que é?

— Não tenho culpa se você não tem sentimentos, Eduardo, mas não sou como você — digo, ferida, e me levanto, desafiando-o. — Eu posso ser jovem, sim, mas não preciso pisar nos sentimentos de ninguém para me sentir superior. — Uma lágrima rola pela minha face e viro o rosto, enquanto levo a mão ao olho para contê-la.

Quando volto minha atenção para ele, percebo que o Cadu me encara intrigado, como se tentasse decifrar a verdade no fundo dos meus olhos. Mas eu não baixo a cabeça. Mantenho meu nariz erguido e o fito com todo o meu orgulho.

— Eu não quis magoar você — justifica. — Mas você é muito jovem para entender algo sobre isso — diz e volta a me olhar com seriedade. Dessa vez, o semblante furioso dá lugar a algo mais parecido com pena. — Com certeza está confundindo uma atração com amor. Jovens são volúveis e logo terá superado esta paixãoite. Mesmo assim, você é inexperiente, acabará saindo magoada, e não quero isso.

Deixo um sorriso sarcástico escapar dos meus lábios e viro as costas para ele, impossibilitada de continuar encarando este homem que tanto me faz mal. Engulo as lágrimas amargas que teimam em querer cair, enquanto o meu corpo humilhado treme, quase desabando.

— Engraçado. Você não pensou que me magoaria quando chegou acompanhado de outra mulher...

Ouçõ seu suspiro profundo logo atrás de mim e o toque da sua mão nas minhas costas faz o meu corpo reagir com arrepios. Odeio-me ainda mais por isso.

— Ela não é quem ou o que você está pensando... — O som da sua voz soa calmo e preocupado, mas nada disso importa agora.

— Não precisa se explicar. Você não me deve explicações, Eduardo. — Viro-me na direção dele e o encaro. — Eu vou para casa.

Dou meia volta e caminho na direção da porta. Mas paro no meio do caminho quando ouço a voz dele.

— Posso não ter sentimentos, como você mesma disse. Mas eu sempre soube que a Bianca era você, Beatriz. E eu nunca usaria outra mulher para humilhá-la.

A revelação dele é como um soco no meu estômago. Se eu já estava envergonhada, agora devo estar vermelha.

— O que disse? — desacreditada, fito-o lentamente.

— Sim. Eu já sabia que Bianca e você eram a mesma pessoa. — Continuo encarando-o, confusa, começando a entender o que está acontecendo. Ao ver que permaneço calada, ele continua. — Aquela mulher que chegou na festa comigo é uma prima, filha de uma irmã da minha mãe. Ela chegou ontem da França, veio cuidar dos preparativos do próprio casamento e está hospedada na casa dos meus pais. O noivo dela desembarca no Brasil em algumas semanas e os pais chegam ao Rio amanhã.

Abro e fecho a boca algumas vezes, ainda sem conseguir processar as informações que ele jogou em cima de mim, tudo ao mesmo tempo. Percebo como fui precipitada no meu julgamento quanto à mulher que o acompanhava. Também estou envergonhada do joguinho que mantive com ele quando ele já sabia a verdade ... Como fui tola.

— Por que não me disse que já sabia? Eu não entendo... — pergunto, confusa.

Cadu balança a cabeça de um lado a outro e sorri.

— Porque eu queria saber até que ponto você iria chegar. — Ele caminha na minha direção e, ao se aproximar, quase colando o corpo no meu, toca o meu queixo com cuidado. — Queria saber se toda aquela ousadia se estenderia além das telas de um celular. Mas, principalmente, queria te dar um belo corretivo para aprender a não ser tão atrevida. O que você fez não foi legal, menina. Me provocou de uma forma insana, sem pena. Eu sou um homem, é difícil manter o controle, e você é algo que eu não posso ter.

Sua mão quente desliza do meu rosto até os cabelos da minha nuca, prendendo-os. Seus olhos percorrem o meu pescoço e busto. Parece fascinado.

Puxo o ar com dificuldade para os meus pulmões, assustada e ao mesmo tempo perdida com a mudança do jogo. Em um momento, eu estava lá embaixo. Agora, estou no topo, ouvindo coisas

que jamais imaginei ouvir dele.

Uma pontinha de esperança começa a surgir em meu peito quando o vejo fitar a minha boca, sedento.

Umedeço os lábios, ansiosa. Já não sei mais nem quem sou, nem o que faço aqui. É como se tudo tivesse perdido o sentido e tudo o que tem importância agora é sentir o sabor dos beijos dele.

— Eu não posso desejar você... — ele diz, mas seu corpo não reage da mesma forma que o seu raciocínio, pois, no instante seguinte, os lábios possessivos se colam aos meus.

Ergo minha mão e deslizo por seu peito, fazendo uma carícia lenta até alcançar sua nuca larga. A língua quente e ávida desliza pelos meus lábios, buscando entreabri-los a todo custo. Quando permito, ele mergulha para dentro da minha boca com movimentos desesperados que me deixam tonta. Sinto o toque da sua mão, deslizando pelas minhas costas e cintura, subindo até alcançar um seio e o envolver em sua mão. Ofego.

Ele aprofunda o beijo e aperta ainda mais o meu corpo contra si, permitindo que eu sinta toda a sua rigidez dentro da calça. E mesmo que meu corpo esteja quase paralisado de surpresa e medo, mordisco o lábio dele até ouvi-lo gemer e, lentamente, desço minha mão pelo seu peito e barriga.

— Bia... — ele grunhe quando toco seu pênis por cima da calça e aperto. Os lábios quentes deixam a minha boca e se apossam do meu pescoço. Morde e chupa de uma forma dolorosamente deliciosa, deixando-me arrepiada.



CAPÍTULO 18

CARLOS EDUARDO

— Bia... — grunho com a voz rouca quando sinto as mãos ousadas dela descendo até o cós da minha calça. Com uma carícia lenta, ela massageia o meu pênis e o aperta. Inferno! Fico louco, principalmente quando sinto os tremores do seu corpo inexperiente, colado ao meu. A maneira quase inocente e insegura com que ela me toca é deliciosa. Meu pau está quase explodindo de tanto tesão.

Deslizo meus lábios pelo seu pescoço, passando a língua em alguns pontos e mordendo em outros, enquanto continuo acariciando o seu seio. Ela geme baixinho e me aperta mais contra si em busca de equilíbrio. Sua pele fica completamente arrepiada com as sensações que provoço em seu corpo.

— Linda ... — sussurro em seu ouvido. — Tão quente, ferosa... Louca para me dar a bocetinha.

Ouçoo seu suspiro confuso e o estremecer do seu corpo. Beatriz coloca a mão no meu peito, como se fosse me afastar, mas não permito. Sei que ela está temerosa e eu deveria me refrear. Mas estou tão cego pelo desejo doloroso que ela desperta em mim que a aperto mais, voltando a procurar a maciez dos seus lábios.

— Eduardo... — ela murmura e tenta me empurrar, mas tudo o que faço é incliná-la sobre o sofá e, enquanto cubro o seu corpo com o meu, introduzo minha língua dentro da sua boca mais uma vez. Entorpecida com o beijo, Beatriz ofega e arranha o meu ombro por cima da camisa, entregue às minhas vontades.

Sinto suas mãos delicadas descerem pelo meu ombro e costas, massageando devagar. E nessa carícia deliciosa, desço minha boca pelo seu pescoço. Uso uma mão para me firmar no sofá e, com a outra, puxo o decote do seu vestido, expondo um seio.

Afasto-me, lentamente e a encaro. Seus olhos continuam fechados, como se estivesse entorpecida, a respiração ofegante cheia de anseios. Que merda! Como ela é deliciosa... Tão doce... Tão irresistível.

— Você é uma menina muito má — sussurro. — Quase fiquei louco quando te vi dentro desse vestido... atrevida! Exibindo esses seios lindos para aquele frangote ... Ainda vai me pagar por isso também.

Envolvo o seio pequeno em minha mão e a sinto estremecer com o calor do meu toque. Fico doido. Esqueço todos os motivos que me impedem de tocá-la e fazê-la minha.

Com desespero, abaixo o meu rosto e abocanho o seio intumescido, ouvindo-a gemer e levar as mãos até os meus cabelos. Sugo o bico sensível e rosado para dentro da minha boca e depois passo a língua para aliviar a ardência causada pela pressão dos meus lábios.

— Ahh!

Beatriz murmura coisas desconexas, sem sentido algum, e eu me afasto para observá-la. Ela pende a cabeça para trás tamanho é o prazer que sente nos meus braços, deixando os seios túrgidos e a pele clara do pescoço ao meu dispor.

Perdido, excitado e embriagado com os beijos que dei dela, levo minhas mãos ao cóis da minha calça, descaso os botões e desço o zíper desesperadamente. Volto a me inclinar sobre ela e, ao alcançar o lóbulo de sua orelha, mordisco e sussurro:

— Pega no meu pau, menina. Sinta como ele está duro por você! — Beatriz abre os olhos e me encara assustada, contudo, não espero até que ela se acostume com a ideia, apenas pego sua mão e a levo até o meu cacete. Quando sinto o seu toque quente por cima da cueca, ofego em um ritmo curto. — Isso... Assim...

Firmo-me no encosto do sofá e fecho os olhos quando sinto as unhas da sua outra mão deslizarem por minha barriga, arrepiando até a minha alma. Beatriz inspira fundo e continua com a

leve carícia até retornar ao cóis da minha cueca.

Em um movimento lento, sinto-a puxar o tecido para baixo, fazendo meu caralho saltar para fora, duro como uma rocha, com a cabeça completamente lambuzada de excitação.

— Cadu... É tão... grande.

Esboço um sorriso orgulhoso e abro os olhos para observá-la. Seus olhinhos assustados analisam cada detalhe do meu pau com uma mistura de curiosidade e medo.

— Sim, criança. Mas vai caber direitinho dentro de você! Agora, acaricia para mim.

Acatando a minha ordem, ela segura o meu pau firmemente e começa a fazer movimentos de vai e vem. Os dedos finos tocam a glânde vermelha e apertam, ao mesmo tempo que espalham o líquido pré-ejaculatório pelo cogumelo avantajado. Apesar da inexperiência, ela tem bons instintos. Safadinha deliciosa!

— Porra! Que gostoso... — gemo, quase perdendo o controle.

Penso em fazê-la chupar gostoso até eu me derramar nessa boquinha linda, mas no momento estou mais interessado em fazê-la gozar e meter o pau bem fundo na sua boceta, até sentir minhas bolas batendo no cuzinho que logo irei comer também.

Em um movimento rápido, seguro suas mãos e as prendo acima da sua cabeça. Com a outra mão livre, liberto seu outro seio e passo a chupá-lo com força. Ela choraminga, contorcendo o corpo, coberta de prazer.

— Ohh! — Ouço seus gemidos sofridos assim que minha boca libidinosa mordisca o bico, para logo depois abocanhar o seio inteiro, chupando e mordendo sem pena.

Desço minhas mãos até a fenda do vestido na sua coxa, aperto a carne macia e deslizo meus dedos pelo local. Exploro cada pequeno centímetro da sua pele com os meus toques. Subo minha mão até alcançar o bumbum bem feito e o aperto com vontade. Volto a beijá-la, ergo o seu vestido completamente e me coloco entre as suas pernas.

— Abre mais as pernas! — ordeno. Ela ofega, mas me obedece. Dobra os joelhos, dando-me mais acesso ao centro do seu prazer, e não perco nenhum segundo para alcançar sua calcinha e colocar o tecido para o lado. — Olhe para mim, Beatriz. — Esfrego meu dedo no centro lambuzado e quase vou à loucura quanto sinto o quanto ela está melada e toda depiladinha. Inferno! — Está pingando, menina.

Mantendo minha atenção focada em cada reação do seu rosto, dedilho o clitóris devagar e

deslizo a ponta do meu dedo na sua entrada. Beatriz crava as unhas no meu braço e choraminga, franzindo a testa.

— Oh ... meu Deus! Cadu... — Sinto a pressão das suas unhas afundando na minha carne por cima da camisa, mas não me retraio. Adiciono mais um dedo na sua boceta e aprofundo mais dentro dela, devagar. — Ahh! Não, por favor... — ela reclama, ofegante, e põe a mão no meu peito quando os meus dedos alcançam a barreira da sua virgindade.

Afasto minhas mãos do seu sexo e seguro suas coxas com força. Inclino o meu corpo para beijar sua boca e distribuo beijos pelo seu rosto até alcançar o lóbulo da sua orelha e mordiscá-lo.

— Eu vou te dar uma surra de pau — sussurro. — É isso que você merece por ser tão safada.

O cheiro suave da sua pele me inebria, aguça os meus sentidos de uma forma tão intensa que ofego, fico em ânsia, em busca de mais contato e prazer. Tenho vontade de devorá-la toda. Não me sentia assim, tão vivo e tão voraz, há muitos anos.

A cada beijo e carícia que trocamos, minha consciência grita para que eu pare. Mas puta que pariu. Eu não consigo. Essa garota me atrai como um ímã... Quero cada vez mais.

Ergo o meu corpo e fico de joelhos entre as suas pernas. Abro as suas coxas e inclino os seus joelhos para os lados, deixando a bocetinha toda aberta para mim. Caralho! Arregaço mais a calcinha para o lado, passo meus dedos pelos grandes lábios rosados e gemo ao ver os líquidos de sua excitação escorrendo da boceta até o cuzinho gostoso.

Beatriz contorce o corpo e me encara com os olhos arregalados, nervosa. Ela leva a mão até a boca e morde o punho fechado ao mesmo tempo em que tenta fechar as pernas. Seguro suas coxas com mais força, puxo o seu corpo para mim e desfiro um tapa no seu traseiro.

— Isso é por todas as vezes que me deixou com as bolas doendo de tesão. — Ela reclama, se contorce, deixando-me ainda mais excitado. Pego uma almofada e coloco embaixo do seu traseiro, abro sua vagina com uma das minhas mãos para expor o feixe de nervos sensíveis e rosados. Abaixo o meu rosto e enfio minha língua dura e possessiva na sua entrada, enquanto fricciono seu clitóris, arrancando mais alguns gritos da sua boca.

— Eduardo... — range e leva as mãos ao meu cabelo, bagunçando os fios. — Oh ... Céus!

Dou lambidas frenéticas no seu nervinho inchado e o abocanho. Chupo e mordisco de leve, tirando e enfiando a língua como se estivesse beijando a sua boca, para logo depois voltar a

lamber de baixo para cima. Quando sinto que o corpo dela começa a tremer, levanto a minha cabeça e desfiro um tapa do outro lado do seu traseiro.

— Aiii! — grita

— E isso é por você ter deixado aquele imbecil babar em cima do seu decote.

— Você está ficando louco, Edu — choraminga.

Volto a lambar sua boceta, tendo a certeza que realmente estou ficando mais louco a cada segundo. Abro os grandes lábios e rodeio o clitóris com a minha língua, empurrando o nervo para um lado e para o outro. Coloco um dedo na sua entrada e começo a fodê-la assim. Beatriz geme alto e ergue o quadril, desesperada por mais fricção. Arreganho mais suas pernas e dou uma lambida de Venom lá dentro, para logo depois deslizar a língua para cima, friccionando o montinho vermelho.

Ela volta a gritar, alucinada, e arranha os meus ombros. Quando sinto seu corpo tremer, ergo a minha cabeça para observá-la e a vejo com os olhos fechados, a testa franzida.

Sua boceta pulsa, apertando o meu dedo com um gozo tão intenso que me deixa à beira de um colapso. O cheiro do seu sexo entranha meus sentidos, e o sabor salgado e delicioso na minha boca me faz perder todo o raciocínio.

Respiro fundo e levo a mão no cós da minha calça para terminar de retirá-la, decidido a me afundar todo dentro dela. No entanto, quando volto a fitá-la e vejo as íris verdes brilhantes encarando-me com admiração, em uma mistura de desejo e amor, sinto como se eu tivesse acabado de ser esbofeteado no rosto.

Vejo no fundo do seu olhar de menina inocente e sonhadora que o que ela sente por mim vai muito além de paixão e desejo... Dou-me conta de que o que quero fazer, apenas por um desejo carnal, vai degradar seus sentimentos e magoá-la. Essa consciência é como um balde de água fria.

Engulo em seco ao me dar conta que estou prestes a cometer uma loucura. Pela primeira vez em muitos anos, uma onda de indignação e culpa me tomam, fazendo com que eu me afaste dela e leve a mão até os meus cabelos, irritado comigo mesmo. Irritado porque a quero loucamente quando não deveria e porque não posso tê-la. Caralho, que merda!

Felipe me mataria se soubesse de uma merda dessas. E pior, eu a magoaria de todas as formas possíveis, porque não posso corresponder a tudo que ela está disposta a me dar.



CAPÍTULO 19

BEATRIZ

Meu coração bate desesperadamente dentro do peito, meu corpo parece flutuar no ar. Quando as ondas do prazer diminuem um pouco, abro os meus olhos com lentidão e o encaro, fervorosa. Sinto todo o meu corpo se aquecer ainda mais à medida que o vejo levar a mão até a calça para terminar de tirá-la.

Ver o pênis dele completamente ereto, cheio de veias vigorosas e a cabeça avermelhada, faz a minha boca salivar. Anseio em senti-lo, mesmo que esteja trêmula e temerosa por causa da dor que irei sentir quando ele me possuir.

Nossos olhares se encontram, mas eu não consigo mais fingir ou omitir o que sinto. Sorrio levemente, seduzida pela virilidade tão quente que emana dele. É certo que o brilho e a admiração que estampam os meus olhos deixam claro o quanto o amo e o quanto desejei este momento. No entanto, percebo no fundo das ondas do seu olhar que a certeza que ele parecia ter, de repente, perde força. Sinto meu sangue gelar.

Eduardo me fita por poucos segundos e, como se de repente ele se tornasse uma outra pessoa, afasta-se e passa a mão pelos cabelos, nervoso, virando as costas.

Aflita, arrumo o meu vestido e forço-me a me levantar. Não sei o que dizer ou como agir diante da situação que começa a ficar constrangedora. Ao ver que ele continua de costas, caminho devagar na sua direção e o chamo.

— Cadu...

Espero alguns segundos, mas não obtenho nenhuma resposta. Ele continua imóvel, as costas e os ombros rígidos e tensionados. Os punhos fechados com força.

— Eu não posso fazer isso, Beatriz. Vá embora!

Sinto uma tensão fora do comum tomar conta do meu corpo no instante em que ouço as suas palavras. Meus olhos lacrimejam.

Ele está me rejeitando? Depois... depois de tudo?

— O que está dizendo? A gente estava...

— Isso foi um erro, menina. — Percebo que ele arruma a calça e vira-se na minha direção. — Isso não deveria ter acontecido, merda! — esbraveja, fazendo com que eu arregale os olhos assustada.

Eduardo me encara irritado, os olhos azuis faíscam. Ele morde o lábio inferior com tanta força que mal consigo acreditar quando vejo o sangue minar do ferimento assim que ele diminui a pressão dos dentes na carne macia.

— Céus... Seu lábio... — Faço um movimento lento, ponderando se me aproximo dele, mas sou interrompida.

— Vá embora. Saia daqui! — Suas palavras rudes fazem com que eu pare. Fico estática, sem nenhuma reação.

— Por que está falando isso? Há poucos minutos estávamos... quase transando — digo a última frase quase em um sussurro. Minha voz falha devido ao bolo agonizante que se forma em minha garganta.

— Olha, menina. Não sou nenhum príncipe encantado, não posso dar o que você quer. Então, antes que se machuque mais, aconselho que vá embora. Fique longe de mim.

Respiro com dificuldade, tentando controlar o tremor que se apodera do meu corpo, e dou mais um passo em sua direção. Ainda não consigo decifrar suas palavras como deveria. Estou chocada e envergonhada demais para raciocinar coerentemente.

— Está falando isso por causa do papai? Ele não...

— Também, Beatriz. Seu pai é o meu melhor amigo e o que quase fizemos foi um erro que não vai mais se repetir.

Um soluço escapa da minha garganta quando ouço suas palavras frias, vazias. Como se o homem que me tomava nos braços há alguns instantes tivesse se desfeito no ar, dando lugar a um desconhecido completamente transtornado.

Balanço a cabeça de um lado a outro e sorrio sarcasticamente. Um erro. É isso que significo para ele?

— Não parecia errado quando você estava enfiando a língua na minha boca seu... seu ogro — gaguejo e seco uma lágrima vergonhosa que escorre pela minha bochecha. Sinto-me humilhada.

Eduardo arruma o terno no corpo e sorri de lado com cinismo.

— Sua sorte foi que usei apenas a minha língua. Você não gostaria de ser apenas mais uma na minha cama, gostaria? — Levo minha mão aos meus lábios, tentando conter o choro que vem em forma de soluços constantes. Por que ele está fazendo isso? Por quê? — Desculpe destruir os seus sonhos, princesa. — Ele caminha até mim e segura o meu queixo trêmulo, fazendo com que eu o encare. — É melhor assim.

Por um instante, percebo que seu semblante se torna pesaroso, mas essa expressão dura por pouquíssimos segundos, pois logo o sorriso debochado toma o seu lugar.

Afasto-me dele, enojada, ferida, enquanto o arrependimento me toma. Como pude ser tão ingênua, meu Deus? Para o Cadu, as mulheres servem apenas para um prazer momentâneo. Como pude achar que esse homem tão árido se apaixonaria por mim, ou por alguém? Como pude amar este homem por tantos anos? Eu me guardei para ele com a tola ilusão de que Cadu seria capaz de corresponder. Mas ele não pode, porque tem uma pedra de gelo no lugar do coração.

Engulo a saliva com dificuldade e fecho os meus olhos, em busca de forças. Eu preciso sair daqui. Só preciso ficar longe dele.

— Beatriz... — Eduardo volta a se aproximar e estende a mão para segurar o meu braço. Parece preocupado. Contudo, em um rápido movimento, me desvio dele.

— Não toque em mim, por favor. Não cansa de me humilhar?

Eduardo respira profundamente e volta a falar:

— Beatriz, não haja como criança. Vamos passar uma borracha em tudo e fingir que nada

aconteceu. Será melhor para nós dois.

Ainda com o corpo trêmulo, desvio meu olhar do seu rosto e termino de secar o restante das minhas lágrimas, decidida a ir embora e seguir os seus conselhos: fingir que nada aconteceu e que nunca o conheci.

— Tem razão, Eduardo. Vamos fingir que nada aconteceu. Irei fingir que nunca conheci você e, a partir de hoje, minhas prioridades serão outras. A primeira coisa que irei fazer será perder a merda dessa virgindade com o primeiro babaca que aparecer na minha frente.

Ao terminar de falar, não espero nenhuma reação vinda dele. Viro-lhe as costas e sigo na direção da porta, pronta para ir embora e esquecer que algum dia amei este imbecil.



Ao chegar no salão em que está acontecendo o evento, vejo Gracy conversando alegremente com algumas pessoas, entre elas Victor e a tal prima do Cadu. Observo-os, enquanto imagino sobre o que tanto conversam e sorriem. Passo a mão por meus cabelos, tentando reverter um pouco do estrago. Arrumo o vestido e caminho na direção de ambos.

Ao me ver, Gracy ergue a sobrancelha e torce a boca para evitar sorrir. Mantenho minha expressão fechada, finjo sorrir para algumas pessoas que me cumprimentam e, assim que me aproximo dela o suficiente, Gracy me puxa pelo braço para um lugar mais reservado.

— Amiga, você está com cara de quem fodeu — comenta ela, sorridente. — Seus cabelos estão bagunçados e suas bochechas vermelhas como pimentão.

Cruzo os braços na frente do meu corpo e balanço a cabeça em negativa.

— Ele é um babaca, Gracy — digo sem rodeios — O Cadu já sabia de tudo, sabia quem eu era e simplesmente me dispensou. Por favor, vamos para casa, eu não quero vê-lo mais.

Gracy arregala os olhos, confusa, e segura na minha mão.

— Como assim, amiga? Me explique tudo com calma.

Assinto e conto a ela tudo o que aconteceu entre nós dois no quarto do hotel, inclusive os detalhes sórdidos e a súbita mudança de comportamento dele. Gracy ouve tudo atentamente, mas nada diz, apenas dá alguns sinais com a cabeça para que eu prossiga.

— E foi isso. O homem que amo desde os meus quinze anos é um ogro insensível e babaca.

— E o que você vai fazer a respeito?

Inspiro fundo e aperto os meus braços ainda mais em volta do meu corpo.

— Eu não sei... — Olho à minha volta e vejo Cadu se aproximando de um grupo de pessoas. O terno e os cabelos estão novamente impecáveis, como se há poucos minutos ele não estivesse me atacando como um louco. Ao desviar meu olhar, percebo que Victor me encara entre um gole e outro da bebida que está em suas mãos. Seus olhos brilham quando o encaro de volta e esboço um sorriso.

Em instantes, ele caminha na minha direção, deixando o grupo de pessoas que conversam animadamente. Ao ver que Victor se aproxima, Gracy fala alguma coisa que não consigo entender e volta a se juntar aos outros.

— Oi... me acompanha em um *drink*? — pergunta.

Desvio minha atenção do seu rosto disfarçadamente e vasculho o salão em busca do Cadu. Vejo-o sorrir enquanto conversa com algumas pessoas. Parece não notar a minha presença. É como se aqui no meio das pessoas eu não existisse para ele.

Abaixo a cabeça, triste, e volto a fitar o Victor. Seu semblante expressivo me encoraja a aceitar seu convite e, apesar de não ser o Cadu, ele também é um homem bonito, muito bonito.

Não sei se em algum momento estarei preparada para novas aventuras ou novos amores, mas este me parece ser um bom momento para seguir em frente e tentar, ou ao menos fazer novas amizades.

— Claro — aceito, e ele curva os lábios, esboçando um sorriso tão perfeito que me encanta.



CAPÍTULO 20

CARLOS EDUARDO

— Tem razão, Eduardo. Vamos fingir que nada aconteceu. Irei fingir que nunca conheci você e, a partir de hoje, minhas prioridades serão outras. A primeira coisa que irei fazer será perder a merda dessa virgindade com o primeiro babaca que aparecer na minha frente.

Merda! Só em imaginá-la com outro homem, sinto meus nervos aflorarem ainda mais. Tenho vontade de socar qualquer idiota que ousar olhá-la com segundas intenções.

O problema é que eu não deveria me importar, até porque eu a tive nos meus braços e não fui até o fim exatamente porque não posso. Mas a verdade é que, mesmo não querendo, eu me importo. A raiva que me toma ao imaginá-la com outro homem é tão grande que, quando ela sai e fecha a porta, caminho até o toalete e acerto o meu punho fechado no espelho acima do armário.

Ofegante, abaixo a minha cabeça e inspiro profundamente. Os cacos de vidro que brilham em cima do mármore contrastam com as gotas vermelhas do sangue que escorre por meus dedos. Sinto a ardência em minha mão, mas nada se compara com a frustração que sinto por desejar tanto uma mulher e não poder possuí-la.

— Merda! Merda! Merda! Maldita sedutora... — esbravejo irritado, encarando o estrago

que acabei de fazer. Ela é tão linda e doce que não consigo nem ao menos disfarçar o desejo que passei a sentir com tanto descontrole.

Quando foi a última vez que me vi tão louco para foder uma mulher assim? Acho que isso nunca aconteceu.

Meu lábio inferior lateja, fazendo-me lembrar o quão longe fui. Meu tesão por ela era tanto que mordi o meu lábio com toda a força, tentando me concentrar na dor e esquecer que ela estava ali na minha frente, entregue e excitada. Passo a língua pelo local ferido e sinto o gosto de ferrugem. Mas o sabor da bocetinha dela ainda está entranhado em mim, deixando-me louco. Porra!

Abro a torneira e coloco a mão ferida debaixo da água fria. Permaneço assim até os pequenos cortes pararem de sangrar e os meus nervos se acalmarem um pouco. Seco minhas mãos, arrumo o terno e o cabelo em um outro espelho do toalete e caminho para fora da suíte. Apesar de tudo, preciso manter a pose de CEO respeitado e seguir para o evento. Afinal, é para isso que estou aqui hoje.

Ao retornar para o salão, logo engato uma conversa forçada com um grupo de pessoas, enquanto finjo não perceber que ela me encara do outro lado do local.

Pego um *drink* na bandeja de um dos garçons que circulam pelo salão, cumprimento algumas pessoas e me mantenho focado na missão de ignorá-la, até porque o que Beatriz faz ou deixa de fazer não é problema meu. Não permitirei que uma garota me tire de órbita e me faça cometer alguma loucura. Sou um homem experiente que mantém o controle sobre tudo e todos.

— Boa noite, cara. — Ouço a voz de Felipe nas minhas costas e viro-me na sua direção. — Você simplesmente desapareceu. Não me diga que já estava flertando por aí! — Felipe sorri e toma um gole da sua bebida, enquanto eu apenas franzo a testa.

— Não exatamente — respondo, impassível. — Tive alguns contratemplos — justifico e tomo mais um gole do *drink*.

Felipe assente e começa a falar sobre o evento. Agradeço por ele não fazer mais perguntas porque, apesar de tudo, seria muita cara de pau da minha parte fingir que não me sinto mal por ter quase tirado a virgindade da filha dele.

Outras pessoas se juntam a nós em uma conversa ampla e eu me perco no tempo, até que a principal atração da noite é anunciada.

De relance, olho na direção dela e sinto meu sangue ferver quando a vejo conversando com

Victor. Os dois estão com os rostos tão próximos um do outro que posso garantir que em alguns instantes ele tentará beijá-la.

Beatriz balança os quadris no ritmo da batida eletrônica e sorri. Nem parece a mesma garota que saiu irritada e triste da suíte do hotel. Muito pelo contrário, está se divertindo como nunca. Seria ela tão volúvel assim? Por outro lado, conheço a natureza feminina. Ela está frustrada e muito puta da vida comigo, por isso tentará se vingar. Com certeza vai dar mole para esse idiota.

Merda!

Tenciono os meus músculos e corro os meus olhos pelo restante do salão. Vejo a amiga dela conversando com outras pessoas, incluindo a minha prima Priscila que chegou recentemente da França. As duas conversam de forma tão espontânea que parecem se conhecer há séculos.

Volto minha atenção para Beatriz e sou obrigado a descontar minhas frustrações no copo que seguro, apertando-o.

Ela vira as costas para o Victor. Permite que o imbecil a segure pela cintura e cochiche alguma coisa no seu ouvido. Ao olhar na minha direção, Beatriz percebe que mantenho minha atenção focada nela. Sorri e dá um rebolado discreto, voltando a conversar com ele.

Cerro o meu maxilar irritado e encaro Felipe, possesso de ódio. Ele agora conversa animado com um dos nossos clientes mais poderosos, não parece se importar que sua filha esteja quase agarrada a um marmanjo do outro lado do salão. Será que ele ainda não percebeu essa pouca vergonha da princesinha dele? Porra! Para deixar a situação ainda mais estranha, vejo Beatriz segurar na mão de Victor por alguns segundos e, então, ele rumo na direção da saída. Em seguida, ela caminha sorridente na nossa direção.

— Papai ... — Beatriz passa por mim e toca o braço de Felipe, chamando-o. Apesar do som alto, consigo ouvir nitidamente a conversa de ambos devido à nossa proximidade.

— Oi, querida. Tá tudo bem? — pergunta ele, preocupado ao fitá-la.

— Na verdade, sim. Estou um pouco cansada. Pedi para o Victor levar a mim e a Gracy para casa, o senhor se importa?

Que merda! Fecho os meus punhos, segurando-me para prensá-la na parede mais próxima e perguntar que porra ela tem na cabeça. Não percebe que o cara está louco para levá-la pra cama?

No entanto, balanço a cabeça e sorrio ao me dar conta que estou me preocupando em vão. O pai dela não permitirá que o Victor, um estagiário novato da *Ferraz*, a leve para casa.

— O Victor? O novo estagiário da *Ferraz*?

— Sim, papai. Ele era nosso vizinho, o senhor se lembra?

— Ah, claro, lembro, sim. Ele era um bom garoto ... — Felipe faz uma pausa, analisando a situação e continua. — Tem certeza que quer ir com ele, querida? Eu não irei demorar.

— Não se preocupe, papai.

Aperto o copo mais uma vez, desacreditando no que ouço. Felipe vai mesmo permitir que ela vá com aquele idiota? Enfurecido, nem ao menos percebo quando abro a boca para falar o que não deveria.

— Posso levar você, Beatriz. Creio que seja mais conveniente para o seu pai.

Ela me fita de repente com os olhos arregalados e as maçãs da face coradas. Com certeza não imaginou que eu me ofereceria para levá-la. Contudo, diante das circunstâncias, eu seria capaz de tudo para vê-la bem longe do trombadinha.

— Não será necessário, senhor Carlos Eduardo. Mas, obrigada! — Sorri descaradamente e passa por mim, seguindo na direção da saída para ir ao encontro do outro homem, deixando-me ali ainda mais enraivecido pela sua audácia em me chamar de senhor, quando há poucas horas estava gritando alucinada enquanto eu a chupava.

Vejo Felipe voltar a conversar com o cliente como se a filha ser levada para casa por um homem qualquer fosse algo normal. Mesmo que aquele babaca tivesse sido um vizinho e amigo da família no passado, ele não passa de um aproveitador barato, louco para enfiar o pau no primeiro buraco que aparecer. O problema é que, só de imaginar uma merda dessas, sinto o sangue congelar em minhas veias de uma forma terrivelmente assustadora.

Sem pensar coerentemente, sigo no encalço dela e, antes que Beatriz alcance a porta de saída, seguro em seu braço.

— Onde pensa que vai com aquele cara, Beatriz? — questiono, e ela vira-se na minha direção, assustada.

— Para... para casa... — murmura.

— Você acha que sou idiota? Acha mesmo que irei acreditar nessa história de cansaço?

Ela puxa o braço, libertando-se da minha mão, e responde:

— E o que você tem a ver com isso, senhor Eduardo? Que eu saiba, não te devo nenhuma

satisfação!

Cerro o maxilar, nervoso diante do seu atrevimento, mas decido partir para outra estratégia. Sei muito bem que ela está fazendo tudo isso apenas para me provocar.

— Tentando me deixar com ciúmes, Beatriz? Isso não vai funcionar, menina. — Sorrio de lado, debochado ao ver que ela perde a fala, ficando ainda mais nervosa.

— Não tenho nenhuma pretensão em te deixar com ciúmes, Eduardo. Agora, se me der licença, minha noite está apenas começando, e eu não quero me estressar discutindo com o senhor novamente — rebate ela com atrevimento, fazendo o sorriso vitorioso se desmanchar no meu rosto.

— Você não teria coragem de ir pra cama com ele...

— Não? Paga pra ver, então! — responde e dá meia volta.

Ainda me movimento para ir atrás dela e impedi-la de sair daqui com aquele projeto malfeito de homem, contudo, no instante seguinte, sou cercado pela imprensa e inúmeros repórteres cheios de perguntas infinitas me rodeiam.

Tento me desviar e seguir atrás dela, porém, ao procurá-la entre as pessoas, percebo que simplesmente a perdi de vista no meio da multidão. Sinto o ar faltando em meus pulmões, tamanha é a minha fúria.



CAPÍTULO 21

BEATRIZ

Percebo que ele se embaraça com os repórteres que o cercam e me perde de vista. Com o coração batendo forte no peito, corro o mais depressa possível na direção da saída, tomando todo o cuidado para me camuflar em meio às pessoas que circulam pelo local.

As palavras ditas por ele feriram como brasa. Ainda sinto a ferida recém-aberta, minando sangue dentro do meu peito junto com o peso da rejeição. O sorriso debochado foi a gota d'água para mim.

Ao sair do hotel, sinto uma lufada do vento frio balançar os meus cabelos. Avisto Victor dentro do carro, acenando para mim, e aperto o meu passo. Assim que me aproximo, indico para que ele espere um segundo e pego meu celular para falar com Gracy.

— *Bia? Cadê você mulher?* — pergunta Gracy, atendendo à ligação.

— Amiga, estou na frente do hotel. Preciso que venha até aqui, por favor.

— *Aconteceu alguma coisa? Você está bem?*

Afasto-me do carro dele e me encosto na parede do hotel para poder falar com mais

privacidade.

— Eu disse ao meu pai que Victor iria levar nós duas para casa. Falei isso, alegando estar cansada, apenas para fazer ciúmes no Cadu. Se papai te vir aí dentro sem mim, com certeza vai me dar a bela de uma bronca. Sei que tentar fazer ciúmes no Cadu foi uma tremenda inconsequência. Mas eu agi por impulso. Agora preciso que você me ajude.

Gracy bufa do outro lado da linha e já posso imaginar o quanto está ranzinza por eu ter interrompido sua diversão essa noite.

— *Porra, Bia. Você se mete em confusão com esses homens e sobra até para mim?*

— Desculpa, amiga. Quebra esse galho para mim, por favor — falo, prometendo a mim mesma agir com mais racionalidade no futuro.

Ela suspira pesadamente.

— *Espere um instante. Estou indo.*

Retorno para o carro de Victor e entro no banco do carona, um pouco sem jeito.

— Gracy já está vindo — informo. Ele assente e sorri.— Desculpe te tirar da festa para nos levar para casa. Eu realmente estou cansada — explico.

— Não precisa se desculpar, Bia. Para mim é um prazer. — Pisca.

Engulo em seco, vendo seu olhar com segundas intenções fitarem cada milímetro do meu rosto. Quando o pedi para me levar em casa, alegando estar exausta, não parei para pensar nas consequências disso. Naquele momento, eu só queria provar para o Cadu que ele não era o único homem na face da Terra capaz de despertar o meu interesse. No entanto, agora que cheguei até aqui, dou-me conta que acabei abrindo uma brecha para o Victor pensar que estou interessada nele. Apesar das provocações que deixei escapar da minha boca na discussão com o Eduardo, não tenho a mínima pretensão de ir para a cama com o homem que praticamente me devora com o olhar agora.

Senhor!

Abro um sorrisinho amarelo e desvio o olhar, morta de vergonha.

Em que situação fui me meter?

Após alguns instantes, Gracy aparece e se aproxima do carro. Respiro mais aliviada ao ver minha amiga vindo ao meu encontro, pronta para me ajudar a sair dessa enrascada. Contudo, não é

bem isso que acontece.

A louca se debruça na minha janela e simplesmente nos informa que vai pegar um táxi para ir embora. Alega para o Victor que mora em outra direção e não deseja incomodar. Cochichando no meu ouvido, diz que de forma alguma vai segurar vela para mim. Ele compreende a intenção da Gracy e assente para ela com um sorriso matreiro. Não tenho meios de contestá-la sem que o Victor perceba. Agora estou mesmo lascada.

Tenho ímpetos de assassiná-la aqui mesmo, só não o faço porque sei que sofrerei depois. Mas a vontade é grande.

Gracy sorri e se afasta, dando um tchauzinho descarado que me faz ranger os dentes de raiva. Não vejo a hora de poder torcer o pescoço dessa amiga da onça que ignora na cara dura o meu apelo silencioso.

Após dar a partida no carro, Victor liga o som em uma música contagiante do Zayn, o que me faz relaxar um pouco, mesmo com o seu olhar travesso na minha direção.

Enquanto ele guia o veículo pelas ruas movimentadas da capital carioca, não consigo pensar em mais nada que não seja no Cadu e no quanto agi como uma criança boba por tanto tempo. Confesso que ao relembrar do momento em que declarei o meu amor para ele, sinto vontade de me jogar da ponte para nunca mais ter que olhar naquela cara de cachorro cretino. Percebo agora que ele não me leva a sério. Deve achar que é uma paixonite infantil. Nisso, não posso culpá-lo. Até o momento, não tive qualquer atitude adulta. Mas isso vai mudar.

Estou perdida em meus pensamentos quando ouço o toque de mensagens do meu celular. Pego o aparelho para verificar de quem se trata e vejo que é de Gracy.

Amiga, já estou a caminho da minha residência. Divirta-se ;)

Reviro os olhos e aperto o celular com toda a minha força. Gracy tem sorte de não ser ela que está na minha frente.

Quero te matar, Gracy

Vai querer me matar ainda mais quando souber o que eu disse para o Cadu quando ele chegou na frente do hotel enquanto eu aguardava a minha condução :)

Quando leio a menção do nome dele, sinto meu sangue coagular em minhas veias. Meu corpo inteiro fica gelado.

O que você disse?

Que vocês tinham ido para um motel, lógico.

O homem ficou transtornado.

Meu Deus...

Chocada, inspiro fundo e escoro a minha cabeça no encosto da poltrona. Se ele tinha alguma dúvida de que eu realmente iria pra cama com o Victor, agora deve estar se mordendo de raiva. E deve me achar ainda mais leviana e infantil. Merda!

Não precisa agradecer. Afinal a fila anda, não é mesmo? Depois me conte tudo. Beijos

Mordisco o meu lábio e volto a guardar o celular na pequena bolsa de mão. Permaneço em silêncio, concentrada na melodia da música e em cada beijo que troquei com ele mais cedo. Queria odiá-lo, porém não tenho forças o suficiente para isso. Mas saber que feri o seu ego, mesmo que minimamente, me dá uma sensação de revanche. Sim, eu sei: vingança não é um sentimento nobre nem maduro. Mas também tive meu ego ferido e não vou negar que sinto um gostinho bom pela desforra.

Fecho os meus olhos e cantarolo um trequinho da música *Dusk Till Dawn*, tentando esquecer um pouco do desastre que foi essa noite.

— Tem certeza que quer ir para casa, Bia? Podemos fazer alguma outra coisa se você

desejar. — Ouço a voz de Victor e viro-me na sua direção. — Ainda é cedo, podemos tomar alguma coisa em um barzinho aqui perto — sugere.

Balanço a cabeça e nego.

— Acho que não é uma boa ideia. Já bebi mais do que devia e estou realmente cansada. Quem sabe outro dia — digo para desfazer o mal-entendido e eliminar qualquer ideia equivocada.

— Tudo bem. — Assente sorridente. — Irei considerar que você esteja realmente cansada para não me sentir tão mal com a sua recusa.

Mesmo estando triste, sorrio e ajeito a barra do meu vestido.

— Você não mudou praticamente nada, Victor. Continua o mesmo garoto divertido que morava ao lado da minha casa.

— Divertido e bonito, diga-se de passagem — diz, curvando os lábios.

Gargalho com o comentário bobo dele e volto a respondê-lo, lembrando o quanto ele fazia sucesso com as garotas. Engatamos uma conversa agradável, lembrando alguns momentos engraçados que vivemos. O tempo parece voar e, em poucos minutos, ele estaciona o carro no meu condomínio.

— Chegamos... — Victor destrava o cinto de segurança e eu faço o mesmo.

— Obrigada. E mais uma vez desculpa por...

— Shhh ... — Ele coloca o dedo nos meus lábios, impedindo que eu continue falando, e me encara. Seu olhar escuro como a noite me arrepia, hipnotiza-me por breves segundos. No entanto, a sua aproximação, fitando a minha boca, faz com que eu desperte do meu transe e desvie o meu rosto para o lado, rejeitando o seu beijo.

— Victor... Eu... não posso — murmuro ofegante e abro a porta do carro.

Ele assente em silêncio, seriamente, como se compreendesse por que o estou recusando. Fita o meu rosto uma última vez e desvia o olhar, focando a atenção à sua frente. Saio do carro rapidamente e aguardo até que ele dê a partida no veículo e vá embora.

Com o coração martelando forte, confusa, entro em casa e sigo direto para o meu quarto.

Tomo um banho morno para tentar relaxar e aliviar um pouco da tensão do dia, no entanto, nem mesmo o banho relaxante consegue fazer com que minha mente desacelere. Coloco os fones de ouvido, escolho a playlist de Zayn e me agarro a um dos travesseiros.

Cansada de tentar ser forte e fingir que não me importo, permito que uma lágrima escorra pelo meu rosto e molhe o travesseiro. Por mais que eu tente sorrir e mentir para mim mesma, dizendo que ele não vale a pena, sei que não é verdade. Meu coração traidor insiste em bater descompassado quando o maldito do meu cérebro repassa milhões de vezes a imagem do seu rosto na minha cabeça.

Retiro os meus fones, disposta a tudo para tirá-lo da mente e conseguir dormir um pouco, mas nada no mundo havia me preparado para ver o nome dele na tela do meu celular em uma ligação.

Um frio na barriga me faz ranger os dentes, nervosa e ansiosa. Reflito se o atendo, porém, diante dos acontecimentos do dia, concluo que o melhor para mim agora é me afastar um pouco antes que eu enlouqueça. Preciso me desintoxicar desse homem para dar outro rumo à minha vida.

Respiro fundo e, enquanto outra lágrima escorre pelos meus olhos, clico em rejeitar chamada.



CAPÍTULO 22

CARLOS EDUARDO

— Diabos! — esbravejo irritado em frente ao hotel, enquanto vejo a amiga de Beatriz sumir da minha vista dentro de um táxi.

Beatriz só pode estar brincando com a minha cara. Pela primeira vez na vida, eu desisti de uma transa. Fiz isso para evitar que ela se machucasse posteriormente. Não quero que ela se magoe com um cara como eu: com o coração árido. Posso ser um homem sem coração, mas tenho consciência. Mas, aí, o que ela faz? A menina simplesmente se manda para um motel com outro homem. Um outro qualquer que não a valorizará como merece. Que merda!

Porra! Porra!

Jogo a taça que ainda estava em minhas mãos no chão da calçada, fazendo o objeto cristalino se estilhaçar em milhões de partículas. Alguns transeuntes olham na minha direção, surpresos, e ficam ainda mais assustados quando se dão conta de quem eu sou. Respiro fundo e aceno, indicando que está tudo bem, como se a taça quebrada fosse apenas um acidente. Disfarço, mesmo que minha única vontade agora seja ir atrás daquela pirralha sem juízo e deixá-la trancada em um quarto para nenhum gavião inescrupuloso chegar perto.

Passo a mão pelo meu cabelo e pescoço, nervoso, e ando de um lado para o outro. Contudo,

não tenho outra saída a não ser voltar para o evento e cumprir com as obrigações às quais me dispus. Afinal, não posso perder a merda do meu controle por causa de uma menina inconsequente. Preciso ser racional e dimensionar devidamente a situação. Ela é apenas uma menina brincando de seduzir.

Gargalho com sarcasmo e me repreendo internamente por perder meus minutos preciosos com uma garota. Passei anos da minha vida sem dar a mínima para o que as mulheres que frequentavam a minha cama faziam quando eu não estava por perto. Não darei importância e nem perderei a minha cabeça e controle com isso agora. Foda-se.

Quando caminho para retornar ao hotel, volto a ser surpreendido pela imprensa, que faz inúmeras perguntas sobre o projeto e evento beneficente, além de alguns questionamentos mais invasivos sobre a minha vida pessoal. Respondo-os, tentando manter a calma e discrição, mesmo que por dentro esteja me mordendo de raiva. Procuro responder a todas as perguntas sem deixar transparecer o meu estado de espírito ou expor a minha vida particular. Respiro aliviado quando finalmente consigo abrir uma brecha para escapar dos holofotes. Retorno para o interior do hotel, pego outro *drink* e passo a conversar com um grupo de empresários do ramo da construção civil.

Alguns minutos depois, minha prima, Priscila, que me acompanhou até o evento, aproxima-se e começa a questionar sobre o paradeiro de Beatriz e a amiga Gracy, sem deixar de mencionar o machucado no meu lábio inferior. Achei estranho ela me interpelar sobre a Bia. Elas foram apenas rapidamente apresentadas. Dou de ombros, invento uma desculpa qualquer sobre a ferida e digo que não tenho ideia para onde elas foram. No entanto, Priscila me encara com a testa franzida e a sobrancelha erguida, deixando claro que não está convencida com as minhas justificativas.

— Engraçado, Cadu. Pensei ter visto você indo atrás da Bia na direção do *hall* e, alguns minutos depois, a Gracy, amiga dela, que estava conversando comigo, atendeu um telefonema, deu uma desculpa qualquer e também saiu. — A mulher despeja tudo de uma vez e cruza os braços em frente ao abdômen. — Tenho um excelente instinto e sei que tem coelho nesse mato. Vai me dizer o que está acontecendo? — Sorri e me fita com ar divertido.

— Definitivamente, nada, Priscila. Você deve ter se confundido ou está vendo coisas — desconverso e ajeito o relógio no meu pulso, dando a entender que não tenho interesse nenhum nessa conversa.

— Tem certeza? — Seu olhar interrogativo e o sorriso estampado no rosto, deixam claro que ela não vai parar com o inquérito até alcançar o fio da meada. Porém, não estou disposto e nem irei revelar nada a respeito, principalmente por eu já ter colocado um ponto final nessa história. — Então eu devo ter me confundido quando pensei ter visto você segurar a mão dela e

falar algo que a deixou bastante assustada.

Foco minha atenção no seu rosto e franzo a testa. Pergunto-me por que todo esse interesse dela em saber mais da Beatriz.

— Provavelmente foi isso que aconteceu. Você me confundiu com alguém — afirmo, clinicamente, para explicitar que não me renderei às suas especulações. O que ela tem pretende com isso? Somos amigos e parentes próximos, mas não darei essa abertura para ela se intrometer na minha vida pessoal.

Ela solta um sorriso espirituoso e descruza os braços.

— Você consegue mentir para todo mundo, menos para mim, Cadu. Nos conhecemos desde crianças, crescemos juntos praticamente. Ou se esqueceu disso também?

Ergo uma sobrancelha impaciente e questiono:

— Onde quer chegar, Priscila? Seja clara! O que isso tem a ver com a Beatriz?

Minha prima leva a mão na boca, escondendo um riso, e eu puxo o ar para os meus pulmões. Já não me resta mais nenhuma gota de paciência.

— Eu vi você olhando disfarçadamente para ela, Cadu. Parecia encantado, e eu nem tiro a sua razão, porque ela é linda. Mas... — Com o maxilar cerrado, fecho os meus punhos e a expressão. Advirto-a de forma silenciosa para que pare. O problema é que nem mesmo a minha cara de carrasco é capaz de fazê-la fechar a boca. — Ela parece ser tão jovem. Qual a idade...

— Priscila, não me provoque — falo, ríspido. — Não é porque você é da família que permitirei que se intrometa na minha vida pessoal.

Ela continua sorrindo, mas balança a cabeça afirmativamente.

— Não se preocupe, não irei me intrometer, priminho. Até porque, pelo que percebi, Beatriz e aquele rapaz lindo, o Victor, estavam flertando, e ela parecia bem interessada. Você não se importa, não é mesmo? — pergunta e me fita, olho no olho, enquanto põe a mão na cintura.

Inferno! Só de imaginar os dois juntos, sinto meu corpo se retesar e uma vontade louca de quebrar a cara daquele desgraçado me toma. Cerro o maxilar e respondo:

— Não. Eu não me importo! Beatriz não é nada para mim, além de ser a filha do meu amigo e advogado — minto descaradamente.

Nem sob tortura irei admitir o efeito devastador que aquela menina causa em meu corpo.

Preciso repetir milhares de vezes para o meu subconsciente que ele está ficando louco a cada ataque de nervos que tenho ao imaginar outro homem tocando-a. Sei que ela está tentando se vingar do que pensa ter sido uma rejeição minha. Essa é mais uma razão para eu não me deixar abalar.

Mas não consigo controlar as minhas reações. Minha irritação e agonia são tantas que minha testa começa a suar.

Percebo que, de repente, Priscila fica séria e me analisa com atenção, como se só agora se desse conta de algo que passou despercebido. Seu semblante divertido dá lugar para algo mais parecido com incredulidade.

— Oh! Meu Deus... Você está se apaixonando por ela e ainda nem percebeu.

Sua afirmação é como um soco no meu estômago. Minha garganta fica seca e meu sangue gela no mesmo instante em razão do efeito das suas palavras.

Respiro fundo e balanço a cabeça de um lado a outro, sorrindo cinicamente.

— Não diga besteiras, Priscila — repreendo-a. — Você sabe muito bem que essa palavra não existe no meu vocabulário. — Tento refrear as elucubrações dela. Ela não sabe o que está dizendo ... Está fazendo intrigas. Conheço essa tática feminina. Priscila está jogando verde para colher maduro. Mas estou anos luz à sua frente. Não vou cair nessa.

Passo a mão em meu cabelo, viro-lhe as costas e cumprimento algumas pessoas que passam por mim. Com um sorriso forçado na cara, caminho até o toalete mais próximo e entro. Ao me olhar no espelho, analiso o pequeno corte na minha boca, sentindo os meus nervos aflorarem descontroladamente. Merda! A que ponto cheguei?

Abro a torneira e jogo um punhado de água no rosto em uma busca de calma e equilíbrio. Contudo, sinto uma pequena ardência nos meus ombros quando inclino o corpo sobre a pia. Relembro das unhas dela afundando na minha carne enquanto eu a tocava intimamente. Beatriz e eu estávamos alucinados com a atração absurda que sentíamos naquele momento. O tesão louco que ela despertou em mim foi surreal e incontrolável, me atraiu como um ímã num campo magnético. Mas a palavra-chave é essa: tesão. Apenas tesão.

Contudo, admito que estou puto da vida com a desfaçatez dela de ir embora com outro. Mesmo que eu não a queira, não posso deixar que seja usada por um cafajestezinho de quinta categoria. Irritado, procuro o celular e disco o número dela. Aposto todas as minhas fichas que neste momento ela está em casa, aguardando uma ligação minha, e todo aquele teatro sobre um

motel com Victor foi algo que as duas combinaram apenas para me provocar. Apesar de bela e deliciosa, Beatriz ainda é muito menina, ingênua e está perdidamente apaixonada por mim. Ela não iria pra cama com outro apenas por uma desforra.

Encarando o meu reflexo no espelho, espero a ligação ser completada e mantenho um sorriso vitorioso em meus lábios quando o celular dela chama. No entanto, a confiança que havia estampada nos meus olhos desaparece assim que ouço o toque de chamada rejeitada.

Olho a tela do celular com a testa franzida, incrédulo, sentindo a raiva me tomar por completo. O ciúme me invade.

— Maldita! Mil vezes maldita! Aquela fedelha não teria esse atrevimento!!



CAPÍTULO 23

CARLOS EDUARDO

Seco o meu rosto e ainda sinto os meus nervos a todo vapor. Apesar de estar me mordendo de raiva, tenho consciência que talvez tenha sido melhor assim. Quanto mais distante ela ficar de mim, menores as chances de uma tragédia acontecer e menos ela irá se magoar. Afinal, não quero nem pensar no que o pai dela fará se ao menos imaginar que a toquei daquela forma. Eu me comportei como um animal selvagem no cio, fui guiado pelo tesão e quase fiz uma loucura irreversível. Que espécie de amigo eu sou? Inferno!

Relembro as palavras de Priscila, dizendo com convicção que estou me apaixonando por Beatriz e, mais uma vez, sorrio, sarcástico. Um sorriso amargo, repleto de lembranças dolorosas que me fazem odiar quem fui no passado. Um homem fraco e apaixonado, que se doou por completo a uma mulher e foi traído descaradamente.

Não há lugar para essas besteiras de amor em minha vida. Tudo que algum dia senti, destruí sem pena. Agora, vivo um dia após o outro, dormindo em uma cama diferente todas as noites, beijando bocas vazias sem me comprometer a nenhuma, despejando as minhas frustrações em cada mulher que abre as pernas para mim. Para falar a verdade, estou muito melhor assim, apenas eu, a minha empresa e todo o prazer que sexo sem compromisso pode me proporcionar.

Abro a porta do toalete e movo-me para retornar ao salão, enquanto afirmo para mim mesmo que devo deixar as coisas como estão. Beatriz ainda é jovem, inexperiente. Logo irá esquecer as besteiras que fizemos e seguirá em frente sem olhar para trás, sem carregar sequelas. O problema é que só de imaginar algo do tipo, sinto um aperto estranho no peito, um vazio de algo que nem ao menos percebi que existia. Sinto uma secura fora do comum em minha garganta e engulo a saliva para aliviar a sensação áspera.

Respiro fundo e apresso o passo, decidido a pôr uma pedra nessa história que nem deveria ter começado.



Sentado atrás da minha mesa, entro de cabeça no trabalho e mantenho o foco no início da construção do maior *resort* da América Latina. Apesar da Ferraz Engenharia ser uma das maiores construtoras do país com atuação internacional, uma obra desse patamar nos trará ainda mais reconhecimento.

Termino de avaliar os desenhos definitivos da estrutura, ligo para a secretária e ordeno que convoque uma reunião com todos os engenheiros que foram contratados para a obra. Estou prestes a sair da minha sala quando a porta se abre e um Felipe confiante entra.

— Tenho ótimas notícias — diz e caminha na minha direção a passos firmes. — Os trâmites e documentação da obra do *resort* já foram aprovados. Podemos dar início à construção imediatamente.

— Perfeito! — Assinto e estendo a mão para pegar a pasta que ele me entrega. — Acabei de acionar uma reunião com os engenheiros responsáveis e o nosso cliente. Discutiremos os últimos detalhes e em poucos dias a obra será iniciada! — comunico, enquanto analiso a documentação.

Felipe balança a cabeça em afirmativa, guarda os papéis e dá meia volta para se retirar, no entanto, lembro-me de perguntar sobre o estado de saúde do pai da sua esposa. Recordo de ele ter mencionado alguma vez em nossas conversas nos últimos dias.

— Felipe, e o seu sogro, como está?

Ele se vira na minha direção e sorri. Parece despreocupado, apesar da grande responsabilidade que carrega nas costas.

— Está bem melhor. Logo minha esposa retornará para casa.

Assinto e volto a falar, esperançoso de que ele diga algo sobre a filha também. Desde o evento há alguns dias, não tive mais notícias dela e, por um motivo que não consigo compreender, sinto-me tentado a saber se ela está bem.

— Fico feliz que tudo esteja se ajeitando, parceiro.

Felipe balança a cabeça e pisca sorridente.

— Eu também, Eduardo. Minha esposa está fazendo uma falta tremenda, se é que você me entende. — Gargalho e balanço a cabeça. Compreendo perfeitamente o que ele quer dizer. Ficar sem sexo por tanto tempo é uma merda! — E minha filha está eufórica com o retorno da mãe — completa.

Não compreendo por que, mas quando ele faz menção a Beatriz, sinto uma sensação diferente no interior do meu peito.

— Então ela está bem... — comento em um sussurro abafado, mais para mim do que para ele.

— Sim, muito bem. E, o mais importante, cada dia mais focada nos estudos — diz e caminha na direção da porta, orgulhoso. Pego minha mala e o acompanho, um pouco mais relaxado. Saber que ela está bem, de uma certa forma, me deixa em paz.



BEATRIZ

Dias depois

O toque do despertador soa alto, acordando-me para mais um dia de aula na faculdade. Saio da cama e me apresso depressa para encarar mais um dia, enquanto não chega o horário de mamãe retornar para casa.

Termino de me arrumar e desço as escadas quase correndo.

Encontro papai terminando de tomar o seu café da manhã, aproximo-me e lhe dou um beijo no rosto.

— Bom dia, papai.

— Bom dia, querida, dormiu bem? — pergunta e coloca a xícara suja sobre a pia.

— Muito bem, obrigada. — Sento-me próximo ao balcão e me sirvo de uma xícara de café, pensativa. Apesar de estar seguindo em frente, às vezes, quando me recordo daquela noite, ainda sinto um enorme vazio no meu peito. Sinto-me incompleta e envergonhada.

— Está bem mesmo, Beatriz? Parece triste.

— Estou bem, sim — minto. — É que dormi tarde, estudando. Estou um pouco cansada.

Papai assente, me dá um beijo na testa e se despede.

Quando ele sai, relaxo o corpo e solto um suspiro doloroso. Embora tenha dormido tarde da noite, repassando algumas matérias, não consegui dormir direito com a lembrança dele em minha mente.

Olho meu celular e vejo mensagens de Gracy e Pedro, informando que passarão aqui em casa em alguns minutos para irmos pra faculdade. Envio uma resposta, confirmando que estou à espera, e termino o meu café. Quando eles chegam, já estou pronta, aguardando na sala.

— Bom dia — cumprimenta Gracy com seu sorriso costumeiro. Assim que abro a porta, Pedro se aproxima, dando um beijo amigável na minha testa.

— Bom dia, gente — respondo. — Vamos?

Pedro e Gracy assentem, e seguimos os três para o carro do meu amigo. Quando sinto o frescor do vento matinal bater em meu rosto, sorrio e entro no banco de trás do veículo. Embora eu esteja lutando dia após dia para esquecê-lo, sou grata pelos amigos que tenho e que estão sempre ao meu lado, dando o apoio que preciso para não me desabar em lágrimas.

— Gente, que tal sairmos hoje à noite? Podemos pegar uma baladinha mais tarde — sugere Gracy, animada.

— Por mim, tudo bem. O que acha, Bia? — Pedro me fita pelo retrovisor do carro e aguarda uma resposta.

Apesar de ele não ter mais mencionado algo sobre seus sentimentos com relação a mim, sinto um frio na barriga quando seus olhos me fitam esperançosos. É como se ele ainda tivesse esperanças de uma aproximação. Percebo isso quando ele mordisca o lábio e inspeciona o meu corpo por breves segundos.

Engulo em seco e desvio o olhar. Quero sair e me divertir mais com meus amigos, no entanto, não quero que ele veja isso como uma oportunidade de se aproximar de mim com segundas intenções. Terei que conversar seriamente com Pedro em um outro momento, deixar claro que quero apenas a sua amizade.

— Eu não sei, gente. Estamos em semana de provas e...

— Vamos, Bia, por favor! Você precisa relaxar um pouco. — Gracy segura na minha mão e me olha com carinha de gato manhoso.

Rio do seu drama e assinto.

— Tudo bem, mas nada de encher a cara, estamos entendidas?

— Yes, yes! — exclama ela, animada.

Pedro sorri e foca sua atenção no volante. Fito-o por um tempo, analisando sua expressão contente. Os cabelos pretos, na altura do pescoço, contrastam com a pele branca e balançam com a brisa que adentra pela janela, deixando-o sexy. Pedro é um rapaz bonito. Um pouco misterioso, mas bonito. No entanto, mesmo que eu tente vê-lo com outros olhos além do forte sentimento de amizade que sinto, não consigo.

Ao chegarmos na faculdade, seguimos para a sala de aula e nos mantemos entretidos entre uma matéria e outra. Contudo, a parte mais interessante do dia é quando somos direcionados para o auditório de palestras. Um grupo de biólogos e demais profissionais da área de proteção ambiental palestram sobre a importância do projeto de conservação e proteção da vida marinha, em especial as tartarugas ameaçadas de extinção no litoral.

Meu coração dá um salto de felicidade quando eles passam uma lista, pegando o nome e contato de alunos do curso de Biologia Marinha que gostariam de se voluntariar no projeto de preservação, principalmente com a aproximação da temporada de desova no litoral.

Pedro e Gracy não se interessam muito pelo assunto, mas no fim eu acabo convencendo-os a se inscreverem comigo.

No fim das aulas, decidimos passar no shopping para comprar algo legal para usarmos à noite e depois passamos um tempo no calçadão da praia de Copacabana. Almoçamos em um restaurante ali perto e aproveitamos para conversarmos e rirmos um pouco, como nos velhos tempos, e assim o dia passa em um piscar de olhos.

Mais tarde, quando já estou em casa, tomo um banho rápido, coloco um biquíni e decido correr um pouco pela praia de Ipanema. O fim de tarde traz até mim a energia que preciso para continuar seguindo em frente sem maiores arrependimentos. Eu preciso esquecê-lo, preciso viver a minha vida sem me recordar a todo momento que o amor que sinto pelo Eduardo vive como uma sombra no meu encalço.

Abro os meus braços para sentir a brisa do mar refrescando o meu corpo e corro o mais rápido que posso na direção da água. O líquido suave toca a minha pele com tanta leveza que fecho os meus olhos para apreciar a sensação. É reconfortante.

Mantenho-me tão concentrada no que faço que dou um pulo para a frente, assustada quando ouço a voz de alguém gritando o meu nome nas minhas costas.

Viro-me, surpresa ao ver a pessoa correr sorridente na minha direção. O corpo forte e

desnudo da barriga para cima brilha por causa do suor, e o sorriso sensual em seus lábios faz minha garganta ficar seca.



CAPÍTULO 24

BEATRIZ

— Oi, Bia!

— Victor? Oi... O que faz aqui? — pergunto, ainda surpresa por vê-lo. — Nunca te vi por aqui.

Ele sorri e põe a mão na cintura, deixando os músculos do seu peito e abdômen em evidência. Suspiro. Afinal, estou de coração partido, não cega.

— Me recordo que quando éramos crianças, gostávamos de correr por aqui. Nossas mães nos traziam para brincarmos na praia quase todo fim de tarde. Não se lembra? — Ele abre o sorriso ainda mais, revelando a fileira de dentes brancos e perfeitamente alinhados. — Quando te liguei e você não atendeu, pensei que pudesse estar por aqui, não sei... — Ele faz uma pequena pausa, como se refletindo sobre algo e continua: — Ainda bem que eu estava certo e te encontrei.

Retiro uma mecha do meu cabelo que cai sobre os meus olhos e coloco-a atrás da minha orelha antes de responder-lhe:

— Pra falar a verdade, não. — Sorrio e nego com a cabeça. — Não me recordo de virmos aqui.

— Você era apenas uma garotinha, Bia. Posso imaginar que não se recorde.

Balanço a cabeça em afirmativa e sugiro nos sentarmos na beira do mar para conversarmos um pouco.

— E o que queria falar comigo? — questiono, curiosa.

— Sinceramente? — Ele se senta na areia do meu lado, e eu mantenho a minha atenção nas ondas a minha frente. — Eu só queria te ver, Beatriz. — Sua declaração me deixa sem voz por alguns instantes. Nervosa, encaro-o e fito a sinceridade no fundo do seu olhar.

— Victor, olha... — Tento falar, mas ele me interrompe minha fala.

— Eu sei que pode ser cedo, mas peço que me ouça — diz, olhando no fundo dos meus olhos. — Desde aquela noite no evento, não consigo tirar você da minha cabeça. — Seus dedos quentes tocam as minhas bochechas frias, fazendo com que eu prenda a respiração. — Sinto algo diferente por você, algo que me deixa apreensivo e ansioso por vê-la. Queria poder passar mais tempo na sua companhia.

Engulo em seco, sentindo as minhas pernas tremerem, surpresa. Eu já imaginava que ele estava interessado em mim, suas atitudes deixavam isso bem claro, no entanto, não imaginei que ele fosse me falar assim, tão diretamente e com tanta sinceridade.

Ele está se... apaixonando... por mim?

Desvio meu olhar e volto a fitar o mar, sentindo um *mix* de confusões invadir o meu peito. O sol começa a se pôr no horizonte, trazendo mais beleza à paisagem, mas nem mesmo isso é capaz de aplacar um pouco da agonia que começo a sentir. Uma coisa é certa: não há espaço para outro homem dentro do meu coração agora, e Victor não merece ser enganado, não merece sofrer. Nada mais justo do que eu ser sincera e deixar as coisas bem claras entre nós.

— Victor, eu gostaria de poder dizer que sinto o mesmo por você... — A secura na minha garganta impede que eu fale, e minha voz falha. Engulo um pouco de saliva e continuo. — Mas o meu coração pertence a outro homem. E eu... não conseguiria me relacionar com um outro alguém no momento. Eu sinto muito...

— Bia, olhe para mim.

Faço o que ele pede e o encaro.

— Eu imaginei que fosse dizer isso. — Seu sorriso é contido e um pouco triste, aperta o meu peito de uma maneira tão doída que não consigo explicar. — Para ser sincero, não estou

cobrando nada de você. Só queria que soubesse o que sinto e que não tenho pretensão nenhuma de desistir. Estou disposto a lutar pelo que sinto, Bia. E se, no fim, você ainda não me quiser, eu entenderei.

Sinto um nó se formando em minha garganta quando ouço as suas palavras. Minha voz fica embargada e nada mais consigo dizer. Tudo o que eu queria era que fosse ele. Que fosse o Cadu me dizendo isso. Eu só queria que ele me amasse.

— Victor, não sei o que dizer... — respondo com a voz falha.

— Não precisa dizer nada agora. — Ele segura a minha mão e aperta entre seus dedos. — Abra uma brecha para mim. Me deixe ao menos ser seu amigo...

Pondero sobre o seu pedido, refletindo se permito ou não a sua aproximação. No entanto, concluo que nada tenho a perder e, para falar a verdade, seria uma dádiva se eu conseguisse esquecer aquele homem e me apaixonasse por outro. Victor com certeza seria o primeiro da lista. Sua espontaneidade e caráter são coisas que me cativam cada dia mais, sem falar no sorriso contagiante.

Com os olhos marejados, balanço a cabeça em afirmativa. Victor sorri abertamente e me abraça, depositando um beijo demorado em minha cabeça.

— Eu não te prometo nada, Victor. Mas podemos, sim, ser amigos. Acho que é um bom começo — sussurro.

— Já é o suficiente para mim.

Depois de alguns minutos em silêncio, levantamo-nos e continuamos andando pela praia até o sol se pôr completamente. Victor me acompanha até a minha casa e, no portão mesmo, combinamos de sair para jantar qualquer dia.

Ele se despede e eu caminho na direção da porta principal. Já está um pouco tarde e imagino que meu pai já tenha ido buscar mamãe no aeroporto. Estou morta de saudades e ansiosa para vê-la.

Subo as escadas correndo em direção ao quarto, pego o telefone que eu havia deixado em cima da cama e confiro as ligações perdidas do Victor. Meu coração bate confuso no meu peito. Por um lado, minha mente diz que sim, ele merece uma chance, mas o meu coração traidor diz que não. Que eu não posso me envolver com ninguém agora porque ainda amo aquele cretino.

Meus olhos se enchem de água novamente, mas eu me recuso a chorar. Recuso-me a permitir que ele me machuque outra vez.

Encosto-me na parede do quarto, segurando o celular fortemente em minhas mãos, e fecho os olhos, disposta a dar um rumo definitivo à minha vida. Talvez agora eu me distraia com os trabalhos voluntários no projeto de proteção das tartarugas marinhas. Juntarei o útil ao agradável, por ser algo que sempre amei fazer. Não é à toa que desde criança sou apaixonada pelo sol, pela praia e pelo mar.

O toque de chamada do meu celular desperta-me do meu transe e eu abro os olhos. Analiso o número desconhecido, pensativa, mas atendo.

— Alô!

— *Beatriz? Como vai, tudo bem?* — A voz de uma mulher soa do outro lado da linha, e eu franzo a testa, intrigada.

— Sim, quem fala? — questiono.

— *É a Priscila, a prima do Cadu. Peguei seu número com sua amiga Gracy. Desculpa te ligar assim, é que eu queria te fazer um convite.*

Arregalo os olhos ao ouvir a menção do nome do Cadu e sinto as batidas frenéticas do meu coração. Tenho vontade de me estapear por reagir com tanto entusiasmo a tudo que tenha a ver com ele. Minhas pernas tremem. Céus, o que ela quer comigo?

— Oi... Priscila. Que convite? — pergunto após me recuperar do choque momentâneo.

— *Para a minha despedida de solteira daqui há alguns dias. Teremos a tarde das garotas com direito À piscina, massagem relaxante e striptease e, logo mais à noite, uma festinha privada.*



CAPÍTULO 25

BEATRIZ

— Oi... Priscila. Que convite? — pergunto, um pouco desconcertada pela surpresa da sua ligação.

Ouçoo seu sorriso brando do outro lado da linha e surpreendo-me ainda mais quando ela me convida para a sua festa de despedida de solteira que acontecerá em um espaço requintado no centro do Rio em alguns dias. Sei disso porque conheço parcialmente o local por ela citado.

— Nossa. Uau... — murmuro, sem saber muito o que responder. Afinal, mal fomos apresentadas no evento beneficente da Ferraz Engenharia.

— *Então, Bia, você irá comparecer? Gracy já confirmou presença e, como são amigas, achei que seria legal que você fosse. Além disso, será uma oportunidade perfeita para nos conhecermos melhor e conversarmos um pouco...*

Automaticamente, me pergunto se o Eduardo estará presente nessa festa. Calculo quais as possibilidades de eu me manter imune à sua presença sem cometer nenhum vexame. No entanto, quando Priscila informa que será uma festa apenas para mulheres e que o noivo também fará uma despedida com alguns conhecidos em outro local, respiro aliviada e confirmo a minha presença.

— Tudo bem, eu comparecerei — confirmo.

— Certo, querida. Não esqueça seus trajes de banho. Depois te passarei o horário certinho via mensagem.

Nós nos despedimos, e eu deligo o telefone, ainda sentindo meu coração batendo descompassado por causa do convite inesperado. Suspiro sem ânimo, dou de ombros e decido organizar o quarto rapidamente antes de ir para o banho.



Ouçoo o barulho do carro de papai estacionando na garagem, coloco o secador de cabelos em cima da cômoda e caminho saltitante na direção da porta do quarto. Com um sorriso imenso no rosto, vejo mamãe sair do banco do carona assim que entro na garagem e corro para abraçá-la. Os olhos amarelados brilham como o sol ao me fitarem, e seus braços se abrem para me receber com um abraço de urso.

— Bem-vinda de volta, mamãe. — Passo os braços em volta do seu pescoço e lhe dou um beijo no rosto.

— Querida, que saudade. — Sinto suas mãos afagando os meus cabelos e sorrio.

— Como está o vovô?

Afasto o meu corpo e a encaro sorridente.

— Agora o seu avô está muito bem de saúde, querida — responde com um sorriso contagiante.

— Que maravilha. — Sorrio mais uma vez e a ajudo com a bolsa de mão. Papai pega a mala no porta-malas do carro e entramos em casa.

Após minha mãe tomar um banho, ajudo-a preparar o jantar, enquanto papai põe a mesa, e aproveitamos para conversar sobre assuntos diversos. Quando papai sai da cozinha e segue para a sala de estar, minha mãe olha-me pensativa, e então dou-me conta que ela provavelmente esteja procurando uma forma de conversar comigo sobre o Eduardo.

Abaixo a cabeça e aguardo que ela fale. Não há como fugir ou evitar, apesar de ser a única coisa que desejo fazer agora.

— Querida, durante esses dias que passei com seus avós, me mantive muito preocupada com você. Imagino que você saiba o porquê.

Balanço a cabeça em afirmativa e viro-lhe as costas, envergonhada.

— A senhora não precisa se preocupar. Foi apenas uma ilusão boba — minto. De todo modo, é nesta mentira que me agarro, e batalho todos os dias para que ela se transforme em realidade.

— Uma ilusão, Beatriz? Não foi isso que me pareceu naquela noite. — Ouço-a mexendo com as panelas, e o silêncio reina na cozinha, mas por apenas alguns minutos, pois logo é quebrado pelo seu longo suspiro. — Eu não sei o que aconteceu na minha ausência, querida. Mas quero que saiba que pode confiar em mim. Eu sou a sua mãe e tudo que mais quero nessa vida é que seja feliz.

Sinto um aperto estranho no peito e levanto o meu olhar. Viro-me e a encaro. Queria poder dizer a ela que continuo amando-o. Que continuo apaixonada por ele. Mas sei que a tristeza que carrego no olhar deixaria claro que este sentimento não é correspondido e que para ele fui apenas um bichinho interessante para brincar um pouco.

Quando relembro de tudo, sinto meus olhos queimarem com as lágrimas que teimam em cair, mas desvio o olhar e apenas respondo:

— Eu sei, mamãe. Eu sei. Mas não se preocupe. Estou bem e aquilo que eu disse sobre estar apaixonada não passou de uma ilusão boba. Eu nem me recordo mais.

Ela caminha até mim e deposita um beijo na minha testa. Seu olhar cálido me acalenta e me faz sorrir, ajuda-me a tirar um pouco da angústia que carrego no peito.

— Vá chamar o seu pai para jantar.



Após o jantar, subo para o meu quarto e me apronto para sair com meus amigos. A noite

está abafada, então opto em usar um vestido branco de tecido leve, justo no corpo e batendo na metade das minhas coxas. Capricho na maquiagem nos olhos, perfume-me e desço.

Gracy e Pedro me aguardam como sempre na sala. Despeço-me dos meus pais e os acompanho até o carro. Ao chegarmos na boate escolhida, já entro dançando ao som de uma batida eletrônica.

Seguimos até o bar e pedimos uma dose de tequila para cada um. Viro a bebida toda de uma vez, sentindo meus olhos lacrimejarem com o sabor forte do álcool. Meu corpo se treme todo com um calafrio, contudo, já estou pronta para outra. Brindamos, sorrimos e nos divertimos como se não houvesse amanhã. Após algum tempo, percebo Gracy trocando olhares com um cara apresentável e logo os dois se aproximam, deixando Pedro e eu sozinhos entre a multidão desconhecida.

Enquanto Pedro continua bebendo descontroladamente, decido dar um basta na bebida e apenas faço companhia a ele, afinal, alguém precisa continuar sóbrio esta noite, pois pelo andamento da carruagem, voltaremos para casa de táxi.

Vez ou outra, percebo que ele me encara firmemente, como se quisesse dizer algo, mas não tem coragem. Embora eu saiba dos seus sentimentos em relação a mim, estou crente que uma conversa franca entre nós dois deixará as coisas em seus devidos lugares.

Uma música contagiante começa a tocar, fazendo com que eu feche os olhos e balance o corpo no ritmo da melodia e, apesar dos pesares, me sinto leve e bem, como há muito tempo não me sentia.

No entanto, a proximidade de alguém nas minhas costas enquanto danço deixa-me em alerta e eu me afasto. Contudo, a pessoa me segura fortemente contra o seu corpo, fazendo o meu sangue gelar pela proximidade íntima demais. Posso sentir cada centímetro do corpo masculino colado no meu.

— Me solta! — grito, mas meu apelo não surte nenhum efeito.

— Como você é gostosa, cheirosa ... Uma delícia de mulher. — Ouço o sussurro de Pedro em meu ouvido e meu coração parece parar.

— Pedro, ficou louco? Para com isso! — exijo, assustada, e o empurro com mais força.

Ele prende mais forte a minha cintura e continua falando imoralidades no meu ouvido, enquanto a mão gananciosa alcança um dos meus seios. Grito e esperneio enlouquecida, tentando a todo custo me soltar do seu toque inescrupuloso.

Ele afrouxa o aperto em meu corpo e faz com que eu vire na sua direção, forçando-me a encará-lo.

Ao ver seus olhos vermelhos, frios, sinto um nó estranho se formar na minha garganta. Sinto nojo e repulsa de tudo o que ele acabou de fazer. Por me tocar daquela maneira. Odeio-me por ter aceitado o seu convite para sairmos.

Pedro solta o meu braço como se nada tivesse acontecido e me fita.

— Não ouse encostar o dedo em mim de novo seu nojento — digo, ferida, a voz tão embargada que se mistura com os meus soluços.

Pedro encara-me friamente, a expressão neutra, sem demonstrar nenhum sentimento de arrependimento. Isso é como um punhal no meu peito. Ele aproxima-se novamente, e eu dou um passo para trás, amedrontada. Não consigo reconhecer aquele garoto que sempre foi o meu amigo. Quando viro o corpo para sair o mais rápido possível da sua presença, sinto sua pegada brusca no meu pulso, seguido de um sussurro no ouvido que me causa ânsia de vômito.

— Você sempre quis dar a boceta para aquele cara. Por que não dá para mim? Por que me evita? Eu amo você, sua vadia, não percebe?

Fecho os meus olhos, tendo a certeza que a amizade que construímos por tantos anos acaba de ser destruída para sempre. Mesmo que ele esteja sob o efeito do álcool. Sem lhe dar ouvidos, puxo o meu braço e corro por entre as pessoas que dançam na pista, até chegar ao toalete.

Ofegante e trêmula, ligo a torneira e passo as mãos molhadas pelo meu pescoço suado. Abaixo a cabeça e permaneço assim por alguns minutos, crente que nada poderá ficar pior. O problema é que nunca estive tão enganada.

Ao levantar meu olhar, vejo a silhueta de Raquel refletida no espelho, encostada na porta, encarando-me. Viro-me depressa e a fito de volta.

— Olha só quem está por aqui! A ratinha! — provoca ela, debochada, e caminha na minha direção.

Os quadris avantajados balançam debaixo do minivestido preto muito vulgar.

Oh, céus, mais essa agora.

— O que você quer? — pergunto, trêmula. Sinto uma mistura angustiante de ansiedade e medo.

A mulher se aproxima e para, tão perto que posso sentir seu perfume enjoativo.

— Quero apenas deixar claro que eu e o Cadu estamos juntos de novo e agora é para valer, querida. Portanto, não volte a se aproximar dele ou não responderei por mim. — Ela levanta a mão e praticamente esfrega um anel brilhante na minha cara. — Estamos noivos.

Arregalo os olhos, surpresa, sentindo cada pequena partícula do meu coração partindo-se em minúsculos pedaços. Minha garganta se fecha e o mundo parece parar à minha volta ao mesmo tempo que sinto meus olhos arderem mais. No entanto, mantenho-me firme, sem expressar nenhuma emoção. Não irei dar esse gostinho a ela, mesmo que por dentro eu esteja começando a sangrar.

— Não se preocupe, Raquel. Não tenho a mínima pretensão de me aproximar dele.

— Ótimo, querida! — Ela sorri e dá meia volta, saindo do toalete. Só então, permito que meu corpo deslize pelos azulejos gelados e me sento no chão. As lágrimas frescas queimam as minhas bochechas, fazendo minha visão ficar turva, e eu soluço.

A cada minuto que passa, sinto como se o mundo estivesse desabando em minhas costas. As lágrimas não cessam.

Uso a palma da minha mão para secar os meus olhos e busco meu celular dentro da bolsa. Sem pensar muito, pego o aparelho e mando uma mensagem para o Victor.

Oi. Está muito ocupado?

Em poucos segundos ele responde.

Para você, jamais, Bia.

Pode me buscar em um lugar?

Aconteceu alguma coisa?

Eu não sei se gostaria de falar sobre isso agora

Tudo bem. Me passe o endereço

Digito a mensagem, passando todas as coordenadas, e ele responde, dizendo que chegará em alguns minutos. Enquanto o espero, limpo os meus olhos borrados com o auxílio de um lenço e arrumo o meu cabelo. Permaneço no interior do toalete até receber a mensagem dele, informando que se encontra na entrada do estabelecimento.

Caminho depressa na direção da porta, temendo encontrar Raquel ou Pedro em algum lugar da casa. Como Gracy está acompanhada, decido não interromper. Enviarei uma mensagem informando o meu paradeiro assim que chegar em casa.

A passos rápidos, caminho, cortando espaço entre a multidão, até que, em um súbito, olho na direção do camarote e o vejo. Lindo, *sexy* e arrogante, usando uma camisa social branca, conversando descontraidamente com algumas pessoas, enquanto segura um copo que imagino ser uísque.

Como se sentisse a minha presença, ele olha na minha direção e me fita, franzindo a testa. Nossos olhares se encontram como ímãs magnéticos impossíveis de serem desconectados. Os olhos oceânicos permanecem cravados no meu rosto, como se procurasse entender o que se passa na minha cabeça.

Suspiro e desvio o olhar quando vejo Raquel se aproximando dele. Ela sorri mais uma vez, e eu viro-lhes as costas.

Um gosto amargo invade a minha boca e todo o meu corpo treme, angustiado e humilhado. Caminho depressa, as lágrimas voltando com força, deixando em evidência o quanto sou fraca.

O celular vibra em minha mão, fazendo com que eu me assuste, quase deixando-o cair.

Abro a mensagem pensando ser Victor, mas me surpreendo ao ver que se trata de uma mensagem dele, do Cadu. Meus nervos temem ao ler o conteúdo. Pergunto-me, como ele pode ser tão frio, tão babaca.

Está tudo bem?

Com a mágoa tomando o meu peito, desligo a tela do aparelho, ignorando-o, e continuo andando até avistar o Victor. Quando ele me vê, sorri e acena. Corro na sua direção o mais rápido que consigo, como se nas minhas costas tivesse um mar revolto e ele fosse o meu porto seguro. Sem conseguir mais esconder o meu sofrimento, abraço-o em prantos e sussurro:

— Por favor. Me leve para casa.



CAPÍTULO 26

CARLOS EDUARDO

Depois de um dia exaustivo na empresa, chego em casa por volta das oito da noite, louco por um banho, comida quente e uma bela noite de sono. No entanto, assim que passo pela porta, alguns colegas da época que eu trabalhava em Curitiba me ligam, convidando para sairmos, já que estão de passagem no Rio.

Aceito o convite e sigo direto para a cozinha. Retiro a comida do congelador, levo ao micro-ondas e subo as escadas para tomar um banho relaxante.

Apesar do meu cansaço, devo confessar que preciso me desligar um pouco do trabalho e focar a mente em outras coisas. Isso serve para tentar sanar essa confusão martirizante que se formou em minha cabeça desde a noite do evento. Não consigo parar de pensar nela, no cheiro doce e suave da sua pele ou no quanto Beatriz fica encantadora quando sorri. Isso já está se tornando ridículo.

Termino o banho, seco-me e me deito na cama, pelado. Suspiro fundo e fecho os meus olhos, exausto, ao mesmo tempo em que levo a mão no meu pau para massageá-lo.

Sinto-o crescendo, enchendo a minha mão com o volume desejoso, louco para ser enfiado

dentro de uma boceta quente e macia. O pior é que a primeira que vem à minha mente é a dela. Rosada e suculenta, melada e quente como o inferno. Merda!

Preciso tirar esses pensamentos idiotas da minha cabeça. Irei dar um basta nessa obsessão louca que está me tomando nos últimos dias e que luto desesperadamente para deixar de lado.

Irritado, levanto-me e vou à procura de uma roupa, enquanto penso em aproveitar a noite para bater um papo descontraído com os amigos e, no fim, me enterrar todo dentro de alguma mulher gostosa que eu venha a conhecer até adormecer exausto de tanto gozar gostoso.

Termino de me arrumar, fechando os botões da camisa branca social. Borrifo meu perfume favorito de fragrância almiscarada no colarinho da camisa e peito, saio do quarto e pego as chaves do meu Lamborghini. Ao chegar na garagem, ouço o toque de chamada do meu celular e atendo sem olhar no visor, enquanto entro no carro descontraidamente:

— Alô?

— *Mi amor? Que saudades.* — A voz de Raquel soa enjoativa do outro lado. Eu nem ao menos me recordava da sua existência desde o nosso último encontro, quando ela foi à minha procura na empresa alguns dias depois do jantar na casa dos meus pais. Claro que não pude atendê-la, estava em reunião. Apenas recebi o recado da secretária e uma mensagem da própria Raquel.

— Olá, Raquel. O que deseja? — questiono, sem demonstrar a mínima gota de interesse, e sento-me no banco.

— *Queria te ver, mi amor. Faz tanto tempo que não nos divertimos um pouco.*

— Eu sinto muito, estou de saída agora — respondo, seco e sem ânimo.

— *Podemos marcar algo para mais tarde, o que acha?* — diz com a voz manhosa, quase como um miado. — *Posso fazer aquela massagem que você gosta e que te leva à loucura.* — Respiro fundo, um pouco impaciente, já cansado da sua conversa. Mesmo que eu esteja louco para foder, Raquel não desperta o meu interesse no momento. Preciso de carne fresca!

O pior é que pensar nisso me leva direto para a noite do evento, quando Beatriz estava toda aberta para mim, recebendo a minha língua. Chego a salivar quando me lembro do sabor dela, o cheiro do sexo excitado me levando à loucura.

Merda! Merda! Que porra eu vi naquela pirralha?

Passo a mão pelo meu queixo, frustrado, sentindo a barba começando a despontar, e volto a

responder para a Raquel:

— Talvez eu te ligue qualquer dia e te foda caso eu não tenha mais nada para fazer. Agora irei desligar, estou atrasado.

Encerro a chamada, respiro fundo e confiro as horas. Vejo que realmente estou atrasado para o compromisso. Confirmando o local marcado e arranco na direção da boate.

Piso o pé no acelerador, sentindo a adrenalina tomar conta das minhas veias a cada segundo devido à velocidade do carro, e sorrio. O esportivo prateado combina perfeitamente com a vida de liberdade que levo. Sem nenhuma amarra ou preocupações desnecessárias.

A poucos quilômetros de distância do local combinado, ao olhar pelo retrovisor, tenho a impressão de ver um sedan escuro me seguir. Desvio o trajeto, entrando em outra rua, e sigo o meu caminho.

Estaciono o carro e adentro a boate. Ando a passos firmes, sério e atento, sentindo o meu ego inflar um pouco mais a cada passo que dou, percebendo a luxúria que provoço nas mulheres. Sigo direto para o camarote, onde ambos os ex-colegas me aguardam. Cumprimento-os, feliz. Apesar dos anos, é como se o tempo não tivesse passado.

Por estar dirigindo, opto por não ingerir muito de nenhuma bebida alcoólica, ficando apenas em um copo praticamente vazio de uísque, que vai ser o único da noite. Os minutos passam enquanto conversamos animadamente. Hora ou outra, observo as mulheres dançando lá embaixo, imaginando o momento em que levarei alguma ou algumas delas para um motel.

Fecho a expressão, surpreso quando vejo Raquel entrar na casa, olhando em todos os locais à sua volta. Quando a mulher percebe a minha presença, sorri e vem na minha direção. Estreito os olhos, incomodado com a sua presença, mas ajo naturalmente como se ela fosse apenas uma conhecida e que nos encontramos por acaso. Lá no fundo já imagino que possa ter sido ela a pessoa que me seguia no caminho.

Sorrindo descaradamente, Raquel me cumprimenta e passa a mão pelo meu pescoço, ficando na ponta dos pés para me dar um selinho nos lábios, fazendo com que eu torça a boca, irritado. Contudo, apresento-a aos meus colegas e nem ao menos preciso convidá-la para fazer parte da conversa. Ela mesma se autoconvida, sempre se mantendo ao meu lado, tentando me tocar.

As horas passam e já estou prestes a ir embora quando vejo Raquel fixar o olhar em algo lá embaixo e, em seguida, pedir licença e sair. Völto o meu olhar na direção de onde ela olhava, mas

não vejo absolutamente nada fora do lugar.

Em poucos minutos, ela está de volta, parecendo triunfante, com um sorriso presunçoso nos lábios. Encaro a mulher por alguns segundos, imaginando que merda ela acha que está fazendo. Mas Raquel simplesmente expande o sorriso enjoado e dá de ombros.

Despeço-me de todos ali, inclusive dela, e vejo o sorriso vitorioso morrer em seu rosto. Pouco me importo. Viro-me devagar e olho lá embaixo. Contudo, o que vejo faz uma sensação diferente surgir no meu âmago e eu congelo. Tudo parece perder a importância à minha volta.

Vejo Beatriz encarando-me como se estivesse petrificada, uma expressão indecifrável em seu semblante. Algo parecido com... dor, mágoa. Os olhos de íris esverdeadas estão vermelhos e brilhantes, como se ela estivesse segurando para não deixar uma lágrima cair.

Sem entender absolutamente nada, ergo a sobrancelha, desconfiado, e sinto a aproximação de Raquel nas minhas costas, fazendo todos os sentidos do meu corpo se alarmarem. Meu sangue ferve de raiva ao imaginar que mal Raquel tenha feito a ela e fecho os meus punhos. Não é difícil adivinhar que essa peçonhenta tenha destilado seu veneno em Bia.

Seu olhar triste e magoado me deixa atordoado. Sinto-me verdadeiramente culpado por algo que nem ao menos sei do que se trata.

Quando ela me dá as costas e sai, em um rápido movimento, pego o celular e lhe envio uma mensagem, perguntando se está bem. Imediatamente, excomungo-me por perguntar algo tão idiota. Mas é claro que ela não está bem. Merda!

Encaro Raquel com frieza, deixando claro que descobrirei tudo o que ela tenha aprontado, mas não espero uma resposta. Desço as escadas de vidro o mais rápido que posso e caminho na direção da saída sem conseguir me contentar em ficar aqui de braços cruzados.

Preciso entender por que ela está chorando, mesmo quando meu cérebro grita para que eu fique longe. Algo no fundo da minha alma insiste para que vá até ela. A vontade de abraçá-la e protegê-la é mais forte do que consigo controlar.

Ao chegar do lado de fora, vejo-a correr rapidamente até alguém. Ao olhar para a frente, vejo o estagiário da Ferraz e sinto meu sangue ferver em uma mistura de raiva e incerteza que não consigo compreender.

Ela o abraça, mas não me dou por vencido e me aproximo. Vejo os seus ombros estremecerem e escuto um soluço escapar da sua garganta, fazendo o meu peito palpitar, preocupado, enciumado e confuso.

— Beatriz? — chamo-a. Vejo-a virar-se em câmera lenta, como se não acreditasse no que está vendo.

— Cadu? O... o que faz aqui? — murmura, levando a mão aos olhos para secar as lágrimas abundantes.

Fecho os meus punhos e trinco o maxilar, revoltado com toda essa situação, sentindo-me um animal enjaulado, sem saída para alguma solução. Que merda está acontecendo?

— O que aconteceu? Por que está chorando? Alguém te machucou? — questiono e me aproximo mais, perdendo a razão.

Olho para o Victor ao lado dela em busca de uma resposta, e ele fecha a expressão. Beatriz faz o mesmo. Com incerteza no olhar, ela o fita e depois me encara.

— Não aconteceu nada — mente com a voz falha, mesmo quando seu semblante diz o contrário. — Victor, por favor, me leve para casa.

Ele apenas balança a cabeça em concordância, e eu dou mais um passo na direção de ambos, negando-me a aceitar que ela vá embora assim com ele, sem me dar maiores explicações. Sinto-me seriamente preocupado.

— Bia...

— Cadu, eu estou bem... — diz sem me encarar, a voz cada vez mais embargada. — Victor, vamos.

Sem que ela volte a me olhar, vejo-o segurar a mão de Beatriz e caminhar na direção do estacionamento, deixando-me ali parado, com a garganta seca, o peito apertado e irritado. Ao mesmo, sinto a raiva me tomando por ela ter preferido ir com ele ao invés de confiar em mim.

Passo a mão pelos meus cabelos, nervoso, movimento que faço sempre que estou irritado ou contrariado com algo. Meu sangue ferve como a lava de um vulcão furioso, minha testa sua de frustração e algo a mais que não consigo explicar.



CAPÍTULO 27

CARLOS EDUARDO

— Merda!

Retorno para o interior da boate, agitado, à procura de Raquel, decidido a descobrir tudo o que aconteceu aqui. Procuo em todos os lugares, mas não obtenho sucesso. A mulher parece ter evaporado, ou simplesmente a raiva não me permite ver com precisão.

Caminho até um local mais escuro e, de onde estou, vejo o amigo de Beatriz bebendo descontroladamente. FRANZO a testa, ainda mais intrigado, imaginando porque Beatriz recorreu ao Victor e não ao amigo que está na boate. Se bem que, vendo-o nessa situação, não posso tirar a razão dela.

Continuo andando pelos cantos escuros à procura de Raquel. Encontro alguns conhecidos e cumprimento-os, mas a maior surpresa é quando vejo a amiga, que sempre está com Bia, conversando com um cara. Gracy, se não me engano.

Ela sorri descontraidamente, sem se dar conta da minha presença.

Intrigado, caminho até os dois, toco-a no ombro, chamando a sua atenção, e franzo a sobrancelha quando ela me encara parecendo surpresa.

— Boa noite — cumprimento ambos, e, tocando em seu braço chamo Gracy para um local mais afastado para conversarmos com calma. Ela deve saber alguma coisa do que aconteceu com Beatriz.

— Eduardo? O que quer? — pergunta, parecendo confusa. Vira-se na direção do cara e acena com a mão, indicando que não irá demorar.

— Beatriz... Ela saiu da boate em prantos e não tenho ideia da merda que aconteceu — digo sem rodeios.

Gracy arregala os olhos escuros, espantada, e volta a falar:

— A Bia? Ela foi embora? — sua expressão é assustada e, ao mesmo tempo, acusadora — O que... o que você fez dessa vez, seu...

— Me escute, Gracy, eu não fiz nada. Nem ao menos falei com ela — interrompo-a, segurando os seus ombros — É por isso que estou aqui. Preciso saber que porra aconteceu, se Raquel a machucou... — Sinto meus nervos incharem com a raiva espalhando-se pelo meu corpo. Aquela mulher irá pagar caro se machucou Beatriz.

Gracy suspira pesadamente, um pouco mais calma, mas visivelmente perdida.

— Eu não sei o que aconteceu, Eduardo. Na verdade, nem sabia que Beatriz havia ido embora. Sei muito menos se essa tal Raquel a machucou. Ela não me disse nada — justifica. A testa franzida deixa em evidência o quanto está preocupada.

Nervoso, olho de um a lado a outro em busca de qualquer pista do que possa ter acontecido, mas nada parece fazer muito sentido, nem mesmo o fato de Raquel tê-la machucado. Por que ela faria isso?

Virando na direção de Gracy, concluo que devo agir o mais rápido possível, mesmo que eu tenha que ir até ela. O problema é que Beatriz me ignoraria da mesma forma que fez na saída da boate, não me dando outra alternativa a não ser apelar para a amiga dela. Gracy terá que me ajudar, não há outra saída.

— Gracy, preciso que fale com ela e descubra o que aconteceu — digo, firme.

— Como é? Não está achando que irei perguntar as coisas para a minha amiga e fofocar para você! — responde, fazendo bico, irritada, deixando-me ainda mais nervoso.

— Gracy, colabora, por favor. Isso é sério! — esbravejo, encarando-a seriamente. — Beatriz saiu daqui em prantos, com o Victor. Você nem ao menos sabia que ela tinha ido embora, e

tudo indica que alguém ligado a mim teve alguma coisa a ver com isso. Não entende a gravidade, porra?

Afasto-me dela, fora de controle e sem um pinga de paciência desses jogos adolescentes. Por que essas garotas complicam tanto as coisas? Merda!

— Eu... tudo bem. Desculpe — diz ela, voltando a se aproximar. — O que eu devo fazer?

— Não sei... envie uma mensagem, algo assim. Pergunte o que aconteceu!

Enquanto aguardo Gracy entregar em contato com Beatriz, continuo olhando, impacientemente, o circular de pessoas pela casa. Se Bia não fosse tão teimosa, obviamente eu já estaria no seu encalço, fazendo-a se abrir comigo e dizer toda a verdade.

— Senhor! Eu não posso acreditar nisso... — Gracy resmunga do meu lado, chamando a minha atenção para o aparelho que ela segura nas mãos.

— O que ela disse? — pergunto exaurido.

— Não posso acreditar... Não consigo acreditar...

— Que diabos...

Impaciente, pego o celular da mão dela e olho a mensagem. Beatriz fala algo relacionado ao amigo Pedro, mas não entra detalhes. Contudo, fala explicitamente que eu estou noivo de Raquel e que a própria disse a ela. Diabos!

— Isso não é verdade, menina. — Adianto-me em me justificar, sentindo meus nervos ferverem mais, enquanto estendo o celular para Gracy. — Essa mulher é louca — afirmo.

Apesar de não ter obrigação nenhuma de lhe dar satisfação, sinto a necessidade de ela dizer isso a Beatriz. O que me deixa dez vezes mais intrigado. Aos poucos, Beatriz está me deixando maluco. Pergunto-me que merda está acontecendo comigo? Por que logo ela?

Gracy solta um suspiro aliviado, colocando a mão no peito. No entanto, há algo que ainda não se encaixa.

— E este Pedro? O que ele fez?

— Eu não sei. Bia disse para conversarmos depois porque agora ela não está com cabeça para isso.

Assinto, mesmo não me dando por satisfeito sobre as informações. Não enquanto não descobrir cada detalhe do que aconteceu aqui.

Ao virar-me para ir embora, vejo Raquel aproximando-se com um sorriso aberto, mantendo a satisfação estampada no olhar. Ela chega até mim, ignora Gracy completamente, e faz menção de entrelaçar as mãos no meu pescoço.

— *Mi amor*, pensei que já tivesse ido embora. Será que pode me levar para cas...

— Tire as mãos de mim, Raquel — advirto, segurando o seu pulso com firmeza. — Você me enoja, mulher!

Ela arregala os olhos, surpresa, mas ainda tenta me tocar.

— Querido, o que aconteceu? — pergunta, mas, antes que possa concluir a fala, a mulher é interrompida pela voz de Gracy.

— Então é você a *Vaquel*?

Virando-se na direção da garota, Raquel a encara e franze a sobrancelha, surpresa.

— O que disse? — questiona, nervosa, passando a mão nos cabelos.

Vejo Gracy gargalhar cinicamente. Mal posso acreditar no que ela faz quando se aproxima de Raquel e acerta um soco bem em cima do olho esquerdo. As duas soltam um grito de dor.

— Nunca mais se aproxime da minha amiga, sua vaca — adverte Gracy, fora de si, enquanto sacode a mão no ar. — Porra! Como isso dói! — reclama.

— Você é louca! — grita Raquel, levando a mão ao machucado, enquanto tenta se reequilibrar, apoiando-se nas pessoas à sua volta.

Ainda estou chocado, observando a cena, mas não consigo evitar que um sorriso divertido escape da minha garganta assim que Raquel se aproxima de mim.

— Vai deixar essa pirralha me agredir, *mi amor*?

Gargalho e dou de ombros. Com certeza, essa é uma briga na qual não irei me meter.

— Não me diga que está com medo de uma garota, Raquel? — provoco.

Gracy resmunga algo que não consigo compreender e coloca um cacho do cabelo rebelde atrás da orelha, ao mesmo tempo em que encara Raquel com olhar ferino.

A mulher esbelta, mas terrivelmente enjoativa, me encara com ódio no olhar, olha para a garota do meu lado e nos dá as costas. Sai, pisando fundo.

— Ei, Raquel! — chamo-a. Ela se vira, curvando os lábios em um sorrisinho vitorioso. —

Antes que se vá ... Quero deixar claro que ratifico o que disse a Gracy. Não se aproxime mais da Bia ou se verá comigo. Aliás, não se aproxime de mim também. Se insistir, tomarei medidas judiciais.

O sorriso vitorioso morre em seu rosto e o olhar de ódio retorna, agora acompanhado de algo mais: decepção, rancor, humilhação. Encaro Gracy e aceno, murmurando um obrigado silencioso. Ela balança a cabeça em afirmativa e retorna até onde deixou seu parceiro.

Caminho na direção da porta de saída, pego o meu carro e arranco para casa. Os pensamentos vagueiam para longe, diretamente nos olhos brilhantes que tanto me fascinam. Minha mente diz para que eu continue longe e a esqueça de uma vez por todas, mas há algo que me impele a ir atrás dela, mesmo eu não tendo o que dizer. A lembrança dela indo embora com outro homem me faz perder toda a órbita. Trinco os dentes e piso o pé no acelerador. A adrenalina acompanha o meu estado caótico.

Quando dou por mim, estou estacionando o carro em frente à casa de Felipe. Eu me camufo debaixo de uma árvore, pego o telefone e ligo para ela. Suspiro aliviado quando Beatriz atende no terceiro toque:

— *Cadu?*

— Oi, Beatriz. Tá tudo bem? — questiono, apesar de saber que essa não passa de uma pergunta idiota.

— *Sim, está!* — responde seca, a voz ainda rouca pelo choro. — *O que deseja?*

— Quero conversar com você um minuto — digo, indo direto ao que interessa.

— *Olha. Eu estou muito cansada e...*

— Eu estou em frente à sua casa. — Ouço sua respiração ofegar do outro lado e, de alguma forma, isso me instiga, me excita de uma maneira terrivelmente dolorosa.

— *Eu... não sei se é uma boa ideia.*

— Prometo que não tomarei muito do seu tempo. Serei breve.

— *Tudo bem... Irei descer em alguns instantes.*

Os minutos se arrastam em câmera lenta, parecendo se transformar em horas. Após o que parece uma eternidade, vejo o vulto de alguém no portão. Beatriz se aproxima do carro, envolvida em um roupão preto. Abro a porta do carona à sua espera.

À medida que ela caminha, analiso cada detalhe do corpo pequeno, marcado pelo tecido de seda. As formas bem feitas e voluptuosas fazem o meu pau reagir com espasmos, empurrando o tecido da minha calça.

Trinco os meus dentes, sem conseguir controlar a ereção que me toma só por vê-la se aproximar, parecendo um bichinho acuado. Os cabelos soltos, balançando ao vento, deixam-na extremamente deliciosa.

Bia para, um pouco reticente, e me encara, confusa. Indico para que ela entre e, quando o faz, dou a partida e sigo para um local mais reservado, longe dos olhares curiosos.

— Para onde estamos indo? — questiona, olhando para os lados. — Acho que não estou vestida adequadamente para sair por aí.

Paro o carro no acostamento, debaixo de uma árvore de sombra espessa, e suspiro.

— Não se preocupe. Não seria muito inteligente conversarmos em frente à sua casa, acho que seu pai não veria isso com bons olhos. — Destravo o cinto de segurança e viro-me na sua direção.

Ela me encara com um certo interesse.

— Eu soube da Raquel. Soube o que ela disse a você na boate — digo, fitando-a. — Beatriz estreita os olhos e permanece calada por alguns instantes, permitindo que eu continue. — Imagino que tenha acreditado nas palavras dela.

Seu suspiro desconfortável corta o ambiente, mas não impede que ela responda com calma:

— Pra falar a verdade, eu não sei... Aconteceram tantas coisas... — Leva as mãos aos cabelos e os penteia com os dedos, parecendo desnorteada. — Mas de qualquer forma, isso não importa agora. Você não me deve nenhuma satisfação...

Ouvir essas palavras da sua boca deveria fazer com que eu respirasse aliviado. Até porque ela tem razão, não devo satisfações a ninguém. No entanto, suas palavras me causam um efeito contrário, e tudo que sinto é um aperto estranho no peito. Um buraco negro que cresce a cada maldito segundo. Um vazio que me deixa tonto.

Cada movimento que ela faz me fascina de uma forma enlouquecedora e, quando cravo os meus olhos nos lábios avermelhados, a vontade de beijá-los é tanta que me sinto sufocado.

— Eu não irei me casar... — digo. Não sei de onde vem tamanha necessidade de deixá-la a par disso. Mas é preciso. — Você sabe que Raquel era apenas uma amiga. Alguém que ficou no

passado.

— Cadu, não sei por que está me dizendo essas coisas agora, mas não é necessário. Não precisa se explicar. — Ela suspira e se agarra ainda mais no roupão. — Sei que está preocupado comigo porque é o amigo do meu pai, principalmente depois de toda aquela confusão que armei no hotel. — Ela me fita, parecendo decidida. Neste instante, sinto uma agonia inexplicável nascer em meu âmagô. A conversa está tomando uma direção que eu não esperava. — Acho que lhe devo um pedido de desculpas. Não deveria ter feito o que fiz... As fotos, as provocações... Enfim, tudo. Peço que me desculpe, por favor. Isso não vai voltar a acontecer.

Se ela tivesse dito essas coisas há algum tempo, certamente eu teria relevado e fingido que nada realmente havia acontecido. Eu me sentiria até aliviado. Mas, apesar de admirar a forma franca e madura com que ela conversa comigo agora, sinto algo bem diferente de alívio.

Um gosto amargo predomina em minha boca, fazendo minha garganta ficar seca. O pior é que não consigo decifrar que diabos está acontecendo. Tenho uma sensação de perda. Mas como estar perdendo algo que nunca tive?

Ainda encarando-a, pergunto algo que está martelando a minha mente há dias, impedindo que eu raciocine direito:

— Você está saindo com aquele cara? Está indo pra cama com ele?

Beatriz abre e fecha a boca algumas vezes, sem conseguir formular uma resposta. Contudo, não espero que ela diga algo. Aproximo-me certo, fitando os lábios macios que tanto me enlouquecem, pronto para tomá-los em um beijo ardente. Ela não pode simplesmente ter me esquecido assim, não agora, quando não consigo arrancá-la da minha cabeça. Maldita!



CAPÍTULO 28

BEATRIZ

Não sei se estou mais trêmula por ter aberto o jogo com ele, pedindo desculpas, ou por estar dentro de um carro desse nível ao lado dele. Já estive em veículos de alto luxo, mas este é exageradamente luxuoso. Tenho até medo de tocar em algo ou deixar alguma mancha no estofado. É como se eu estivesse sentada em cima de milhões de dólares.

Céus, que merda eu fui fazer? Como pude achar que conseguiria conquistar um homem como ele? Rico e poderoso, e, ao mesmo tempo, mesquinho e mulherengo. Um idiota metido a filantropo. Pensando bem, como pude me apaixonar por ele?

Cadu me olha de uma forma enigmática. Está sério, os olhos focados em cada compartimento do meu rosto, o maxilar trincado.

— Você está saindo com aquele cara? Está indo pra cama com ele? — pergunta.

O rosto está tão expressivo em raiva que, por um instante, sinto-me acuada. Abro e fecho a boca, sem reação. Quem ele pensa que é para me questionar? Ele me rejeitou, não tem o direito de se intrometer na minha vida.

Meu coração dispara quando vejo a aproximação dele, fitando a minha boca. Parece

decidido, o que me deixa ainda mais confusa. O que esse homem quer? Quer me humilhar mais?

Coloco a mão em seu peito para contê-lo, enquanto as palavras daquela mulher ainda martelam na minha cabeça. Mesmo que ela tenha mentido, ainda o odeio por se envolver com alguém de tão baixo nível, uma qualquer. Mais uma razão para que eu me mantenha longe.

Quando Eduardo encosta a boca na minha, na intenção de roubar um beijo, viro o meu rosto e o empurro novamente, pedindo para que se afaste. Seu corpo forte não se move. Minha força comparada à dele é praticamente nula e tudo o que faço é ranger os dentes para evitar que um gemido escape quando os lábios experientes beijam e mordiscam o lóbulo da minha orelha. Meu corpo inteiro se arrepia.

O cheiro do seu perfume me inebria e minha voz sai entrecortada:

— Pare com isso! — exijo. Não irei me render aos beijos desse safado, ainda tenho orgulho.

— Me deixe beijá-la, menina — sussurra no meu ouvido. — Estou ansiando por isso.

Balanço a cabeça em negativa e me afasto mais, enquanto minhas mãos continuam na tentativa falha de empurrá-lo.

— Ficou louco? Foi você mesmo quem disse o quanto me queria longe e agora quer me beijar? O que acha que sou, senhor Carlos Eduardo? Um brinquedo para você jogar de um lado para o outro como bem quiser?

Vejo-o afastar o rosto e me encarar. A cor do seus olhos se intensifica ao mesmo tempo que sua expressão se torna mais fechada.

— Apenas um beijo! — Ele volta a se aproximar, segurando os fios de cabelo na minha nuca. Como se eu estivesse dentro de uma espécie de hipnose, sentindo meu queixo tremer, fecho os olhos quando os lábios experientes tocam os meus e, em seguida, ele penetra a língua dura e possessiva dentro da minha boca. Ofego.

Sinto seu gosto misturado a um leve sabor de álcool e quero mais. Contudo, prometi a mim mesma que não iria mais sucumbir ao desejo e à paixão que sinto por ele. Mordisco seu lábio inferior uma última vez e me afasto, ao mesmo tempo em que tateio a porta do carro, tentando abri-la.

— Eu sinto muito, Cadu. Falei muito sério quando me desculpei e disse que não faria mais aquelas loucuras. Estou tentando fazer o que me pediu, mantendo-me afastada. Então, por favor, não confunda as coisas. Você é o amigo do meu pai, como você mesmo gosta de destacar, e apenas

isso — relembro-o.

Eduardo nega com a cabeça, como que decidido a conseguir o que quer. Passa a língua nos lábios e acaricia o meu rosto levemente.

— Você me quer, princesa, não tente negar. Vi o quanto estava abalada na boate após o que a louca da Raquel disse... — Seus dedos passeiam por meus lábios e os acaricia. — Não há lugar para outro homem na sua vida...

Meu coração falha algumas batidas quando ouço suas palavras, expressando tanta certeza. Parece-me uma sentença maldita. Mas não lhe darei esse gostinho, não hoje e, muito menos, agora. Por mais que o ame, Eduardo precisa entender que não sou como elas. Eu o superarei e seguirei em frente.

Gargalho, mesmo sem emoção, mas no momento é o suficiente para fingir que suas palavras não têm nenhum significado para mim.

— Está enganado. — Respiro fundo para impedir que uma lágrima transborde pelos meus olhos quando relembro o ocorrido na boate. Pensar em Pedro me dói a alma. — O que Raquel falou só serviu para abrir os meus olhos. Me fez perceber o quanto estive enganada sobre os meus sentimentos todo esse tempo. Mas o que aconteceu lá antes disso, com outra pessoa, sim, me feriu como ferro em brasa, mas isso não vem ao caso agora.

Franzindo a sobrancelha, ele questiona:

— O que quer dizer, Beatriz? O que aconteceu naquela boate? Alguém te machucou?

— Não aconteceu nada que possa ser resolvido — afirmo.

— Me diga! — Sua expressão é séria e, ao mesmo tempo, preocupada. No entanto, ele é a última pessoa no mundo que quero que saiba o que aconteceu.

— Esqueça isso! — digo, ofegante — E... Eduardo, por favor, não se aproxime mais. Estou saindo com o Victor agora, ele é um cara legal.

Encontrando a tranca que destrava a porta, abro-a e saio o mais rápido que consigo, sem dar tempo de ele me impedir.

Bato a porta do Aventador e corro por entre as ruas mal iluminadas, rogando a Deus para não ter deixado nenhum arranhãozinho no carro. Do contrário, terei que rodar a bolsinha na esquina para conseguir pagar o reparo.



CARLOS EDUARDO

Diabos! O que foi isso? Beatriz sai do carro após jogar na minha cara que está saindo com aquele cara e corre, sumindo na rua sombreada. Merda! Irritado, ligo o veículo e saio atrás dela. Nem maluco deixaria a menina voltar pra casa sozinha a essa hora da noite.

Ao me aproximar, desço o vidro e a chamo:

— Beatriz, entre no carro!

— Vá se ferrar, Cadu — xinga e continua correndo, sem me dar atenção.

Inferno!

— Não seja teimosa, garota. Não vê que é perigoso?

Beatriz me ignora, demonstrando o quanto falou sério quando disse que queria distância. Frustrado e sem um pinga de paciência, arranco o carro para ultrapassá-la alguns metros, desço e corro até conseguir alcançá-la.

— Espere. O que acha que está fazendo? — Seguro o seu braço, fazendo Beatriz parar e voltar-se para mim. — Não pode sair assim, está muito tarde.

Ao fitar o seu rosto, sinto meu coração se apertar assim que vejo as camadas grossas de lágrimas que banham a sua pele. Ela solta um suspiro e vira o rosto, evitando me encarar.

— Me deixe ir. Por favor... — Soluça. — Por que não me deixa em paz, Cadu?

Por alguns instantes, não sei exatamente o que responder a ela. Nem eu mesmo entendo por que estou aqui. Mas quando recordo das vezes em que me peguei pensando no seu cheiro, seu gosto, ou quando puxava conversa com Felipe para saber como ela estava, percebo que, pouco a pouco, Beatriz vem se incrustando na minha pele muito mais do que pensei ser possível. Imaginá-la longe, de repente, não é algo que meu corpo deseja.

— Eu não sei... — respondo ao ver que ela voltou a me olhar. — Eu simplesmente não consigo ficar longe! — confesso.

Essa constatação me atordoa, faz com que eu me recorde de anos atrás, quando era noivo e iria me casar. Eu estava apaixonado... merda!

Fito seu olhar incrédulo na minha direção e engulo em seco. Ela é tão linda, doce. Cada parte do seu corpo me enlouquece desesperadamente. Fecho os meus punhos ao sentir o meu pau tomar força de novo e me sinto um tarado por desejá-la tanto.

Ela é só uma menina! Uma menina!

Repito isso na minha cabeça mil vezes, tentando afastar o desejo de agarrá-la e fazê-la minha em cima do capô do carro. Diabos! Por que ela tinha que ser tão deliciosa?

Beatriz passa o pulso trêmulo nos olhos, secando as lágrimas, e balança a cabeça de um lado a outro. Está confusa, incerta. Não tiro a sua razão, porque é exatamente assim que me sinto.

— Eu preciso ir — diz e volta a andar na direção da sua casa, não me dando mais nenhuma chance de falar algo.

— Droga! — murmuro, nervoso, e retorno ao carro, odiando-me por sentir essas coisas. Esse desejo louco, essa vontade incontrolável de beijá-la, tocar seu corpo e sentir meu pau afundando na sua boceta enquanto a ouço gritar. Sinto minhas bolas doerem de tédio.

Passo a mão na minha barba por fazer, ligo o carro e a sigo a uma distância considerável até que ela entra em casa.

Um pouco mais calmo, pego meu celular e ligo para uma pessoa na qual confio e sei que poderá me ajudar no que preciso.

— Alô — atende o homem do outro lado da linha.

— Eu preciso de um favor — respondo. Vou direto ao ponto.

Não importa a quem eu tenha que recorrer ou subornar, descobrirei toda a merda que aconteceu naquela boate.



CAPÍTULO 29

BEATRIZ

Fecho a porta do meu quarto às pressas, como se o mundo estivesse sendo destruído e esse fosse meu único refúgio. Meu coração bate desesperado e ainda consigo sentir o sabor dos lábios dele sobre os meus: álcool, paixão e desejo. Foi tudo o que senti naquele momento, uma mistura de sensações tão intensas que me vi sem ar.

Céus!

Estou muito abalada com essa atitude inesperada do Cadu. Mas preciso me manter firme em meu propósito de me manter afastada. Quanto mais deixar que ele se aproxime, mais eu sofrerei.

Com a mão direita sobre os meus lábios, caminho até a cama e pego meu celular. Desbloqueio o visor, verifico as redes sociais e respondo mais algumas mensagens de Gracy perguntando como estou e informando que também já está em casa.

Além das mensagens dela, há uma outra de Víctor, perguntando se estou bem.

Suspiro com pesar, imaginando o quanto ele é um cara legal e bonito. Cheio de atributos capazes de fazer qualquer mulher cair aos seus pés. Exceto eu. Como o destino é cruel às vezes.

Mordisco meu lábio inferior e o respondo:

Sim, estou bem.

A resposta não demora. Chega alguns minutos depois, enquanto me arrumo para dormir.

Pensei que já estivesse dormindo. ;)

Estou sem sono. Desculpe por acordar você

Não se preocupe.

Estou contente que tenha sido você a pessoa que respondeu a mensagem às duas da madrugada e quase me fez cair da cama de susto rs

Bobo kkk

Sorridente, deixo o celular de lado e me agasalho debaixo dos lençóis. Os pensamentos vagueiam por minha mente como uma teia de aranha: confusos e difíceis de me livrar.

Impaciente por ficar deitada e não conseguir pregar os olhos, penso em ir até a cozinha tomar um chá calmante, no entanto, uma batida na porta me faz dar um pulo para a frente, assustada.

Na ponta dos pés, caminho até a porta, tomando todo o cuidado do mundo para não fazer barulho.

— Querida? — Ouço a voz de mamãe e não sei se me exaspero ou se respiro aliviada. Será que ela percebeu quando saí de casa novamente e veio me dar a bela de uma bronca? Por outro lado, é melhor ter sido ela do que o papai.

— Oi — respondo assim que destranco a fechadura.

Ao fitar o seu rosto, sinto meu peito se apertar devido às expressões tão bem definidas em seu rosto. Uma mistura de preocupação e mágoa.

— Querida, onde estava? — Ela desce o olhar pelo meu corpo, como se tentando adivinhar o que fui fazer na rua a essa hora. — Ouvi quando você desceu as escadas e, quando me levantei para ir até a janela do meu quarto, vi você atravessar a rua, usando apenas um roupão, e entrar em um carro escuro. O que você fez, Beatriz?

Seu olhar de descrença e decepção me faz engolir em seco, nervosa.

— Mamãe, eu não fiz nada demais. — Tento explicar — Só estava conversando com...

— Com o Cadu? Você estava com ele?

Diante da sua expressão preocupada, não consigo omitir a verdade estampada em meu rosto e apenas assinto com a cabeça. Mamãe passa a mão pelos cabelos, parecendo aflita, e caminha para o interior do quarto.

Cruza as mãos uma na outra e volta seu olhar para mim.

— Seu pai vai ficar louco se souber disso, Beatriz. Filha, ele tem o dobro da sua idade e... vocês estavam na rua, correndo o risco de serem flagrados por algum vizinho...

— Mamãe, por favor, não tire conclusões precipitadas. — Interrompo-a e me aproximo. — Entre nós dois não aconteceu nada do que está pensando. Estávamos apenas conversando.

Puxando o ar com força, mamãe balança a cabeça negativamente e me encara:

— Querida, ninguém sai a esta hora usando roupão apenas para conversar com um homem dentro do carro dele. Não nasci ontem, minha filha. Sei que você ama este homem, está escrito no seu olhar em cada momento que fala dele.

— Eu sei. Eu sei. — Sinto minhas pernas tremerem, mas ainda assim caminho na sua direção. — Sei que pode parecer estranho, mas estou falando a verdade, mamãe. — Uma lágrima rola pela minha face, mas eu a enxugo com a palma da mão. — Por favor, acredite em mim, eu não fiz nada.

Mamãe olha de um lado a outro, descrente, como se tentasse acreditar no que digo, mas a dúvida falasse mais alto. Ela dá alguns passos até onde estou, segura na minha mão e diz:

— Querida, eu sou a sua mãe e preciso que seja sincera comigo. — Vejo no fundo do seu olhar o quanto está preocupada com a situação. — Você... fez sexo com ele?

Balanço a cabeça em negativa, ao mesmo tempo em que mordo o meu lábio, aflita.

— Não... Nem com ele, nem ninguém. Ainda sou... virgem.

Ouçoo um suspiro aliviado escapar da sua boca. Ela assente com a cabeça e continua:

— Amanhã irei marcar uma consulta no ginecologista pra você. Irá usar anticoncepcional.

— Como? Mas, mamãe, que parte do “eu sou virgem” a senhora não entendeu? — questiono, surpresa, fazendo um sinal de aspas com os dedos.

— Querida, eu já tive a sua idade. Está apaixonada por aquele homem, é difícil segurar. Eu sei! Por isso, ficarei mais tranquila quando tiver certeza que você estará protegida de uma gravidez.

Sinto minhas bochechas enrubescerem ao ouvir seu posicionamento. Tento explicar a ela que entre ele e eu não acontecerá nada, porém, mamãe não me dá ouvidos, deixando claro que passaremos na consulta no dia seguinte antes que eu siga para a faculdade. Antes de sair do quarto, ainda me dá o belo de um sermão sobre o uso de preservativos, como se eu fosse alguma espécie de ignorante. Mães e seus sentidos de proteção exagerados.

Mas pondero que ela tem razão. Afinal, quase perdi a virgindade com o Cadu naquela noite. Claro que usaríamos preservativo, não sou tão inconsequente. Mesmo que eu não tenha ninguém em vista no momento, é melhor que comece a me prevenir.

Um pouco mais tranquila, eu me agasalho debaixo das cobertas e logo pego no sono.



No dia seguinte, acordo mais cedo que o costume, seguindo as instruções que minha mãe havia passado na noite anterior. Respondo uma mensagem do Victor, convidando-me para sair, e aceito, afinal, sou livre e desimpedida e minha missão de superar o Cadu ainda está de pé.

Saio do quarto e encontro meus pais na cozinha, tomando café. Junto-me a eles para o desjejum e, quando terminamos, sigo com mamãe para a clínica ginecológica, conforme o combinado.

O dia passa depressa, pois mantenho-me concentrada em minhas atividades. Depois de sair da clínica, sigo para a faculdade, assisto às aulas com Gracy e, mais tarde, almoçamos juntas. Durante esse tempo, conto a ela tudo o que aconteceu na boate. Gracy fica fora de si, tenho que segurá-la para que não vá na casa de Pedro armar um barraco.

Depois de fazê-la prometer ficar quieta, seguimos o plano do dia e, agora, estamos concentradas no projeto de proteção às tartarugas marinhas, no qual nos voluntariamos.

Os trabalhos de hoje, apesar de cansativos, são gratificantes. Já estamos há algumas horas auxiliando no trabalho dos biólogos, que consiste em capturar algumas futuras mães-tartarugas para coletar material genético para estudos e colocar números de identificação nas nadadeiras. Além disso, há um imenso caminho a percorrer até o nascimento dos filhotes.

Após colocar a tartaruga-mestiça de volta no mar, esboço um sorriso, admirada por todo o esplendor e beleza desses animais e, claro, admirada com a vista. A água límpida e azulada, contrastando com o amarelo forte do sol, me deixa sem ar. Meus olhos brilham, maravilhados.

Estamos em uma praia afastada da correria da metrópole, onde anualmente acontece a desova das tartarugas-mestiças no litoral carioca. Apesar da distância dos grandes arranha-céus, preocupa-me o fato de a obra que acontece a alguns metros de distância, próximo demais de alguns dos ninhos, e a grande circulação de pessoas.

Chuto uma poça de água após me afastar das demais pessoas, limpo uma gota de suor que desce em minha testa e caminho até uma das biólogas que está entretida em examinar uma outra tartaruga. Devagar, me aproximo e me sento na areia.

— Victoria, me tire uma dúvida? — A moça simpática, e de lindos olhos amendoados brilhantes, pausa o que está fazendo e me encara.

— Sim, Bia. Pode falar.

— Aquela obra ali do outro lado não vai atrapalhar a desova? — Aponto na direção de alguns homens que escavam próximo à praia. — Digo, não colocará os ovos em perigo? Percebi que há alguns ninhos por ali.

Victoria move um cacho de cabelo que se desprende do coque e agora teima em cair por sua testa e bochecha.

— Na verdade, sim. Mas o que podemos fazer? Além de palestras sobre a conscientização das pessoas, não há muito o que ser feito. — Suspira. — Ouvi boatos que será um *resort*, o maior da América Latina. Mas esse povo não quer saber se vai prejudicar a desova das tartarugas, eles

só enxergam dinheiro, Bia.

Ouçõ sua reclamação com um enorme aperto no peito. Sinto-me de mãos atadas.

— Mas já contataram os órgãos de fiscalização ambiental? Essas coisas não são contra as normas de conservação?

Victoria chama um dos outros colegas para ajudá-la com o animal e volta a responder os meus questionários:

— Infelizmente, não. A pesca e abate desses animais são proibidas por lei, mas nada diz respeito às construções habitacionais ou comerciais próximo à praia. — A mulher passa a mão na testa para secar o suor e continua: — Pelo que verifiquei, a obra possui todos os licenciamentos ambientais para seguir adiante. De todo modo, tentamos entrar em contato com o responsável pela empresa de construção, mas não conseguimos nem sequer passar da equipe de advogados.

Indignada, levanto-me, passando as mãos completamente sujas de areia pelo meu cabelo.

— Essa gente não tem um pingõ de escúpulos. Eles se negaram a receber vocês? — Vic dá de ombros e responde:

— Infelizmente, sim. Fizeram pouco caso da situação e ficou por isso mesmo.

— Isso não pode continuar, Vic, precisamos fazer alguma coisa.

Ela me encara com tristeza, levanta-se e caminha na direção do mar. Acompanho-a.

— O que poderíamos fazer? Já tentamos de tudo!

— Eu não sei... Talvez se eu pudesse pedir ajuda para o meu pai, ele é advogado... — Paro no meio do caminho e concludo, esperançosa: — É isso. Pedirei ajuda para o papai. Só preciso que você me informe o nome da empresa.

Victoria para de andar um pouco pensativa e diz que irá pegar um cartão com os contatos dentro do carro. Enquanto a espero, vejo Gracy se aproximar eufórica e com um sorriso nos lábios.

— Estou me sentindo a “Gaia”, do Capitão Planeta. A salvadora da pátria.

Sorrio e assinto com a cabeça. O que estamos fazendo não tem preço e a cada segundo me sinto mais conectada e encantada com a profissão que escolhi. Em poucos minutos, Victoria retorna com um cartão de visitas e me entrega. No entanto, sinto meu fôlego falhar quando leio as inscrições informando o nome da empresa. Minhas pernas tremem e meu coração acelera pelo

susto. Um gosto amargo se apossa da minha boca, deixando-me desnorteada.

Ferraz Engenharia.

— Não. Não pode ser — murmuro.



CAPÍTULO 30

CARLOS EDUARDO

Com o auxílio de um perito em imagens, assisto à gravação das câmeras de segurança da boate na noite em que vi Beatriz.

— Não há dúvidas. É a mesma garota da foto! — afirma o homem, confiante, apontando para a foto impressa de Beatriz em cima da mesa.

Apesar dos jogos de luzes, consigo distinguir quando ela conversa com um rapaz como se já o conhecesse. Neste momento, o vídeo é cortado e continua no instante em que Bia começa a dançar e o mesmo cara a agarra por trás. Ao ver a cena, sinto uma secura incômoda se instaurar em minha garganta. Meus músculos se tensionam de uma forma absurda e uma sensação de perda me invade. É como se eu estivesse perdendo algo que nunca tive, e essa ideia me atordoia.

Contudo, ao vê-la lutar para se soltar, ao mesmo tempo em que ele a apalpa em todos os lugares sem permissão, sinto o ciúme dando espaço à ira, fazendo-me trincar o maxilar tamanha é a minha raiva.

— Porra! — Bato a mão sobre a mesa, possesso, e, puxo o ar com força. Tenho vontade de matá-lo por tocar nela dessa maneira. Desgraçado!

Continuo assistindo à gravação e, quando consigo ver o rosto do cara com melhor nitidez, peço para o perito congelar a imagem. De imediato, não reconheço a fuça do imbecil, mas, ao analisar com mais calma e atenção, percebo que ele lembra alguém que conheço.

Os cabelos pretos um pouco compridos, o porte físico magro. Diabos! É o amigo de Beatriz, o mesmo que vive com ela para cima e para baixo e que não sai da casa de Felipe. Recordo-me que o nome dele é Pedro. Estuda com ela. Ora vejam... Um lobo em pele de carneiro.

Mas que merda esse imbecil foi inventar de fazer? Era por isso que ela estava chorando, concluo, passando a mão em meus cabelos. Ela foi molestada pelo melhor amigo da maneira mais covarde possível e bem debaixo dos meus olhos. Meu sangue ferve em ira como a lava de um vulcão raivoso. As besteiras que Raquel disse a ela só pioraram a situação. Vagabunda!

— Já chega disso — digo e coloco as mãos em cima da mesa, puxando o ar em busca de calma. Peço ao perito que confirme a identidade do cara, mesmo eu já tendo certeza de quem se trata. No entanto, quero provas concretas o mais breve possível.

Passo as informações necessárias a ele e o dispenso. Acompanho o homem até a porta do escritório, retorno à minha mesa e me jogo na cadeira. Preciso pensar na melhor estratégia de lidar com essa situação.

Confiro as horas, percebendo que já são quase cinco da tarde. Coloco dois dedos na minha testa que lateja como nunca, parecendo que irá rachar no meio de tanta dor de cabeça.

Em alguns instantes, Felipe entra na sala, deixa alguns papéis e se retira apressadamente, alegando estar atrasado para um compromisso. Penso em questioná-lo sobre esse Pedro, tentar descobrir se ele sabe de algo, mas decido não tocar no assunto sem antes ter uma conversa séria com Beatriz. É óbvio que a garota me odiará se eu me intrometer em seus assuntos dessa forma. Maldição!

Ainda perdido em meus pensamentos, ouço o interfone da minha secretária tocar e atendo-o.

— Sim, diga, Sandra.

— *Senhor Carlos Eduardo, a senhorita Beatriz, filha do doutor Felipe, está aqui na recepção e deseja falar com senhor. Eu avisei que o senhor deveria estar muito ocupado, mas ela insistiu. Quer que eu marque outro horário para uma reunião?*

O que ela está falando? A Bia está aqui e deseja falar comigo? Meu coração dá um salto em expectativa.

— Não precisa, Sandra. Por favor, deixe-a entrar — digo, ansioso para saber do que se trata. Afinal, ela poderia ter me mandado uma mensagem.



BEATRIZ

— Você é um desumano, Eduardo! — acuso assim que entro no escritório e caminho na direção dele, decidida. Com certeza, Eduardo está ciente do prejuízo que a obra vai causar às tartarugas, portanto, está sendo insensível à questão.

O homem me encara com o olhar pacífico, como se nada o abalasse. O que me deixa ainda mais irritada. Como ele pode ser tão frio? Mas não me deixo abalar por sua expressão que se torna acirrada. Também o encaro irritada, deixando claro que irei até o fim com as minhas pretensões.

— Por que está fazendo isso? É só o dinheiro que importa para você? — indago, enquanto ele me analisa de cima a baixo com curiosidade. Pouco me importa se estou suada e coberta de areia.

Ele se levanta da cadeira, parecendo confuso, mas não abandona a expressão autoritária e intimidante.

— Do que está falando, menina? — questiona.

Não me abalo diante da sua aproximação. Continuo parada, encarando-o de frente.

— Como do que estou falando? Disso! — Pego um dos papéis que trouxe comigo e o entrego: — Não vê que está destruindo a ecologia da região e colocando em risco animais ameaçados de extinção? Não percebe? Seu egoísta!

Vejo o homem arquear uma sobrancelha, intrigado ao abrir os papéis e se deparar com imagens da obra que está sendo realizada próximo à praia de desova das tartarugas. Ele olha algumas vezes de mim para o papel antes de questionar:

— O que essas imagens dizem respeito à minha índole, Beatriz? É apenas a construção de um *resort*, e está tudo dentro das normas.

Balanço a cabeça de um lado ao outro, incrédula. Será que ele não percebe o que está fazendo? Como pode ser tão desumano assim?

— Essa sua obra está destruindo os ninhos de tartarugas que desovam naquela região. Estão sendo pisados por seus funcionários! — exclamo e ando de um lado a outro com a mão na cintura. — Sem mencionar o fato de as luzes, à noite, prejudicarem a eclosão dos ovos e afastarem algumas tartarugas da praia, forçando os animais a procurarem outros lugares para abrirem seus ninhos.

Percebo que ele distancia sua atenção para o meu corpo, analisando o *short jeans* e a camiseta azul da ONG que estou usando. Desce o olhar pelas minhas pernas à mostra e sinto o rosto corar de raiva, tamanha é audácia dele.

Fico horrorizada quando o vejo passar a mão em cima do pau, discretamente. O volume que começa a se formar naquela região me faz querer sair correndo. Tenho vontade de estapeá-lo.

Ao perceber que eu o observo, incrédula, Eduardo fita o meu rosto e volta à sua expressão anterior. Frio!

— O que quer que eu faça? Cancele a obra?

Arqueio a sobrancelha e o olho, desafiadora. Não me abalarei. Prometi a mim mesma que conseguiria.

— Alguma atitude deve ser tomada, senhor Carlos Eduardo. São animais ameaçados de extinção!

Ele balança a cabeça de um lado ao outro e sorri. Um sorriso presunçoso, arrogante. Como se tudo o que acabei de dizer não passasse de uma mera besteira aos seus olhos.

— Está prestando atenção no que está me pedindo, Beatriz? São milhões de reais em jogo. Os órgãos ambientais responsáveis me deram o aval e as licenças para a obra. A construção está dentro dos padrões exigidos pela legislação. Eu sempre me certifico disto.

Dou alguns passos para trás, sentindo o meu coração doer a cada palavra indiferente que ele profere, e abro os meus braços:

— Evidentemente, as leis ambientais, criadas por representantes de empresários com interesses naquela região, foram bastante condescendentes. Olhe à sua volta, Eduardo. Você já tem tudo. Não precisa destruir vidas animais para ganhar mais dinheiro! — exclamo. Minha voz está tão carregada pela mágoa que preciso pausar a fala e puxar o ar.

Ele coloca as mãos nos bolsos da calça e, devagar, caminha até a vidraça. Para pensativo por alguns segundos e diz:

— Não posso acatar ao seu pedido, Beatriz. — Vira-se na minha direção, sério. — Não é apenas uma simples obra. É a construção de um dos maiores *resorts* da América Latina. Não estou sozinho nesse empreendimento, tenho parceiros. Um único dia de atraso pode causar prejuízos imensos. Além disso, a obra é legal e está dentro de todas as normas. Não tenho argumentos para defender sua interrupção junto aos meus sócios.

Gargalho, debochada. De onde estou, posso imaginar que ele ouve minha respiração ofegante.

— É só isso que importa pra você, não é? Dinheiro, poder. Não interessa o custo ambiental, não importa o prejuízo à natureza. — Sinto meus olhos se encherem de água, mas disfarço e continuo: — Não pense que irei parar por aqui, está me ouvindo? Se for necessário, irei à mídia e promoverei uma sensibilização social para essa causa. Irei lutar contra você, o papai e todo esse massacre. Tem que haver uma forma alternativa que não destrua o meio ambiente.

Viro as costas e caminho na direção da porta. Porém, antes de alcançá-la, sou surpreendida pelo calor da sua mão segurando o meu pulso.

— Espere!

— O que quer? — pergunto ao me virar.

Ele sorri, leva a mão até o meu rosto e o acaricia.

— Você é admirável, menina. Mas saiba que pode ir à mídia e gritar para os quatro cantos do mundo. Nada irá adiantar.

— Eu te odeio, Cadu — digo, trêmula. A raiva me toma por dentro.

— Tem certeza? — questiona e se aproxima mais, passando as mãos em minha cintura. Seu toque quente faz meu corpo entrar em combustão instantaneamente.

— Ficou louco... — Minha voz é abafada pelos lábios famintos e vorazes que se apossam dos meus. A língua dura penetra na minha boca com tanta vontade que fico tonta e por alguns instantes me esqueço do meu próprio nome.

— Deliciosa! — sussurra, fazendo com que eu recobre a consciência.

— Me solta... — Tento revidar, mas ele volta a esmagar a boca contra a minha e eu perco o ar. Meu cérebro o odeia, quer distância de tudo o que tem a ver com ele, mas o meu corpo o deseja desesperadamente.

Quando dou por mim, estou sendo imprensada na parede, com o corpo másculo sendo esfregado no meu de todas as forças possíveis. Eduardo me segura pelos quadris e me impulsiona para cima, abrindo as minhas pernas. Encaixa meu sexo em cima do seu pau rígido e movimenta o quadril como se estivesse me penetrando.

Gemo alto.

— Me deixe tomar você. Estou doido para meter o pau na sua boceta. Me arrependo todos os dias por não ter levado a cabo e te fodido aquela noite. — Suas palavras sujas fazem o meu sexo pulsar e eu o sinto ficando melado. — Eu preciso acabar com essa obsessão louca de te comer, menina. Estou ficando louco.

Porém, Cadu não espera que eu responda. Volta a me beijar, desesperado, mas dessa vez eu correspondo. Mas o que acaba de passar pela minha cabeça é totalmente contrário ao que ele deseja.

Eduardo me põe de volta no chão e eu aproveito o momento para passar a mão em seu pênis por cima da calça, provocando-o. Ele geme baixinho e mordisca o meu lábio, fazendo-me estremecer de prazer.

Beijo os seus lábios, mordo e o provoco sem pudor, fingindo ter esquecido a nossa última conversa. Toco-o e permito que ele me toque até ter certeza de que está enlouquecendo. Percebo isso na forma desesperada com que ele me aperta contra si, beijando e lambendo os meus lábios.

— Passe a noite comigo... — sussurra mais uma vez, fora de controle.

Sorrio e o encaro, decidida. Meus olhos lacrimejam, minha garganta fica seca, mas nada

pode me deixar mais realizada do que dispensar o todo poderoso Carlos Eduardo e ainda deixá-lo de pau duro.

— Eu sinto muito, querido. — Solto-me do seu abraço e me distancio, saindo de perto da parede. — Pode “gritar para os quatro cantos do mundo”. Nada irá adiantar — cito as mesmas palavras que ele havia dito, dou-lhe as costas e corro o mais rápido que consigo até a porta. Já no corredor, ainda posso ouvir sua voz rouca e raivosa me chamando, carregada de tesão. Sei que ele vai me confrontar depois, mas estou pouco me fodendo.



CAPÍTULO 31

CARLOS EDUARDO

Estou ficando louco. É a única justificativa para o que acabei de fazer. Mas foda-se. Quero essa menina como um louco e não é de hoje que venho me controlando para conseguir me manter longe. A cada “não” que ela me diz, o desejo aumenta drasticamente, chegando a ser impossível conseguir tirar o gosto e o cheiro dela da minha cabeça.

Em pé na porta do escritório, vejo Beatriz se distanciar no corredor às pressas, deixando-me com o pau a ponto de explodir. Minhas bolas estão doendo por causa do tesão reprimido.

Coloco a mão no batente da porta e fecho os meus olhos, frustrado. No entanto, permito-me sorrir ao lembrar das palavras dela me confrontando em defesa das pobres tartaruguinhas. A menina estava tão nervosa que nem se deu conta do absurdo que estava pedindo. Se eu simplesmente interromper a obra, outra empresa retomará a construção. A Ferraz sairá no prejuízo, provavelmente respondendo a um processo por quebra de contrato, várias pessoas ficarão sem emprego e as tão amadas tartarugas de Beatriz continuarão a ter seus ninhos pisoteados.

Contudo, a maneira com que ela me confrontou, tão decidida em defesa dos seus ideais, me atraiu de uma forma enlouquecedora. Isso me fez recordar a época em que eu era jovem, que

lutava contra tudo e todos pelo que eu acreditava, a ponto de sair de casa, largar tudo e ir morar em uma cidade completamente desconhecida porque não queria viver à sombra do meu pai.

Ah, Beatriz!

Tão menina e tão mulher. Diabos! O Felipe vai me matar, inferno, mas eu não aguento mais. Preciso meter nela, fazê-la minha por uma noite e acabar com toda essa loucura.

Volto a fechar a porta do escritório e termino de analisar alguns papéis sobre a mesa. Ligo para a secretária e peço-a para agendar uma reunião com os clientes donos do *resort* no primeiro horário do dia seguinte. Enquanto isso, convoco a equipe de engenheiros até a minha sala, passo algumas instruções e ideias sobre o que tenho em mente e os dispenso.

Os minutos passam rápido e logo se transformam em horas. O prédio fica em total silêncio com o fim do expediente dos funcionários. Continuo na minha sala, rascunhando a melhor proposta possível para ser discutida na reunião do dia seguinte, pensando no sorriso bonito que verei nos lábios dela se eu for bem-sucedido no meu plano. Mesmo do seu jeito errado, Beatriz me encanta por não se acomodar, por lutar e correr atrás do que acredita ser certo. Ela fez o que eu também faria há alguns anos.

Também estou articulando algo em relação àquele maldito amigo dela. Não vou deixar que ele saia impune, nem que a menina corra o risco de sofrer tal assédio novamente.

Quando me dou conta, já passa das oito. Estou exausto, louco por um banho e uma boceta quente para acalmar os meus nervos. Preciso me distrair daquela menina. Tentar tirá-la da minha mente. Uma boa trepada irá ajudar. Estou cheio de tesão acumulado e preciso me libertar.

Tiro o paletó sufocante, saio da sala e caminho depressa até o elevador. Em alguns minutos, estou chegando na minha cobertura no Leblon. Após tomar um banho e jantar, procuro em meus contatos alguma mulher que eu ainda não tenha comido. Não quero repetir para não criar expectativas. Só quero uma foda ocasional. Encontro o WhatsApp de uma vizinha que mora no segundo andar e que vive se insinuando para mim. Não é apropriado que seja uma pessoa que mora no mesmo prédio, mas admito que a facilidade me tenta. Terei que deixar as coisas bem claras para que ela não pegue no meu pé depois.

Abro a foto do perfil, analisando o par de seios siliconados e os lábios carnudos experientes. Essa safada, com certeza, tem uma carreira extensa. Servirá bem ao meu propósito. Meu pau se anima no mesmo instante. Envio mensagem e aguardo.

Boa noite, minha linda.

Chamo todas as vadias de “linda” para evitar confusão com os nomes. A resposta não demora, vem em menos de dois minutos.

Eduardo? Que surpresa, querido.

Gargalho, debochado, e coloco uma mão atrás da minha cabeça, louco para ir logo aos finais.

Não quer vir assistir um filminho aqui em casa?

Estou à procura de companhia ;)

Uau. Que convite tentador.

Te espero em dez minutos, tudo bem?

Combinado.

Espreguiço-me na cama, entediado. A facilidade das coisas às vezes chega a ser frustrante.

Coloco uma cueca *boxer* e caminho até o quarto de hóspedes, lugar que trago as minhas fofas de vez em quando. Não gosto de levá-las ao meu quarto, prefiro resguardar a minha intimidade. Ligo a TV, coloco em um filme qualquer e, após alguns minutos, a campainha toca.

Atendo a porta, e a mulher que nem lembro o nome entra na sala rebolando. Ela tem os cabelos castanho-claros e compridos, batendo na altura do bumbum. Inspeciono a forma do seu traseiro dentro de um vestido micro e sinto o meu pau crescer, almejando tudo o que irei fazer com ela. Irei meter até o dia amanhecer e eu me sentir saciado, livre desse tesão que aquela pequena

megeira tem me provocado.

— Boa noite, Edu. — Ela se aproxima e sorri. — Uau. Seu apartamento é o máximo — comenta, inspecionando todos os lugares.

— É mesmo? Que bom que gostou, minha linda — digo, orgulhoso, meu ego nas alturas. — Iremos nos divertir muito aqui hoje.

Ela sorri novamente e passa a mão pelo meu pescoço.

— Pensei que nunca iria me convidar para vir aqui, querido.

Desço minha mão esquerda pelas suas costas e apalpo o traseiro cheio, esfregando sua pélvis no meu pau duro. Com a outra, acaricio seus lábios.

— *Shhh...* Não diga mais nada. Vamos aproveitar cada minuto. — Pisco. Prefiro que ela fale o mínimo possível. Desço minha outra mão pelo seu busto. Aperto um seio e ela geme baixinho, envolvida.

A mulher fica na ponta dos pés e busca os meus lábios, desejosa, doida para ter tudo de mim. Sinto o sabor dos seus lábios sobre os meus, da língua ávida e experiente varrendo a minha boca, mas me frustra a não sentir absolutamente nada. É como se eu estivesse beijando um buraco negro. Frio, vazio e sem nenhuma emoção.

A lembrança dos lábios de Beatriz vem à minha mente e eu fecho os meus punhos. Doces, inocentes e sensuais. Um verdadeiro pecado em forma de menina. O inverso dessa mulher que me beija agora. Diabos! Isso só pode ser alguma espécie de maldição. Não é possível que eu não consiga arrancar aquela garota da minha mente até mesmo quando estou prestes a me enfiar em outra boceta.

Nervoso, afasto a mulher dos meus braços e faço com que ela se vire, ficando de costas para mim.

— Gostosa! — Disfarço o incômodo e a minha falta de interesse, dando-lhe um tapa no traseiro.

— Ai! — geme com voz manhosa. — Que selvagem.

— Vem, querida. Chupa o meu pau. — Seguro o seu pulso e caminho até o sofá. Sento-me e tiro o meu cacete para fora, deixando-o ao deleite dela.

Sorrio quando a vejo se abaixar, ficando de joelhos na minha frente, e abrir a boca, admirada com o tamanho. Passa a língua nos lábios vermelhos e comenta:

— Jesus! Esse pau vai acabar comigo, Cadu.

Seguro os seus cabelos firmemente e forço a sua cabeça na direção do meu pênis, almejando sentir a suavidade da sua boca me tomando. Ela segura na base e chupa a cabeça para logo depois engoli-lo todo.

— Humm. — Fecho os meus olhos para aproveitar melhor a sensação deliciosa e relaxo o corpo.

Contudo, mais uma vez, a imagem dela vem na minha cabeça com toda a intensidade, fazendo-me ranger os dentes ao imaginá-la me chupando como essa mulher que nem lembro o nome faz agora.

Porra!

Posso imaginá-la, com detalhes, nua na minha frente. Os olhos verdes me fitando dengosa, os lábios inchados me dando prazer. Posso sentir as minhas mãos tocando o seu rosto, passeando e apertando os seios delicados, acariciando a boceta rosada e melada, enfiando os meus dedos até ouvi-la gemer. Porra!

— Bia... — sussurro o nome dela quando sinto o gozo me atingir com força. Todo o meu corpo treme. — Beatriz...

Abro os meus olhos no instante em que a mulher se afasta e um jato de sêmen atinge o seu rosto, fazendo-a gritar assustada.

— Seu... Seu cretino! Estava murmurando o nome de outra enquanto eu te chupava! — esbraveja, irritada.

Putá merda!

Nem consigo formular uma palavra, pois no instante seguinte ela acerta os cinco dedos no meu rosto com toda força que tem.

— Babaca! — diz e sai pisando duro na direção da porta.

Diabos! Levo a mão ao local que ela acertou o tapa, sentindo uma ardência descomunal, e deixo a minha cabeça cair para trás. O que está acontecendo comigo?



CAPÍTULO 32

CARLOS EDUARDO

Limpo os vestígios de esperma do meu pênis e do chão com o auxílio de um papel toalha que peguei na cozinha. Tiro a cueca que também está suja e caminho na direção do meu quarto, irritado. Essa merda nunca aconteceu antes, porra! Eu tinha um mulherão delicioso para enfiar o pau a noite inteira e simplesmente meti o pé pelas mãos chamando o nome de outra enquanto ela me chupava. Será alguma maldição?

Entro debaixo do chuveiro para me lavar, mas me frustro ainda mais ao ver a minha ereção erguendo-se, majestosa, como se eu não tivesse acabado de gozar. A situação chega a ser cômica de tão absurda.

Gemo, rouco e baixo, quando a imagem dela me invade novamente. Parece alguma espécie de alucinação descabida. Pensar nela me deixa duro ao extremo e a culpa me invade.

Sorvo o ar com dificuldade, enquanto o líquido transparente escorre pelos meus cabelos, varrendo todo o restante do meu corpo. Mesmo debaixo da água fria, sinto-me em meio ao deserto, morrendo de sede e fome. É assim que me sinto quando os meus pensamentos voam até ela. Beatriz é um oásis em meio às dunas de areia debaixo do sol escaldante. E eu sou o viajante perdido que não mata a sua sede há vários dias.

As coisas não se encaixam como deveriam. Eu não posso querê-la dessa forma tão imoral. Sou um homem maduro, experiente, já fiz todas as obscenidades que se possa imaginar. E quanto a ela? É uma menina. Apenas uma menina. Linda, inteligente, deliciosa... Diabos! Que espécie de perverso eu sou?

Termino o meu banho, seco o copo e me deito na cama larga. O tempo não passa. Rolo de um lado a outro sem conseguir pregar os olhos. Sinto-me exausto, sufocado, com milhões de problemas para resolver. E só nas horas mortas da madrugada consigo dormir um pouco.



Acordo cedo. Tomo apenas um café forte para aplacar a noite mal dormida e sigo direto para a empresa. Após a reunião com a equipe de funcionários e os empresários, retorno à minha sala para dar continuidade às tarefas do dia.

Acomodo-me atrás da minha mesa, ligo o computador e respondo alguns e-mails. Uma pilha de papéis me aguarda para análise, fazendo eu me arrepender de ter saído da cama para trabalhar.

Passo a mão pela minha barba por fazer, sentindo a aspereza dos fios se despontando e espetando a minha pele. Não tive o menor ânimo para me barbear hoje pela manhã. Enquanto trabalho, aguardo a resposta dos empresários que prometeram pensar na minha proposta. Se por um acaso for positiva, começaremos as modificações no projeto principal do *resort* imediatamente.

As horas passam, e eu continuo enfiado no trabalho como se não houvesse amanhã. Almoço às duas da tarde após Felipe entrar na minha sala questionando por que não apareci no restaurante que costumamos frequentar no intervalo do expediente.

A verdade é que meter a cara no trabalho foi a única maneira que encontrei de parar de pensar nela alguns instantes.

Afrouxo o nó da gravata e arregaço as mangas da camisa branca, respirando fundo. Mais um dia termina. Mais um dia que a vontade de a ter em meus braços me leva à beira da loucura.

Arrumo os papéis, ligo para a secretária e peço para me enviar a agenda de reuniões do dia

seguinte. Enquanto aguardo o e-mail, o telefone volta a tocar. É Sandra, informando que o perito deseja falar comigo novamente.

Autorizo a entrada e aguardo.

— Boa tarde, senhor Carlos Eduardo! — diz e caminha até onde estou, sentando-se na cadeira à minha frente.

— Boa tarde, Rogério. Alguma novidade sobre o que pedi? — questiono.

— Sim. É por isso que estou aqui! — responde e me entrega alguns papéis. — Aí estão todas as informações que precisa saber sobre o incidente da boate.

Analiso a documentação, conferindo o nome do Pedro, algumas imagens e os seus dados pessoais, incluindo o endereço.

Dispenso o homem após uma última conversa. Pego os documentos e saio da empresa, imaginando como prosseguirei de agora em diante. A primeira coisa a fazer será confrontá-lo. Não permitirei que esse desgraçado volte a se aproximar dela nem por cima do meu cadáver.

Arranco a toda velocidade, seguindo as instruções do endereço dele no GPS. Ao estacionar o carro na rua em que ele mora, aguardo até aparecer uma oportunidade de falar com ele sem precisar colocar seus pais por dentro do assunto, por enquanto.

Aguardo cerca de quarenta minutos, até ver o portão se abrir e um Ecosport vermelho sair. Quando o carro se vira para pegar velocidade na rua, consigo ver a cara do rapaz pela abertura da janela. Bingo!

Espero-o pegar uma certa distância, ligo o Mercedes e o sigo pelas ruas movimentadas do Rio. Meia hora depois, ela entra no estacionamento de um shopping e eu piso o pé no acelerador. Essa é a oportunidade que preciso.

Ao entrar, vejo-o saindo do veículo e caminhando na direção dos elevadores. Estaciono o mais rápido que consigo e corro na sua direção. Procuro as câmeras de segurança e identifico um ponto neutro atrás de uma pilastra. Alcanço-o e puxo-o para o ponto morto das imagens e, antes que ele tenha alguma reação, levo minhas mãos diretamente no seu pescoço, segurando o desgraçado pelo colarinho da camisa.

Ouçoo um murmúrio assustado saindo da sua boca, mas não espero que ele grite. Prendo Pedro no pilar, levo minha mão até a sua garganta e o ergo do chão, deixando-o na altura do meu rosto.

— Olá, Pedro! — digo com sangue nos olhos, apertando-o cada vez mais.

O homem arregala os olhos e leva as duas mãos até o pescoço, o rosto todo vermelho pelo medo e o aperto que profiro. Tenta a todo custo se libertar.

— Ficou ... louco? Você está... me sufocando... — sussurra com a voz falha.

— Vou direto ao ponto, garoto. Eu sei de tudo o que aconteceu na merda daquela boate. Sei o que você tentou fazer com a Beatriz. Eu só não quebro a sua cara aqui e agora porque não irei sujar minhas mãos com um verme feito você, entendeu? — Encaro-o com toda a minha fúria e continuo: — Não ouse se aproximar dela novamente. Nem mesmo pense nesta possibilidade. Sob qualquer pretexto, nunca chegue a menos de quinhentos metros dela. Eu tenho os vídeos e todas as provas necessárias para te deixar em grandes apuros. Vai querer isso, pirralho?

O rapaz arregala os olhos ainda mais e balança a cabeça em negativa. Está se cagando de medo, o covarde.

— Ótimo. Lembre-se: uma única ligação e eu acabo com toda a merda de carreira que você pensa em construir. Isso se não acabar atrás das grades.

Dito isso, afrouxo o aperto em sua garganta e o jogo com toda a minha ira, no chão, fazendo o moleque gemer de dor com a força do impacto.

Viro-lhe as costas e vou embora.



Alguns dias depois

Sobrevivo um dia após o outro, sem ânimo. Minha rotina se resume a me deslocar entre o meu apartamento, a casa dos meus pais e o trabalho. Isso é o bastante para mim. Sinto-me vazio, confuso. É como se as coisas à minha volta tivessem perdido a cor.

Por várias vezes, fui até a casa de Felipe, alegando pegar um documento na esperança de vê-la. Mas olhá-la à distância só pirou as coisas. Em algumas dessas ocasiões, tentei me aproximar, mas fui completamente ignorado.

O desprezo dela, a indiferença, me feriu de uma maneira arrebatadora.

Tentei tirá-la da minha cabeça, procurei outras mulheres para saciar o meu desejo, mas o meu pau não correspondia aos comandos da minha mente. Fui chamado de imbecil, babaca, frouxo, tudo porque o maldito traidor do meu pau resolvia falhar. Eu sequer conseguia ter tesão, então eu as descartava antes de um vexame maior. Também dispensei várias investidas explícitas. A essa altura, estão pensando que mudei de time e agora sou gay. Tudo porque eu não consigo esquecer aquela maldita sedutora.

Confiro as horas pela milésima vez na parede do escritório, ansioso. São onze da manhã, o ponteiro do relógio deixa claro que o tempo passa e os momentos perdidos não voltam mais. Chego à conclusão que preciso dar um rumo à minha vida antes que eu perca o controle de tudo.

Olho para a tela do meu celular sobre a mesa e decido ligar. Talvez convidá-la para sair, já que as minhas outras tentativas de aproximação não surtiram efeito.

Ligo, mas a chamada cai direto na caixa de mensagens.

Deixo os meus braços caírem para os lados, mas respiro fundo ao imaginar que ela esteja na sala de aula.

— Chega disso! — Levanto-me impaciente, pego os meus pertences e caminho na direção da porta. Recordo-me de Felipe comentando uma certa vez em que faculdade a filhinha dele cursava Biologia Marinha. — Sandra, cancele todos meus compromissos do dia. Preciso sair! — digo à secretária, assim que me aproximo da sua sala.

— Sim senhor. — Balança a cabeça em afirmativa.

— Se alguém me procurar, informe que não retornarei mais hoje. Obrigado!

Afasto-me e caminho na direção do elevador, decidido a dar um basta nessa obsessão infernal.

No percurso para a faculdade, compro um buquê de rosas vermelhas, pequeno e elegante. Estou disposto a qualquer coisa para que ela me aceite. Apenas uma noite. Uma única noite e tudo vai voltar ao normal. Tenho certeza que é apenas um desejo reprimido. Sei que ela ainda me quer, está apenas chateada comigo. Vou tratá-la bem e transformar sua primeira vez em algo maravilhoso e inesquecível. Será muito melhor para ela do que se entregar a qualquer fedelho incompetente. Vamos trepar deliciosamente, vou tirar sua virgindade, e nossas vidas poderão prosseguir normalmente. Eu satisfeito, e ela iniciada de uma forma primorosa. Sim, sairemos ambos satisfeitos. E o Felipe sequer precisará saber.

Paro o carro do outro lado da rua em frente ao prédio e aguardo.

Vejo Beatriz sair ao lado de Gracy. As duas conversam e sorriem alegremente. Ela parece feliz.

Meu coração dispara quando ela passa a mão pelos cabelos, tirando as madeixas macias do rosto. Seu sorriso encantador brilha mais que o sol, fazendo-me sorrir também, admirado do quanto ela é linda. Perfeita!

Por um momento, esqueço-me do que vim fazer aqui e desço os meus olhos pelo belo e delicado corpo. As coxas bem torneadas, apertadas dentro da calça jeans, os quadris delineados e bem feitos.

Sinto meu pau endurecer no mesmo instante, ansiando em provar cada pedacinho dela. Minha boca saliva com a possibilidade de beijá-la, lambe os seios intumescidos, chupar a boceta deliciosa. Ofego.

Pego o buquê no banco de trás, saio do carro e dou meia volta para atravessar a rua e chegar até ela. No entanto, sinto o mundo parar à minha volta e uma sensação de sufocamento me toma. Meu peito se aperta, minha garganta fica seca e todo o desejo que sinto dá lugar à angústia, ao desespero.

Como em uma câmera lenta, vejo Victor correr até ela e abraçá-la, erguendo a minha menina do chão. Ela gargalha, feliz. Fica contente em vê-lo.

Meu mundo parece ruir. Não entendo que diabos acontece comigo, mas a dor que sinto no peito assemelha-se à dor física. Dou-me conta que não posso mais fugir, não há como negar. Estou perdidamente apaixonado pela filha do meu melhor amigo, uma menina vinte anos mais jovem e que agora me odeia.

Jogo o buquê na lata de lixo mais próxima, piso o pé no acelerador e saio sem rumo. Sem destino. Eu só queria que ela saísse da minha cabeça, maldição!



CAPÍTULO 33

BEATRIZ

Saio da sala de aula com Gracy e seguimos direto para o elevador. Minha amiga está animada. Desde ontem, quando saímos para fazer um programinha de amigos no cinema, eu, ela e o Victor, percebi que ela não tira o sorriso do rosto. Desconfio que a danada esteja de olho no bonitão e só está esperando que eu dê um empurrãozinho, já que faz questão de dizer o quanto ele é bonito e divertido e, eu, boba por não dar uma oportunidade.

— Bia, pelo amor de Deus. Ou você dá logo pra aquele homem ou sai da moita. Nesse chove não molha que não pode ficar — diz, sorridente, segurando o meu braço enquanto saímos do elevador e caminhamos pelo corredor que dá acesso à porta de saída.

— Gracy, para com isso. — Gargalho e coloco a mão em minha boca para abafar o riso. — Todos irão ouvir se continuar falando nesse tom.

Ela para por um instante e me encara com a sobrancelha franzida e olhar travesso.

— O que você tem, garota? Um gato daqueles babando por você e você dando mole? Poxa, Bia, nem parece que é minha amiga.

Balanço a cabeça e volto a sorrir.

— Somos amigos, Gracy. É tudo que posso dar a ele, minha amizade. Você sabe o porquê.
— Ajeito a mochila em minhas costas e continuo. — Mas se está interessada, o caminho está livre, fique à vontade. — Pisco e volto a andar, chegando à porta de saída. De onde estou, posso ouvir Gracy comemorando:

— *Yes... Yes... Yes...*

Sorrio mais uma vez e aguardo até que ela me acompanhe. Saímos do prédio e continuamos conversando, indo na direção da rua.

O dia está ensolarado, com poucas nuvens no céu azulado. O vento sopra, fazendo algumas mechas de cabelo caírem por meu rosto, e eu as tiro, enquanto gargalho de mais uma gracinha de Gracy.

Ao dar mais alguns passos, somos surpreendidas pelo dito cujo, que chega até nós, feliz. Abraça-me, erguendo-me do chão e, dando uma voltinha, em seguida, faz o mesmo com Gracy.

Enquanto me recupero do susto e observo minha amiga agarrá-lo pelo pescoço, tirando uma casquinha quando Victor a abraça, olho de relance para a rua e vejo um carro que parece ser familiar.

O Mercedes pega velocidade e, em poucos segundos, some da minha vista. Meu coração acelera ao imaginar que pode ser ele. Sinto meu peito se apertar devido à angústia e à saudade que sinto.

— Oi, meninas — Victor nos cumprimenta, arrancando-me dos meus devaneios, e eu balanço a cabeça, sentindo-me uma idiota por continuar sofrendo por aquele homem.

Viro minha atenção para ele e curvo os lábios em um sorriso forçado. Contudo, acabo sorrindo de verdade ao ver Gracy agarrada ao braço dele.

— Victor, que surpresa! — Passo a mão em seu outro braço e começamos a andar. — O que faz aqui?

— Oras. Ele veio me ver, é claro — diz Gracy, dando uma piscadela.

Assinto com a cabeça, tentando esconder o riso, e espero que ele responda. O homem sorri sem jeito com o comentário de Gracy e responde:

— Bom, garotas. Como estou no meu horário de almoço, pensei em levá-las para almoçar comigo. Tenho novidades.

— Humm. Então é essa novidade o motivo de toda essa alegria? — questiona Gracy. —

Poxa, pensei que era por minha causa. Estou decepcionada — dramatiza.

Não consigo controlar uma gargalhada diante das provocações dela e sigo andando na frente.

Ao atravessar a rua, paro para esperá-los, e é quando vejo algo intrigante dentro da lixeira. Há um buquê de rosas vermelhas. As flores ainda estão frescas e brilhantes.

— Que estranho. Quem faria isso? — sussurro para mim mesma.

Gracy e Victor me alcançam e seguimos na direção do restaurante que costumo frequentar. Olho uma última vez para as rosas e sigo andando. Estamos quase chegando no *hall* de entrada quando ouço o toque do meu celular. Aceno para que ambos sigam sem mim e atendo o aparelho:

— Alô!

— Oi? Beatriz? Querida, aconteceu algo maravilhoso. — É a voz da Victoria, bióloga da ONG.

— Ah! Oi. Tudo bem?

— *Parabéns. Você conseguiu. Estou tão emocionada que mal consigo falar direito.*

Pisco os olhos algumas vezes, confusa e questiono:

— Desculpa, Vic, mas o que eu consegui? Não entendi.

Ouço a respiração profunda da mulher do outro lado da linha e logo ela volta a falar eufórica:

— *O departamento de comunicação da Ferraz Engenharia entrou em contato conosco hoje pela manhã, informando que as obras serão paralisadas por alguns dias até que o novo projeto seja aprovado. Pediram desculpas pelos transtornos e nos enviaram um convite assinado pelo CEO, o próprio Carlos Eduardo Ferraz, destinado a um dos nossos voluntários.*

— Meu coração paralisa quando ouço o nome dele. Minhas pernas tremem de uma maneira tão intensa que preciso me segurar na parede mais próxima.

— Que convite? — pergunto, trêmula.

— *Ele convida você para fazer um discurso sobre o projeto de preservação de tartarugas marinhas, no auditório da empresa ... para os donos do resort.*

— Meu Deus! — digo, incrédula. Meu coração bate tão forte no peito que posso ouvir as batidas descompassadas.

— *Querida, eu não sei o que você fez, mas não tenho palavras para agradecer. Nunca teríamos conseguido sem a sua ajuda. Obrigada, Beatriz.*

Nem ao menos percebo quando retiro o celular do meu ouvido e sinto uma lágrima de agradecimento cair. Meu coração transborda de felicidade, uma mistura de receio com medo e amor. Céus!

— *Beatriz? Bia ...?* — Como um sussurro distante, ouço a voz de Victoria me chamando e recobro a consciência.

— Oi — murmuro.

— *Fique bem, querida. Mais uma vez, obrigada.*

— Não precisa agradecer.

A mulher desliga a chamada e eu continuo escorada na parede, sorridente. As lágrimas abundantes banham todo o meu rosto. É como se o tempo voltasse. Eu me vejo há alguns anos, quando o olhava escondida pelos cantos, suspirando, enquanto ele conversava com o papai. Eu o amava tanto... Ainda o amo...

Mas, então, a consciência fala mais alto e eu balanço a cabeça, negando-me a permitir que ele se aproxime e eu saia magoada de novo. Preciso ser forte.

Desencosto-me da parede e sigo para o interior do restaurante.

Durante o almoço, Victor fala sobre a proposta de trabalho que teve em outra empresa e que, assim que o estágio na Ferraz terminar, ele irá assinar o contrato. Parabenizo-o e tento me manter concentrada na conversa, mas meus pensamentos acabam voando até o Cadu. Ouço apenas sussurros distantes do que Victor e Gracy falam.

Ao terminarmos, nos despedimos e volto para casa. Recordo que é hoje a festa de despedida de solteiro da Priscila, a prima do Cadu. Apesar do desânimo, decido ir por ter dado a minha palavra. Combino o horário com Gracy e tiro o restante da tarde para descansar.

Assim que acordo, arrumo uma pequena bolsa com biquíni, um vestido vermelho de festa, sandálias de salto, perfumes e maquiagens, além de itens de higiene pessoal. Alguns minutos depois, estou entrando no Uber com Gracy.

Priscilla havia dito que passaríamos o fim de tarde na piscina, apenas um grupinho de mulheres curtindo e batendo papo, e à noite, após a sessão de *strippers*, os rapazes que estarão com o noivo dela em um outro clube se juntarão a nós para terminamos a noite em uma festa de

grande estilo. Essa parte eu tive que omitir para o papai, no entanto, disse que iria dormir por lá com as garotas.

Cerca de uma hora depois, entramos na rua do local da festa. O sol ainda não se pôs e o clima está quente, perfeito para uma festa na beira da piscina. Saio do carro acompanhada da minha amiga e seguimos até o portão.

— Bem-vindas meninas — cumprimenta Priscila com um abraço, assim que abre o portão.
— Entrem. Só estava faltando vocês — diz e se afasta, dando espaço para que possamos passar.

— Obrigada! — respondo.

Ao entrarmos no local, nos deparamos com um espaço imenso e bem decorado, com jardim bem cuidado e podado, repleto de flores coloridas. Ao lado da piscina, algumas mulheres beliscam alguns petiscos e conversam entre si, alegremente.

Algumas, reconheço dos eventos que já frequentei com meu pai. Outras, reconheço como sendo funcionárias da Ferraz.

— Me sigam, garotas. Irei mostrar onde poderão trocar de roupas.

Após me trocar, sigo para a piscina com Gracy. Apesar do clima alegre e descontraído, não é bem assim que me sinto. Confesso que me vejo pensando nele muito mais do que deveria, e a possibilidade de vê-lo mais tarde deixa-me ansiosa.

Recordo-me das vezes em que o vi na minha casa nos últimos dias. Eduardo estava diferente, parecia triste. Ou talvez fosse apenas a minha imaginação me pregando peças. O problema é que eu o quis desesperadamente em cada momento que ele tentou se aproximar, mas o medo da rejeição, de ser magoada outra vez, falou mais alto e eu fugi. Afastei-me dele o máximo que pude.

As horas passam, vejo as pessoas se divertindo e logo chega a hora da diversão. As mulheres gritam e batem palma quando os *strippers* entram em cena. Gracy é a primeira a subir no palco e se agarrar a um deles, quase que tirando a cueca do rapaz.

Não consigo ver a cena e não me acabar em risos. São um dos poucos momentos que me permito sorrir de forma espontânea.

Após o show de pênis dançantes, rouca de gritar e completamente descabelada, sigo até um dos quartos no qual deixei minhas coisas. Tomo um banho e me arrumo, tendo cuidado para não pesar tanto na maquiagem.

Ao voltar para a festa, percebo a presença de mais algumas pessoas. Homens e mulheres dançam e conversam, enquanto um DJ anima a pista.

Com o cair da noite, o vento começa a soprar frio. Recordo-me da ligação de Victoria e isso me faz pensar que preciso agradecê-lo, talvez me desculpar por ter sido tão grossa naquele dia.

Pego o celular na bolsa de mão, caminho até um local mais afastado das demais pessoas e ligo. Contudo, a ligação cai direto na caixa de mensagens.

— Beatriz? — Viro-me e dou de cara com Priscila. A loira me fita com olhos reluzentes e sorri. — Está tudo bem?

— Ah... Sim... Sim, está tudo bem — gaguejo e desvio o olhar para o portão, aflita. Um enorme aperto toma conta do meu peito.

— Eu não sei se ele virá, Bia. — Surpresa, volto a fitá-la.

— O que disse?

— Ele, o Cadu. Não sei se ele virá.

Sinto minhas bochechas corarem com o comentário dela. Minha expressão espantada faz com que ela sorria, mostrando os dentes perfeitamente alinhados.

— Mas... Como assim? — questiono, confusa. Ainda não consegui entender onde ela deseja chegar. — Você sabe de algo?

A mulher sorri e cruza os braços em volta do corpo.

— Tudo o que sei é que nunca vi meu primo apaixonado por ninguém antes... — Ela faz uma pausa, suspira e olha para a frente. — A não ser pela ex-noiva. Mas ela o traiu da pior forma possível.

Estreito os meus olhos, desacreditada em tudo o que ouço, e questiono:

— Por que está me dizendo essas coisas, Priscila?

Ela volta a me encarar, parecendo pensativa.

— Porque o meu primo está apaixonado por você, Beatriz. E vejo-o sofrendo dia após dia.

Meu coração parece falhar uma batida e o ar falta em meus pulmões. Sinto que estou perdendo o chão, o mundo roda à minha volta.

— Isso ... não é verdade. — Uma lágrima rola pela minha bochecha e eu a seco antes que ela perceba.

Priscila sorri e diz:

— Eu vou retornar para a festa. Espero podermos conversar com mais calma depois.

Assinto e a acompanho com o olhar até que ela se perca na multidão.

As horas passam lentamente e a ansiedade me toma. A cada minuto, olho na direção do portão, mas não vejo nenhum sinal dele. Sinto que estou retrocedendo, todos os dias que lutei para esquecê-lo se tornam insignificantes.

Impaciente, decido voltar mais cedo para casa. Despeço-me de Priscila e aviso à Gracy que estou indo embora. Minha amiga ainda se movimenta para me acompanhar, mas a convenço a ficar, afinal, não quero que ela perca a diversão por minha causa.

Já dentro do táxi, observo o circular dos carros na rua, as luzes nos prédios. As pessoas indo de um lado a outro, apressadas. O sinal fecha e, enquanto aguardo, continuo olhando o circular de pessoas na calçada. É quando o vejo.

Cadu está sentado em um dos vários bares da orla. De onde estou posso ver a decadência da situação. O Mercedes estacionado bem em frente, o mesmo carro que vi mais cedo em frente à faculdade. Mas o que mais chama a minha atenção é a garrafa de uísque quase vazia sobre a mesa e o seu olhar perdido.

Nem percebo quando simplesmente desço do carro, peço o motorista para me aguardar e corro na direção dele, aproveitando o sinal fechado. Entro no bar, mas não presto atenção em nada à minha volta. Apenas fito o homem que por tantos anos amei, com um copo de uísque na mão. A barba por fazer, o olhar fitando o nada. Ele parece acabado.

— Cadu? — chamo.

Ele levanta o olhar vermelho e fita os meus. Neste momento, constato que ele está completamente bêbado.

— Bia... — Mesmo com a fraca luz, consigo ler em seus lábios quando surra o meu apelido.

Cadu continua me olhando firmemente e eu me aproximo mais, imaginando o que o fez ir até ali. Olho a garrafa de uísque quase vazia sobre a mesa e ele segue o meu olhar. Aperta o copo com força entre os dedos e sorri. Um sorriso amargo, cheio de angústia. Meu peito fica sufocado ao vê-

lo desta maneira.

Desço meu olhar para o seu corpo e vejo que ainda usa os mesmos trajes do trabalho, com exceção do paletó. A camisa branca está amarrotada, demonstrando que passou o dia com ela.

— Por que me olha assim? Não precisa sentir pena nem ficar chocada, Bia. A bebida está me ajudando a esquecer meus temores... Eu também sou humano... Também tenho minhas fraquezas... — diz, voltando a fitar o nada, e leva o copo à boca mais uma vez, tomando outro gole.

— Cadu, por favor. Não beba mais, vamos para casa! — Toco o seu ombro e o encaro de frente. — Você já tomou quase todo o uísque da garrafa, vai acabar tendo um coma alcoólico.

— Isso ajuda a esquecer... — Respiro fundo e o fito confusa. Ele fala coisas aleatórias que não consigo compreender. Imagino ser o efeito da bebida.

— Não é responsável beber desta maneira. Por favor, vamos?

Ele curva os lábios em um sorriso debochado, fecha os olhos e balança a cabeça em negativa.

— Cadê seu namorado, criança? Ele é tão idiota assim a ponto de deixá-la andar sozinha à noite?

— Cadu... O que está dizendo?

— Eu vi você... — Ele me interrompe ainda com os olhos fechados. — Estava feliz com ele... Não foi tão difícil me esquecer, não é? Mesmo depois de tudo, depois de me seduzir com seus beijos, suas carícias. — Chocada, vejo-o abrir os olhos e me fitar. — Mesmo depois de dizer que me amava...

Ele me viu com alguém? Céus, o que este homem está dizendo? Ficou louco?

— Você está delirando. — Seguro em seu braço e o puxo para que ele se levante. — Vamos para casa, não é seguro ficar aqui!

Para o meu alívio, ele não contesta. Passa mão na barba por fazer e suspira. Levanta-se um pouco cambaleante e chama o garçom.

— Talvez você tenha razão. Meu carro está logo ali — diz, apontando para o Mercedes estacionado em frente ao local.

— Não irá dirigir, Cadu. Olha o seu estado!

— Não posso deixar o carro aqui — diz, tirando as chaves do bolso.

Toco a sua mão devagar e o encaro, aflita. Sentir o calor da sua pele me arrepia, mas ignoro a sensação para me concentrar no que é preciso.

— Por favor ... É perigoso — peço. Retiro as chaves da sua mão e sinto meu coração parar quando os olhos azulados fitam os meus. Eduardo assente e eu passo meu braço na sua cintura, guiando-o na direção da rua. — Vem, o táxi está esperando.

Ainda o ouço rir com acidez, mas ignoro e continuo andando.

Quando entramos no carro, passo as instruções do endereço do Cadu ao motorista e o ajudo a colocar o cinto de segurança. Cada segundo em que toco o seu corpo, recordo dos momentos íntimos que tivemos, dos beijos e carícias que trocamos. Cada toque me inebria.

Ele fecha os olhos quando o carro se movimenta, parecendo estar incomodado com a luz que vem dos prédios. O cheiro de uísque invade o interior do veículo, fazendo o meu peito se apertar angustiado, imaginando a quantidade de álcool que ele consumiu.

A viagem é feita em silêncio até o Leblon. Ao chegarmos em frente ao prédio que ele mora, volto a abraçá-lo pela cintura para que possa se firmar e seguimos para o elevador.

Eduardo está abatido. Caminha cambaleante, escorando-se na parede.

Eu poderia simplesmente deixá-lo aqui e ir embora, afinal, já está em casa. Mas algo dentro de mim grita com força para que eu entre com ele. Por mais que eu queira seguir a minha consciência e continuar distante, meu coração pede que eu fique, e é isso que faço.

— Onde está a chave do apartamento? — pergunto.

— No meu bolso — informa.

Pego a chave, destranco a porta e entramos. Ao acender a luz, deparo-me com a sala bem decorada e moderna, com paredes em tons pastéis. Continua exatamente igual a quando vim aqui com papai há alguns meses.

Vejo-o colocar a mão sobre os olhos e gemer baixinho, como se sentisse dor. Ele se movimenta e caminha até o sofá, deitando-se de olhos fechados.

— Não irei deixar você aqui. Irá acordar quebrado pela manhã. Vamos para o quarto.

Mais uma vez, ele não contesta, então o ajudo a se levantar e o levo na direção do quarto principal. Deito-o na cama e começo a tirar a sua camisa, na intenção de colocá-lo debaixo do

chuveiro.

Ele sorri. É um sorriso forçado, mas ainda assim encantador.

Termino de desabotoar os botões e subo na cama para suspender suas costas e arrancar o tecido branco pelos braços. Após acomodar sua cabeça em cima do travesseiro, desço minhas mãos até sua calça e também a tiro.

— Precisa de um banho frio, Cadu, vai se sentir melhor.

Perco o fôlego ao observar o seu corpo bronzeado e suado quase nu, apenas o pênis coberto por uma cueca *boxer* branca. Passo os meus olhos pelo peito forte, salpicado por alguns fios de cabelos negros, e ofego. Sinto vontade de tocá-lo e sentir a maciez da pele, mas me contenho.

— Vamos.

Levo-o até o banheiro e o coloco debaixo do chuveiro. Ligo a água fria e continuo firmando-o, sentindo o líquido molhar os nossos corpos e ensopar as minhas roupas.

— Preciso que pegue alguns comprimidos para mim em cima do balcão da cozinha — diz, ofegante. — Não estou tão bêbado assim, Bia... Na verdade, estou com uma puta dor de cabeça. O álcool que consumi só piorou um pouco as coisas.

Quando ouço sua voz fraca e sussurrada, sinto minhas bochechas corarem envergonhada. Afasto-me um pouco e o fito, completamente incrédula no que acabei de ouvir. Não é possível que ele me permitiu tirar suas roupas e colocá-lo debaixo do chuveiro e, só agora, me diz isso. Não... Qualquer um ficaria extremamente bêbado ao consumir toda aquela bebida...

— Mas você secou uma garrafa de uísque... É impossível não estar...

— Por favor... Os comprimidos. — Percebo que ele tranca os olhos e suspira, demonstrando estar sofrendo muito mais do que imaginei. Diante do seu apelo, corro até a cozinha e encontro algumas cartelas de analgésicos em cima do balcão. Encho um copo com água e corro de volta para o quarto.

Encontro-o sentado na cama com uma toalha enrolada na cintura. As mãos trêmulas estão na testa, protegendo os olhos da claridade.

— Tome, Cadu. — Ele pega a água e os comprimidos da minha mão. Toma dois analgésicos e me entrega o copo.

— Por que ainda está aqui, Beatriz? — questiona. A expressão de dor dá espaço a algo parecido com raiva. O azul do seu olhar se intensifica. — Seu namorado não vai gostar de saber

que está sozinha em um apartamento com um homem, pelado. E pior, que foi você mesma quem tirou as roupas dele. — Sinto a hostilidade vinda da sua voz, mas ignoro. Coloco o copo em cima do criado-mudo e volto a minha atenção para ele.

— Não devo satisfações a ninguém, Eduardo — respondo, magoada. No entanto, procuro disfarçar ao máximo o quanto suas palavras me ferem. — Deite-se, precisa descansar.

Ajudo-o a se agasalhar na cama e o cubro com a colcha macia.

Ao me levantar para ir embora, olho-o uma última vez, no momento exato em que ele também me fita.

— Por favor, não vá. Fique comigo essa noite — sussurra. O olhar angustiado fixa no meu.

Suspiro. Sei que devo negar o seu pedido antes que seja tarde demais, mas não consigo. Eu não conseguiria ir para casa e deixá-lo ali, sofrendo. Apenas assinto com a cabeça e o vejo fechar os olhos, a expressão fechada tornando-se aliviada.

Apago a luz do quarto, deixando apenas um pequeno abajur aceso, e corro até o armário de roupas dele. Pego uma blusa qualquer, tiro o meu vestido e peças íntimas molhadas e me visto com a camisa. Em seguida, sigo até a cama.

Assim que me aproximo, ouço sua respiração pesada e constato que ele adormeceu. Afasto a colcha que o cobre e aconchego-me no seu corpo imóvel. Deslizo minhas mãos pelo seu peito nu, admirando a musculatura rígida, e ofego, sentindo meu corpo se excitar apenas por tocá-lo.

Beijo o seu peito de leve e subo, deslizando os lábios pela pele quente do seu pescoço e queixo, sentindo os fios da barba arranhando-me, o cheiro de homem misturado a uísque invadindo cada pequena célula do meu corpo. Beijo e mordisco a sua pele até alcançar a boca macia e, então, roço os meus lábios nos dele devagar, dando a ele todo o amor que guardo dentro do meu peito.

Com a respiração descompassada, descanso a minha cabeça no seu peito até me acalmar e também adormeço.



CAPÍTULO 34

CARLOS EDUARDO

Abro os olhos com dificuldade, sentindo um enorme peso na minha cabeça. Minhas pálpebras doem, mas, ainda assim, me forço a mexer o corpo em meio ao breu. Tudo está escuro e silencioso aqui dentro, permitindo que eu escute os sons da noite lá fora: o barulho de carros e sirenes transitando pelas ruas do Rio.

Ouçoo uma respiração profunda vinda do meu lado na cama e constato que não estou sozinho. Confuso, tato debaixo dos lençóis até conseguir sentir a pele quente e macia do que imagino ser as pernas de uma mulher, fazendo com que eu me esforce mais para lembrar que diabos aconteceu.

Flashes do dia rondam a minha cabeça como um vendaval. A faculdade. Beatriz feliz com outro homem. As rosas que joguei no lixo. Maldição!

Meus nervos se tensionam de uma forma terrivelmente dolorosa e a dor que tanto lutei para esquecer volta com toda a sua força. Sinto minha alma em pedaços.

Movo o meu corpo para conseguir me sentar, sentindo cada nervo doer, e, quando finalmente consigo, ligo o abajur e volto a minha atenção para a mulher que dorme profundamente

de braços, com o rosto agasalhado no travesseiro.

Putaquepariu! Bia?

Os cabelos dela estão espalhados sobre a cama, deixando-a tão linda como um anjo. Os cílios pretos e densos emolduram os olhos que tanto me fascinam, fazendo-me tremer de angústia e uma vontade louca de tê-la em meus braços. Ofego e fecho os meus punhos ao imaginar tudo o que pode ter acontecido. Que merda ela está fazendo aqui?

Puxo um pouco os lençóis, revelando os ombros estreitos e as costas bem delineadas cobertos por uma das minhas camisas de trabalho. Meu pênis começa a inchar entre as minhas pernas, tomado pelo desejo obsceno que sinto ao vê-la tão vulnerável a mim.

A cada minuto, uma lembrança diferente me atinge e, de repente, tudo começa a fazer sentido.

Recordo-me de jogar as flores no lixo e seguir de volta para a empresa, onde me enfiei de cabeça no trabalho até anoitecer. Eu só queria arrancar aquela cena da minha mente, antes que eu enlouquecesse de vez. Estava fora de mim, odiando-me por ser fraco e ter permitido que uma menina me prendesse na sua teia daquela forma.

Continuo descendo a merda do lençol até deixá-la quase completamente descoberta. Preciso fechar os olhos e gemo baixinho quando vejo o traseiro nu descoberto, um pouco arrepiado pela falta do lençol. Porra!

Ela está sem calcinha. E está tão perto de mim... Tão doce... linda.

Fascinado, toco a pele clara e lisa como seda. Meus dedos tremem ao sentir a maciez dessa parte do seu corpo. A vontade de tomá-la me inebria de uma forma terrivelmente dolorosa e, por um instante, me esqueço do estado caótico em que me encontro e no quanto ela pode ser perigosa.

Continuo deslizando minha mão pelas suas coxas e subo-as novamente, até alcançar os quadris arredondados. Encosto o meu rosto em seus cabelos, inspiro o aroma refrescante que emana deles e ofego. Mordo o meu lábio com força quando o desejo me deixa tonto. Preciso usar todo o meu autocontrole para não a acordar e tomar o seu corpo para mim até o dia amanhecer.

Suspiro e retiro a parte do lençol que me cobre. Meu pau salta duro feito uma rocha, completamente melado, louco para ser enterrado dentro dela.

Porra!

Irritado, saio da cama e caminho na direção do banheiro. Ligo o chuveiro e permito que a

água fria leve embora um pouco do meu tormento.

Recordo-me de ter recebido uma ligação de Priscila, questionando se eu não iria à sua festa de despedida de solteira. Eu simplesmente havia me negado a comparecer, disse que precisava esfriar a cabeça um pouco.

Já passava das oito da noite quando saí da empresa e comecei a dirigir sem rumo pelas ruas do Rio. Meu peito estava sufocado, a saudade dela estava me destruindo e a cena que vi só serviu para me afundar ainda mais. Minha cabeça doía como nunca, era insuportável, mas, ainda assim, não me feria tanto quanto a dor que estava cravada no meu peito.

Eu a havia perdido. Deixei Beatriz escapar por entre os meus dedos e estava pagando o preço. Eu merecia aquilo.

Nem me dei conta quando estacionei o carro em um barzinho qualquer da orla e pedi uma garrafa de uísque ao garçom. Tomei algumas doses de uma única vez, a bebida descia rasgando pela minha garganta como fogo líquido.

A dor de cabeça e o álcool me deixaram tonto e, por um momento, achei que estivesse sonhando quando ouvi a voz dela, chamando-me. Mas não era sonho, ela estava ali na minha frente, sozinha.

Termino o banho e enrolo a toalha em volta da minha cintura. Enquanto escovo os dentes para tirar o gosto amargo da boca, ouço alguns passos vindos do quarto, dando-me a certeza que ela também acordou.

Passo a mão em meus olhos, sem muita certeza do que irei dizer a ela. O que eu poderia falar? Que estou apaixonado? Que a quero para mim? Maldição!

Como pude deixar isso acontecer? Porra!

Termino de enxaguar o rosto, respiro fundo e abro a porta. Quando saio do banheiro, percebo que ela acendeu a luz principal do quarto e está concentrada olhando algo em suas mãos. Parece ser um papel.

Ela mordisca o lábio, com um movimento deliciosamente sexy e eu suspiro, querendo-a como um animal faminto. Quando me aproximo, Beatriz levanta a cabeça e me fita. As íris esverdeadas brilham com luxúria. Seu olhar hipnotizante varre o meu abdômen nu sem nenhum pudor, e a vejo encostar as pernas uma na outra, esfregando-as.

Caralho! Grunho com este movimento inconsequente, sentindo meu pênis ficar tão duro quanto uma barra de ferro. Ela percebe o volume que se forma entre as minhas pernas, deixando a

toalha armada como uma barraca, e volta a me encarar com os olhos acesos e assustados.

— Cadu, encontrei isso na sua camisa... — gagueja com o olhar assustado. Parece nervosa.
— Meu Deus, as rosas... Foi você!

Então é isso. É o recibo da floricultura que está em suas mãos.

Passo a mão por meus cabelos, nervoso. Ela sabe disfarçar tão bem o que sente que por pouco me convence. É certo que está fingindo-se preocupada, quando na verdade deve estar rindo da minha cara. O que tem de linda tem de mentirosa.

— Isso não tem importância agora! — Caminho na sua direção a passos firmes, a expressão séria, meu corpo tomado pelo desejo e o ciúmes. De onde estou, consigo ouvir sua respiração descompassada. — Não finja que sente alguma coisa, Beatriz, isso não combina com você.

Ela dá alguns passos para trás e então se choca com o armário de roupas, ficando presa entre mim e o móvel.

— Você entendeu tudo errado... Eu e o Victor...

— Não fale o nome daquele bastardo! — interrompo-a, enfurecido. — Me diga. Por que está aqui? Por que decidiu ficar? — pergunto com o coração acelerado, agarrando-me à esperança de que ela ainda me queira. — Diz!

— Você estava bêbado, eu não poderia deixá-lo naquela situação — responde, ofegante, o olhar vidrado no meu.

Maldita! Sinto o ciúmes corroendo-me por dentro, mas o desejo louco de tê-la nos meus braços ao menos uma vez fala mais alto que qualquer coisa.

— Só por isso?

— Não! — responde, fitando a minha boca — Eu quero você...

Quando ouço suas palavras, sinto meu corpo ser tomado por uma espécie de fogo ardente que consome cada célula do meu autocontrole.

Rendido pelo poder que ela exerce sobre o meu organismo e a minha mente, perco a razão dos meus atos e seguro o seu rosto, trazendo a boca carnuda e succulenta para a minha. Quando entreabro os seus lábios com os meus e penetro a língua na sua boca, sinto-a estremecer e gemer em meus braços.

Eu a quero como nunca quis nenhuma outra mulher, nem mesmo a minha ex-noiva. O que

estou sentindo por Beatriz vai muito além do que já senti por alguém antes e confirmo isso na forma enlouecedora com a qual meu corpo corresponde ao dela.

Sem desgrudar nossas bocas, desço minha mão pelas suas costas e quadris, avaliando cada pedaço da minha camisa no seu corpo. Ela também não fica atrás, mordisca os meus lábios e desliza as mãos delicadas pela minha barriga, até chegar à borda da toalha.

— Eu quero tudo de você, menina — sussurro entre seus lábios. — Sua boca, sua boceta, seu traseiro delicioso.

Beatriz geme e firma-se em meus braços quando afastos suas pernas com as minhas e deslizo os meus dedos entre as suas coxas. Cavo cada curva do sexo pequeno e escorregadio, enfiando os meus dedos entre os lábios da boceta melada.

— Tão quente... Vou te comer de todas as formas esta noite.

— Cadu... — choraminga e me aperta mais... — Ai!

Esfrego o clitóris endurecido e o prendo entre os meus dedos, fazendo Beatriz perder o equilíbrio das pernas. Seguro-a com mais firmeza e penetro o indicador no seu canal. Os líquidos da sua vagina lambuzam a minha mão e eu ofego, louco pra sentir seu gosto na minha língua.

— Diabos! Está pingando de tão molhada. — Minha voz sai rouca, sussurrada. — Abre mais as pernas. Se entregue para mim.

Mesmo trêmula, ela obedece e faz o que peço, dando-me total acesso ao centro do seu prazer.

Em um só movimento, trago suas mãos para a frente da toalha e faço com que ela segure o meu pênis através do tecido grosso. Beatriz puxa o tecido para baixo e liberta o meu pau, fazendo-o saltar para fora, cheio de veias vigorosas, inchadas e pulsantes.

— Ai, meu Deus... — Minha menina choraminga, envolvendo meu cacete em suas mãos. A respiração descompassada, a voz entrecortada.

— É isso que você quer, não é? — Mordo a pele do seu pescoço e chupo, para logo depois voltar a murmurar: — Quer o meu pau todo enfiado dentro de você?

— Sim — admite, arfante.

Aperto o seu traseiro e desfiro um tapa na nádega esquerda. Ela grita e enfia as unhas em minhas costas, tomada pela paixão que nos envolve.

Em um movimento brusco, puxo-a para mim e a ergo do chão, fazendo Beatriz gritar pelo susto e se agarrar ao meu pescoço. Seguro a sua bunda com firmeza e abro as suas pernas, trazendo a boceta arreganhada de encontro ao comprimento do meu pau.

Ela geme ao sentir meu membro pulsando entre os lábios da sua vagina, esmagando e esfregando o pequeno clitóris.

Caminho com ela em meus braços e a deposito sobre a enorme cama. Arranco minha camisa do seu corpo, deixando-a nua, e sorrio ao observar seu olhar assustado, analisando cada centímetro do meu membro longo e grosso.

Cego pelo desejo, seguro os cabelos da sua nuca e a beijo, enfiando e tirando a minha língua da sua boca, de forma imoral, dura e crua, deixando claro que essa noite ela será minha e eu farei o que quiser com o seu corpo.

Quando cesso o beijo, apoio os meus pés no chão, ficando inclinado entre as suas pernas e, ainda segurando os cabelos compridos, puxo sua cabeça na direção do meu pau, fazendo-a abrir a boca avermelhada e chupar a cabeça.

— Porra! — grunho entorpecido quando sinto a língua quente de Beatriz envolvendo o cogumelo melado de excitação. Impulsiono o quadril para a frente, enrolo seus cabelos em minha mão e vou ao delírio ao vê-la abrir mais a boca, tentando me tomar o máximo que consegue. Seus movimentos são inexperientes, isso me faz questionar se ela já fez isso antes, mas o calor dos seus lábios envolvendo o meu pau é devastador. Fico completamente louco. — Assim, querida, engole tudo o que é seu — digo, hipnotizado.

Beatriz segura o meu cacete com as duas mãos e o afasta, tomando fôlego, para logo depois voltar a chupá-lo. Impulsiono o meu quadril mais uma vez e começo a bombear com mais força, fazendo-a engolir até a metade.

Os sons das suas lambidas e chupadas me inebriam.

Seus olhos lacrimejam e ela grunhe sem ar, vermelha. A saliva escorre pelos cantos da sua boca.

Sinto suas mãos massageando minhas bolas pesadas, e subindo pelo meu comprimento, fazendo movimentos de vai e vem em uma tortura deliciosa. Preciso respirar fundo para não explodir em sua boca e, então, me afasto.

Não espero que ela tome fôlego. Abro as suas pernas bruscamente e me ajoelho nos pés da cama, trazendo o seu corpo para mim.

— Cadu... Ai ... — geme.

Beatriz sustenta o corpo nos cotovelos e me encara, curiosa. Os lábios ainda estão molhados com uma mistura de saliva e a excitação do meu pau.

Passo o dedo pela sua boceta linda toda depiladinha, ouvindo-a grunhir, e observo os grandes lábios se abrirem, revelando o feixe de nervos rosados e inchados.

— Cadu ... — Beatriz geme, tentando fechar as pernas, mas eu as seguro com força. Usando dois dedos, abro sua boceta um pouco mais e enfio o meu rosto entre as suas coxas, sentindo o cheiro cru do seu sexo penetrando as minhas narinas.

— Como eu desejei isso, menina — sussurro. — Como quero lambar essa boceta.

— Eduardo! — ela grita quando sugo o clitóris para dentro da minha boca, para logo depois esmagá-lo com a minha língua, chupando e lambendo sem pena. — Oh! Céus!

Bia arqueia o corpo e impulsiona os quadris de encontro ao meu rosto. Aproveito para meter a língua lá dentro, fazendo Beatriz gritar novamente, desesperada.

— Ahhh! — Ouço seus gritos indecentes, repletos de prazer e luxúria, mas não paro. Continuo metendo a língua na sua abertura escorregadia, vendo minha menina esfregar a boceta no meu rosto, alucinada de tesão.

Chupo e mordisco o montinho inchado, em seguida, desço para a abertura pingando e lambo de baixo para cima, arrancando outro grito da sua garganta.

— Cadu... Ai, meu Deus! — Ela fecha os olhos e impulsiona os quadris, alucinada. O corpo começa a tremer. — Eu vou gozar...

Afasto-me um pouco ao sentir o seu corpo convulsionando e vou à loucura quando vejo o buraquinho da sua vagina pulsando, os líquidos do seu gozo escorrendo até a entrada do cuzinho gostoso.



BEATRIZ

Quando os espasmos do meu corpo diminuem, sinto os lábios dele sobre a minha barriga, subindo até alcançar um dos meus seios. Ele lambe e mordisca o bico devagar, puxa com cuidado, e suga, para logo depois dar a mesma atenção ao outro.

Eduardo abre mais as minhas pernas e monta sobre o meu corpo, fazendo-me sentir todo seu peso e calor. Ofego.

Os lábios experientes continuam explorando cada cavidade do meu busto até chegar ao lóbulo da minha orelha e mordiscá-lo. Sinto todos os meus pelos se arrepiando.

— Como você é linda, Bia. Deliciosa... Uma tortura em forma de mulher.

A boca quente desliza pelo meu pescoço e sobe até o queixo, fazendo-me desejar outro beijo.

No entanto, ele se afasta e ergue os meus joelhos, abrindo as minhas pernas até o limite, deixando meu sexo completamente exposto. Meu corpo gela ao sentir a cabeça robusta do seu pênis entre os lábios da minha vagina. Eduardo me olha com a testa franzida e pincela o pau no meu clitóris, esmagando-o sem nenhuma pena, sem tirar os olhos dos meus.

Ele para na minha entrada e, então, impulsiona o quadril com firmeza.

— Ahhh! — grito e contraio o meu corpo ao sentir a invasão do seu pênis grosso dentro da minha vagina, esticando-me além do limite até se deparar com a barreira da minha virgindade. — Cadu... — Coloco a mão na sua virilha e o empurro, meus olhos marejados de lágrimas.

Percebo que ele me encara surpreso, a expressão parecendo confusa.

— Ainda é virgem — sussurra — Por que não me disse? — Sua voz se torna dura, rude. — Eu pensei que...

— Não... Nunca fui de outro homem, Cadu. Eu me guardei para você todos esses anos... — Sinto uma lágrima escorrer pelas minhas bochechas, mas ele a seca com a palma da mão.

— Me perdoa... — Seus lábios quentes e suaves se apossam dos meus, enquanto os dedos ágeis procuram o feixe de nervos entre as minhas pernas. — Quer que eu continue?

Assinto com a cabeça e ele sussurra:

— Vou meter devagar, princesa, aguento firme.

Cravo minhas unhas nos lençóis quando ele coloca as minhas pernas sobre os ombros e direciona o pênis na entrada do meu sexo mais uma vez. Não consigo segurar outro grito ao ser invadida lentamente e soluço ao sentir seu pênis me esticando, como se fosse me partir ao meio. É demais para mim.

— Céus! — berro, enterrando as minhas unhas na carne do seu braço, sentindo a ardência do meu hímen sendo rompido. — Você é grande... Ai!

Suas mãos apertam as minhas coxas e ele continua enfiando com firmeza, até suas bolas baterem na minha bunda.

— Diabos, menina... que boceta deliciosa. Porra!

Choramingo dolorida e ele se inclina para alcançar os meus lábios, beijando-os suavemente.

— Passou, Bia. Você é minha agora.

Eduardo se afasta e retira o pênis todo melado de sangue do meu sexo. Esfrega a cabeça inchada entre os meus lábios vaginas e volta a me penetrar, estocando até o fundo.

— Ah! — reclamo pelo incômodo. Meu corpo ainda treme por causa da dor descomunal.

Procuo os olhos oceânicos e me perco no azul vibrante das suas íris. Eduardo também me fita, mas permanece imóvel, esperando que eu me acostume com o seu tamanho.

Seus dedos massageiam o meu clitóris de leve e eu me contorço com a mistura vibrante de prazer e ardência. Cada milímetro do meu sexo está dolorido.

Ao ver que estou mais relaxada, ele volta a tirar o pau todo, deixando apenas a cabeça dentro de mim e então enfia novamente até o talo. Grito e choramingo, alucinada, enquanto ele me come cada vez mais rápido e profundo.

Lambe e mordia o meu pescoço, subindo devagar até a minha orelha. Sinto o calor da sua respiração no meu rosto e ofego, entregando-me às sensações de prazer que começam a surgir.

Cravo os meus dedos entre os seus cabelos e procuro a maciez da sua boca, ouvindo o meu homem gemer cada vez mais alto.

A dor de perder a virgindade está se dissipando aos poucos, dando lugar à excitação que volta a encharcar o meu canal. Meu sexo pulsa, lateja, e ele estoca cada vez mais fundo, girando e esfregando o quadril contra a minha pélvis, fazendo-me ver estrelas a cada metida.

Sua respiração se torna ofegante, o suor começa a escorrer pela sua testa. Choramingo e grito, agarrando-me ao seu pescoço, sentindo o resfolegar da sua boca sobre a minha.

— Bia ... — ele murmura o meu nome e enfia a cabeça na curva do meu pescoço, inspirando o meu cheiro, enquanto aumenta a velocidade das penetrações.

— Ai! — Ofego ao sentir outro orgasmo se formando em meu ventre e, quando o gozo começa a me tomar, grito sem controle, impulsionando o meu quadril para ter mais dele.

— Porra! — Eduardo grunhe. — Menina... Que delícia. — Vejo-o me olhar e revirar os olhos, firmando o braço no colchão ao mesmo tempo em que seu pênis pulsa dentro de mim.

Sinto os jatos do esperma quente me enchendo toda, seu corpo se desfazendo em um orgasmo devastador, fazendo o meu próprio prazer se prolongar. Então, ele estoca duro e profundo uma última vez, despejando até a última gota do seu esperma dentro de mim.



CAPÍTULO 35

BEATRIZ

Eduardo fita os meus olhos com sutileza, enquanto ainda se mantém dentro de mim. Imóvel. Sinto sua respiração quente e ofegante no meu rosto, o suor banhando nossos corpos, o cheiro de sexo tomando o quarto. Sua boca toca a minha de leve, e eu fecho os olhos, sentindo meu coração ser tomado de felicidade.

Mal posso acreditar que acabei de fazer amor com o homem que amo, que sempre amei. Sinto uma lágrima escorrer pelos meus olhos e o abraço mais forte, abrindo um sorriso brando.

Gemo baixinho devido à ardência quando ele começa a tirar o pênis da minha entrada, devagar, deixando apenas a cabeça inchada entre os grandes lábios. Todo o meu corpo se arrepia.

— Você está fodendo a minha vida... — ele sussurra contra a minha boca com a voz rouca e inebriante. Meu coração acelera descompassado. — Por que não me disse que ainda era virgem, Bia? Quase enlouqueci achando que aquele cara tinha te tocado. Eu machuquei você, minha menina... Me desculpe.

Sua voz sai carregada, cheia de ressentimentos e algo parecido com dor. Abro os meus olhos e encaro os seus, ao mesmo tempo que ele acaricia o meu rosto.

— Cadu, nunca tive nada com o Victor — respondo, um pouco receosa. — Não imaginei que você realmente tivesse acreditado nas minhas provocações quando eu disse que iria pra cama com outro homem — explico.

— E não acreditei, Beatriz. Sempre soube que você só dizia aquilo porque estava ferida... Queria me ferir também. — Ele suspira, aflito, e passa uma mão pelos cabelos escuros, bagunçando os fios, enquanto continua se firmando com a outra. — Mas aí você começou a me ignorar, não atendia minhas ligações. E quando vi vocês em frente à faculdade, sorrindo, felizes, tive certeza que você tinha sido dele. Ali eu soube que tinha te perdido. Aquilo me destruiu, diabos!

Arregalo os olhos ao ouvir suas palavras, sentindo meu coração pular descontroladamente dentro do meu peito. Seu tom torna-se rude, cheio de angústias, mas ainda assim não é capaz de tirar a alegria que surge no meu coração ao ouvir essa declaração.

Sua expressão sutil torna-se fechada, e ele se afasta, retirando-se todo de dentro de mim, deixando-me arfante, necessitada de ser preenchida outra vez. Sinto seu esperma denso escorrendo da minha entrada, deixando-me toda melada, até mesmo a minha bunda. Meu sangue gela. Jesus! Só agora dou-me conta da loucura que acabamos de fazer.

Eduardo levanta-se completamente nu e caminha até a janela de vidro, abrindo as cortinas. Ele diz alguma coisa, mas não consigo me concentrar nas suas palavras. Estou mais preocupada com a eficácia das pílulas anticoncepcionais que estou tomando há alguns dias.

Senhor! O que eu fiz?

Aflita, também me levanto e caminho até ele, sentindo o líquido grosso escorrendo pelas minhas coxas. Parece ter um litro de esperma saindo da minha vagina.

Ao perceber que não lhe dou ouvidos, ele se vira no momento em que passo a mão entre as minhas pernas, tentando limpar um pouco da sujeira que fizemos.

Minha mão fica completamente melada de esperma e sangue.

Nesse instante, levanto o meu olhar e fico petrificada ao ver que os olhos de safira fitam o centro das minhas pernas. Sinto meu rosto corar e, envergonhada, tapo o meu sexo com as duas mãos.

Olho o seu corpo nu e vejo o pênis tomar força outra vez, ficando completamente ereto. Robusto. Engulo em seco quando Eduardo caminha na minha direção e para a apenas poucos centímetros de distância.

— Não se esconda de mim. Me deixe vê-la assim, princesa — diz e retira as minhas mãos do meu sexo, deixando-me completamente nua aos seus olhos. — Linda... Toda meladinha. — Sinto sua mão tocando a minha virilha e descendo, até alcançar minha entrada.

Os dedos longos deslizam para as coxas e depois sobem, explorando as dobras molhadas da minha vagina, espalhando seu gozo pelo clitóris. Gemo, envolvida, e mordisco o meu lábio, quase perdendo a racionalidade, contudo, a razão fala mais alto por um segundo e eu o afasto.

— Por favor... Espere — peço, quase sem forças. — Você gozou dentro de mim. Estamos com sérios problemas, Cadu — digo, preocupada, e procuro os seus olhos.

Ele me fita e suspira.

— Eu sei. Não estava em meu raciocínio perfeito naquele momento. — Sua expressão torna-se preocupada.

— Eu estou tomando anticoncepcional há alguns dias — informo, voltando a tapar minha virilha. — Mas não sei ao certo se já estou segura para fazer sexo sem proteção. Além disso tem... você sabe, as DST's.

Ele franze a testa, espantado, e logo em seguida sorri com sarcasmo, fechando os punhos. Vejo a raiva tomar conta do seu semblante e dançar em seus olhos como labaredas flamejantes.

— Não se preocupe, Beatriz, eu estou limpo. — A hostilidade na sua voz me faz dar um passo para trás, mas ele me acompanha. — Meu exames clínicos estão todos em dia e nunca transo sem proteção. Mas quanto a você... caralho! Estava pretendendo transar com ele, não é? Por isso começou a se prevenir? — acusa.

— Cadu, o que está dizendo? Claro que não! — rebato magoadada e continuo dando passos para trás até alcançar a cama. Pego um lençol e cubro o meu corpo com pressa, sentindo-me intimidada devido à sua estatura. — Além disso, você não está em condições de me exigir nada, ou acha que me esqueci daquela zinha lá, a Raquel?

— Raquel não é ninguém, pelo amor de Deus. — Ele para e balança a cabeça.

— Ah, não? Se bem me lembro, ela estava com você no jantar na casa dos seus pais. Aquilo me pareceu ser algo bem íntimo! — Empino o nariz e o encaro com firmeza, negando-me a baixar a cabeça para as suas acusações descabidas.

— Isso não vem ao caso, menina, eu não tinha compromisso com ninguém! — responde, ríspido.

— Eu também não! — provoco. — Sou solteira e desimpedida, posso transar com quem eu quiser! — praticamente grito. Meus olhos ardem e eu preciso lutar com todas as forças para não chorar na frente desse cretino.

Eduardo sorri, joga a cabeça para trás e suspira. Vólta a me encarar e se aproxima.

— Não tinha! Mas a partir de agora tem um compromisso comigo.

Arregalo os olhos ao ouvir o que ele diz e balanço a cabeça em negativa. Meu coração dispara, mas ainda estou muito magoada devido às suas acusações quando ele mesmo certamente não se manteve casto.

— Eu não quero nada com você, seu... Seu safado! — rebato irritada.

Ele se aproxima e entrelaça a mão na minha cintura, olhando-me irritado, desarmando o meu raciocínio e autocontrole. Minhas pernas tremem como gelatina ao sentir o seu toque.

— Acha mesmo que depois de hoje eu permitirei que você volte para os braços daquele fedelho? Você é minha, diabos!

Prendo a respiração por alguns instantes e tanto dizer algo, mas minha fala não sai.

— Eu... Ai! — Deixo um gemido escapar quando os lábios quentes se apossam da minha orelha e ele me mordisca o lóbulo. Meu corpo se entrega a ele de uma maneira vergonhosa.

Tento lutar contra todo esse mix de sentimentos dentro de mim e o empurro. No entanto, os meus esforços não surtem nenhum efeito.

— Por que está fazendo isso? — pergunto, confusa com as suas ações. Em um momento, ele está me acusando de algo que não fiz, e no outro está esmagando o meu corpo com carícias deliciosas.

Ouçoo seu suspiro profundo em meu ouvido e estremeço. A língua morna desce para o meu pescoço e não consigo conter um gritinho ao sentir até os pelinhos da minha bunda se arrepiarem.

— Porque estou perdidamente apaixonado por você e o ciúme está me enlouquecendo.

Ai, meu Deus!

Sinto minhas pernas falharem e me firmo em seus ombros para não cair. A boca pecaminosa encontra a minha e me envolve em um beijo ardente, explorando cada cavidade. Encosto minha mão em seu peito e as batidas frenéticas falam por si só. Está exatamente como o meu.

Sinto uma lágrima escorrer pelos meus olhos, emocionada por ouvir o que mais almejei em

toda minha vida, e afasto o meu rosto para encará-lo.

Os olhos azuis fitam os meus, brilhantes, repletos de promessas silenciosas.

— Eu amo você! — digo e o abraço com força. — Céus! Acho que estou sonhando.

— Prometa para mim, Bia. Diga que não tem nada com aquele cara. Eu não suportaria...

— Shh... — interrompo-o e deposito um selinho em seus lábios.

Relembro as palavras de Priscila falando sobre o Cadu e a traição da noiva e, de repente, as atitudes dele começam a fazer sentido na minha mente.

O ciúme louco, a necessidade de se manter longe de um relacionamento, a confusão que vi em seus olhos nas vezes que nos beijamos. Não era só por causa do papai...

— A sua prima me falou sobre ela — sussurro. Sinto seu corpo enrijecer, mas ele continua calado, dando-me espaço para continuar. — Naquele momento, não dei muita atenção, as palavras da Priscila não faziam sentido. Mas agora, eu compreendo. — Fito os seus olhos e volto a abraçá-lo, passando as mãos em volta da sua cintura. — Eu sinto muito.

— Não sinta... — murmura, acariciando os meus cabelos. — Ela ficou no passado e você está aqui e agora. — Sorrio e me afasto para olhar o seu rosto, vendo os lábios finos se curvarem em um sorriso que me arranca suspiros.

— Eu serei só sua, Cadu. Mas, e você? Será só meu? — pergunto para confirmar se haverá reciprocidade.

— Minha pequena ... Você não tem ideia do quanto sou seu — ele fala, olhando bem nos meus olhos para que eu veja sua sinceridade. — Só seu — completa, passando os dedos no meu queixo. — Agora vem. Vamos tomar um banho gostoso... Vou lavar essa bocetinha linda — diz e segura o lençol que me cobre, puxando-o.

— Eduardo... — Sorrio envergonhada e dou um tapa em seu ombro.

Meu homem me segura em seus braços e me abraça forte contra o seu peito.

— Não quero que tenha vergonha de mim, Bia. — Sinto suas mãos descerem até a minha bunda e apertá-la. — Cada pequena parte do seu corpo me fascina.

Assinto e seguimos para o toalete, tomamos um banho demorado na banheira e retornamos ao quarto, agarrados um no outro.

Pelos vidros da janela, posso ver os primeiros raios do sol surgindo, iluminando as

vidraças dos prédios.

Sinto-me sonolenta, mas o cansaço dá lugar ao desejo quando ele me coloca sobre a cama e monta em cima de mim. Abre as minhas pernas e posiciona o corpo entre elas, beijando e mordiscando os meus lábios. Sua língua morna desce para o meu pescoço, traçando uma trilha de beijos suaves e cálidos, enlouquecendo-me.

Quando a boca úmida alcança o bico dos meu seio e o chupa, solto um gemido prazeroso, entregando-me a cada sensação. Ao prazer e ao desejo, ao amor e à paixão.

— Estou ficando louco, Bia. — Ouço sua respiração na minha barriga, descendo até a minha virilha, e sinto meu corpo estremecer, desejando tudo o que ele tem para me dar.

Minhas pernas são flexionadas e abertas até o limite. Seguro os lençóis e grito quando sinto o calor da sua língua penetrando a minha vagina dolorida. Ofego, sem ar.

— Aiii! — Mordo os meus lábios e grudo os meus dedos nos seus cabelos, puxando-os. — Que delícia... Cadu...

Meu clitóris é sugado e mordiscado sem pena, fazendo-me gemer e gritar alucinada. Estou quase gozando quando ele dá uma lambida generosa do meu ânus até o clitóris, demorando um pouco no anel intocado, fazendo-me corar envergonhada.

Tento fugir da sua língua lasciva e ousada explorando essa região, mas é tarde demais. Ele segura o meu corpo, metendo a língua entre as minhas pernas, e o gozo me toma, intenso e arrebatador.

Sinto-me tonta, entregue. Sem nenhuma força nas pernas. Minhas pálpebras se fecham. Suas mãos serpenteiam pelo meu corpo e a boca ardente vai de encontro ao meu pescoço, subindo cada vez mais.

— Abra os olhos, querida... — pede ofegante e passa a mão por baixo do meu pescoço, segurando os cabelos da minha nuca. — Olhe para mim.

Faço o que pede e pisco algumas vezes, tentando manter os olhos abertos. Sinto seu pênis abrir espaço para dentro de mim, lentamente.

Grito, ofego e o arranho. Arde um pouco, mas é tão gostoso senti-lo assim. Nossos olhares se encontram, nossas bocas se aproximam, resfolegando uma na outra até que o sinto entrar todo.



CAPÍTULO 36

CARLOS EDUARDO

Após fazê-la gozar, retiro o meu pau da sua boceta e me derramo em sua barriga, tomando cuidado para não a encher de porra outra vez.

Embora eu não tenha demonstrado preocupação, o fato de ter gozado dentro dela pode nos pôr em grandes apuros. Penitencio-me por ter pedido o controle. Geralmente, sou muito racional quanto ao uso de preservativos. No entanto, perder a cabeça agora não ajudará em nada. Já está feito e foi gostoso para caramba. Eu estava tão louco para me enterrar dentro daquela bocetinha rosada que camisinha foi a última coisa que pensei na face da terra. Decididamente, Bia está me tirando do sério. Parece que voltei a ser um adolescente.

Beatriz suspira e sorri, fechando os olhos. Está quase desmaiando de tão cansada.

Descanso do seu lado por alguns instantes, deposito um beijo nos seus lábios, limpo sua barriga com a minha camisa e sussurro no seu ouvido, informando que irei sair para correr na praia. Ela assente, fecha os olhos e se aconchega entre os lençóis. Sigo para o banheiro, tomo um banho rápido para tirar o suor e o cheiro de sexo do corpo.

Uma boa corrida agora pela manhã me fará bem, preciso pôr os pensamentos em ordem e

pensar com calma sobre tudo.

Só de imaginar o tipo de conversa que terei com Felipe, já sinto o meu estômago se revirar. Ele com certeza vai querer me esfolar vivo, principalmente sabendo do meu histórico de mulherengo. Felipe sabe de todas as obscenidades que já cometi e, conhecendo-o como conheço, vai quebrar a minha cara quando souber que tirei a virgindade da sua filha. Porra!

Enfim, já foi. Agora preciso ser racional e assumir as consequências, mesmo sabendo que se eu pudesse voltar no tempo, faria tudo de novo.

Termino de me banhar e me seco. Visto um short e camisa próprios para atividade física, calço o tênis e pego o celular. No entanto, percebo que o aparelho está descarregado. Bufo, irritado, e o conecto ao fio do carregador. Pego a carteira e caminho até Beatriz.

A menina dorme profundamente como um anjo. Os lábios suculentos estão um pouco inchados e ainda mais vermelhos que de costume por causa dos beijos e mordidas que dei.

Sorrio e inspiro seu cheiro, de leve, evitando fazer barulhos para não a acordar. Pego as chaves do carro e saio.

Ao chegar na orla, estaciono o veículo e caminho até a beira da praia. O mar está calmo e o clima fresco do início da manhã é agradável, embora eu ainda sinta algumas pontadas na cabeça devido à quantidade de uísque que ingeri. Contudo, antes de me alongar e seguir com a programação do dia, paro e passo a mão em meus cabelos, pensativo.

Uma coisa é certa. Mesmo que Felipe se oponha, não abrirei mão dela por nada neste mundo. O que fizemos ontem foi o limite para a minha resistência. A entrega dela, o prazer e a paixão que vi em seus olhos, a sensação quase surreal que senti quando a penetrei e depois vi meu esperma escorrendo por suas coxas, marcando-a como minha mulher.

É ela que quero comigo em cada amanhecer. É o cheiro dela que me deixa tonto, que me excita e me inebria como um animal no cio. É o amor dela que faz o meu coração bater enlouquecido, e é a presença dela que me transborda.

O vento fresco sopra, balançando os meus cabelos e, como um garoto bobo e apaixonado, sorrio.

Faço um alongamento rápido e começo a correr pelo calçadão da orla do Leblon, despreocupado, apenas pensando no momento em que voltarei para o meu apartamento e a encontrarei dormindo, completamente nua na minha cama. Caralho! Que delícia.

Só em pensar nela assim, sinto meu pau inchar. Preciso desfocar os pensamentos para não

passar vexame aqui no meio da rua.

Corro por cerca de uma hora, sem descanso. O suor já me banha todo e o sol brilha como nunca no céu azul.

Paro por alguns minutos para tomar um fôlego e decido retornar para o meu apartamento. No caminho, tomo uma água de coco para repor as energias e compro algumas coisas para tomar café com ela. Imagino que minha geladeira só tenha água e comida congelada que Sônia deixou preparada.

Puta que pariu.

Pensar em Sônia me faz lembrar que a essa hora ela deve estar chegando no meu apartamento. Caralho! Como pude me esquecer disso?

Piso o pé no acelerador na esperança de chegar antes dela e ligar para dispensar seus serviços. Em poucos minutos, estou entrando no condomínio que moro.

Deixo o carro logo em frente ao prédio e corro para os elevadores.

Ao entrar na sala, sigo direto para o quarto, vendo que a porta está aberta. Contudo, antes que eu consiga alcançá-la, ouço o que eu mais temia: a voz assustada de Sônia.

— Meu Jesus Cristinho.

Entro no aposento e o que vejo me deixa estático. Preciso me segurar para não ter uma crise de riso nervoso diante do olhar chocado das duas mulheres.

Sônia olha para Beatriz, surpresa por ver uma mulher na minha cama. Não as trago para o meu quarto e sempre as dispenso antes do amanhecer. Minha menina também a encara de volta, assustada, puxando os lençóis até o pescoço para esconder o corpo nu.

— Bom dia — cumprimento, e ambas olham na minha direção. Caminho até Sônia e deposito um beijo na sua bochecha.

— Vejo que já se conheceram... — digo e caminho até a cama, sentando-me ao lado de Beatriz, que continua imóvel.

— Meu filho, o que essa menina faz aqui? — pergunta Sônia, parada no mesmo local, encarando-nos com a testa franzida.

Seguro na mão de Beatriz e a levo até a minha boca. Deposito um beijo e a encaro sorridente.

— Ela é a minha menina. Minha namorada, Sônia.

Beatriz sorri timidamente e volta a olhar para a mulher.

— Acho que me lembro da senhora — diz ela um pouco mais calma. — Quando vim aqui uma vez com...

— Com o senhor Felipe — conclui Sônia, petrificada. — Meu Jesus Cristinho.

Putá merda! Não me lembrava que as duas já se conheciam.

Beatriz assente com a cabeça, tímida, e volta a me encarar aflita. Sussurro para ela não se preocupar e em seguida chamo Sônia para conversarmos a sós.

— Sônia, vamos para a sala, explicarei tudo com calma.

A mulher concorda, encara-me desconfiada uma última vez e volta a sua atenção para Beatriz. No entanto, vejo seus olhos se arregalarem ainda mais ao ver as marcas vermelhas do sangue da minha menina no lençol.

Beatriz cora, quase se enfiando debaixo das cobertas, e eu sorrio orgulhoso.

Claro, uma parte de mim está preocupada com tudo que teremos que enfrentar, começando por Sônia, que me encara como se eu fosse alguma espécie de criminoso. Mas a outra parte só quer abraçar Beatriz e gritar para o mundo que ela é minha.

Assim que chegamos na sala, sento-me no sofá e aguardo que ela comece o interrogatório. Apesar de não termos nenhum laço de sangue, Sônia está comigo há tanto tempo que a trato como uma segunda mãe e, claro, ela preocupa-se e se comporta como tal.

— Eduardo, o que você está fazendo? Perdeu o juízo, meu filho? — questiona, colocando a mão no peito. — Ela é só uma menina, e vocês... — Faz uma pausa e me encara horrorizada — Senhor. Não quero nem pensar no que vocês fizeram.

Gargalho com o comentário dela e a acalmo:

— Beatriz já é maior de idade, se é isso que está te preocupando — informo. — E sim. Acho que perdi o juízo. — Sorrio. — Estou completamente louco por ela.

Sônia arregala os olhos, incrédula, e questiona:

— Dessa vez é pra valer?

— Sim! — confirmo. — Dessa vez é pra valer.

— Meu senhor. Não sei se fico feliz ou se te dou uns tapas, menino. Eu quase morri de susto quando me deparei com aquela garota na sua cama.

Vejo o indício de um sorriso nascer em seus lábios, mas logo a mulher fica séria.

— Mas... E os pais dela? Eles concordaram com isso?

Desvio o meu olhar e suspiro, balançando a cabeça em negativa.

— Não. Isso é algo que ainda irei resolver. — Escoro o braço no encosto do sofá e passo a mão na barba, pensativo. — Terei uma conversa séria com Felipe o mais breve possível.

Sônia assente e faz mais algumas perguntas sobre o meu relacionamento com Beatriz. Por fim, me deseja boa sorte e diz que torce pela minha felicidade.

Após a mulher ir embora, sigo até o quarto e encontro Beatriz de banho tomado, enrolada em uma toalha branca. Ela está distraída, mexendo no celular.

— Oi — chamo, e ela levanta o olhar, abrindo um sorriso lindo.

— Oi... — Beatriz caminha na minha direção um pouco tímida e eu a enlaço pela cintura.

— O que faço com você, menina? — questiono, olhando cada centímetro do seu rosto de anjo. Toco os lábios bem feitos e deslizo até o queixo pequeno. — Tão perfeita... — Trago-a para mim e inspiro o cheiro do seu pescoço. — Cheirosa... Já estou doido para te comer de novo.

Sinto seus pelos se eriçarem e ela sorri, mordiscando o lábio inferior de forma provocante.

— Pode fazer o que quiser comigo.

Gemo baixinho, sentindo meu pênis inchar com as provocações dela. Sinto vontade de pegar Beatriz e jogá-la em cima da cama para devorar cada cantinho desse corpo delicioso. No entanto, eu me contenho. Ela acabou de perder a virgindade, deve estar toda inchada e dolorida.

— Agora você precisa comer um pouco, hum? Deve estar faminta.

— Estou morta de fome — confirma e se afasta um pouco. — Posso pegar outra camisa sua? Acabei de perceber que esqueci minha mochila dentro do táxi e a roupa que eu usava ontem está molhada.

— Claro. Você fica linda usando as minhas roupas. — Pisco. — Mas e as suas coisas? Já entrou em contato com a central?

— Sim, não se preocupe. — Ela se aproxima e eu aguardo, esperando para ver qual será

sua próxima ação.

Minha pequena fica na ponta dos pés e passa a mão pelo meu pescoço, olhando-me firmemente.

— Essa noite foi maravilhosa... — sussurra. Os olhos brilham de felicidade.

Sinto meu coração dar um salto em meu peito, mal podendo acreditar que sou alvo do amor de uma menina. Uma menina mulher, encantadora e inteligente.

— Há quanto tempo, querida?

— Há quanto tempo o quê? — Vejo-a piscar os olhos e questionar, confusa.

— Desde quando você me ama?

Beatriz cora e desvia o olhar, sorrindo.

— Cadu... Por favor, não...

Esmago o seu corpo dentro do meu abraço e deposito um beijo na sua testa.

— Diga! — sussurro.

— Desde os meus quinze anos.

Sua declaração me faz arregalar os olhos, surpreso, mas não nego que gosto de saber disso. A melhor parte é que agora ela é maior de idade e é toda minha. Do contrário, eu iria morrer de tanto tédio reprimido.

— Beatriz... — murmuro o seu nome e afasto o seu rosto para que ela olhe nos meus olhos. — Eu sei que você é jovem e tem a vida inteira pela frente. Mas... — Suspiro e acaricio o seu rosto. — Quero aproveitar cada momento ao seu lado e, por isso, quero assumir um compromisso sério com você. Claro, pretendo pedir sua mão em namoro para o seu pai. Farei as coisas do jeito certo.

Ela arregala os olhos e pisca algumas vezes, evitando que uma lágrima deslize por sua bochecha.

— Meu Deus... É tudo o que mais quero. — Sorri. — Mas você sabe que o papai não vai aceitar assim numa boa, não é?

— Eu sei. Eu sei... Depois pensaremos nisso com calma. Agora, vou alimentar você.

— Você está me deixando mal-acostumada, Cadu.

— Me deixe mimar você — murmuro. — Quero te acordar todas as manhãs chupando a sua boceta. E quero dormir com meu pau enfiado nela.

Beatriz gargalha, jogando a cabeça para trás.

— Seu cachorro! — Sua mão desce do meu pescoço para o meu peito. — Vá na frente. Chegarei na cozinha em alguns instantes.

Deposito outro beijo na sua boca e caminho na direção da cozinha. Em poucos minutos, ela aparece, vestida com uma das minhas camisas sociais, com os cabelos molhados penteados e partidos de lado. Uma tentação com rostinho de menina e corpo de mulher. Preciso me controlar ao máximo para não a pegar de jeito em cima do balcão.

Assim que terminamos o café, sigo com ela até o sofá da sala e a coloco sentada entre as minhas pernas. Ligo para a secretária, avisando que só irei para a empresa à tarde, e, em seguida, volto minha atenção para Beatriz.

Abraço o seu corpo por trás, ao mesmo tempo em que mordisco o seu pescoço.

— Agora irei cuidar de você! — sussurro, deslizando a mão pelo seu ombro. — Está dolorida?

— Uhum. — Ela vira o rosto na minha direção e mordisca os lábios, o olhar guloso fitando a minha boca. — Cada pedacinho.

— Deliciosa. Já está querendo de novo, não é?

Os lindos lábios se curvam em um sorriso safado e eu não espero que ela responda mais nada.

Desço a minha boca para a sua e mergulho a língua no seu interior. Minha mão vai de encontro ao seu pescoço, apertando de leve, enquanto a outra pousa em um seio por cima da camisa. O beijo é lento, terno, mas desperta cada poro do meu corpo.

Sinto-a gemer e se remexer no meu colo quando meu pau cutuca a sua bunda, já excitado pela nossa curta proximidade.

Aprofundo o beijo, devorando sua boca com vontade, e desço a mão, cavando as curvas da sua cintura, indo de encontro à pele macia da sua coxa. Aperto sua carne de leve e mordisco o lábio, sugando-o. Ela reclama e arranha o meu braço, mas logo seus gemidos tomam conta da sala quando ergo a barra da camisa e passo o dedo na bocetinha deliciosa.

— Ai... — Ela tenta fechar as pernas e larga a minha boca, ofegante. Contudo, seguro as

coxas com cuidado e continuo esfregando o clitóris de leve.

— Relaxa, Bia. Preciso preparar você para não doer tanto novamente! — Volto a procurar a maciez dos seus lábios e enfio a ponta do meu dedo na sua boceta. Vou enfiando devagar até ouvi-la gemer, dengosa, cravando as unhas na minha coxa. Retiro o dedo melado e levo aos seus lábios.

— Chupe, menina. Sinta como você é gostosa. — Minha voz sai falha, carregada de tesão.

Gemo baixinho quando ela envolve o meu dedo com os lábios e volta a fechar as pernas, esfregando-as.

— Oh, Bia ... Diabos! — Retiro o dedo da sua boca e volto a mergulhar a língua, deliciando-me com o gosto da sua boceta.

— Eu também quero tocar você! — pede. A voz falha, a respiração entrecortada.

— Vem — sussurro e a ajudo a se levantar. Em seguida, puxo o short junto com a cueca, expondo o pau completamente duro, e inclino o corpo, ficando quase deitado. — É todo seu, menina.

Beatriz senta-se em cima do meu colo, colocando uma perna de cada lado de frente para mim, e segura o pau com as duas mãos. Na posição que me encontro, consigo ver a bocetinha toda arreganhada. Vou à loucura.

— Porra, Bia.

Sinto suas mãos macias acariciando-me. Ela me masturba devagar, subindo e descendo, segurando e apertando as bolas pesadas.

Fecho os olhos e desço as mãos até o traseiro gostoso, apertando a carne macia e volumosa.

Ela inclina o corpo e passa a beijar o meu pescoço, enquanto desliza as mãos pelo meu peito por baixo da camisa suada, explorando e apalpando os músculos, conhecendo e demarcando o seu território.

Abro os meus olhos para ver tudo o que ela está fazendo quando firma-se no meu peito e coloca os pés em cima do sofá. Desce com a boceta abertinha na direção do meu pau e esfrega a cabeça no clitóris, empurrando o nervinho de um lado para o outro, masturbando-se descaradamente.

— Ai... — geme fechando os olhos. — É tão gostoso.

A esta altura, já estou suando frio, louco para me enterrar todo dentro dela. Contudo,

preciso me conter e deixá-la guiar os movimentos quando se sentir confortável para ser penetrada.

— Querida, você... você está me matando... — sussurro, embora minha voz quase não saia.

Ela esfrega a ponta do pênis no clitóris e desliza até a entrada melada, colocando e tirando a cabeça bem devagar.

— Bia...

Contudo, sinto meu corpo gelar quando ouço a porta da sala sendo aberta. Viro o meu corpo bruscamente por causa do susto e, sem perceber, toco na sua perna, fazendo-a escorregar e se sentar com tudo em cima do meu pau.

— Aiii! — grita, trêmula, e coloca as mãos em cima do meu peito.

— Cadu? Meu filho, o que está fazendo? Está matando a mulher?

Minha mãe entra na sala e corre desesperada na direção do sofá após ouvir os gritos de Beatriz.

— Mãe, não se aproxime! — grito e ela para a alguns metros de distância, petrificada, o olhar chocado, cravado na menina em cima de mim.

— Beatriz?

Puta que pariu! Caralho!



CAPÍTULO 37

BEATRIZ

Sinto minhas entranhas arderem como nunca e choramingo. Até a minha alma está doendo. Contudo, este é o menor dos meus problemas agora, pois, quando levanto a minha cabeça, vejo os olhos petrificados da senhora Ferraz na minha direção. Eu só queria encontrar um buraco para enfiar a cara.

— Beatriz? — Uma lágrima escorre pela minha bochecha. Ainda não sei se é de dor ou de vergonha. É provável que seja pelas duas coisas.

— Mãe, por favor nos dê um minuto — Cadu pede, aflito.

Ela dá alguns passos para trás até alcançar a porta. Seu olhar pasmo não larga os meus até sumir no corredor do prédio.

— Ai... Cadu, o que iremos fazer? Dois flagras em um único dia? — reclamo, irritada, enquanto me levanto devagar para sair de cima do pênis dele.

Ele rapidamente se recompõe e levanta-se.

— Eu sinto muito, Bia — diz, passando a mão pelos cabelos. — Sônia é quem cuida de

tudo aqui, e minha mãe tem a chave do meu apartamento para emergências. Eu nunca tive que me preocupar com isso porque nunca durmo com mulheres, muito menos aqui dentro. Elas eram apenas sexo casual. Depois de foder, era cada um para o seu lado, entende? — explica.

Respiro fundo. Eu dispensaria esses detalhes. Também me levanto e ajeito a camisa dele no meu corpo.

— Ela não poderia ter ligado antes? — questiono e, mais uma vez, o vejo balançar a cabeça em negativa.

— Eu havia deixado o celular desligado e carregando quando saí. Além disso, era para eu estar na empresa. Ela sabe disso, não imaginou que eu estivesse aqui com você. — Os lábios finos se repuxam em um meio sorriso e eu corro mais. — Agora temos que enfrentar as consequências, Bia. E a primeira do dia é conversarmos com a sua sogra. — Pisca.

— Eu vou morrer de vergonha.

— Não se preocupe... — Ele se aproxima e me abraça. — Minha mãe está assustada agora, mas ela ama você. Logo irá se acostumar com a ideia de ficarmos juntos.

Assinto e volto a me sentar no sofá, trêmula. Coloco uma almofada em cima do meu colo e aguardo o Cadu chamar a dona Rebeca.

— Meu filho, me perdoe. Pensei que estivesse na empresa e precisava pegar algo importante que esqueci da última vez que estive aqui. — Ouço a voz dela justificando-se assim que ambos se aproximam da porta.

Dona Rebeca me encara e então volta a sua atenção para o Cadu. A impressão que tenho é que ela vai cair dura no chão a qualquer momento.

— Oi... — Aceno com a mão discretamente, sentindo minhas bochechas ficarem vermelhas.

Ela caminha ao lado do Cadu na minha direção e para a alguns metros de distância.

— Podem me explicar o que está acontecendo? Filho, vocês... A Bia... Senhor! — Ela olha de mim para o Cadu, aflita, e segura a bolsa com firmeza.

Eduardo suspira do seu lado e segura a sua mão, como se preparando-a para o que vai vir.

— Mãe, eu e a Bia estamos juntos.

— Como assim, juntos?

Aperto a almofada ainda mais contra o meu corpo e espero que continuem.

Eduardo caminha até onde estou e estende a mão, indicando para eu me levantar. Mesmo com as pernas bambas, levanto-me e caminho com ele na direção da dona Rebeca.

— Olha, sei que deve estar confusa e achando que seu filho é louco — diz ele, trazendo o meu corpo para dentro do seu abraço. — Mas nós dois... — Cadu me olha e sorri. — Estamos gostando um do outro, e eu pedirei a mão dela em namoro para o Felipe.

— Querido... Mas ela é a Bia, a nossa menininha...

Balanço a cabeça, sentindo meus olhos arderem quando ela me fita. A mulher madura e elegante me inspeciona de cima a baixo com o olhar preocupado.

Sinto vergonha e uma mistura de culpa, devido à sua expressão repreensiva. É como se o que estivéssemos fazendo fosse a coisa mais errada do mundo.

— Dona Rebeca... — chamo, incapaz de continuar calada. — Eu já não sou mais uma menininha. Sou uma mulher e... eu amo o Cadu. Sempre amei! — digo com a voz falha, e uma lágrima cai.

Percebo que seus olhos também marejam e ela volta a encará-lo.

— Filho, vocês estão certos disso?

Eduardo assente e me aperta mais contra si.

— Nunca estive tão certo!

— Muito bem... — Ela suspira e segura a mão dele. — Vocês têm a minha bênção. Mas, Cadu, se magoar a Bia, serei a primeira a virar as costas para você, está me entendendo?

Eu a encaro com os olhos transbordando de alívio e felicidade. Sou surpreendida quando a mulher me puxa e me abraça fortemente.

— Bem-vinda à família, querida. Precisamos fazer um jantar para comemorar.

Sorrio e busco os olhos do meu namorado, pedindo socorro, mas ele apenas curva os lábios.

— Dona Rebeca, vai esmagar a menina.

— Estou tão emocionada... — diz ela, levando uma mão aos olhos. — Finalmente você vai se assentar, Cadu. Parar de andar por aí perdido. Vai me dar o meu netinho, filho.

Meu corpo inteiro gela ao ouvir as palavras dela. Minhas pernas tremem e o medo me toma, fazendo-me lembrar que não usamos proteção. Eduardo percebe o meu estado e volta a se aproximar, envolvendo o meu corpo.

— Então, dona Rebeca. — Ele limpa a garganta, chamando a atenção dela, e continua: — Acho que está na hora da senhora ir. Depois marcamos o jantar com calma.

Ela revira os olhos, repreendendo-o, mas sorri ao me encarar.

— Tudo bem, querido. Depois volto para pegar o anel de brilhantes que esqueci em cima da pia do banheiro do quarto de visitas... — Dá um passo na minha direção e toca o meu rosto. — E, Bia, cuide bem desse moço. Ele é um ogro às vezes, mas é um bom homem.

Curvo os meus lábios, sorridente, e assinto. Dona Rebeca se despede e logo vai embora, permitindo que eu retorne até o sofá e me sente, aliviada. Meu namorado caminha até mim e senta-se do meu lado, trazendo meu corpo para o seu colo.

— Finalmente sozinhos — diz, inspirando o meu pescoço.

— Outra dessas e você pode comprar o meu caixão.

Ele gargalha, apertando-me mais contra o seu peito rígido, e volta a falar:

— Bia... Você disse que está tomando contraceptivos. Por que está preocupada? — indaga, as mãos subindo e descendo no meu ombro, acariciando-o.

— Sim, mas e se algo der errado? E se o anticoncepcional falhar? — questiono e viro o rosto para fitá-lo. — Eu sou muito jovem, Cadu, e o papai ...

Sua mão acaricia o meu queixo e sobe até os meus lábios, calando-me.

— Não teremos outra alternativa a não ser enfrentar tudo e todos, Bia — diz, convicto. — Além disso, estou aqui, para tudo.

— Não está preocupado?

Ele desvia o olhar e fita o nada na sua frente. Percebo que seus músculos se enrijecem mais.

— Sim, estou preocupado. Até ontem você ainda era virgem e eu, bom... Você sabe, vivia pulando de galho em galho. Mas não vamos sofrer por antecedência, tudo bem? Esquece isso um pouco, temos muito o que aproveitar.

— Você tem razão... — concordo e me aconchego no seu peito, sentindo as batidas do seu coração.

Permanecemos assim por alguns minutos, entre beijos e carícias até nosso fogo se acender novamente. Dessa vez, Eduardo me garante que nenhum inconveniente irá acontecer.

Um pouco mais tranquila, permito que ele retire a blusa que uso e me tome para si no tapete da sala, beijando e acariciando cada centímetro do meu corpo, amando-me em cada canto do seu apartamento, exatamente como sonhei que seria algum dia.



CAPÍTULO 38

BEATRIZ

Assim que as minhas coisas são entregues no apartamento, visto-me e peço para o Cadu me deixar em casa. Já são quase meio dia e tem várias ligações da mamãe no meu celular. Imagino que esteja preocupada e ansiosa para saber como foi a festa.

Enquanto o Cadu toma banho, envio mensagem para Gracy, contando por alto o que aconteceu depois que saí da festa da Priscila e pedindo ajuda caso eu precise de um álibi.

Ele termina e veste-se todo formal, com direito a terno e gravata. Engulo em seco quando o vejo caminhar na minha direção na versão homem de negócios. Sério e intimidante.

— Tem certeza que não quer almoçar comigo? — pergunta. Levar o celular ao ouvido e me enlaça pela cintura com a outra mão.

— Não posso. Já passei tempo demais fora de casa — justifico quase sem ar. O cheiro marcante do seu perfume me inebria.

Ouçoo ditar ordens a alguém, pedindo para pegarem a chave do Mercedes na portaria do prédio e ir buscar o veículo no bar. Em seguida, guarda o celular no bolso e volta-se para mim, abraçando-me e inclinando o corpo para alcançar a minha boca.

— Porra! — sussurra entre meus lábios. — Vou ficar louco naquela empresa, pensando na minha menina.

— Deixa de ser safado, Cadu — digo sorridente. Coloco a mão no seu ombro e tento afastá-lo. — Vamos logo antes que mais alguém descubra o que fizemos e eu fique em grandes apuros.

— Diabos! — xinga e crava os dedos no meu quadril. — Por mim, falaríamos com o seu pai agora mesmo. Estou me sentindo um adolescente namorando às escondidas. Isso é torturante, sabia? — A mão ousada segura a minha e a leva até o meio das suas pernas, fazendo-me apertar o pênis avantajado. — Quero poder ficar com você sem medo ou culpa, em qualquer dia ou horário.

— Eu sei. — Gemo ao sentir um espasmo vindo do seu membro rígido. — Mas antes me deixe falar com a mamãe. Só peço alguns dias, por favor!

Ele fecha a expressão, contrariado, mas concorda. Respiro aliviada e seguro na sua mão, puxando-o na direção da porta.

Dentro do Lamborghini Aventador, sinto o vento chicotear o meu rosto e esvoaçar os meus cabelos quando ele pisa no acelerador. Olho-o de relance e perco o ar ao vê-lo tão concentrado no volante. Os músculos tensionados marcando o terno elegante, a barba recém-feita, o olhar oceânico focado na direção, o queixo quadrado e másculo com um furinho que me deixa sem ar. Céus! Como ele é maravilhoso.

Quando paramos no semáforo, sinto seus dedos passearem por minha coxa e cavarem por baixo do short folgado que uso, alcançando o fundo da minha calcinha. Ofego ao sentir meu sexo ficando molhado e fecho as minhas pernas, receosa por estarmos no meio da rua. As cenas de nós dois nos devorando em plena luz do dia no tapete da sala retornam à minha cabeça e sinto minhas bochechas corarem, envergonhada.

— Cadu... — Mordisco o lábio e tiro sua mão de polvo da minha calcinha.

Ele sorri e me fita de lado com aquele olhar que me deixa tonta, mostrando a fileira de dentes brancos. Tenho vontade de estapeá-lo pelo seu descaramento. Ainda estou toda assada do último sexo que fizemos e, só em imaginar o que me espera nos próximos dias, gemo baixinho, sentindo minha vagina ficar ensopada, querendo-o outra vez.

Ao chegarmos na rua da minha casa, ele para o carro debaixo de uma árvore frondosa e me puxa para o seu colo, colando a boca na minha em desespero. Sinto o membro grosso e duro cutucando-me, e rebolo um pouquinho, fazendo meu homem gemer, excitado.

— Te pego à noite para jantarmos, ok? — sussurra.

— Cadu, espera... — murmuro. — Não sei se posso.

Os lábios possessivos mordiscam os meus e seguem para o meu pescoço, fazendo a minha pele se arrepiar.

— Por que não? — questiona e volta a me fitar.

— Já passei a noite fora de casa e... não sei que desculpas inventar para sair de novo. Acho melhor não nos vermos hoje. Amanhã darei um jeito.

Ele franze a testa, incomodado com a situação, mas assente, voltando a beijar os meus lábios.

— Tudo bem, princesa.

Bejamo-nos uma última vez e saio do carro. Sigo direto para casa, disposta a contar tudo para a mamãe.



CARLOS EDUARDO

Minha menina sai do carro e acena com a mão, despedindo-se e me deixando ali, louco de desejo. Passo as mãos pelos meus cabelos, inconformado em ter que me encontrar com ela às

escondidas, sentindo-me culpado por ter que enganar Felipe e completamente incapaz de me afastar dela.

Respiro fundo e dou partida no carro. Paro em um restaurante para almoçar e logo depois sigo direto para a empresa para resolver uma montanha de problemas e assinar uma pilha de papéis.

Ao chegar, encontro Felipe em sua sala de frente para o computador, distraído. Fecho os meus punhos, controlando-me para não ir até ele e dizer tudo o que está acontecendo. No entanto, me contenho. Sei que o local de trabalho não é o melhor lugar para falarmos sobre isso. Além disso, dei a minha palavra a Beatriz que iria esperar alguns dias para dizer a ele. Ela está temerosa, tem medo da reação do pai e prefere ir com calma.

Porra!

Irritado, caminho para a minha sala e entro. Sento-me na minha mesa e ligo o computador. Respondo alguns e-mails importantes e volto minha atenção para a pilha de papéis aguardando para serem analisados.

Por diversas vezes, perco a concentração e os meus pensamentos voam até ela e a noite que passamos juntos. Meu pau incha dolorosamente quando recordo do quanto foi delicioso fazê-la minha em cima do tapete da minha sala em plena luz do dia. Bia gritando enquanto eu lambia aquele grelinho vermelho, abrindo e chupando a boceta inchadinha de tanto que meti. Ofego e fecho os meus olhos, sentindo meu pênis pedir para ser libertado, sentindo-me como um tarado sem controle. Preciso usar toda a minha força de vontade para conseguir voltar ao trabalho e tirá-la da minha cabeça por um segundo.

No fim do expediente, despeço-me de todos, evitando ter conversas prolongadas com Felipe, e sigo para o estacionamento. Estou quase alcançando o meu carro quando ouço a voz familiar de uma mulher me chamando. Viro o meu corpo e vejo Raquel se aproximar.

— Cadu?

— Diga, Raquel. — Fecho os meus punhos, irritado, já esperando o veneno ser destilado. Contudo, surpreendo-me por não ser bem isso que acontece.

— Eu ... quero te pedir desculpas, *mi amor*. Sei que errei em me intrometer no seu lance com aquela... — Faz uma pausa como se procurasse a melhor maneira de continuar. — Bom, aquela menina.

Impaciente, assinto, aceitando as suas desculpas, e viro as costas. Contudo, ela volta a me

chamar.

— Por favor, espere. — Percebo que sua respiração está entrecortada e o olhar opaco, sem brilho, completamente vermelho. — Nós éramos tão bons juntos, *mi amor*. Eu perdi o controle quando percebi que estava te perdendo e ... — Ela pausa e continua me encarando.

— E o quê? — questiono.

— Eu amo você, *mi amor*. Percebi isso tarde demais, eu sei. Mas amo você, Cadu... — declara, os olhos enchendo-se de lágrimas, os joelhos curvando-se para se ajoelhar no chão. — Por favor, não me faça ficar sem você.

— Levante-se, Raquel — peço, sentindo uma mistura de incredulidade e nojo quando a vejo se arrastar no chão e abraçar as minhas pernas, humilhando-se para ter a minha atenção.

— Perdoe-me...

— Já disse que está desculpada. Agora, levante-se e vá embora — exijo, nervoso.

A mulher firma-se na minha perna e se levanta, ficando de frente para mim. Movo o meu corpo para dar-lhe as costas mais uma vez, no entanto, ela segura o meu braço com firmeza e vem para cima de mim, devorando os meus lábios de surpresa, de forma desesperadora.

Sinto o gosto de álcool e uma outra mistura nojenta que não consigo identificar. Meu estômago embrulha e o medo de que Beatriz descubra uma merda dessas me atordoa.

Seguro o seu braço e a afasto de mim, fazendo a mulher cambalear para trás.

— Perdeu o juízo, Raquel? Não cansa de ser uma puta?

— *Mi amor*, por favor... Fica comigo! — ela grita e se descabela, puxando os cabelos. Está fora de si. — Eu vou morrer sem você, Cadu.

— Tenho nojo de você, inferno! Não volte a se aproximar de mim ou da minha menina, do contrário, não responderei pelos meus atos.

— Cadu, por favor. Aquela pirralha não é mulher para você... Ela não sabe do que você gosta.

Algumas pessoas que passam pelo estacionamento se aproximam para ver o que está acontecendo. Porém, não dou importância e entro no meu carro, ainda ouvindo o choro e os gritos descontrolados de Raquel.

Olho a mulher no chão, chorando, e ligo o carro para ir embora. No entanto, meu senso de

humanidade fala mais alto e me odeio por isso. Nenhum ser humano merece ser largado assim à própria sorte.

Enquanto desço do veículo, pego o celular e ligo para um dos motoristas da empresa. Peço para o homem comparecer no estacionamento e volto a guardar o aparelho. Caminho até ela e estendo a mão para que se levante.

— Venha, Raquel — chamo e a vejo levantar a cabeça para me olhar. As maçãs do rosto estão sujas devido à mistura de sujeira do chão e as lágrimas que descem por sua face.

Ela segura na minha mão, põe-se de pé e me abraça, chorando copiosamente.

— Você voltou querido. Eu sabia que voltaria...

— Shh... Fique calma — digo, tentando tranquilizá-la e evitar que a mulher faça alguma besteira. — Não chore, vai ficar tudo bem.

Quando o motorista chega, aceno para ele ligar um dos carros de uso da empresa e a guio até o veículo.

— Ele vai levar você para casa, tudo bem? — comunico, afastando-a do meu peito.

Ela assente, ainda trêmula, e me abraça mais uma vez.

— Amo você, querido. Vamos ficar juntos, eu sei.

Preciso respirar fundo para não perder a paciência e piorar as coisas. Ajudo-a a entrar no carro, dou as instruções ao motorista e então sigo o meu próprio caminho.



CAPÍTULO 39

BEATRIZ

Assim que chego em casa, procuro mamãe para tentar contar-lhe as novidades, mas não a encontro em lugar algum. Deixo minhas coisas no quarto e desço até a piscina, sentindo meu coração leve, quente e apaixonado.

Sento-me em uma das espreguiçadeiras e ligo para ela, informando que já estou em casa. Mamãe diz que chegará mais tarde, pois está resolvendo algumas coisas na rua, e que deixou meu almoço na geladeira.

Após desligar o telefone, sigo para a cozinha, ouvindo minha barriga roncar de fome e sentindo as pernas trêmulas. Arrependo-me de não ter ficado mais tempo com ele, contudo, não poderia abusar da minha sorte.

Termino de almoçar, lavo a louça e sigo para o meu quarto. Sinto meu corpo cansado e sorrio ao relembrar o motivo. Sinto-me como uma criança que acaba de ganhar um presente. Mas, neste caso, meu presente possui quase dois metros de altura e faz obscenidades comigo.

Sinto minhas pálpebras pesarem. Meu corpo cobra o preço por ter passado a noite acordada e nem ao menos percebo quando caio no sono.

Acordo com o corpo mole e dolorido. Levanto-me e ainda sinto aquela ardência entre as pernas, da mesma forma de quando acordei pela manhã. Tomo um banho rápido, coloco uma roupa leve e desço. É quando vejo mamãe entrar pela porta carregando algumas sacolas, contendo mudas de plantas.

Quando ela me olha, não consigo esconder o sorriso de felicidade e corro para ajudá-la.

— Oi, mamãe — cumprimento-a e pego uma das sacolas.

— Oi, querida. Me ajude com essa aqui — pede, entregando-me uma outra muda repleta de espinhos.

Ajudo-a a carregar as plantas até a área dos fundos e depois me sento.

Mamãe lava as mãos e caminha até mim com as sobrancelhas erguidas. Pelo seu olhar, já posso imaginar que há mil perguntas na sua cabeça.

— Posso saber onde esteve, mocinha? — indaga e senta-se em outra cadeira de frente para mim. — Nem adianta dizer que estava com Gracy. Liguei na casa dela hoje de manhã e a mãe da sua amiga disse que ela estava dormindo e que você não estava com ela, nem mesmo quando chegou da festa.

Engulo em seco, sentindo meu corpo tremer, nervosa. Contudo, concluo que não há nada a temer. Imagino que mamãe já saiba com quem eu estava e está apenas esperando que eu confirme.

Esfrego minhas mãos uma na outra e cruzo as pernas, um pouco envergonhada. Contudo, o sorriso no meu rosto me entrega.

— Querida, você e o Cadu...

— Sim, mamãe. Passamos a noite juntos — confirmo.

— Eu sabia. Esse sorrisinho apaixonado não engana ninguém, menina.

— Meu Deus, mãe. É tão obvio assim? — Desvio o olhar e sorrio, envergonhada.

— Quer mesmo que eu responda? — Olho na sua direção e a vejo esboçar um sorriso divertido. — Não precisa ficar com vergonha, menina. Sou sua mãe e também sou mulher. Entendo o que está sentindo.

— Tudo bem. É que é estranho falar dessas coisas com a senhora, dona Karine.

Arqueio uma sobrancelha e ela sorri, balançando a cabeça.

— Como será agora, filha? Digo... Foi só dessa vez ou vão continuar se encontrando? Espero que tenham se protegido, mocinha.

Sinto um frio gelado na barriga quando ouço sua pergunta sobre termos nos protegido, no entanto, respondo-lhe, omitindo alguns fatos e acrescentando outros:

— Bom, sim... O Cadu me pediu em namoro. Na verdade, ele quer pedir a minha mão para o papai, mas insisti para ele esperar um pouco, até eu conversar com a senhora. Acho que o papai não vai encarar isso com bons olhos.

— Sim, tem razão, querida. Nem quero ver o dia que ele descobrir tudo. Vai ficar uma fera. — Seu olhar sereno passa de divertido para preocupado.

Levanto-me e fico de costas. Abraço o meu corpo e fito as pequenas plantas que ela trouxe consigo.

— Tenho medo que o papai cometa alguma besteira. Ele sempre confiou cegamente no Cadu. Será um choque grande — comento, aflita.

— Sim, é verdade. — Ela também se levanta e caminha até onde estou, tocando o meu ombro. — Mas não tem que ficar pensando nisso. — Viro o meu corpo na sua direção e mamãe coloca as mãos sobre os meus ombros. — Apesar de tudo, seu pai precisa entender que você não é mais uma menininha. É uma mulher, linda e inteligente, que corre atrás dos seus objetivos e sabe o que quer.

Meus olhos marejam quando escuto suas palavras, e a abraço.

— Obrigada... Obrigada por tudo. — Seco as minhas bochechas usando a palma da minha mão e continuo: — O seu apoio é muito importante para mim.

— Não chore, querida. Saiba que tenho muito orgulho da pessoa que você se tornou.

Afasto o meu corpo do seu abraço e sorrio, ainda mais feliz.

— Também sou orgulhosa de tê-la como a minha mãe.



Alguns dias depois.

Enquanto meus pais me aguardam na sala, termino de me arrumar, borrifando um perfume suave no meu pescoço. Olho uma última vez no espelho e sorrio, aprovando o resultado.

O vestido preto e discreto com mangas compridas, batendo na metade das minhas coxas, cai como uma luva sobre o meu corpo, valorizando as minhas curvas. Dou uma voltinha, sentindo o movimento balançar os meus cabelos, e pego a minha bolsa.

Meu corpo está exasperado em expectativa para chegarmos logo ao casamento de Priscila e eu poder ver meu namorado dentro de um terno elegante. A última vez que nos vimos foi há dois dias, quando fizemos amor em um motel próximo à faculdade durante o intervalo de almoço dele.

Desço os degraus quase correndo e sou amparada por papai, que segura a minha mão e me faz dar um giro na sala.

— Gostaram? — pergunto e dou mais uma voltinha.

— Com certeza está mais bonita que a noiva — diz meu pai, sorridente.

— Está perfeita, querida — diz mamãe, piscando o olho. Ela mais que ninguém sabe o motivo da minha empolgação.

Abro um sorriso imenso e seguimos para o carro. Ao chegarmos na igreja, sento-me em um dos bancos da frente, ao lado dos meus pais, e aguardo a cerimônia começar.

Em alguns instantes, vejo o Cadu chegar com a sua mãe e caminhar na nossa direção. Ele está maravilhoso, todo elegante com seu paletó preto e gravata borboleta. Os cabelos bem penteados, a barba bem-feita. Meu coração dá um salto quando ele me olha e sorri por poucos segundos, mas logo retoma a postura séria e nos cumprimenta com um aperto de mão.

Dona Rebeca também nos cumprimenta sorridente e olha para a minha mãe de soslaio como se para confirmar se ela sabe de algo. Quando mamãe pisca um olho e olha para o Cadu disfarçadamente, vejo dona Rebeca abrir um sorriso brando e abraçá-la alegre.

Minhas bochechas coram e meu coração dispara quando sinto a mão do Cadu procurar a minha enquanto conversa com o meu pai. Ele a acaricia de leve, fazendo uma corrente elétrica correr por todo o meu corpo devido à temperatura do seu toque, e depois a solta, deixando-me trêmula e quase sem ar. Uma mistura de adrenalina e medo me invade.

Eles seguem até o altar e cada um toma o seu lugar. O Cadu será padrinho do casamento

com uma outra amiga da noiva. Infelizmente, quando eu e Priscila nos conhecemos, os padrinhos e madrinhas já estavam definidos e ela me pediu um milhão desculpas.

Mas tudo bem também. Sinto-me feliz por saber que em alguns instantes ela estará se casando com o amor da sua vida, enquanto o meu não para de me olhar.

A noiva entra na igreja, tão linda quanto uma princesa, e a cerimônia se inicia. Tento focar minha atenção no casal, mas vez ou outra meu olhar recai sobre o homem elegante, em pé, próximo ao altar. Os olhos oceânicos e brilhantes se encontram com os meus e não consigo disfarçar um sorriso modesto. Preciso desviar a atenção para não entregar a todos os presentes o segredo que guardamos.

Quando o casamento termina, espero que os noivos e padrinhos sigam para a saída da igreja. Parabenizo os recém-casados e sigo para o carro para aguardar os meus pais e seguirmos para o local da festa.

O local do evento é amplo e bem iluminado. A decoração é requintada e elegante, com detalhes prateados e dourados nas paredes. Muitos lustres e arranjos aéreos dão um toque romântico e alegre na decoração, além das mesas de doces espalhadas pelo salão, decoradas com lindas flores brancas.

Fico encantada com o requinte e bom gosto agregado a cada detalhe. Meu sorriso se amplia ao imaginar que algum dia poderá ser eu.

Meus pais se encontram com alguns amigos e aproveito para pegar um drink e aguardar o Cadu chegar. Encontro um salão decorado com sofás e almofadas e sento-me. Após alguns minutos, recebo uma mensagem dele, informando que chegará em alguns instantes.

Os minutos se arrastam demoradamente. Balanço a perna cruzada em cima da outra por diversas vezes enquanto observo algumas pessoas andarem de um lado a outro no salão. Pouco tempo depois, eu o vejo se aproximar e seu sorriso se ilumina ao pôr os olhos em mim. Meu coração bate descompassadamente dentro do meu peito a cada passo que ele dá.

— Oi. — Senta-se do meu lado e passa a mão pela minha cintura. — Que saudades, querida.

A boca quente vai de encontro à minha, mergulhando a língua morna para o meu interior, roubando-me um beijo ardente.

— Cadu... Espera. — Afasto-o sem ar. — Não podemos fazer isso aqui.

Percebo que algumas pessoas nos observam surpresas, mas voltam a nos ignorar.

— Bia... Eu não suporto mais essa situação — sussurra — Quero poder beijar e abraçar você em qualquer lugar. Sem medo!

— Eu sei, mas precisa esperar um pouco — digo temerosa.

— Porra, Bia! Tem ideia de como estou me sentindo por não poder tocar você? Estou enlouquecendo.

— Logo iremos mudar isso, Cadu. Por favor, espere mais um pouco.

Ele suspira pesadamente e toca o meu queixo.

— Do que tem medo, Bia? Por acaso sente vergonha por eu ser mais velho? Diz! — Vejo a mágoa se aposar do seu semblante, e então ele se afasta. — Não sou mais um garoto para continuar com joguinhos, menina.

— Não diga isso. — Eu me aproximo mais do seu corpo e sussurro: — Claro que não tenho vergonha. Por acaso já se olhou no espelho, tio? — Sorrio, provocando-o.

Sua expressão se fecha mais, fazendo-o fechar os punhos.

— Do que tem medo, Beatriz?

— Tenho medo por você, Cadu. Não sei qual será a reação do papai — confesso.

— Eu me entenderei com ele, menina. O que não suporto mais é continuar assim, distante. Sem poder beijar ou tocar você sempre que eu quiser. Minhas bolas vivem doendo de tanto tesão reprimido.

Não consigo disfarçar um sorriso e gargalho, vendo o Cadu sorrir também.

— Também estou louca para fazer algumas coisas com você... — confesso, mordiscando o lábio, voltando a me aproximar.

Nossos lábios se encontram outra vez em um beijo lento e sensual.

— Quero fazer amor com você, querida. Meu pau está queimando...

— Acho que podemos fugir um pouquinho, o que acha? — pergunto baixinho, próximo ao seu ouvido.

— Meu apartamento?

— Hum. Acho que não. Tenho outro lugar em mente — digo e me afasto. — Me encontre lá fora em alguns minutos.

Ele sorri, passando a mão em cima do pênis disfarçadamente, e balança a cabeça em concordância.

Tomo distância, rebolando e olhando na sua direção, sorridente, tendo o olhar azulado focado na minha bunda. Assim que passo pela área da piscina e sigo na direção do portão, escuto alguém me chamar e então paro no meio do caminho.

Vejo Victor caminhando na minha direção, aproximando-se com um sorriso no rosto.

— Bia? — chama. A expressão leve, decidida. O olhar focado nos meus olhos. — Como está linda.

— Obrigada! — Forço um sorriso amarelo e olho em volta à procura do Cadu. Sei que ele não ficará muito satisfeito se me vir conversando com o Victor.

— Está sozinha? — pergunta e toca a minha mão, levando-a até seus lábios, depositando um beijo.

— Estou com os meus pais — respondo nervosa.

— Posso te fazer companhia? — Sinto minhas pernas tremerem e minha respiração falhar quando ele dá mais um passo na minha direção, quase colando os nossos corpos.

— Victor, olha, não podemos... — No entanto, sou interrompida por sua boca ávida que procura a minha de repente.

Nervosa, desvio o meu rosto e sinto sua respiração descompassada no meu pescoço. Empurro-o.

— Bia... Quero que seja a minha namorada.

— Sinto muito, Victor, mas eu amo outra pessoa. Sempre deixei isso claro para você!

Os olhos escuros me fitam tristes e meu coração se aperta. No entanto, sinto cada músculo do meu peito se enrijecer quando ouço a voz do Cadu nas minhas costas e logo as mãos firmes e possessivas me seguram pela cintura.

— Ela já tem um namorado, frangote. Afaste-se da minha mulher.



CAPÍTULO 40

CARLOS EDUARDO

— Se divertindo, Beatriz? — digo hostil, virando-me para ela, vendo o fedelho se afastar.

O ciúme me toma de forma dolorosa. Meu sangue ferve sem controle, as lembranças amargas me atingem.

— Cadu, eu... — Ela tenta se explicar, mas sua voz não sai. Está nervosa, trêmula.

Preciso respirar fundo para não fazer uma besteira. Meus nervos se afloram mais, a imagem dele tentando beijá-la não sai da minha cabeça. Victor nos encara surpreso, como se não acreditasse no que está vendo, e questiona na direção de Beatriz:

— É por causa dele que você nunca me deu uma oportunidade, Bia? É ele o homem que você vive dizendo amar?

Beatriz assente de forma silenciosa e meu coração dispara. Passo a mão por meus cabelos, nervoso, sem saber o que dizer ou como reagir. A verdade é que, por um instante, pensei que ela seria como a outra, uma mentirosa que apenas me usou. Mas, agora, vendo-a me encarar receosa, os olhos lacrimejando, a confissão de Victor sobre os sentimentos dela, percebo o quão idiota sou.

— Sim, é por causa dele, Victor. Sinto muito por nunca ter podido corresponder aos seus

sentimentos.

Victor olha de mim para ela, alarmado. Vejo em seu semblante que o que sente por ela é real. É exatamente assim que eu ficaria se descobrisse que a mulher que amo é apaixonada por outro.

Logo em seguida, ele assente com a cabeça e sai desnortado, perdido.

Um bolo se forma em meu peito quando ela me abraça, trêmula, a voz entrecortada.

— Cadu, ele tentou... Eu não fiz...

— Bia — chamo o seu nome, interrompendo-a, e faço com que ela me olhe. Os olhinhos verdes brilham, fazendo meu coração disparar desesperadamente. — Eu amo você, pequena. — Abraço-a e enfio meu nariz nos seus cabelos. — Sei que você não fez nada.

Digo isso para ela e para mim mesmo, colocando uma pedra no passado e permitindo que o presente e o futuro me abracem. Deixo para trás as amarguras que me fizeram duro e permito que minhas muralhas caiam por terra. Beijo os seus lábios e pego Beatriz nos braços, ouvindo-a gritar assustada. Levo-a até o carro, estacionado do outro lado da rua.

— E então, para onde estamos indo? — pergunto, lembrando que ela havia dito ter um lugar em mente para irmos.

Um pouco mais calma, Beatriz passa as instruções, e eu sigo a rota até sairmos da cidade. No caminho, ela conecta o celular ao *bluetooth* do carro e seleciona uma playlist do Zayn. Ao chegarmos no local indicado, perco o fôlego ao ver que é a mesma praia do *resort*, iluminada pela luz da lua cheia. A esta hora, está deserta.

Beatriz tira as sandálias e sai do carro, sorridente. A brisa do mar balança os cabelos longos e sedosos, e, então, peça por peça, ela começa a tirar a roupa. Com o olhar cravado no dela, saio do carro e caminho até Beatriz, admirando cada pedacinho do corpo nu que tanto me enlouquece.

Seguro minha menina pela cintura e encosto minha boca na sua, minhas mãos descendo até o traseiro durinho, apertando-o.

— Eu quero você aqui, amor... — sussurra e leva a mão até a minha camisa.

Gemo baixinho ao alcançar os seios pequenos e apertá-los. Como se minha vida dependesse disso, começo a apalpar o seu corpo em todos os lugares, gravando as formas das curvas dela na minha mão.

— Porra! — Grunho quando ela termina de retirar o meu terno, abre os botões da minha camisa e depois enfia a mão dentro da minha calça, arrancando o meu pau para fora. — Eu nunca pensei que pudesse desejar alguém tanto assim. — Deslizo minhas mãos até o interior das suas pernas e acaricio o triângulo do seu sexo. — Meu pau está tão duro que chega doer.

Ela sorri baixinho e mordisca o lábio. Segura meu pênis com firmeza e o masturba devagar, arrancando outro gemido da minha garganta, enlouquecendo-me.

— Perfeita para mim — murmuro.

Abraço Beatriz com força, ergo-a do chão e a levo na direção do carro. Quando me aproximo o suficiente, coloco o seu corpo em cima do capô, com as pernas abertas, e me posiciono entre elas.

Começo chupando os peitinhos pequenos, lambo e sugo os bicos durinhos até fazê-la se contorcer de prazer. Quando alcanço o pescoço delicado, mordisco e chupo a pele macia, deliciando-me com seu gosto e o seu cheiro.

— Cadu... Meu Deus...

Continuo lambendo-a toda, abro as suas pernas e arreganho os lábios da sua boceta, meto e retiro a língua várias vezes. Subo novamente com movimentos libidinosos e alcanço a sua boca. Chupo e mordo sem pena, devorando-a, demonstrando o quanto ela me enlouquece.

Ainda vestido, termino de descer o zíper da minha calça e levo o pau até a entradinha melada. Com uma única estocada entro todo dentro dela, deixando Beatriz arfante, a respiração errática.

— Aiii — ela grita e firma os braços no capô do carro, levantando a cabeça para me ver entrando todo.

— Vem, princesa, olha o seu macho te comendo. — Alcanço os cabelos da sua nuca e puxo, deixando seu pescoço à mercê da minha boca. — É gostoso, não é?

Giro o quadril, alucinado, vendo a boceta pequena e esticada além do limite, engolindo-me por completo.

— Sim... Sim... — Ela grunhe e eu saio do seu corpo. Sorrio quando ela reclama, mas, para suprir a sua necessidade, coloco a minha menina de quatro em cima do capô e abro as bandas do traseiro gostoso.

Sem cerimônia, enfio o meu rosto entre as suas pernas e meto a língua no anelzinho virgem.

Minha respiração acelera quando enfio um dedo na entrada do sexo escorregadio e sinto seus líquidos descendo, melando a minha mão. Beatriz ofega e choraminga mais, empinando a bunda, dando-me total acesso ao seu corpo.

Afasto-me e subo para as suas costas, mordendo e lambendo sua pele enquanto masturbo o meu pau. Puxo Beatriz para mim e a abraço por trás, perdido no momento que nos envolve, sentindo o meu membro quente esmagado entre o meu corpo e o dela.

Seguro o seu queixo com brusquidão e faço com que ela vire o rosto na minha direção. Chupo os lábios deliciosos com vontade, mordo e penetro a língua na sua boca de forma imoral, dura e crua.

Ela geme mais, perdendo o equilíbrio das pernas, e eu a seguro entre os meus braços. Abro a porta do Aventador e a coloco sentada no banco do carona.

O olhar cheio de luxúria fixa-se no meu, faminto e guloso. Os cabelos compridos grudam no corpo suado, deixando Beatriz extremamente sexy, um verdadeiro pecado em forma de mulher.

— Bia ... — gemo o seu nome e fecho os meus olhos quando ela segura o meu pau e o leva até a boca. Lambe a cabeça robusta, suga os nossos líquidos e depois chupa, engolindo-o quase todo. Seguro os seus cabelos, formando um rabo de cavalo, e acaricio o seu queixo, voltando a abrir os olhos para fitá-la.

Os estalos das suas chupadas no meu pau lambuzado me deixam louco e preciso me segurar para não gozar em sua boca como um animal no cio.

— Querida... — Tento sair da sua boca, mas ela parece estar disposta a ir até o fim. — Bia, vou encher a sua boca de porra se você não parar — advirto ao sentir o meu corpo tremer e as ondas do prazer se apossarem das minhas bolas. — Porra!

Afasto o meu corpo, tentando me controlar, mas ela crava os dedos nas minhas coxas, ao mesmo tempo em que abocanha meu pau todo, impedindo que eu o retire da sua garganta.

É o meu fim.

O primeiro jato sai forte, fazendo-me ranger os dentes tamanho é o prazer que sinto. Seguro-me na porta do carro, firmando-me para não desabar no chão, e me entrego à sensação do prazer, sentindo minhas bolas se contraírem, liberando todo o tesão acumulado.

Beatriz engasga e se afasta um pouco, tomando outro jato forte entre os lábios. Meu gozo mela o seu queixo e escorre por seu pescoço, fazendo o meu prazer se prolongar com a cena mais erótica e deliciosa que já vi em toda a minha vida.

Louco e insensato, puxo as suas pernas na minha direção, fazendo a minha menina se deitar bruscamente, e monto o seu corpo, enterrando-me todo dentro dela, até o talo.

— Oh, céus! — Ela reclama devido à invasão inesperada, mas não paro, o prazer ainda me consumindo.

Meto forte. Profundo. Uma, duas, três vezes, fazendo Bia gritar mais e me arranhar alucinada. O interior do carro é tomado pelo som dos nossos sexos lambuzados chocando-se, nossas bocas resfolegando uma na outra, e então a sinto estremecer.

Enfio uma última vez e sinto a boceta gulosa contraindo-se, liberando todo seu prazer.

Beatriz abre a boca formando um "O" e fecha os olhos. Suas unhas cravam-se nos meus braços, o corpo tremendo, o suor escorrendo por sua testa. Puxo o ar para os meus pulmões e desabo em cima dela, sentindo-me saciado e de peito inflado.



CAPÍTULO 41

CARLOS EDUARDO

A música *First do SoMo* começa a tocar baixinho no som do carro, fazendo-me relaxar mais, quase dormindo em cima dela. A letra praticamente define o que acabamos de fazer aqui.

— Cadu... — Beatriz reclama debaixo do meu corpo e coloca a mão no meu ombro. — Você está... me sufocando.

Sorrio com a respiração entrecortada e apoio um braço no banco, ao lado das suas costelas. Afasto-me um pouco e a encaro.

— Ajoelhou tem que rezar, menina! Estou morto de cansado.

— Você é pesado. Quase me esmaga. — Sorri e retiro um punhado de cabelo que gruda no meu pescoço. — Já não basta ter quase me afogado com um litro de esperma?

Gargalho e me afasto mais, retirando o meu pau da sua entrada. Beatriz ofega e contrai o corpo.

— É o preço que se paga por ter deixado seu homem louco, danada.

— Eu amo deixar você louco — confessa com carinha de safada, mordiscando o lábio.

— Eu sei... — Curvo meus lábios em um sorriso e tiro mais alguns fios de cabelo do seu rosto e pescoço. — Me deixou tão louco que cometi a maior loucura de toda a minha vida.

— Por acaso está arrependido, senhor Ferraz? — questiona.

— Nem um pouco. Faria tudo de novo se fosse preciso. — Acaricio o seu queixo e ela toca a minha mão, retribuindo a carícia. Seu sorriso se abre brandamente, mas então logo vejo um resquício de preocupação tomar a sua face.

— Amor, olhe o meu estado. Como poderei voltar para a festa assim? — diz, referindo-se ao cabelo molhado de suor e ao esperma escorrendo pelo pescoço.

— Para mim, você está perfeita. — Pisco.

Ela fecha a cara, irritada.

— Cadu, estou falando sério. Mesmo que eu me lave na água do mar, como explicarei meu cabelo molhado para o papai e a mamãe? Não dá para simplesmente inventar uma desculpa.

Respiro fundo, entendendo perfeitamente o que ela quer dizer, e tomo a decisão mais sensata possível, algo que eu já deveria ter feito há muito tempo.

— Ainda hoje irei conversar com o seu pai, Beatriz. Chega de omitir sobre nós dois. Poderemos ficar juntos onde quisermos, você poderá ir a eventos como minha namorada e dormir em minha casa ...

Ela arregala os olhos, surpresa.

— Cadu... mas...

— Bia, por favor. Chega disso! — Levanto-me e subo o zíper da calça. — O Felipe precisa saber. Ele é meu amigo, como acha que me sinto escondendo algo assim dele?

— Céus! Eu vou morrer de vergonha — diz, tapando o rosto com as duas mãos.

— Vem, querida. Precisamos encarar as consequências, não há outra saída — digo e estendo a mão para ela se levantar.

Ela segura a minha mão e assente com a cabeça. Beijo seus lábios mais uma vez e aguardo que ela se vista. Contudo, sou surpreendido quando Beatriz corre na direção do mar e vira-se para mim.

— Vem, Cadu... — Sorri enquanto dá alguns passos para trás dentro da água e prende os cabelos no topo da cabeça para não molhar. — Entre aqui comigo.

— Bia... — Tento adverti-la e pedir para ir embora, mas o traidor do meu pau começa a ficar duro de novo e o corpo dela nu, banhado pela luz da lua, me deixa tonto.

Fascinado, dou alguns passos na sua direção, vendo a minha menina sorrir tendo as ondas suaves como pano de fundo.

Caralho, Bia.

Com o olhar preso nos dela, retiro a minha camisa, seduzido, e a jogo na areia. Faço o mesmo com a calça e a cueca *boxer*.

De repente, sinto um arrepio estranho na espinha e uma sensação ruim me toma, no entanto, ignoro e continuo andando até sentir a água fria tocando os meus pés.

Beatriz corre na minha direção e pula em meus braços, entrelaçando as pernas na minha cintura, grudando os lábios na minha boca, feliz.

Seguro o seu quadril com firmeza e caminho com ela dentro do mar até ter metade dos nossos corpos cobertos pela água azul do oceano. Ela se enrosca mais em mim, acaricia os meus cabelos e procura a minha boca. Nossos corpos se arrepiam por causa do vento que sopra sobre nossas peles molhadas. Permanecemos assim, em silêncio, amando-nos devagar entre beijos e carícias, tomados pela sensação deliciosa de estarmos abraçados.

Quando saímos da água, forro a minha camisa na areia e me deito, trazendo minha menina comigo, por cima do meu corpo.

Beatriz monta no meu pênis e desce lentamente, entregando-se mais uma vez ao nosso desejo.

Prendo a respiração e a deixo comandar o ritmo, subindo e descendo devagar até não aguentarmos mais e então gozamos juntos, entre gritos e gemidos ofegantes, beijos ardentes e arranhões.

Ela encosta a cabeça no meu peito e permanecemos assim, em silêncio, até nossas respirações se normalizarem. De volta à realidade, lembro que temos que voltar. Afinal, fugimos da festa sem qualquer explicação, devemos satisfação aos seus pais.

— Vamos, querida? Precisamos voltar — chamo, e ela concorda.

Percebo no seu olhar que está receosa pelo que vamos enfrentar, contudo, assente e levanta-se.

Já vestidos, entramos no carro e dou a partida. Dirijo devagar, com a mão em cima da sua

coxa, acariciando-a enquanto reflito sobre tudo, embora a tensão se faça presente em cada célula do meu organismo. Apesar de tudo, sou um homem maduro e vivido. Tenho responsabilidades, e a primeira delas é assumir as consequências dos meus atos.

Antes de voltarmos para a festa, passo no meu apartamento às pressas e troco a camisa amarrotada e coberta de areia. Beatriz, retoca a maquiagem usando algumas coisas da pequena bolsa de mão, arruma o vestido e os cabelos, e retornamos para o carro.

Enquanto dirijo, perdido em pensamentos, tomo um susto quando o celular da Bia toca e ela atende. Estaciono o carro no acostamento às pressas quando a vejo pôr a mão sobre os lábios e começar a chorar, aflita.

— Querida, o que foi? — Pego o celular da sua mão e a abraço, sentindo seu corpo tremer por causa dos soluços.

— Cadu, era a Gracy... O Pedro... Ele... — Sua voz falha.

— Bia, respira. Fale com calma — peço, segurando-a pelos ombros.

— Ele foi levado para o hospital em estado grave em decorrência de uma overdose... — Ela soluça novamente, e sinto meu sangue gelar. Apesar de ele ter sido um babaca idiota, entendo que sempre foram amigos. — Ele está morrendo.

Abraço-a mais forte e sussurro:

— Querida, tenha calma. Vai dar tudo certo.

— Preciso que me leve até os meus pais para que possamos ir ao hospital. — Ela afasta o corpo do meu, mas não me encara. — O Pedro teve umas atitudes estranhas de certo tempo para cá e por isso me afastei dele. Mas ... — Ela puxa o ar com força e continua: — Sempre fomos amigos e não consigo ser indiferente a isso.

Assinto, sabendo exatamente o que ela quer dizer, mas nada digo.

A sensação ruim que eu havia sentido volta com mais força e eu seguro forte no volante, incomodado. No entanto, volto a ligar o carro e sigo em frente.

Ao chegarmos no salão da festa, observo todos os lados antes de descer do Aventador, certificando-me de que esteja tudo em ordem. Aparentemente, está tudo em seu devido lugar.

Beatriz desce primeiro e caminha na direção do portão, passando a mão pelos cabelos, nervosa. Saio do carro e bato a porta, mas, antes que eu dê um passo para acompanhá-la, ouço o toque de mensagens do meu celular.

Pego o aparelho e abro a mensagem, sentindo todo o sangue esvair do meu corpo quando vejo o conteúdo. Minha testa sua e a tensão toma conta do meu organismo ao ver inúmeras fotos nossa em situações comprometedoras: nós dois nos beijando perto da piscina do salão, Beatriz sendo carregada até o carro nos meus braços, a sombra dos nossos corpos nus, devorando-nos dentro do mar.

Mais embaixo, há uma legenda que faz o meu sangue ferver como fogo.

Você mentiu para mim, *mi amor*. Disse que ficaria tudo bem. Mas não cumpriu, continuou com ela.

Aflito, abro a boca para gritar o nome de Beatriz e impedir que ela siga até Felipe, temendo que ele também tenha recebido as imagens.

No entanto, é tarde mais.

Vejo Felipe sair pelo portão enraivecido enquanto conversa quase gritando com a dona Karine, dando de cara com Beatriz. Corro na direção de ambos, quando ele segura o braço da minha menina com brusquidão e a ouço gemer, assustada.

— Papai, o que... — Ela procura uma explicação para o seu comportamento irado, mas eu a interrompo.

— Não ouse machucá-la, Felipe, ficou louco?

— Felipe, solte a menina, homem — pede sua esposa, aflita, tentando puxar Beatriz para o seu lado.

Quando ele ouve a minha voz, vira a cabeça e caminha na minha direção. Vejo a raiva dançar em seus olhos, a mágoa, o sentimento de traição.

Engulo a minha saliva ao sentir um gosto amargo se apossar da minha garganta, mas permaneço no mesmo lugar. Sei que mereço isso. Mereço o seu ódio e o seu desprezo, e não me resta mais nada a não ser me desculpar por amar a sua filha.

— Desgraçado!

— Felipe, eu... — Ainda tento me explicar, mesmo não tendo muito o que dizer, mas a força de um soco me atinge em cheio na boca e o gosto metálico do sangue invade o meu paladar.

Dou um passo para trás, cambaleando, mas consigo me firmar.

— Seu miserável, maldito! Eu confiava em você, porra!

— Não, papai... — Ouço a voz de Beatriz aproximando-se, desesperada, mas nem ao menos consigo vê-la, pois, antes que eu me recupere, sinto outro soco atingindo o meu maxilar. — Por favor, não o machuque. — Percebo que ela está chorando.

— Não se aproxime, Beatriz! — ordena ele, e eu aceno para ela obedecê-lo.

Tento me proteger dos golpes e fazer Felipe se acalmar, mas é em vão. Ele está tão furioso que é quase impossível fazê-lo voltar à consciência. Vários golpes me atingem, no olho, nariz e maxilar, fazendo a minha cabeça zunir, deixando-me tonto.

— Você é um hipócrita. Um traidor. Se aproveitou da minha filha pelas minhas costas... Seu pedófilo de merda.

Ouvir essas palavras é como um soco no meu estômago. Dói muito mais do que o corte que se abriu nos meus lábios e agora mina sangue. Levo minha mão aos meus lábios, sentindo o líquido denso escorrer, e já sinto minhas pálpebras incharem.

— Felipe, não é nada disso... — Tento me justificar, mas ele não me dá espaço, vindo para cima de mim outra vez, ignorando os gritos e os apelos de Beatriz e a sua esposa.

Vejo um grupo de pessoas nos cercarem, chocados, mas nem isso o impede de me segurar pelo colarinho e meter outro soco, dessa vez acertando o meu nariz. Rodopio no meio da rua, quase perdendo o equilíbrio. Ao longe, ouço os gritos da minha menina, chorando sem consolo.

— Você é podre, Eduardo! Sujo! Mesmo sabendo o galinha de merda que você é, não pensei que fosse tão nojento a ponto de fazer isso com a minha filha. Miserável!

— Felipe... Eu amo a Bia — digo, ofegante, sentindo o sangue escorrer pelo meu nariz e a minha boca.

— Ama a minha filha? — Ele gargalha sarcástico, a voz tão trovoada que parece um demônio. — Você não ama ninguém, seu hipócrita, nem a si mesmo.

Olho para as pessoas à minha volta, encarando-me como se eu fosse um assassino ou algo pior, e sinto a vergonha me atingir como nunca antes. Céus, o que eu fiz?

Passo a mão pelos meus cabelos, sentindo meu rosto, arder e vejo Beatriz chorando abraçada à sua mãe. Ela não merecia passar por isso. A culpa me consome.

As palavras ainda vivas de Felipe gritam na minha cabeça, fazendo com que eu me sinta um merda, um nada.

— Vamos embora, Beatriz! Você está proibida de se aproximar desse homem outra vez!

— Papai, não.

Ela se desvencilha dos braços da sua mãe e corre na minha direção, abraçando-me.

— Querida... — Envolver o seu ombro e fecho os meus olhos quando ela coloca a cabeça no meu peito e soluça.

— Eu não vou deixar você, amor.

Céus! Não mereço ser amado assim. Nunca pensei que seria, nem em mil anos.

— Vamos, Beatriz. Já chega dessa palhaçada!

Ouçoo a voz e Felipe nas suas costas e ela balança a cabeça em negativa. Contudo, sei que este não é o melhor momento para confrontá-lo. Está nervoso e eu não tiro a sua razão. Até eu me revoltaria vendo aquelas imagens.

— Bia, olhe para mim — peço e seguro o seu queixo, fazendo-a me encarar. — Vá com ele, princesa. Vai ficar tudo bem.

Vejo decepção em seu olhar. Ela deve estar pensando que desistirei de nós dois, mas isso nunca passou pela minha cabeça.

— Confie em mim, meu amor. Por favor!

Ela assente e suspira, afastando-se. Deixo meus ombros caírem, cansados, e o aperto em meu peito se intensifica a cada passo que ela dá para mais longe de mim.

Mas ainda falo, dirigindo-me ao Felipe:

— Eu explicarei tudo quando estiver calmo, Felipe. Meus sentimentos pela Bia são profundos e sinceros. Nos falaremos amanhã.

Em resposta, ele simplesmente bufou e range os dentes.

Beatriz caminha devagar no meio da rua, um pouco atrás de Felipe e Karine, vez e outra olhando na minha direção. Contudo, antes que ela alcance o carro, ouço o disparo de um tiro vindo do meio da multidão.

Todos se abaixam, amedrontados, mas eu nem ao menos penso em me proteger quando vejo

a minha menina cair no chão, inconsciente.

— Beatriz! — grito enlouquecido, sentindo uma lágrima transbordar pelos meus olhos e queimar a minha face como fogo líquido.

O desespero me toma.



CAPÍTULO 42

CARLOS EDUARDO

Corro o mais rápido que consigo na sua direção, o vento chicoteando-me o rosto, fazendo as feridas arderem como nunca. Antes de alcançá-la, tenho o ímpeto de me virar. Então, vejo a silhueta de alguém se afastando no meio da multidão.

Não consigo ver com nitidez, mas percebo que é uma mulher. O porte físico e a mensagem que recebi mais cedo não me deixam dúvidas. É a Raquel. Maldição!

Fecho os meus punhos, agoniado, e continuo correndo na direção de Beatriz. Vejo sua mãe ajoelhando-se desesperada ao seu lado, e logo depois Felipe. Aproximo-me e caio de joelhos no chão quando vejo o líquido vermelho escorrendo do seu peito e pintando o asfalto. Olho para o seu rosto pálido, inconsciente, e desejo ser eu no seu lugar, sentindo a dor que ela sentiu antes de desmaiar.

— Beatriz, minha princesa... — Toco a sua testa, trêmulo, retirando algumas mechas de cabelo do seu rosto, e é quando vejo um corte profundo na sua testa. O sangue mina do ferimento e escorre na minha mão, dando a entender que ela desmaiou quando bateu a cabeça no meio fio. — Meu Deus... Querida... Não morra. Por favor, não morra.

Enquanto ouço a voz de Felipe chamando os primeiros socorros, gemo rouco, sentindo meu

coração sangrar com a possibilidade de perdê-la. Mas quando encontro um batimento cardíaco, mesmo que fraco, e a sinto respirar, é como se a vida voltasse para o meu corpo.

No entanto, o que mais me preocupa é o sangue que mancha a sua roupa sem pena. Nem ao menos percebo quando sigo meus instintos e rasgo a parte de cima do seu vestido, expondo a ferida acima do seu seio. Arranco um pedaço da minha camisa e pressiono o ferimento, tentando a todo custo conter o sangramento.

Abaixo meu rosto até os seus cabelos e beijo os fios, sentindo o mundo ruir à minha volta, enquanto as lágrimas rolam por minha face sem controle.

— Você vai ficar bem. Eu sei... — sussurro, tentando acreditar que tudo não passa de um sonho ruim, que logo irei acordar e vê-la em cima de mim, sorrindo, expondo as covinhas das suas bochechas.

Escuto sua mãe chamando o seu nome com desespero, como se estivesse distante. Os minutos se arrastam demoradamente, parecem transformar-se em horas. Ouço o barulho de sirenes, vozes e gritos distantes, mas nada me faz tirar a concentração dela.

Então, alguém me puxa para trás, e vejo Beatriz ser cercada pelos paramédicos que logo a imobilizam e a colocam em cima de uma maca.

Levanto-me o mais rápido que posso e faço menção de entrar na ambulância com ela. No entanto, Felipe me impede, destruindo-me ainda mais. Sinto alguém me abraçar com força e o seu cheiro materno me acalma um pouco.

— Fique calmo, querido. Vai ficar tudo bem... Nossa menina vai ficar bem — diz minha mãe, acariciando as minhas costas, acalutando-me.

Respiro fundo e a abraço de volta, em busca do alívio que não vem.

Uma fina garoa começa a cair e logo se transforma em uma forte chuva. Um pouco mais calmo, sigo com a minha mãe até o carro e rumo na direção do hospital para onde ela foi levada. Na sala de espera, aguardo por horas a fio uma única notícia. Felipe e Karine também aguardam, inconformados. A mulher não para de chorar um só segundo, abraçada ao marido que nem sequer olha na minha cara.

Em algum momento da noite, minha mãe me traz um café, mas não consigo beber absolutamente nada. Minha garganta parece fechada, mal consigo engolir a minha própria saliva.

As horas passam angustiantes, até que uma porta se abre e o médico entra na sala, chamando pelos parentes dela.

— Como está minha filha, doutor? — pergunta Karine, aproximando-se do homem ao lado do marido.

Também me levanto e caminho até ele, com a mão dentro dos bolsos.

— Ela está fora de perigo — comunica o médico com o aspecto exausto, cansado. — Os primeiros minutos foram cruciais para que ela sobrevivesse. Apesar da bala não ter atingido nenhum órgão interno, perfurou uma artéria e ela perdeu muito sangue. Poderia ter sido fatal se alguém não tivesse estancado o sangramento no momento do ocorrido.

Respiro aliviado quando escuto as suas palavras, informando que ela está bem, e fecho os meus olhos, agradecendo aos céus. Ao voltar a fitá-los, percebo que a mãe de Beatriz me encara emocionada e corre na minha direção.

— Obrigada, meu filho — diz, abraçando-me em prantos. — Você salvou nossa menina.

Também a abraço de volta, aliviado, e olho na direção do Felipe.

Apesar de ele se manter indiferente, vejo o homem balançar a cabeça e acenar sutilmente em agradecimento. Sei que ainda há um longo caminho a percorrer até que eu finalmente consiga reconquistar a sua confiança, mas por ela eu estou disposto a tudo.



Alguns dias depois

O sol brilha com toda a sua força quando chego no hospital, trazendo comigo um buquê de rosas brancas e algo especial que minha mãe me entregou na noite em que Beatriz foi baleada.

Respiro aliviado por saber que Raquel foi presa após ter sido pega no aeroporto internacional, tentando fugir do país. Assim que dei o meu depoimento sobre o que aconteceu naquela noite e entreguei para a polícia as mensagens dela, junto com algumas das fotos que ela havia tirado, automaticamente a mulher passou a ser a principal suspeita do atentado. A partir de então, não foi difícil juntar as peças do quebra-cabeça.

A arma usada no crime foi encontrada escondida dentro de um vaso de plantas no seu

apartamento, contendo as suas digitais, e, se ainda não bastasse, foi encontrado mais de dois quilos de cocaína entre os seus pertences, o que deixou explícito o seu envolvimento com coisas ilícitas. Na delegacia, Raquel confessou ter se aproximado do amigo de Beatriz para adquirir informações. O caso ainda está sendo investigado.

Caminho pelo corredor que dá acesso ao quarto onde ela está internada, ansioso para ver minha menina e louco de saudades.

Desde que ela acordou, ainda não consegui vê-la devido às barreiras impostas pelo Felipe. O homem se opôs a todas as minhas tentativas de visitar Beatriz e, por respeito à sua dor, não quis forçar a barra, mesmo eu estando aqui todos os dias, dormindo noite após noite na sala de espera, aguardando notícias sobre o seu estado. No entanto, embora eu ainda sinta remorsos pela forma que ele descobriu meu envolvimento com ela, Felipe precisa entender que Beatriz não é mais uma garotinha. Ela cresceu, tornou-se uma linda mulher. A minha mulher.

Aproximo-me da porta do cômodo onde ela está internada e avisto Felipe conversando com o médico. Ao me ver, sua expressão torna-se acirrada, o maxilar trincado e os punhos fechados.

— Bom dia — cumprimento-o e vou direto ao ponto. — Podemos conversar um minuto, Felipe? De homem para homem.

— Acho que nossos assuntos já estão encerrados, Eduardo. Não vejo o que mais precisa ser discutido — responde, seco. O médico, percebendo a situação delicada, despede-se e sai para nos dar privacidade.

— Está equivocado, Felipe, e você sabe disso — respondo um pouco exaltado. Procuro manter a calma e respiro fundo. — Não estou aqui pedindo que me perdoe e esqueça tudo o que viu naqueles imagens. Tenho consciência do quão chocante foi para você ver tudo aquilo. — Levo minha mão até o meu pescoço, tentando quebrar um pouco da tensão, enquanto o observo fechar a expressão. — Só quero que saiba que lutei com todas as minhas forças para resistir ao que estava sentindo por ela. Eu tentei, juro que tentei. Mas não consegui. — Puxo o ar com força, sentindo a ira dele aumentar a cada palavra que digo, mas foda-se. — Eu amei aquela menina com tudo de mais forte que havia em mim, mesmo tendo prometido nunca mais amar alguém. Ela entrou na minha vida como um furacão raivoso e tomou tudo, eu não tive a menor chance contra o seu sorriso ou sua personalidade marcante. Por isso, peço que reconsidere, por favor. Permita que eu a veja, que eu me aproxime novamente. Beatriz é o que há de mais importante em mim. Eu a amo e jamais a magoaria.

Felipe continua calado, encarando-me com o olhar aceso, cheio de ódio.

Neste momento, vejo sua esposa se aproximar e me encarar com pesar, pedindo uma desculpa silenciosa pela teimosia do marido.

— Querido, não se oponha mais. — Karine chama a atenção dele para si e segura o seu rosto. — Nossa filha cresceu, se transformou em uma mulher belíssima e fez suas próprias escolhas.

Felipe balança a cabeça contrariado e questiona:

— Você sabia de tudo, não é, Karine? E mesmo assim não disse nada.

A mulher suspira, afastando-se dele, e responde:

— Sim, eu sabia de tudo. Nossa filha fez questão de me dizer, porque ela sabia que eu não a julgaria. — Olhando o marido com seriedade, Karine segura na sua mão e continua: — E sabe por que não me opus, Felipe? Porque nossa filha estava feliz. Para mim, é a única coisa que importa.

Felipe me encara desconcertado, a respiração pesada. Vejo um mix de dúvidas se apossar do seu olhar. Percebo que ele balança a cabeça de um lado a outro, nervoso, sem rumo. O olhar ferido fixa-se no meu e, então, ele questiona:

— Por que não me disse? Por que deixou que eu descobrisse tudo por outra pessoa?

Sinto sua revolta, o sentimento de traição carregado na sua voz, mas não há muito o que justificar a não ser dizer a verdade.

— Foi tudo uma questão de oportunidade... Eu e a Bia conversamos e estávamos esperando o melhor momento para lhe contar que estávamos juntos. Naquela noite, eu a trouxe de volta para a festa disposto a dizer a você tudo o que estava acontecendo, mas infelizmente aquela mulher foi mais rápida e, para se vingar de mim, lhe enviou aquelas imagens. Eu sinto muito.

— Você é um miserável! — O homem dá um passo na minha direção, mas continuo imóvel. — Não pense que compactuo com isso. Jamais voltarei a confiar em você. — Ele fita o chão e para, pensativo. — Mas se minha filha está feliz assim, não posso impedi-la de tomar as suas próprias decisões, por mais tortuosas que sejam. — Dito isso, ele olha de soslaio para a esposa e ruma na direção da saída. Antes de sumir no corredor, vira-se na minha direção e diz: — Não machuque a minha filha, Ferraz. Não tenho medo de ser preso acusado de homicídio.

Aceno com a cabeça, sutilmente concordando, e respiro aliviado, sentindo meu coração disparar dentro do peito tamanha é a felicidade que me toma.

— Vá vê-la, Cadu — diz dona Karine, sorrindo, emocionada. — Ela está esperando você.

— Obrigado! — agradeço e corro até o quarto em que está Beatriz. Abro a porta e a vejo olhando a paisagem além da janela, o olhar focado no céu azulado.

— Querida... — Ela se vira na minha direção e abre o sorriso mais lindo que já vi em toda a minha vida, fazendo meu coração disparar descontroladamente.

Caminho devagar até seu leito e inclino o meu corpo, devorando os seus lábios, louco de saudade. Seguro suas mãos trêmulas e coloco o delicado buquê sobre o seu colo, arrancando outro sorriso da sua boca.

— Como senti sua falta, Cadu... — murmura, encostando a testa na minha.

— Eu estou aqui agora, para sempre — sussurro.

Meus dedos procuram a maciez da sua pele e deslizam até as mechas escuras do seu cabelo. Sem esperar que ela diga nada, enfio a mão no meu bolso e pego o anel de brilhantes que trouxe comigo, herança que está na minha família há gerações, passado de mãe para filho durante décadas, para que pudesse ser entregue para a única mulher que verdadeiramente valeu a pena.

Seguro sua mão com delicadeza e deslizo o anel pelo seu dedo anelar. Levanto o meu olhar e deparo-me com o dela, arregalado, confuso.

— Agora você é oficialmente a minha namorada! — digo, levando sua mão aos meus lábios. — Aceita ser minha, querida? Para sempre?

Com lágrimas nos olhos, Beatriz passa a mão por meus cabelos e me puxa para perto de si.

— Eu amo você — diz, soluçando. — Nunca valeu tanto a pena esperar.

— Também amo você, princesa.



Semanas depois

Um coro de aplausos agita o grande auditório da Ferraz quando Beatriz termina o seu

discurso sobre a preservação das tartarugas marinhas.

Os empresários, donos do resort, sorriem satisfeitos. Um deles caminha até ela para parabenizá-la pelo grandioso discurso, no qual Beatriz apresentou ideias e soluções plausíveis que satisfazem ambos os lados. Orgulhoso, também siga na sua direção e a enlaço pela cintura, sentindo meu peito inflado.

— Parabéns, senhorita — diz o homem gorducho e careca, apertando a mão da minha menina. — Foi uma grandiosa palestra.

— Obrigada! — Beatriz sorri, confiante. — Agradeço muito pela oportunidade e a confiança dada a mim.

— Estou impressionado. Foi genial a sua ideia de usarmos a temporada de desova das tartarugas marinhas para atrairmos turistas para o resort. Será com imenso prazer que investirei nessa nova etapa do projeto, criando um centro de preservação e conservação naquele local.

— Não sabe o quanto isso me deixa feliz, senhor.

Ele se vira na minha direção e também me estende a mão.

— Parabéns, Ferraz. Você tem uma joia ao seu lado.

— Sim. Eu sei... — Sorrio e aperto a sua mão, enquanto a outra acaricia a cintura dela. — Acho que agora podemos trabalhar sem interrupções para adaptarmos o novo projeto da obra.

— Nunca estive tão ansioso para isso.

Enquanto o homem se afasta um pouco para conversar com outras pessoas, um grupo de homens e mulheres cumprimentam e parabenizam Beatriz pelo discurso impecável. Seus pais se aproximam e a abraçam também, orgulhosos. Felipe me olha de soslaio. Ainda não resolvemos todas as nossas diferenças, mas sei que isso será passageiro.

Gracy se aproxima sorridente, e confesso que ergo a sobrancelha, surpreso ao ver sua mão entrelaçada à mão de Victor. As duas conversam por alguns minutos e se abraçam, deixando transparecer o quanto estão realizadas. Por último, vejo um casal se aproximar. Reconheço-os como sendo os pais do Pedro. Pela expressão pálida e o olhar repleto de olheiras da mulher, concluo que ela ainda sofre dia após dia com o que aconteceu com o filho.

— Bia? — chama a mulher, olhando Beatriz, emocionada. — Como você foi maravilhosa. Tenho orgulho da mulher que está se tornando.

Beatriz segura sua mão e a puxa para um abraço.

— Que alegria a ver aqui, dona Ísis. Não sabe o quanto estou feliz.

— Eu também, querida. Eu também.

Beatriz a afasta e, olhando nos seus olhos, questiona:

— Como ele está? — pergunta, referindo-se a Pedro, que foi internado em uma clínica de reabilitação para dependentes químicos.

Secando uma lágrima, Ísis suspira e cruza as mãos na frente do seu corpo.

— Se recuperando, querida.

Beatriz assente e a abraça novamente.

Após nos despedirmos de todos. Retiro Beatriz do evento, sob o olhar irado do seu pai, e a levo para o meu apartamento. Meu pênis pulsa quando ela passa pela porta do quarto, puxando-me pela gravata, e deita-se na minha cama. Cubro o seu corpo com o meu e sugo o lábio inferior, provocando-a. Suas mãos são certeiras no colarinho da minha camisa.

— Enfim, sozinhos — falo rente ao seu ouvido. — Sei que vou levar outras porradas do seu pai quando te deixar em casa mais tarde, mas eu precisava te trazer aqui para fazermos aquele amorzinho gostoso.

Ela ri, gargalhando, e passa os braços em volta do meu pescoço.

— Não vejo a hora de ganhar uma surra de pau.

Também gargalho, sentindo meu pênis esticar o tecido da calça, e abro as suas pernas com as minhas. Levanto a saia social até a altura do seu quadril e acomodo a minha virilha no meio das suas pernas.

— Você é muito danada, menina.

— Apreendi com você, amor — responde, fitando a minha boca, ansiando por um beijo.

Grudo os meus lábios nos seus e a sinto ofegar debaixo do meu corpo. Desesperadamente, retiro as nossas roupas, deixando os nossos corpos completamente nus, e volto a enroscar-me nela, beijando e lambendo cada pedacinho da sua pele. Toco o sexo pequeno e ofego quando a sinto molhada. Tão minha...

Penetro-a lentamente, ouvindo Beatriz grunhir enrouquecida enquanto me envolve. O olhar esverdeado cravado no meu rosto, o coração descompassado batendo junto com o meu.

Distribuo beijos pelo seu queixo e paro, admirando as formas perfeitas do seu rosto, tendo a certeza de que, mesmo da maneira errada, ela entrou na minha vida no momento certo, quando eu estava perdido e precisava ser reencontrado.

— Minha menina — sussurro.

— Meu CEO — Ela sorri e me abraça mais forte.

— A menina de um CEO — concluo, voltando a beijá-la, enterrando o meu rosto entre os fios do seu cabelo.



EPÍLOGO

ALGUNS MESES DEPOIS

BEATRIZ

Acordo no meio da madrugada sentindo a minha barriga roncar de fome e uma vontade louca de fazer xixi. Uso o banheiro às pressas e desço as escadas, estranhando o fato de eu nunca me sentir assim. Abro a geladeira, pego o restante do bolo que sobrou do aniversário do papai no dia anterior e coloco um pedaço generoso no prato. Minha boca fica aguada quando corto a massa fofinha e o recheio de chocolate escorre um pouquinho da colher, fazendo-me passar a língua nos lábios em ânsia. Coloco o primeiro pedaço na boca e pareço estar comendo o céu. A sensação é indescritível.

Como uma garfada atrás da outra, como se eu não me alimentasse há dias e essa fosse a única comida disponível no mundo. Concentrada em atacar o bolo, não percebo quando mamãe aparece na cozinha e senta-se do meu lado. O susto é tamanho que quase caio da cadeira.

— Filha, tá tudo bem? — pergunta com as sobrancelhas franzidas.

— Sim, mamãe, por quê?

Ela olha para mim e em seguida para o suporte que estava com o bolo na geladeira, agora contendo apenas alguns farelos.

Meu Deus.

Fico chocada quando percebo que comi todo o doce em uma única sentada e nem ao menos percebi. Mamãe me fita com seriedade, analisando o meu rosto e descendo o olhar para o meu corpo. Suas sobrancelhas se erguem mais ao analisar os meus seios, que estão quase pulando para fora da camisola.

— Céus! — diz ela, colocando a mão sobre a boca. — Há quanto tempo está tendo esses ataques de fome durante a madrugada, Beatriz?

— Há alguns dias, eu acho — respondo um pouco confusa, ainda sem entender onde ela quer chegar com esse assunto.

— Filha do céu... — Ela tapa a boca e arregala os olhos.

— Mãe, a senhora está me assustando, pelo amor de Deus! — Levanto-me e levo o prato até a pia. — Espero que não tenha nada anormal no meu rosto ou no meu corpo. Amanhã é meu casamento e...

— Querida... — Ela também se levanta e caminha na minha direção, interrompendo a minha fala. — Não percebe?

— O que eu deveria perceber?

Desço os olhos para os meus seios e passo a mão pelo tecido fino da camisola. Será que estou gorda?, penso, mordiscando o lábio e já pensando na dieta que farei. Se bem que o Cadu disse ontem em algum momento que os meus seios estavam enormes e ele estava amando tudo isso.

Pensar naquele safado faz a curva de um sorriso nascer em meus lábios e me arrependo de não ter dado uma fugidinha para o meu apartamento no começo da noite. Estava tão cansada após passar o dia experimentando o vestido e escolhendo os acessórios que usarei amanhã que nem ao menos tive ânimo para respondê-lo quando me enviou mensagem se oferecendo para vir me buscar e passarmos a noite juntos. Eu só queria dormir.

— Filha, você pode estar esperando um bebê — diz ela com o olhar alarmado, e eu preciso me segurar na pia para não cair no chão.

— Um bebê? Mas como? Eu me previno desde... — É então que me recordo de algo que havia acontecido no mês anterior, quando peguei uma virose e tive que usar antibiótico.

Cadu havia dormido aqui em casa, no quarto de hóspedes, claro, porque o papai cismou em

dizer que não iríamos dormir na mesma cama antes do casamento. Naquela noite, eu havia ido para cama mais cedo e, como o céu estava quase desabando em nossas cabeças, antes de subir para o meu quarto pedi para que ele dormisse conosco, pois era perigoso voltar para casa debaixo daquele temporal.

No meio da madrugada, acordei sonolenta, sentindo beijos sendo distribuídos pelo meu rosto e pescoço, enquanto era abraçada por trás. Recordo-me de ter ouvido os murmúrios do Cadu no meu ouvido e então levei minhas mãos para detrás das minhas costas, agarrei o seu pênis duro e o ouvi gemer. Fizemos amor nas horas mortas da madrugada até a exaustão, quando o sol já começava a raiar.

Depois disso, ele passou uma semana de cama por ter pego a minha virose, e agora eu estou descobrindo o presente que ganhei naquela noite.

— Meu Deus, eu estou grávida! — digo, colocando a mão na minha barriga. — O papai vai surtar.

— Calma, querida. Precisamos fazer o teste primeiro para confirmar — diz minha mãe, tentando me acalantar.

— Mamãe, o antibiótico que tomei mês passado deve ter cortado o efeito do anticoncepcional.

— Mas, filha, naquela semana você nem ao menos saiu de casa... — Ela pausa a frase e franze a sobrancelha, encarando-me com a expressão acusadora. Provavelmente montou todo o quebra-cabeça — Meu Jesus! Praticamente estou criando dois coelhos dentro da minha casa.

Sinto minhas bochechas corarem envergonhada, mas sorrio. Mamãe me abraça emocionada, dá um tapinha no meu ombro e diz:

— Parabéns, querida. Sei que está cedo e que é muito provável que seu pai arranque as bolas do seu futuro marido para ele aprender a nunca mais tocar na filhinha dele, mas está feito, não é?

Afasto o meu corpo do seu e percebo que ela me fita com uma mistura de felicidade e medo no olhar. No entanto, tenta a todo custo disfarçar o receio.

— Obrigada! — digo emocionada. — Sei que não era isso que a senhora esperava de mim agora, mas prometo que irei concluir a faculdade e cuidar desse filho com todo o amor que há no meu coração.



CARLOS EDUARDO

Perco o meu fôlego, nervoso, quando as notas nupciais começam a tocar, e Beatriz passa pelo arco decorado com flores brancas e caminha na minha direção, sendo guiada por Felipe. Ela sorri radiante ao me ver dentro do terno cinza e camisa branca sem gravata, da forma como planejamos que seria o nosso casamento: simples, mas inesquecível, de frente para o mar que ela tanto ama.

Bia caminha descalça pelo tapete de cor nude colocado na areia. Pareço estar vendo uma miragem quando ela retira uma mecha do cabelo escuro que cai em cima dos seus olhos e o prende atrás da orelha, junto com a flor branca que embeleza ainda mais as suas madeixas.

O vestido esvoaçante partido na lateral a deixa parecida com uma sereia. O sorriso estampado no rosto angelical faz meu coração palpitar tão desesperado que preciso me segurar para não correr até ela e girá-la em meus braços. Tudo some à minha volta. Só vejo Beatriz andando para mim, enraizando-se dentro do meu coração, vindo de mudança para a minha vida.

— Não deixe que eu me arrependa disso, Eduardo — adverte Felipe quando estende a mão de Beatriz para mim.

Olho para ele e vejo a curva de um sorriso surgir nos seus lábios. Também sorrio e assinto, tomando consciência que, por mais tempo que leve para ele voltar a confiar em mim de novo, sei que fui perdoado.

— Obrigado! — digo e encaminho Beatriz na direção do altar para que o padre dê início à cerimônia.

Na hora dos nossos votos, seguro o papel que por tantas noites rabisquei, mas as palavras me faltam. Olho o seu rostinho de menina encarando-me em expectativa e engulo um punhado de saliva.

— Querida... — Começo, sentindo minha voz falhar, e um entalo se forma na minha garganta. — Enfrentar mil reuniões ou passar noites em claro trabalhando não é nem um por cento tão difícil quanto expressar o que sinto por você. — Beatriz sorri, a mão trêmula segurando a minha, o olhar emocionado. — Por você, eu seria capaz de abdicar de toda uma vida de riquezas, de todas as minhas conquistas, de tudo o que construí. Porque você, Bia, é o meu céu ensolarado, é o mar que acalma os meus nervos, é o ar que preciso para respirar.

Beatriz abaixa a cabeça e fita o chão. Vejo o seu corpo estremecer e, sem esperar que o padre dê a ordem final, abraço-a e ergo a sua cabeça, beijando os seus lábios.

— Cadu — Ela sussurra entre os meus lábios. — Estou grávida. Estou esperando o nosso filho...

Porra! Meu coração só falta parar quando ouço a sua declaração. Fito-a, incrédulo, sem fala e, mais uma vez, ela sorri em meio às lágrimas.

— Fiz o teste hoje pela manhã. Parabéns, papai! — Ela segura as minhas mãos e leva até a sua barriga. Um coro surpreso é ouvido entre os convidados. Até mesmo o padre parece ficar impactado com a notícia inesperada.

— O meu netinho... — Ouço a voz da minha mãe ao fundo e um resmungo do Felipe, mas não presto atenção em mais nada que não seja nela.

— Porra! Eu vou ser pai! — grito feliz e ergo Beatriz do chão, rodopiando com ela em meus braços.

Enquanto o sol se põe no horizonte, tenho certeza de que a nossa história está apenas começando. Este é apenas o início de toda uma vida que está por vir, eu, ela e o nosso filho, o lugar seguro que jamais pensei que encontraria.

FIM

AGRADECIMENTOS

A você, leitor, que me acompanha em cada jornada seja no Wattpad ou na Amazon.

Ao nosso amado Deus, pela força e perseverança. A cada um(a) de vocês que acreditou no meu trabalho e contribuiu de alguma forma para que eu o realizasse.

Mellody Ryu, Eveline Kuchala, Christine King, Victoria Gomes, as meninas dos grupos MLN, ANU e FNL.

Deixo aqui o meu muito obrigada para as Pecadoras Executivas, tanto do grupo do Facebook, quanto do Whatsapp. Vocês são meus amores.

Loriany Marques Garcez, Raísa Juliana, Simone Nunes, Danielly Paixão, Elaine Paizinho, Fabíola Soares, Ágatha Américo, Kelviane, Daniely Silva, Margarete de Souza Feitosa. Júh Lisboa, Duda Diaz, Elaine Oliveira, Edilma, Nayara Monteiro, Regi Souza, Larissa Costa, Luciana Souza, Dry Barros, Andressa Amaral, Dayane Kelly Praciano, Dayse Guedes Nunes, Janaina Sabidussi, Leyde Leonardo, Carol Cyrino, Valesca Sena, Ingrid Nelly, Letícia Gonçalves Santos, Raphaella Costa, Nay Maria, Maria Eduarda Schetz, Zélia Ferreira, Lucélia Marinho, Luuh Rodrigues, Ewely Oliveira, Paula Georgea M. Rodrigues, Giovanna A. Santos, Veruska Ramos da Silva, Suzany Mendes Serra, Raquel Tavares, Naia Moraes, Karine Lago, Josiane Fernanda, Natália Souza, Gabby Bernardo, Gabi Ioiô, Joicy Guedes, Pathy Oliveira, Andrea Almendra, Vitória Silva, Lilian Rodrigues, Dai Leitzk, Stefani Regina, Lu Martins, Rosineide Maria, Priscilla Souto, Gabriela Hora, Duda Gonçalves, Horrana Lima, Gabrielen Vasconcelos, Daisy Capistrano,

Thayná Ventura, Ana Paula de Sousa, Érica Cardoso, Maribel Pereira, Nathalia Melo, Fabiulla Oliveira Barros, Liana Nobre, Santiany Mendes, Joanna Paula.

SOBRE A AUTORA

Aos 24 anos, JÉSSICA LARISSA é uma escritora baiana, fascinada pela literatura, principalmente pelos gêneros de romance hot e dark, aos quais tem dedicado sua escrita. Mãe, esposa e dona de casa, atualmente cursa Engenharia Civil e fez da escrita seu mais feliz passatempo. Recentemente, publicou seus romances em plataformas on-line que, juntos, alcançaram mais de 10 milhões de leituras.

REDES SOCIAIS:

Perfil do facebook: <https://www.facebook.com/lara.packer.9>

Página: <https://www.facebook.com/autorajessicalarissa/>

Grupo do facebook: <https://www.facebook.com/groups/221932408436790/>

Instagram: <https://instagram.com/jessicalarissa59?igshid=4gmavwgygw4w>

OUTROS LIVROS

Pecador - Um amor que desafia a morte.

https://www.amazon.com.br/dp/B07RBRPMDY/ref=cm_sw_r_cp_awdb_t1_XmvZDbE17JF50

Sinopse:

Romance dark e hot contemporâneo (+18)

No coração de Manhattan, tudo pode acontecer.

Alexander Roussel é um homem ferido, que só sabe ferir, que desliza caminhando sua sombra perigosa e sedutora na noite. Um anjo caído da morte.

Ele tira vidas. É um mercenário, um assassino de aluguel. Sem escrúpulos, sem pena, sem medo. Sem coração.

Mas o destino quis que ele cruzasse com aquela que se dedica a salvar vidas: a filha protegida de um dos chefões da Máfia. Ela é o seu contrário. Angelina Lucky é a luz da vida, é a inocência. É o coração pulsante. Ela é a ternura que ele nunca conheceu.

Ela é o anjo de luz que talvez ele precise para iluminar seus passos cheios de sangue.

Alexander se vê diante de talvez o seu maior pecado: tirar a pureza da mulher que abala todas as suas estruturas, fazendo-a conhecer todas as tentações da carne ao lado de um homem corrompido por natureza. Angelina se vê no dilema entre o amor proibido e tão carnal e suas inclinações religiosas.

Eles são o maior pecado um do outro. Mas também podem ser a salvação que eles precisam.

Aviso: Este livro contém linguagem crua, cenas de violência e sexo explícito. Respeite seus limites de leitura.

Yellow - Paixão que Incendeia

https://www.amazon.com.br/dp/B07KDY3YPB/ref=cm_sw_r_cp_awdb_t1_VpvZDbXMSJEJ9

Sinopse:

Diferença de idade, polêmico e proibido.

O que acontece quando a razão e a emoção se desejam? Quando a atração e a realidade se chocam em um romance sensual e envolvente?

Sebastian é razão e tempestade. Um fuzileiro naval que é pura testosterona, mas que guarda mágoas profundas em seus olhos cinzas e que busca sua cura ao sair da marinha e voltar a um lugar do seu passado. Ele quer se reconstruir com suas próprias mãos.

No seu caminho, conhece Eliza, uma jovem rica, emotiva e inconsequente que vai ver seus sonhos sendo confrontados pela realidade deliciosa de Sebastian e sua atração máscula implacável.

Eles não apenas se desejam, mas se confrontam. Será que ambos poderão construir uma vida juntos? Eles serão a luz um do outro? Podem superar a poderosa volúpia que os consomem?

Emoções envolventes desabrocham em Yellow, como girassóis procurando o sol.

Em breve: Fúria - Contrato de Vingança

Sinopse:

Romance dark e hot contemporâneo (+18)

Obcecado por vingança!

Essa é a frase que melhor define Dener Kraven. Ele foi forjado pela dor de seu passado e tem no tempo seu melhor amigo. Ele sente que já não tem alma, e seu verbo é punir.

Sua vida foi destruída duas vezes a sangue frio e ele planeja revidar, pacientemente, a morte da mulher que amava, assassinada pelo chefe de uma grande máfia de Nova York. Ele tem sede de sangue e poder e escolhe como instrumento da sua punição a frágil herdeira da máfia Laccount, Lexie, obrigando-a a um casamento por contrato.

Para Lexie, o terror que já era sua vida irá piorar ainda mais ao ter de se casar forçada com Dener. Ela prefere a morte a entregar seu corpo àquele homem cruel, embora ele tenha olhos tempestuosos e um jeito quente como o inferno que a faz arder toda vez que se cruzam.

Num jogo arriscado e perigoso, em que a obsessão e o desejo andam lado a lado, o amor pode ser selado por um contrato de vingança?